

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

Maria José Peraboa Leite

Apresentação do Projecto de Dissertação
Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e Transnacionalismo
Setembro 2009

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Agradecimentos

Agradeço à Professora Doutora Susana Pereira Bastos, minha orientadora, o interesse com que acolheu as minhas ideias, o apoio e a disponibilidade.

Agradeço aos meus professores de Mestrado, que foram para mim uma fonte de inspiração, pela eloquência, pelos projectos de investigação que partilharam connosco, pelo interesse e pela disponibilidade que sempre mostraram. Fizeram-me sentir que estavam sempre lá.

Agradeço aos meus informantes pela confiança e pela partilha. Sem os seus contributos este trabalho não teria sido realizado.

Agradeço aos meus filhos Íria e Manuel, a resistência. Ao Paulo, essencialmente, e aos amigos a paciência. Ao João, o apoio especial.

Finalmente agradeço ao Professor Doutor Manuel Matos, a amizade e o estímulo com que ouviu e discutiu muitas das ideias aqui desenvolvidas. O seu contributo trouxe-me luz e clareza. Se há conceitos menos claros no meu trabalho a mim se devem.

Índice

Agradecimentos	2
Índice	3
Resumo	4
Palavras-chave	5
Abstract and Keywords	6
Introdução	7
Opções Metodológicas	10
Onze exemplos	13
De onde és? Narrativas de pertença, uma questão de compromisso	22
Agência e estrutura – um processo de adaptação constante	27
De onde sou – Atravessar e transportar fronteiras	29
Narrativas de pertença – uma ferramenta de análise	74
Viver entre culturas	78
Reterritorialização e fronteiras –	
Afirmar a diferença, promover o contacto.	100
Construir a pertença – fronteiras e Estado-nação	105
Conclusão	111
Referências bibliográficas	114

Resumo

O presente texto reflecte a relação entre a procura de uma nova “home” e a construção de fronteiras, como recursos de inserção, no processo de reterritorialização dos sujeitos no país de acolhimento.

A reterritorialização é o processo de sedentarização dos sujeitos em mobilidade, que passa pela ocupação de um espaço – físico, geográfico, mas também construído social e subjectivamente – a partir do qual os sujeitos sediam a sua vida, reconstroem as suas identidades, as suas redes sociais, as suas actividades – profissionais, religiosas, artísticas, sociais, ou outras – no país de acolhimento. O conceito de “reterritorialização” é utilizado por Tololyan (2001), sobre o modo como algumas diásporas ou grupos diaspóricos escolhem um território, dentro do país de acolhimento para se juntarem aos seus familiares, grupos, compatriotas e aí se fixarem, constituindo uma expressiva minoria (ou maioria), a partir de onde podem iniciar as suas práticas ou actividades de grupo, como escolas, prática religiosa, estabelecimento de redes sociais, actividades económicas, práticas sociais de recordação e celebração, com vista à reprodução da cultura da diáspora a nível interno (Tololyan, 2001; Gilroy, 1994 e Safran 1991 em Mapril, 2002) e da delimitação do território para o exterior. Este processo pressupõe a utilização de um espaço territorializado, não só porque é apropriado e defendido (Hall, Edward 1966), mas também porque é um espaço delimitado, que os sujeitos particularizam (Paul-Levy, F. e M. Segaud, 1983 em Silvano, 2001) e que os particulariza num movimento de criação de vínculo mas também de construção de fronteiras e de diferenciação, com o(s) outro(s) que o delimitam, com vista à “manutenção e maximização relacional da auto-estima (ou do narcisismo) pessoal (Bastos, S. e J., 2002). Neste trabalho pretende-se analisar a relação entre “home” e fronteiras, no processo de inserção de imigrantes falantes de língua portuguesa, através da análise das narrativas de pertença de onze estudos de caso.

Palavras-Chave

“Home”; Fronteiras; Ser de; Narrativas de pertença; Espaço Territorializado; Reterritorialização.

Abstract

This paper reflects upon the relation between the search for a new “home” and the building of borders, as a means of insertion, in the “reterritorialization” process of subjects in the country of destination.

Reterritorialization is the process of (re)sedentarization of subjects in mobility, this happens through the appropriation of a space : physical, geographical, but also built socially and subjectively – from where the subjects base their lives, rebuild their identities, their social networks, their activities : social, cultural, professional, class relations, religious, artistic or other – in the country of destination. The concept of “reterritorialization” is used by Tololyan (2001), about the ways some diasporas or diasporic groups choose a territory, within a country of destination to join family members, groups, countrymen and settle there, building an expressive minority (or majority), from where they can start their group practices or activities, like schools, religious cults, social networks, economical activities, home country recollection and celebration, in order to reproduce their diaspora’s culture at an internal level (Tololyan, 2001; Gilroy, 1994 and Safran 1991 in Mapril, 2002) and territory delimitation to non-members. This process assumes the use of a territorialized space, as it is so appropriated and defended (E. T. Hall, 1966), being also a delimited space, that subjects own and differentiate (Paul-Levy, F. and M. Segaud, 1983 in Silvano, 2001) and made it unique in a movement of link creation but also border creation and differentiation, with other(s) that delimit it, in terms of “maintenance” and relational maximization of self-esteem (or narcissism) (Bastos and Bastos, 2002). In this paper we want to analyse the relation between “home” and borders, in the integration process of Portuguese speaking immigrants, through the analysis of belonging narratives of eleven subjects.

Keywords

Home; Boundaries; Belonging; Belonging Narratives; Belonging Space; Reterritorialization.

Introdução

A bibliografia disponível mostra que as experiências de mobilidade implicam, frequentemente, vivências de descontinuidade, quer ao nível das relações sociais e familiares, quer ao nível das identificações e sentimentos de pertença. Paralelamente, interpelam a reinterpretar de repertórios culturais e memórias, a partir de dois ou mais espaços (Tatsoglou, 2006) numa negociação permanente de afinidades, alinhamentos e referências multi-axiais (Brah, 1996 em Tatsoglou, 2006).

Nem sempre, mas muitas vezes a mobilidade dá origem a um processo de (re)sedentarização (Tololyan, 2001), de apropriação de um espaço a partir de onde os sujeitos restabelecem alinhamentos (sociais, culturais, profissionais, de classe, religiosos, etc.), construindo novas redes relacionais e desenvolvendo processos de re-negociação (Bastos e Bastos, 2002) dos idiomas identitários pré-migratórios, em jeito de aproximação, justaposição ou delimitação reactiva relativamente ao contexto de acolhimento. Estes processos não são estanques, irreversíveis nem definitivos.

Entre eles, a reconstituição de laços de pertença – e a própria reconfiguração da noção de “home” – passam pela produção de narrativas de carácter identitário as quais, tantas vezes, envolvem processos de (re)apropriação selectiva de referências ligadas ao contexto de origem e ao de inserção migratória, orientados por motivações estratégicas em busca de usos e benefícios vantajosos (Bastos e Bastos, 2002).

Circunstâncias semelhantes de chegada podem dar origem a envolvimento muito diferentes com o país de acolhimento. O tempo que cada sujeito precisa para se estabelecer no novo lugar e o modo como o faz depende de inúmeros factores. Não há histórias iguais nem fórmulas de adaptação que se apliquem em todos os sujeitos (Anthias, 2002; Evangelia Tatsoglou, 2006). A “identificação” ou a “não identificação” com o lugar são expressões recorrentes nestas narrativas em que os sujeitos falam de si e dos laços que estabelecem relativamente ao país de acolhimento e ao seu processo de

adaptação (Evangelia Tatsoglou, 2006). Os enunciados “identifico-me”, “não me identifico”, reflectem geralmente sentimentos de ganho ou de perda relativamente à experiência de adaptação. São sentimentos que resultam, muitas vezes, de experiências que foram vividas como positivas ou negativas no processo de adaptação. As narrativas de pertença tornam visíveis os factores que influenciam esses sentimentos e consequentemente contribuem para essa dinâmica de identificação / desidentificação. É possível gerir pertenças a mais do que um lugar ou país. A gestão desses laços faz-se a partir de uma complexa articulação entre os capitais identitários dos sujeitos (sociais, simbólicos, sócio-históricos, económicos, culturais, religiosos, sexuais, etários) e as novas significações que se lhes disponibilizam no contexto de acolhimento, de que os sujeitos habilmente se apropriam, e manuseiam em prol das suas estratégias de inserção.

As narrativas identitárias e de pertença reflectem escolhas, envolvimentos emocionais, identificações individuais ou colectivas, em que o espaço desempenha um importante recurso. Não só como a base territorial do novo projecto de vida, no sentido mais clássico (Durkheim 1912, Mauss 1903 e 1904, Halbwachs 1950, em Silvano 2001) como também porque a sua apropriação passa por um processo de interpretação e re-interpretação que o particulariza e que o investe de novos significados, que por sua vez também particularizam os sujeitos, numa interacção recíproca (Paul-Levy, F. e Marion Segaud, 1983 em Silvano, 2001). É também o espaço, na medida em que é territorializado (Hall, Edward T., 1966) – apropriado e defendido – e que permite aos sujeitos movimentos de aproximação e identificação, por um lado, e a delimitação e construção de fronteiras por outro, que possibilita assim a experiência da inserção sem o perigo do esmagamento identitário ou anonimato (Bastos e Bastos, 2002).

Esta é a moldura conceptual que orienta o presente trabalho. Resulta, em grande medida, de uma tentativa de articular a bibliografia disponível com a análise de narrativas de pertença recolhidas junto de onze imigrantes falantes de língua portuguesa. As narrativas de pertença consistem em histórias que os sujeitos constroem sobre si próprios e sobre os outros, acerca daquilo que eles são ou que não são (Anthias, 2002;

Nira Yuval-Davis, 2006; Tatsoglou, 2006). Expressões como “sou”, “não sou”, “sou de”, “minha terra”, “minha casa”, “origens”, “nacionalidade” e “identidade” são recorrentes, sendo utilizadas por vezes com significado idêntico, apesar de se tratarem de palavras diferentes. O inverso também acontece, i.e., a mesma palavra ou expressão pode assumir um significado diferente ao longo da narrativa.

Procura-se neste trabalho entender e demonstrar a relação existente entre a construção de uma nova “home” – processo que implica um envolvimento com o novo lugar (contexto de acolhimento) – e a construção/manuseamento de fronteiras (processo aparentemente contrário a essa aproximação/envolvimento) como recursos que os sujeitos utilizam no processo de adaptação a esse novo contexto. Estes recursos, aparentemente contrários, implicam-se e equilibram-se num movimento de aproximação/fusão e afastamento/preservação inerente ao próprio processo de inserção dos sujeitos no país de acolhimento.

Opções metodológicas

Em trabalhos anteriores (realizados no âmbito do curso de Mestrado) abordei a experiência da adaptação e do impacto de chegada ao país de acolhimento através de entrevistas exploratórias, apoiadas em entrevistas semi-estruturadas a imigrantes que falam a língua portuguesa. Para a presente investigação, foram recolhidos novos depoimentos. Desta vez, focalizados na construção de sentimentos de identificação (proximidade) e de diferenciação (fronteiras) na construção da nova “home”, de modo a entender a dinâmica da construção de sentimentos de pertença. As narrativas recolhidas são marcadas por uma geografia e uma cultura multisituadas, reflectindo envolvimento a lugares e realidades muito diferentes em simultâneo, testemunhando experiências de ruptura, descontinuidade, desvalorização, risco, mas também de empreendimento, mudança, valorização, afirmação e realização.

Não se pretendem neste estudo, tipificar respostas ou padronizar atitudes perante modelos fornecidos que enquadrem os sujeitos em molduras teóricas pré-definidas, nem se trata de uma análise extensiva pelo número de casos estudado, mas antes de uma reflexão intensiva a cada um destes casos específicos que permita contribuir para o entendimento da relação entre a construção de narrativas de pertença e a construção de fronteiras no processo de (re)sedentarização no novo contexto de acolhimento a que chamo reterritorialização. Ensaiei encontrar, no meio da diversidade, um fio condutor que confira sentido às respostas encontradas. Para este trabalho foram efectuadas onze entrevistas (que se anexam a esta dissertação) a oito mulheres e três homens que serão apresentados sucintamente no capítulo **Onze exemplos**, em que figurará um quadro simplificado que caracterizará, através de algumas informações, os sujeitos entrevistados.

Algumas razões presidiram à escolha dos entrevistados. Para além dos critérios – apresentar mais de dezoito anos e, pelo menos, um dos progenitores não possuir nacionalidade portuguesa – a condição da proximidade linguística constituiu um

denominador comum. Mesmo que não tenha sido essa a razão da sua decisão por Portugal como país de destino, o conhecimento ou desconhecimento da língua condiciona o processo de inserção e adaptação ao país de acolhimento (Malheiros, 1996; Portes, 1999 e 2006) e interessava, neste estudo, por uma questão de paridade que todos partilhassem essa condição. Uma segunda razão prendeu-se com o conhecimento prévio que detínhamos de alguns entrevistados. A observação participante anteriormente realizada revelou-se um método de conferência de dados importante, dado tratar-se de uma investigação baseada essencialmente na análise de narrativas de pertença (narrativas de carácter identitário) em que as omissões, as efabulações, as manipulações de histórias (Anthias, 2002, Nira Yuval-Davis, 2006) e de acontecimentos significantes são frequentes. Exacerbar diferenças ou semelhanças (Bastos 1999, 2002 e 2006; Nira Yuval-Davis, 2006; Tatsoglou, 2006) são características deste tipo de construção discursiva.

As entrevistas foram efectuadas com base num guião pouco rígido, em que apenas as perguntas iniciais se repetem em todas elas. Pretendi explorar expressões, esclarecer afirmações, questionar sobre acontecimentos vividos, explorar a associação entre esses acontecimentos e sentimentos expressados. As perguntas, que às vezes eram apenas observações, pretendiam despoletar um comentário, ou o desenvolvimento de uma ideia surgida no decorrer da entrevista.

Anthias (2002) adverte o investigador que fazer perguntas directas aos entrevistados sobre questões que dizem respeito à sua própria identidade e pertenças não lhe trarão respostas de grande utilidade para o seu trabalho analítico e de produção teórica, uma vez que o entrevistado não é desinteressado relativamente à imagem que constrói de si próprio – uma imagem que tem como principal função salvaguardá-lo narcisicamente. A omissão de certos acontecimentos, a efabulação de outros, o exagero e exacerbação de sentimentos, identificações ou diferenças, ou mesmo de acontecimentos vividos ou simplesmente narrados, são frequentes na construção das narrativas identitárias ou de pertença (Bastos e Bastos, 1999, 2000 e 2002; Anthias,

2002; Nira Yuval-Davis, 2006). É nesse sentido que uma entrevista semi-directiva, estimulada por observações e pela formulação de questões que têm a ver com as palavras utilizadas pelos informantes, nos pareceu apresentar vantagens e proporcionar menor risco de suscitar atitudes defensivas.

Por outro lado, o facto de se ter entrevistado algumas pessoas de um mesmo núcleo relacional, que se conhecem e partilham histórias e vivências, permitiu-me, talvez, um entendimento maior daquilo que cada uma delas sente e diz. Para além de ter possibilitado uma contextualização mais adequada de cada depoimento, tratou-se ainda de uma recolha narrativa que foi combinada com observação etnográfica.

Os entrevistados apresentavam, pela experiência da mobilidade, uma reflexão prévia sobre essa condição anterior à minha solicitação para o fazerem. Partilharam discursos de pertença que foram construindo com base na experiência da distância e da separação mas também da inserção/adaptação, a qual lhes proporcionou experiências edificantes ou desvalorizantes (inferiorização, humilhação) influentes na criação de laços construídos no novo lugar. As suas narrativas são construídas com base em compromissos de ordem muito diversa, com implicações de índole emocional e valorização narcísica. Também por isso os conceitos que utilizo procuram capturar lógicas emocionais e subjectivas.

Onze exemplos

O quadro seguinte faz a apresentação das pessoas que constituem o painel de entrevistados. Contém sucintamente os dados mais importantes, para o estudo em questão: o ano de chegada; a idade; a escolaridade; a profissão/ocupação¹; a nacionalidade e a disposição de cada entrevistado relativamente a sentimentos de pertença, fornecida através de uma frase ou expressão utilizada pelos próprios, que elucide essa disposição. Paralelamente, permite caracterizar os sujeitos quanto à etapa do ciclo de vida em que se encontram, à vaga de imigração em que se insere a sua vinda para Portugal e às suas características socioprofissionais.

Carlos, nasceu em Cuba, onde a mãe estava na altura a estudar. Tem 27 anos e dupla nacionalidade – guineense e portuguesa. Desde os 3 ou 4 anos que divide a sua vida entre Portugal e Guiné. Embora hoje resida em Portugal e vá apenas à Guiné para pequenas estadias, fá-lo com frequência. Veio com a mãe para Portugal, por volta de 1985, era ainda muito pequeno. A sua nacionalidade portuguesa deve-a ao pai o qual, apesar de guineense tem também nacionalidade portuguesa. As vindas dos pais a Portugal, são, no entanto, muito anteriores a 1985. A família da mãe de Carlos, avó materna, tios maternos e paternos e primos, já cá viviam nessa altura. Alguns dos seus familiares inserem-se na vaga migratória oriunda das ex-colónias portuguesas em resultado da descolonização de 74-75. Migraram atraídos pelas oportunidades de emprego e pelas melhorias salariais e de condições de vida após a revolução de 1974 verificadas em Portugal (Malheiros, 1996; Maria Lucinda Fonseca (coord.), Ormond, Malheiros, Patrício, F. Martins, 2005; Bastos e Bastos 1999). Outros familiares mais directos dos pais de Carlos, ter-se-ão estabelecido em virtude de contactos diplomáticos, uma vez que a mãe de Carlos é embaixadora ao serviço do Estado da Guiné num país africano e o pai de Carlos desempenha funções diplomáticas em outro país diferente,

¹ Recorro à palavra ocupação por ser mais abrangente, na medida em que profissão é o exercício de uma actividade que encerra um conhecimento ou formação específica para a exercer como professor(a), médico(a), informático(a), canalizador(a), pedreiro, etc., enquanto que “ocupação” abrange qualquer actividade que as pessoas exerçam desde que seja remunerada por outrem, ou lhes garanta o sustento.

também africano. Carlos desempenha as funções de analista financeiro numa instituição bancária. Vive desde há alguns anos com o irmão mais novo, agora com 15 anos e com uma prima com idade próxima de Carlos, com quem repartia a tarefa do acompanhamento do irmão, sempre que ele se ausentava. Presentemente o irmão está agora com a mãe no país onde esta desempenha funções diplomáticas, porque Carlos está a fazer um Mestrado em Gestão (Londres), e não pode fazer um acompanhamento adequado ao irmão. A sua vida tem oscilado entre Alverca/Lisboa – onde vive e trabalha, respectivamente – Londres – onde se formou, tem a irmã e alguma família paterna – e a Guiné onde vai sempre que tem de tomar uma decisão importante na sua vida. A vida dos pais não permitiu uma presença constante no acompanhamento dos filhos, daí Carlos assumir desde cedo o comando da casa e dos irmãos (como irmão mais velho que é). Toma conta do irmão desde que este tem 9 anos. A família é importante e acaba por estar próxima e por ser um apoio com que Carlos conta. Vive num condomínio fechado e nesse mesmo condomínio vive também uma tia (irmã mais nova da mãe) com as filhas e o marido. A 5km de distância vive a avó materna com mais tias, tios e primos. As relações entre eles são muito chegadas.

André é talvez o caso mais próximo da vaga de imigrantes oriundos das ex-colónias africanas do final da década de 70. Não constitui, no entanto, um caso típico. De São Tomé, emigrou para França, aproveitando as oportunidades que os novos governos da independência proporcionavam (através de uma bolsa). Em Paris estudou quatro anos, o primeiro para aprender a língua e nos três seguintes medicina, concluindo o 3º ano do curso. De Paris, seguiu para Angola e só se estabeleceu definitivamente em Portugal em 1999. Em Angola, aproveitou as habilitações que entretanto conseguira. Foi paramédico, professor de francês, de português e de biologia no Liceu. Mas também foi militar. Empregou a dada altura o termo “clandestino” e disse, noutra passagem, que tinha sido “militar em determinadas circunstâncias” o que, atendendo à guerra em questão, poderá significar mercenário ou guerrilheiro do MPLA. André fala mesmo

num pseudónimo que lhe terá sido atribuído quando vivia na clandestinidade². Paralelamente, negociou com ouro e diamantes.

Teve duas famílias em simultâneo: uma mulher em Angola – do MPLA, que foi o seu contacto e a sua chefia (enquadrava-o na estrutura militar) com quem partilha dois filhos; uma outra mulher, são-tomense, com quem iniciou uma relação com ele ainda em Angola, mas que André tratou de “pôr a salvo” trazendo-a para Portugal, que passou a ser o local de encontro entre ambos. Esta é a mulher com quem hoje vive e de quem tem quatro filhos. Casou com ela e foi no âmbito do quadro de “reunificação familiar” que André conseguiu a legalização, dois anos mais tarde, em 2001. Durante os dois anos de ilegalidade, André trabalhou na construção civil e depois de legalizado teve trabalhos diversos, mas sempre de baixa remuneração e qualificação.

Silvânia e Márcia, de origem brasileira, chegam a Portugal respectivamente 1986 e 1990. Aproveitaram a oportunidade que a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia e a consequente modernização da economia ofereciam a profissionais qualificados. Integram a 1ª leva de imigração brasileira, à época dos dentistas e dos publicitários (Malheiros, 1996; Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício, Martins, 2005; Bastos e Bastos 1999), em que os brasileiros chegados a Portugal se “assemelhavam mais à imigração de europeus ‘do norte’” (Machado, 2007), isto é, eram mais qualificados e disputavam lugares mais altos na hierarquia do mercado (Peixoto, 1999 e 2002; Baganha, e Malheiros, 1999 em Renó Machado, 2007). Todavia, Silvânia não é dentista mas pianista. Veio para Portugal na tentativa de completar os seus estudos superiores de piano e conseguir uma bolsa. Completou os seus estudos mas a bolsa, nunca chegou a conseguir. Desempenhou trabalhos diversos, sempre na área da música, como concertista, professora de piano e pianista acompanhadora, para ganhar dinheiro. Márcia é formada em Marketing e publicidade e, desde que chegou a Portugal até hoje, conseguiu sempre trabalhar na sua área de formação. Desempenha actualmente

² Ver Anexo 9 pp. 3-4

a função de Directora Comercial numa empresa que vende produtos para a área da publicidade.

Marina e Andreia não escolheram qualquer destino ou mudança. Marina veio para Portugal em 1986, com apenas 5 anos de idade. Veio com a mãe para se juntar ao homem com quem vivia nessa altura e que se encontrava em Portugal há alguns meses, esperando por ela. Esse homem veio a ser o pai de Andreia, que já nasceu em Portugal. Teve um desgosto profundo quando descobriu que era brasileira. Ficou muito triste e chorou muito porque pensava que era portuguesa embora tivesse sempre tido a informação de que os pais eram brasileiros³. Esse choque ocorreu entre os 9 e os 10 anos de idade, uma altura muito difícil para as duas irmãs. Silvânia (a mãe) e o marido separaram-se e esta decidiu ir viver para o local onde tinha maior carga horária⁴.

Andreia, a mudar do 1º para o 2º Ciclo, começou a ter de preencher papéis na escola em que naturalidade e nacionalidade eram dados que lhe eram pedidos e aos quais não estava habituada a responder. Havia sempre coisas a explicar e sempre alguma coisa que não estava bem. Habitualmente era a nacionalidade. O facto de não ser conhecida na escola, obrigou-a a responder a muito mais perguntas já que os professores não a conheciam nem os novos colegas. Numa altura em que teve de fazer novas amizades, o desconhecimento da cidade onde agora vivia, não vinha ajudar muito pois não sabia dar um passo sozinha. Até ali tinha tido uma óptima adaptação e sempre se relacionara sem dificuldade com colegas e professores. A nacionalidade de brasileira era, até ali, um adereço a que nunca tinha dado grande importância. A primeira vez que foi ao Brasil, já tinha 8 anos e tudo não passara de uma viagem e do contacto com pessoas que não tinham significado para ela (a família brasileira com quem nunca tinha

³ Silvânia contou-me numa das vezes que nos encontrámos que Andreia, a filha mais nova, tinha aprendido a falar correctamente o português por causa da escolinha e quando chegava a casa, ainda com três anos corrigia a mãe na forma como esta dizia “êli” e a filha dizia “Ó mãe, não é êli, é ele, diz lá”. Ela sabia que a mãe era brasileira, apenas desconhecia que ela, Andreia, não era portuguesa.

⁴ Silvânia trabalhava em casa, dando aulas de piano, mas também tinha acordos com alguns conservatórios de música, onde leccionava. O Conservatório de Tomar era um desses sítios que lhe garantia trabalho e era, na altura, o Conservatório onde tinha maior carga horária. A decisão de ir viver para Tomar, aparecia-lhe, por isso, como inevitável.

estado). Esta mudança, no entanto, tornara a sua vida num inferno. Ser brasileira foi tendo, a pouco-e-pouco, um significado diferente na sua vida, como veremos adiante.

Para **Marina**, as coisas não correram melhor. Com 18 anos, tinha-se candidatado ao ensino superior, quando a separação da mãe aconteceu. Entrou na Escola em Portalegre, cidade onde nunca tinha estado nem conhecia ninguém. Em Vila Franca de Xira, onde vivera até então, Marina tinha já um grupo de amigos com quem saía e ensaiava a sua autonomia. Esta mudança arrancava-a a uma cidade que conhecia e percorria com segurança, onde estudava, vivia e se encontrava com os amigos. Avizinhavam-se cerca de três anos de viagens entre Portalegre e Tomar, dois lugares que nada lhe diziam e onde não tinha ninguém com significado para ela. Hoje, Marina vive no Barreiro. Apesar de ter criado laços com Tomar e esta ser sempre a “casa” da sua mãe e irmã, Marina não conseguiu trabalho nesta cidade e acabou por sair à procura de uma oportunidade de emprego. Tem recordações de Vila Franca de Xira, onde cresceu, de Tomar, onde vivem a mãe e a irmã, e de Portalegre, onde estudou. A sua casa é onde vive hoje, no Barreiro ou onde for, mas ser, ser, é de Santos – essa é que é a sua cidade.

Chiara é filha de um engenheiro mecânico suíço e de uma tradutora portuguesa, que fixam residência em Portugal atraídos pelas oportunidades de emprego qualificado proporcionadas (na década de 90) pelas obras públicas (Ponte Vasco da Gama, obra da Expo98 em que diversas empresas estrangeiras integram consórcios e necessitam de traduções e conhecimentos de engenharia, para além da própria Expo98, necessitar para o seu funcionamento, de profissionais qualificados em várias áreas). Chiara tem dupla nacionalidade – portuguesa e suíça – está a terminar os seus estudos de Direito em Portugal, mas pelo meio estudou um ano em Berlim, para além de ter vivido, até aos 9 anos de idade em diversos países ocidentais. Veio para Portugal em 1995 e tal como Marina e Andreia a sua vinda para Portugal foi uma decisão dos pais. Passou a infância a “saltar” de um lado para o outro, o que a partir dos 4 anos de idade, passou a ser doloroso, porque estava sempre a separar-se dos amigos que fazia. É, no entanto, uma

adepta da mobilidade. Diz que não se vê a escolher um sítio para viver e aí ficar a vida toda. Gosta de conhecer novos lugares e novas pessoas. Os lugares que lhe pertencem são todos aqueles onde foi feliz.

Em 1995, **Nicole** chega a Portugal para fazer um curso de Interpretação de Conferência, organizado pela Comunidade Europeia que teve lugar na Universidade do Minho, em Braga. Veio acompanhada dos seus colegas e professores com quem tinha estado a estudar no Reino Unido. Quando os países ricos da Europa do norte entram em desaceleração económica, como referem alguns autores (Maria Lucinda Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício, Martins, 2005) e se tornam menos convidativos para a procura de oportunidades de trabalho, Portugal revela-se um país interessante a nível do emprego. Graças à realização da Expo98 e da Presidência Portuguesa da Comunidade Económica Europeia (Pena Pires, 2006⁵). Nicole⁶, os seus colegas e professores de formação agarram novas oportunidades de trabalho. Apesar de viver em Portugal há mais de dez anos, Nicole não considera que alguma vez tenha decidido ficar – foi ficando. É, deste painel de entrevistados, a pessoa mais insatisfeita com Portugal. Afirma permanentemente a sua diferença relativamente aos portugueses, e a sua desilusão quando compara as cidades portuguesas com as cidades europeias (pelo menos as que melhor conhece em França, Espanha e no Reino Unido).

Os perfis migratórios de **Evelina** e **João** (chegados ambos em 2004) inserem-se na chamada 2ª vaga de imigração brasileira (durante a primeira década do século XXI), uma migração de natureza laboral, apresentando “baixos níveis de qualificação escolar e profissional”, que tende a encontrar emprego nos serviços domésticos, limpezas, construção civil, restauração, cafés, etc. (Maria Lucinda Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício, Martins, 2005; Pena Pires, 2006; Machado 2007).

⁵ Apresentação à 11ª Conferência Internacional Metropolis, Lisboa, 5 de Outubro de 2006.

⁶ A mãe de Nicole tem uma doença degenerativa que lhe causa uma paralisia quase total, roubando-lhe a autonomia e a qualidade de vida que Nicole conheceu à mãe antes de esta doença se revelar. O sofrimento causado pelo avanço da doença e pelo facto de ser incurável, apesar de nunca, este facto, ter sido mencionado por Nicole, durante a entrevista, é um factor de peso para viver fora de França e desta realidade depressiva.

Ana Lúcia é a exceção que, embora chegada em 2005 (na mesma vaga de imigração dos dois anteriores) veio, com uma licenciatura concluída, para estudar – fazer o Mestrado. Ana Lúcia era professora de história no Brasil. Um divórcio e a necessidade de sair do meio pequeno onde vivia, foram o pretexto que faltava para que Ana Lúcia se interessasse pelo curso de Mestrado na Universidade Nova de Lisboa, de que uma amiga lhe falara. Hoje o Brasil é a terra dos pais. Não tem saudades nenhuma. Pensa até que quando voltar ao Brasil é para conhecer lugares que não conhece, como turista e não para voltar à terra de onde saiu. Tem saudades dos pais, mas prefere que a visitem cá em Portugal. Veio com os dois filhos que continuaram a estudar em Portugal e que considera bem integrados, o que pesou na decisão de ficar, quando as dificuldades causavam dúvidas e angústia. Lisboa é hoje a sua cidade. A casa que deixou no Brasil, na cidade que antes habitava já não considera como sua. Quer vendê-la para comprar outra em Portugal (a casa onde vive em Lisboa é arrendada). A sua casa é aquela que há-de comprar, em Lisboa.

De onde és? Narrativas de pertença – uma questão de compromisso

Estive uma vez em Cabo Verde e durante um encontro, num restaurante do Mindelo, foi-me apresentado um músico (um dos compositores de Cesária Évora) que juntamente com um instrumentista, se dispôs a interpretar música cabo-verdiana para o grupo, em que eu estava inserida, ouvir. Conhecia bem Lisboa, onde vivera vários anos. No final pediu-me, em troca, que cantasse para eles um fado, para que os cabo-verdianos presentes vissem como era a nossa música. Fiquei um pouco atrapalhada, porque nem sequer conhecia a letra de nenhum fado e muito menos me sentia capaz de o interpretar. Para falar verdade, nem sequer sentia o fado como “a minha música”. Desculpei-me como pude e lá consegui escapar-me ao fado. Visto isso, o músico disponibilizou-se a cantá-lo: “*Afinal, tenho mais anos de português do que de cabo-verdiano*” afirmou. E cantou.

A construção de narrativas de pertença tem implícito o envolvimento e a localização do sujeito relativamente a factores muito diversos. Os sujeitos podem desenvolver em simultâneo identificações e sentimentos de pertença relativamente a realidades muito diversas e com níveis de envolvimento muito diferentes (Nira Yuval-Davis, 2006). Pode ser-se português (porque se tem a nacionalidade portuguesa), católico, benfiquista (relativamente ao clube nacional), do Real Madrid (relativamente aos clubes, de futebol, estrangeiros), alverquense porque se mora em Alverca, guineense porque se nasceu na Guiné e por aí fora. Depende do modo e da escala com que o sujeito se relaciona com a sua envolvente (sendo que a envolvente abrange as opções de escolha de que ele dispõe no momento).

A pertença e a não-pertença, a uma identidade grupal, a um espaço ou lugar, a uma nacionalidade, religião ou categoria social são estruturalmente relativas⁷ (Evans-

⁷ Evans-Pritchard di-lo relativamente à organização espacial dos Nuer e aos valores sociais que lhe estão subjacentes, associando à lógica da sua disposição escalonada a noção de “cieng” – ser de – que é estruturalmente relativa.

Evans-Pritchard(1937-1969) *Les Nuer: Description des Modes de Vie et des Institutions Politique d'un Peuple Nilote*, Paris, Galimard em SILVANO, Filomena (2001), *Antropologia do Espaço: Uma Introdução*, Oeiras, Celta.

Pritchard, 1937 em Silvano, 2001). Pertencer pode ser um acto de identificação pessoal (identificação subjectiva e de auto-atribuição) (Bastos e Bastos, 1999) – é o próprio sujeito que se identifica com alguma coisa – ou pode corresponder a um vínculo atribuído pelos outros (de natureza subjectivante ou objectivante e de hetero-atribuição⁸) (Bastos e Bastos, 1999) positivo ou negativo, relativamente ao qual o sujeito pode ou não sentir-se identificado.

A pergunta “de onde és?” não é de fácil resposta. Não raras vezes traz aos informantes alguma hesitação ou embaraço. Raramente a nacionalidade suscita dúvidas aos sujeitos. Os Estados tratam dessa categorização em termos político-identitários: a naturalidade e a nacionalidade vêm escritos no Bilhete de Identidade e fazem parte dos interrogatórios e formulários oficiais que os Estados ensaiam e impõem na relação com os sujeitos (cidadãos) como prática de construção de identidades fixas, genéricas e controladas (Bastos, 1999 e 2005). A nacionalidade é uma atribuição que não depende do sujeito.

Quando o investigador faz a pergunta “de onde és?” está a pedir ao sujeito que se defina relativamente a um envolvimento voluntário com determinado bairro, local, ou país (dependendo da localização relativa em que ambos se colocam). A pergunta pedirá uma determinada resposta se ambos – investigador e informante ou entrevistado partilharem a mesma nacionalidade. Será diferente se assim não for. Essa resposta revela as escolhas do próprio sujeito, é um discurso que elabora voluntariamente, não é, no entanto, livre de constrangimentos. Perguntar a alguém “de onde és?” é pedir a esse alguém que diga de si próprio quem ele pensa que é, mas, inevitavelmente, o sujeito construirá um discurso que transmita a imagem que ele quer que o outro tenha de si. É um discurso que pressupõe um público, i.e., é contado por alguém que quer dizer a outrem, para que esse outrem oiça (Anthias, 2002), no qual (discurso) o sujeito tem interesses. O entrevistado sabe-o. Anthias vê nisso um constrangimento heurístico do

⁸ Idem, *ibidem*.

conceito de identidade e, pelo carácter identitário das narrativas de pertença, entende que estas não são desprovidas de armadilhas⁹.

A resposta à pergunta “de onde és?”, implica a definição de escolhas, a afirmação voluntária de envolvimento, de identidades mas também de desidentificações, da afirmação de diferença, da delimitação de fronteiras relativamente à existência do Outro e na relação com essa existência. Mas a liberdade de construção desse discurso, não lhe poupa constrangimentos. Para os sujeitos em mobilidade “ser de” – quando se tem a casa e a vida num determinado país, a nacionalidade e a família noutro, e o coração em mais do que um – é uma definição que implica uma negociação permanente.

A decisão de partir, de atravessar fronteiras, pode corresponder à estratégia de uma família inteira (Saint-Maurice, 1997; Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício, Martins, 2005) que manifestou disso vontade, e se juntou no empreendimento de mandar alguém para fora e tornar possível o sonho de mudança e de melhoria de vida. Não se pode esquecer aqueles que se sacrificaram para que esse salto fosse possível e que estão, também, expectantes relativamente ao sucesso dessa experiência. Por outro lado, dizer simplesmente a nacionalidade oficial, seria negar tudo o que se conseguiu no novo lugar, a reconstrução da vida, as novas relações, o acolhimento que se sentiu e que permitiu a viabilização do novo projecto de vida e o sucesso pessoal quando, muitas vezes, a vida se tornou impossível na terra-natal.

Afirmar simplesmente a nacionalidade oficial seria esquecer quem acreditou, confiou, tornou o futuro possível tanto aos que foram como aos que ficaram. Por isso, dizer de onde se é, é afirmar um compromisso – o compromisso de não abandonar e

⁹ Anthias fala claramente neste problema que se depara ao investigador: a defesa dos entrevistados e a sua necessidade ou interesse em construir as suas narrativas identitárias com opiniões e formulações previamente pensadas sobre os seus vínculos e envolvimento identitários e da necessidade do investigador estar consciente desse fenómeno e ter, até, uma reserva analítica que lhe permita “limpar” esses depoimentos das opiniões dos narradores para poder fazer a sua análise com rigor. Anthias (2002) *Where do I belong? Narrating collective identity and translocational positionality*, Centre National de la Recherche Scientifique, Institut de L’Information Scientifique et Technique, pp.491-492.

jurar pertença àqueles que ficaram, a quem se causou a dor da separação (pode fazer-se em nome do país, da bandeira¹⁰, da cultura, da família, mas é um sentimento de honra e gratidão, como que uma dívida de existência que se deve a quem ficou pra trás) e o compromisso de gratidão pela “viabilidade da vida”¹¹ no novo contexto do país de acolhimento.

Essa viabilização da vida fez-se graças a novos laços que se criaram, novos contextos, novos papéis e identidades reconstruídas que encontraram novos sentidos para a vida e a fórmula eu/Outro, eu/Outros tornou-se mais complexa, com amarras em mais do que um lugar e, por isso, a resposta à pergunta “de onde és” para alguém que vive em mais do que um dos lados da fronteira não é simples nem fácil. Se é visível em muitas das narrativas um sentimento de glória e realização por se ter conseguido singrar sozinho(a) reconstruindo uma nova vida¹², uma profissão, uma nova teia de relações e o reconhecimento social, também se verifica, muitas vezes, a coexistência de sentimentos de rasgadura¹³, com sentimentos de não se estar completo, de se ter duas vidas, duas memórias, dois países (Tastsoglou, 2006), em que a angústia de um horizonte incerto se mistura com a promessa de um novo horizonte¹⁴. Esse é o peso que levam na bagagem

¹⁰ Dizer isto não significa que o país e a bandeira são irrelevantes. Falarei disso mais tarde.

¹¹ Expressão utilizada por André, na sua entrevista acerca de acontecimentos que possibilitavam a vida de um imigrante fora da sua terra, neste caso, a relação com uma mulher. Anexo 9, p.4.

¹² Silvânia, por exemplo, diz, quando fala da possibilidade de viver da sua profissão (música) em Portugal *ainda hoje converso com os meus amigos “Aulas de piano?! Você consegue sustentar a sua família, dando aulas de piano?!” e digo “Sim, consigo. Trabalho muito, mas consigo.”* E entende que o seu projecto migratório acabou por revelar uma coisa que ela nunca imaginara de si própria: *que eu tivesse tanta capacidade de improvisação, tanta criatividade, porque é assim mesmo e tanta capacidade de trabalho.* Também Márcia, dois anos depois de estar em Portugal, visitou o Brasil e a sua família *Fui mostrar que tinha sobrevivido esses dois anos e meio e que estava bem – tinha um emprego, tinha um namorado...*

¹³ Márcia, conta a determinado passo da sua entrevista que, quando os pais a acompanharam para apanhar o autocarro que a levaria ao aeroporto – para sair do Brasil – ela lhes disse *“Nós não vamos nos despedir. Não, simplesmente, nem olhar pra trás, não vamos nos dizer nada!”* porque eu tinha o coração apertado, porque era tão difícil para mim separar-me dos meus pais e principalmente separar-me do conforto que estava a viver um momento emocionalmente muito sensível (porque tinha acabado uma relação amorosa) e ia mergulhar num país, numa cultura que não conhecia...

¹⁴ Parece-me ilustrativo do que estou a dizer, uma cena do filme *Lisboetas* (2004) de Sérgio Trefaut em que um imigrante fala com o pai ao telefone, numa cabina de rua e pede-lhe para tomar os medicamentos

– para além da nacionalidade, do género, da idade, da profissão, da cor da pele, da história, das memórias das pessoas e dos lugares.

Por isso a resposta a esta pergunta é difícil e delicada. Esse é o compromisso das narrativas de pertença. Estes são os constrangimentos que as condicionam.

e fazer tudo direitinho, para se tratar enquanto ele está fora e perante o desespero do pai, que diz que a sua morte está próxima e teme nunca mais o ver, o filho, destroçado, tenta tranquilizá-lo, negando a afirmação do pai.

Agência e estrutura – um processo de adaptação constante

Para o imigrante a experiência de adaptação não acaba nunca (Tastsoglou, 2006). Há sempre novos desafios, novas situações, nova legislação, novos obstáculos ou vantagens que se lhe deparam. A própria situação no país de acolhimento, quer económica, quer política e legislativa é dinâmica e está em permanente mudança. O sujeito em mobilidade move-se entre duas ou mais realidades distintas e nenhuma delas é estática. O seu esforço para compreender e se situar da forma mais informada e adequada possível relativamente à sua envolvente, de modo a tornar a sua adaptação numa experiência positiva e vantajosa, é permanente.

Por constrangimentos externos que a própria estrutura lhe proporciona ou por constrangimentos internos do seu próprio agenciamento essa experiência é por vezes pontuada por situações emocionalmente negativas ou traumáticas. O sentimento de identificação e a produção de narrativas de pertença constrói-se a partir de experiências relacionais, emocionais, culturais e sociais, vividas como experiências negativas e/ou positivas. Embora raramente os acontecimentos mais traumáticos ou relevantes emocionalmente – aqueles que causam vergonha, inferiorização, discriminação e humilhação – sejam revelados nas narrativas dos entrevistados, essas experiências emocionais condicionam esses discursos e, paradoxalmente, esses discursos revelam-nas (Tastsoglou, 2006; Yuval-Davis, 2006; Anthias, 2002; Bastos e Bastos, 2002) nos conteúdos emotivos expressos em sentimentos de identificação e de pertença ou desidentificação e rejeição. Neste sentido, é de grande utilidade heurística o depoimento de mais do que uma pessoa de um núcleo familiar ou relacional e, ainda, o conhecimento do sujeito entrevistado para além do momento da entrevista (observação participante), porque permite entender melhor a narrativa produzida por alguém, a partir de vários ângulos de análise, permitindo entender com maior profundidade, tridimensionalidade mesmo, as causas dessas identificações e desidentificações. Verifica-se que os sentimentos de pertença e as próprias narrativas que os sujeitos constroem em torno desses sentimentos, dependem de experiências de adaptação e

inserção e do facto de terem sido vivenciadas como positivas (edificantes narcisicamente) ou negativas (humilhantes ou desvalorizantes) (Tatsoglou, 2006; Anthias, 2002; Nira Yuval-Davis, 2006) como veremos adiante.

De onde sou – Atravessar e transportar fronteiras

Um desgosto profundo:

Descobrir que não se é o que se quer ser, ou o que se sente que é

Andreia tem a nacionalidade brasileira, embora tenha nascido em Lisboa e sempre tenha vivido em Portugal. Tem dezanove anos e é brasileira porque os pais o são: *“a minha família, em casa, sempre foi brasileira”*. À pergunta “qual é a tua nacionalidade?” Andreia responde: *“Isso é um bocado difícil. Eu considero-me portuguesa, mas também me considero brasileira”* A primeira vez que Andreia foi ao Brasil já tinha oito anos. Nos onze anos que viveu desde então, foi umas três ou quatro vezes ao todo, nem sabe bem. A distância é grande e o custo das viagens obrigam a alguma contenção. Não tem família cá além dos pais e da irmã mais velha, Marina, que ainda nasceu no Brasil, onde viveu até aos cinco anos de idade. Quando lhe pergunto o que significa o Brasil para ela, responde *“Bom...é como um pacote – férias e família”*. Habitou-se a esta realidade e apesar de ter saudades da família, hoje, que já criou laços, vive bem com isso, não é coisa que lhe faça impressão: *“nunca tive a realidade de ter a família à minha volta e saber o que é – Vou a casa da minha avó daqui a 15 minutos – nunca tive isso”*. Andreia não tem más recordações do Brasil, é sempre passeio e encontro com pessoas que gosta muito mas só vê de anos a anos. Considera que tem uma história feliz em Portugal. Foi onde sempre viveu com os pais, andou na escola e fez amigos. Não tem problema com o seu lado português, refere mesmo um certo orgulho. O momento mais difícil da sua vida foi quando, aos dez anos, teve de deixar Vila Franca de Xira, terra onde nasceu e cresceu e foi morar para Tomar, em virtude da separação dos pais. *“A minha vida acabou aqui. Acabou mesmo”*¹⁵. A separação dos

¹⁵ A mãe de Andreia, num dos encontros que tivemos para fazer a sua entrevista contou que a altura da ida para Tomar coincidiu com a passagem do 1º para o 2º ciclo e, claro, foi aí que Andreia teve de começar a preencher papéis a dizer qual a sua nacionalidade e a responder às perguntas dos professores que não acreditavam que uma aluna que falava português, tinha nome português, tinha nascido em Portugal e tinha sido transferida de uma cidade portuguesa, fosse brasileira. Aí, Andreia percebeu que tinha uma nacionalidade diferente dos outros colegas, aparentemente iguais a ela em tudo menos na nacionalidade. Isso (a nacionalidade) valeu-lhe alguns dissabores sobretudo à medida que foi crescendo e

país, por estranho que possa parecer, não a deixou traumatizada mas a mudança de terra, isso foi de mais “*Ai eu detestei, eu chorava tanto, eu detestava esta cidade*”. Andreia não queria sair de casa ou ir ter com a mãe à escola porque as perguntas que se fazem no processo de conhecimento de alguém, repetem-se – “como te chamas?”, “que idade tens?”, “onde moras?”, “és de Tomar?”

À pergunta “de onde és?” Andreia responde sem qualquer dúvida “*sou de Portugal*”. Se a pergunta for “quem és?” aí, a resposta é diferente “*sou metade portuguesa e metade brasileira, aliás, sou mais portuguesa do que brasileira, mas tenho sempre, é... a história da minha família é brasileira, portanto, é uma bagagem que eu trago comigo, mas... sou portuguesa, sou de Portugal.*”. Para Andreia o Brasil é um país confinado a uma área pequena: *é Santos, a cidade da minha mãe(...) é uma rua, a rua da minha avó, da mãe da minha mãe, (...) e depois é a zona do Centro Comercial, da praia, que tem uma grande avenida onde vou passear*. O Portugal que Andreia conhece é muito maior – conhece várias cidades, já esteve no Porto, passou férias no Algarve, viveu em Vila Franca de Xira e em Tomar, conhece Lisboa, Leiria e Coimbra. Além disso, Portugal é um país que Andreia pode descobrir à medida do seu crescimento e autonomia, ao passo que o Brasil não lhe permite essa liberdade. *As cidades lá são muito maiores e perigosas, portanto, eu não tenho autonomia nenhuma. Não sei os sítios, não sei nunca o que é que tenho de fazer e eu quando estou lá, sinto-me uma visita, um hóspede, bom... na verdade sou, mas faz-me um bocado de confusão por causa disso, porque não estou em contacto com a realidade, não sou autónoma, não sei os sítios, não sei como é que... apesar de falar a mesma língua, as coisas são completamente diferentes, sei lá, para ir buscar pão, por exemplo, há umas fichas, faz-me uma confusão...e em Portugal, não, eu sei fazer as coisas sozinha, eu sei me desenrascar, se eu precisar de ajuda eu sei a quem telefonar, tenho os meus pais aqui e lá, apesar de ter o resto da família às vezes até os meus pais também vão comigo, mas não sei, sinto-me no meio de uma realidade de que eu não faço parte.*

ficando autónoma. O seu desgosto, segundo a mãe – Silvânia – foi enorme. Curiosamente, Andreia não me falou disso.

Andreia sempre soube que era brasileira – desde o infantário que lhe chamavam “a brasileira”, “a brasuca”, era conforme – mas a nacionalidade brasileira não lhe pesava, era uma espécie de adereço, um enfeite, uma particularidade que tinha a mais que os outros, ou diferente dos outros. Andreia cresceu e até ao 4º ano sempre se considerou uma criança como as outras. No 5º ano, de repente, teve de se confrontar com impressos que lhe pediram para preencher na escola, sem presença da mãe. Porque estava mais crescida e já era ela que preenchia os documentos, porque mudou de escola e ninguém a conhecia... Lembra-se de passar um mau bocado. Esta altura da autonomia relativamente aos papéis aconteceu quando, depois da separação dos pais, a mãe decidiu ir viver para Tomar. Os novos professores não conheciam a sua história como os da Escola do Bacalhau, em Vila Franca de Xira e faziam sempre perguntas: “*Eu não estava habituada a lidar com estas coisas e na altura era de norma um cartão, era tipo um livrinho, que era a autorização de residência, não era como é um cartão, agora, e era complicado, os professores olhavam pr’áquilo e diziam que não servia «Eu quero o teu B.I.».*”

Andreia percebeu, nessa altura que não era portuguesa e isso, ela não sabia. «*Não tenho, este é o meu B.I., eu sou brasileira*» – «*Não, não és – diziam – Os teus pais são o quê?*» «*São brasileiros*» respondia, «*E tu nascente aonde?*» «*Nasci em Lisboa.*», respondia, «*Então és portuguesa*». Mas não era. E as complicações agravaram-se quando começou a sair com amigos e a ir às discotecas. Andreia mostrava a sua identificação e os problemas começavam – a fila chegava a parar meia hora, enquanto o segurança, desconfiado fizesse perguntas, insinuasse, percebesse, enfim... Uma vez não a deixaram entrar. “*Para mim, o primeiro ponto que me lembram que eu sou brasileira, é a nível de documentos, o que eu acho um inferno. (...) aí, (...) é que eu me lembro que sou mesmo estrangeira, mesmo brasileira, mesmo estranha.*”

Hoje, Andreia sabe que tem uma responsabilidade diferente da dos amigos sempre que sai do país, por exemplo, como aconteceu em 2008 na viagem de finalistas. Os documentos são sempre uma complicação, mas o resto, já não lhe traz problemas.

Aprende a viver com a identidade portuguesa, aquela que define a realidade que a rodeia, desde que nasceu, e a brasileira, uma herança de família que vai descobrindo à medida que cresce (nem sempre da melhor maneira), mas que cada vez mais está a gostar de descobrir. A sua fronteira é viver com estas duas realidades que se entrelaçam, que a definem e a valorizam.

Sempre que estou lá sinto que voltei à minha terra. Voltei às minhas raízes.

A irmã de Andreia, Marina, é nove anos mais velha do que ela. Quando chegou a Portugal tinha cinco anos. Veio com a mãe. O seu pai tinha falecido era ela ainda pequena. Logo que chegou a Portugal, ficou um mês a viver na Costa da Caparica com os pais¹⁶ mudando, depois disso, para Vila Franca de Xira onde ficou catorze anos. Um ano depois de chegar a Portugal iniciou a escola primária e essa foi a primeira experiência difícil da sua vida em Portugal. Uma professora muito rígida tornou essa fase de crescimento um pouco tumultuosa, com alguma angústia, sofrimento e até insegurança¹⁷. Apesar de tudo, foi aí que cresceu e fez muitos dos amigos que hoje tem (passou em Vila Franca de Xira, a maior parte do tempo da sua vida e, o que não é irrelevante, um tempo em que teve consciência de si,). Aos dezanove anos a mãe separou-se e Marina, que já tinha perdido o pai uma vez¹⁸, perde-o agora pela segunda vez. Obrigada a reorganizar a sua vida, a mãe teve de mudar de casa e de cidade. Marina, que tem todos os seus amigos em Vila Franca de Xira, onde sai e percorre a cidade com a liberdade que os seus dezanove anos, a sua rede de amigos e os catorze anos de vivência e conhecimento da cidade lhe permitem, vai parar a uma cidade que não conhecia e onde não conhecia ninguém – Tomar. Nesse mesmo ano Marina tinha-se candidatado ao ensino superior e entrou para a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Portalegre. Em Agosto mudou para Tomar e em Outubro recebeu a notícia de que tinha entrado para a ESTG de Portalegre (uma cidade do interior, igualmente

¹⁶ Marina refere-se assim à mãe e ao seu padrasto.

¹⁷ Curiosamente quem o menciona é a mãe, Silvânia, na entrevista e não Marina. Anexo 5, p.4.

¹⁸ O pai biológico morreu quando ela tinha cinco anos.

desconhecida para ela) – e passa os três anos seguintes a deslocar-se de uma cidade para outra, sem vínculo com nenhuma delas e, sentindo-se ela própria uma estranha nestas duas cidades: “*Andava pr’aqui e pr’ali (...), naquele cá e lá*”.

Ao fim de três anos Marina não aguenta mais¹⁹ e desiste de Portalegre. Sente que precisa de ficar em Tomar. Vincular-se. A mãe e a irmã são os seus únicos laços seguros e com garantia de continuidade em Portugal.

Gosto de Tomar e quando venho pra cá, tenho a minha mãe e a minha irmã. São a minha família e gosto de tar aqui, gosto da cidade, gosto da nossa casa, é o nosso cantinho... mesmo que eu vá morar, agora que estou a morar no Barreiro, mesmo onde quer que eu vá morar e mesmo a minha irmã, Andreia, quando ela sair daqui – porque ela também vai para a Faculdade, vai fazer a vida dela – vai ser sempre o nosso cantinho, onde também está a nossa mãe e a nossa casa e pronto vai ser sempre bom, porque podemos sempre ver as nossas coisas e as nossas recordações, vai ser sempre bom vir para aqui, eu gosto.

Vive no Barreiro com o namorado, mas é a Tomar que vem para se encontrar com a mãe e a irmã nas datas mais importantes, porém, quando lhe pergunto de onde é, diz que é de Santos, no Brasil.

É complicado dizer, às vezes, de onde é que eu sou. Eu sei de onde é que eu sou, sou do Brasil, sou brasileira. (...). É a cidade onde eu nasci, onde vivi alguns anos até aos cinco anos de idade e mesmo depois de ter vindo pra cá, continuei sempre o contacto e já fui lá algumas vezes (...) e além de ser onde eu nasci e onde tenho a

¹⁹ Na conversa que fiz com Silvânia sobre a marcação da entrevista com a filha Marina, houve uma referência (a propósito da nova morada de Marina – Barreiro), à forma como as coisas com Marina haviam estabilizado, havendo uma alusão vaga a um tratamento psicológico (a uma depressão que esta teria tido), num período anterior, embora nem Marina nem Silvânia tenham referido explicitamente este tratamento ou as suas razões durante as entrevistas. No entanto, pela sequência de acontecimentos havidos e porque o facto de Marina ter saído de Tomar se deveu a essa luta contra um mal-estar causado pela incapacidade de arranjar emprego após uma fase tumultuosa da sua vida, leva-me a associar essa depressão a esta fase de deambulação entre Tomar e Portalegre.

minha família toda, é também o meu país, a minha cidade. (...) Sempre que estou lá, sinto “Voltei! Voltei à minha terra. Voltei às minhas raízes.” Porque quando eu vou pra lá, sinto-me super-bem, porque eu gosto, sinto saudades. Porque eu identifico-me.

E com o que é que se identifica Marina?

No fundo, posso não ter vivido muitos anos lá, foi só até aos cinco anos, mas já fui muitas vezes lá, mantive sempre o contacto, também através da minha família. (...)Tive um tempo desligada, de não saber, ou seja, tive sempre desligada a isso, também sempre quis, também fui sempre à procura e sinto-me, sinto que sou brasileira e tudo. Quando eu vou pra lá, claro que são países diferentes a nível da cultura e isso (...) mas sempre que vou para lá eu sinto é que vou voltar à minha terra e aos meus conterrâneos e às pessoas com que eu me identifico lá, coisa que aqui, não.

Marina cresceu a aprender a história de Portugal mas sente-se brasileira. Não esquece a família numerosa que vive do outro lado do Atlântico. Quando lá está sente que voltou à sua “terra”. Quanto à sua casa, não hesita muito quando pergunto em que sítio pensa quando pensa ‘vou para casa’ e responde: “*onde a minha casa é agora, que é no Barreiro*”. Mas o Barreiro não é um lugar nunca mencionado, a não ser quando lhe pergunto explicitamente onde mora ou onde é a sua casa no sentido físico, geográfico. Tomar é talvez o lugar que se parece mais com a noção de ‘casa’ ou ‘home’:

Não, apesar de Vila Franca ter sido a cidade onde eu até hoje estive mais tempo a viver, eu nunca me senti de Vila Franca, nem digo, digo apenas que vivi muitos anos em Vila Franca, mas às vezes identifico-me mais, neste momento sou capaz de dizer que sou de Tomar ou isso, apesar de não dizer, mas seria mais capaz de dizer de Tomar do que em Vila Franca – não sei porquê, mas sinto isso. Mas, agora aqui em Portugal, “de onde é que eu sou?” é complicado, digo onde é que eu estou neste momento.

Marina já viveu em muitos lugares, mas não pertenceu a todos. Tal como Chiara, Marina prefere pertencer aos lugares que a fazem feliz. Por isso quando lhe pergunto o que responde se lhe perguntarem em Tomar “É de cá?” ela diz peremptória “*Não, (...) Sou do Brasil*”²⁰. Marina não terá memórias muito claras do Brasil da sua primeira infância e das pessoas que com ela viviam, mas sabe, com certeza, que o Brasil não lhe trouxe sofrimento. Apenas na hora das despedidas²¹. Quando lá vai, é tudo bom – a família que a espera e a recebe de braços abertos, o tempo que é de férias e, portanto, de disponibilidade. No Brasil não há confronto, dificuldade ou conflito, ao contrário de Portugal que representa tudo isso. A sua vida em Portugal está marcada por experiências de sofrimento, de perda, de desvalorização até, uma memória que seguramente não deixa a Marina um sentimento de valorização pessoal. São sentimentos de descontinuidade, de perda que envolvem pessoas e lugares em períodos emblemáticos do seu crescimento.

Marina não pode dizer que é de Portugal, ou que se sente portuguesa, por maior que seja o tempo vivido em Portugal “*Sim, (...) é engraçado, apesar de ter vivido mais anos em Portugal e ter mais amigos cá do que lá, (...) eu identifico-me é com o Brasil e não com Portugal*. Há, de alguma forma, um vínculo inventado, não no sentido fraudulento, mas no sentido da construção e investimento em laços de pertença a uma comunidade que, por mais longe que esteja é investida de uma existência imaginada como coesa e continuada (Anderson, 1983) englobante e patrocinadora de uma identidade que é válida independentemente do local de onde se reivindique e dos acontecimentos desse local. Inventado no sentido da construção de uma narrativa de pertença edificante, que permita colmatar ou superar aquilo que se sente como uma falha, ou lacuna, que fragiliza ou diminui a representação de si. Porque as narrativas

²⁰ Apesar de Tomar ser o lugar que mais se aproxima do conceito de ‘home’, Marina tinha até à mudança para essa cidade uma “família completa”, que perdeu com essa separação. Mas perdeu, também, não menos importante, o suporte material (ver Silvano, 2001 e Edward T. Hall, 1966) da sua vida de família – a sua casa, o seu lugar.

²¹ Não podemos esquecer que Marina saiu do Brasil com cinco anos de idade. Embora o seu relacionamento social nesta idade dependa grandemente das relações e do contexto social da mãe, os laços com esses relacionamentos existem e estão já numa fase de crescimento e autonomia – a vida social decorrente da frequência do infantário e a própria família e amigos que viviam próximo de Marina.

identitárias se constroem de modo a salvaguardar a construção narcísica dos sujeitos (Anthias, 2002; S. e J. Bastos, 1999, 2000, 2002). Quando o sentimento que os sujeitos desenvolvem é de perda relativamente ao seu contexto de relações intra e inter-grupais, parece verificar-se uma tendência para uma desidentificação (Tastsoglou, 2006; Anthias, 2006). Estas narrativas constroem-se com base num trabalho de imaginação (Anderson 1983) no sentido da maximização relacional da auto-estima (S. e J. Bastos, 1999, 2000 e 2002) quer no interior dos seus grupos identitários, quer a partir do exterior investindo na construção narcísica dos seus grupos de representação.

As palavras de Marina relevam o seu desejo de pertença e o seu investimento emocional nessa relação de pertença (Nira Yuval-Davis, 2006) ao Brasil e aos brasileiros a que chama de “conterrâneos”. Ao comparar Portugal e o Brasil Marina está a construir a sua fronteira – a fronteira que quer que exista entre ela e os portugueses – um grupo esmagador comparado com ela e a que ela quer resistir, lutando para não ser absorvida (Bastos e Bastos, 1999). Está, mais do que a afirmar o seu espaço de identificação, a delimitá-lo, afirmando as suas fronteiras. Esta é uma atitude de preservação de si própria, numa espécie de luta contra a diluição ou esmagamento por uma realidade que a envolve. Revela também o seu forte desejo de pertença àquela outra realidade que a distingue dos portugueses e lhes está distante e inacessível – a sua nacionalidade brasileira. É a sua afirmação narcísica perante uma realidade que, de alguma forma, está associada a sofrimento e a experiências menos valorizantes. Por fim, os documentos de identificação que fazem parte da sua bagagem são incontornáveis. Negam-lhe o vínculo de pertença e a fazem-na sentir que está de fora. Verifica-se, por isso, uma certa ânsia de pertencer (Nira Yuval-Davis, 2006) àquela outra realidade que lhe é inacessível pela distância e de que ela sabe que não faz parte – o Brasil – mas que não lhe nega o vínculo.

Consegui um sonho profissional que lá não era possível: a minha casa é aqui

Silvânia tem quarenta e nove anos, vive da sua profissão e sustenta como sempre sustentou, em Portugal, as filhas. Silvânia veio para Portugal para estudar – acabar a formação superior em piano – tal como o homem com quem veio viver em Portugal (que veio estudar composição). Está cá há vinte e dois anos e ainda hoje os amigos brasileiros se surpreendem com o facto de ela conseguir manter uma família a partir da música.

Sim, consigo. Trabalho muito, mas consigo. Isso, lá é impossível. É impossível porque a música, a música clássica, no sentido do ensino académico, é muito difícil, a concorrência é muito grande em relação à música popular brasileira, não é? Esse mercado, sim, cresceu muito o outro não. E a música erudita no Brasil é um bocado elitista. É pra quem tem dinheiro, pra quem pode fazer os cursos e as bolsas de estudo. Não é um acesso, não existe música na escola regular, não existe há muitos anos. Portanto eram só escolas de música, o conservatório... isso sempre foi. A música sempre foi encarada como um obi. Todos os alunos que eu tive lá, aliás, eu própria fiz uma licenciatura em Artes Plásticas, porque o meu pai, não me deixava fazer isso. Fazer o curso de piano, tudo bem, agora, só dar aulas de piano, aquilo não era nada. E todos os colegas meus, são outra coisa – uns são arquitectos, tenho uma que fez Jornalismo, a outra fez Física. Todos eles fizeram outro curso, aqueles que optaram por fazer música, não é? A maioria deles acabaram por sair do país. Não conseguiram trabalho lá, viver mesmo e isso assim. Foi por isso que eu vim. Eu queria continuar, eu queria estudar os meus estudos. Havia hipótese de ir para a Alemanha, porque a minha professora particular que eu tinha lá em S. Paulo, ela achou que eu podia estudar lá com o professor muito bom que ela recomendava lá na Alemanha e que ela podia conseguir contacto. Só que eu achei, como tinha uma filha pequena, que ia ser muito difícil, por causa da língua, do clima, e achei que... não sei, fiquei em dúvida. E depois, surgiu aquela coisa afectiva, não é? porque conheci o meu ex-marido, ele vinha pra Portugal, já tinha um amigo aqui em Portugal, e eles acharam que era uma boa opção

– estudar aqui, continuar os meus estudos. E talvez trabalhar, porque eu ia ter provavelmente que trabalhar, porque eu não sabia se ia conseguir a bolsa e não consegui a bolsa. Portanto, tive que trabalhar, apesar de vir para estudar e ver se conseguia viver da música, que era coisa que eu não conseguia lá (no Brasil).

Para Silvânia, Portugal, viabilizou a sua vida tal como a queria fazer. O Brasil não tinha lugar para ela, como música ou professora de música. O Brasil é o seu país, é bom reencontrar os seus pais e restantes familiares quando lá chega mas Silvânia tem a noção do que representa Portugal para a sua vida. Ela reconhece aquilo que Portugal lhe possibilitou. (...) *Eu adoro ir para lá, para poder passar na rua, para poder chamar a minha tia – “Tia Cármen!” – na rua! Dá um grito e ela vem na janela “Ah, Silvânia!”* (risos). (...) *não há aquela cerimónia, como há aqui, das pessoas serem convidadas e combinar, ninguém dá um grito na rua para chamar o outro na janela. É isso é que me dá saudades é isso é que eu tenho saudades às vezes e preciso ver, preciso sentir. Aqueles encontros ao fim-de-semana com a família e com os amigos, é o churrasco, não precisa ter nada. A gente pode ir ali no bar da esquina, mas tem sempre música que se faz ali na hora e cantam e riem, é isso é que eu sinto falta.*

Tem saudades das pessoas e daquela informalidade, mas está consciente da dificuldade que representou para si (e para a sua geração) viver da sua profissão no seu país. Só tornou possível o sonho de viver da música – aquilo que aprendeu e que gosta – em Portugal e o facto de se sentir bem quando vai ao Brasil não a desvia dessa consciência. Quando lhe pergunto se se sente em casa no Brasil, Silvânia responde claramente: *“a minha casa é aqui”* (em Portugal).

Hehh... em casa, não sei se eu me sinto, porque a minha casa é aqui. Eu me sinto bem lá, por causa das pessoas eu acho que eu sou muito ligada às pessoas, quer dizer, eu gosto da maneira de ser das pessoas. Agora, lá, existem muitos problemas e quando eu vou pra lá eu vejo que muita coisa ainda não mudou, ainda continua muito mal. As pessoas trabalham muito. Eu nem sei, como é que as pessoas continuam com

aquela alegria toda, porque há muitas dificuldades, há muitas dificuldades, mesmo. Agora, é um povo que eu adoro, por isso é que eu me sinto bem é uma alegria 24 horas, e o à-vontade com que as pessoas se dão, mesmo com alguma... em algumas cidades muito violentas, não é, as pessoas ainda conseguem viver assim (...) por exemplo, falando de música, a última vez que eu tive lá, eu fiquei desolada. As lojas de música na minha cidade estão todas fechadas, estão acabando. E em S. Paulo que é um grande centro, que tem a Faculdade de música que fazem trabalhos incríveis também não tem loja de música, para comprar livros e partituras. Já não há, só na biblioteca ou na Internet, já não há, acabou. Portanto eu fiquei muito decepcionada com isso. As pessoas se matam pra trabalhar. Não há aquela organização que existe aqui, os professores não são respeitados, apesar de aqui também ter muitos problemas, lá está muito mais atrasado – os professores trabalham cinquenta horas por dia, por semana, aliás. E quando eu falo nisso, eu não falo em licenciados, eu falo em doutorados. Mestres e Doutores, gente que já acabou. Tudo o que tinham a fazer já fizeram, trabalham nas universidades e tem que ser cinquenta horas porque se não, não consegue sustentar a família. Portanto eu acho que isso não melhorou nada

Este desencanto de quem viveu no país de origem e teve de sair de lá para viver a sua vida, contrasta com o encantamento de quem nunca lá viveu, mas quer pertencer, como Marina, por exemplo. Há, de facto, um desejo, uma vontade explícita de fazer parte, de ser de, que é tanto maior quanto mais se está de fora (Nira Yuval-Davis, 2006; Anthias, 2002). No seu trabalho “*Where do I belong?*”²² Anthias releva as afirmações dos jovens entrevistados que dizem nutrir um grande amor pelo Chipre, pelas suas famílias e pelos seus costumes. Um dos jovens chama terra-mãe ao Chipre e terra-pai a Inglaterra, onde nasceu. A Inglaterra é como o pai, mas o Chipre é como a mãe, é o sítio onde se quer voltar sempre, onde se sente segurança²³. Há aqui uma mitificação do lugar de origem cuja intensidade de valoração tem relação com o facto de não se ter

²² Investigação sobre sentimentos de pertença, posicionamento e translocalização, entre jovens gregos-cipriotas nascidos em Inglaterra. ANTHIAS, Floya (2002), *Where Do I Belong? Narrating Collective Identity And Translocational Positionality*, in *ETHNICITIES*, SAGE, London, pp. 491-514.

²³ Idem, p.505.

estado lá. Quanto menos ligação efectiva se teve com o lugar mítico de origem mais necessidade existe de se afirmar sentimentos de pertença, e mais se valoriza esse lugar.

Para além da nacionalidade, da naturalidade e da identificação nacional:

Um sítio a que eu pertenço é um sítio onde eu me sinta feliz

Chiara possui nacionalidade austríaca. Tem vinte e dois anos e uma história de mobilidade intensa, quase frenética. Até aos nove anos viveu em cinco países diferentes, sem contar com aqueles que lhe dão a nacionalidade. Quando lhe fiz a pergunta “Qual a tua nacionalidade?” a resposta saiu pronta “*a nacionalidade é portuguesa e suíça, a naturalidade é que é austríaca*”. Chiara sabe muito bem o que quer responder sobre o assunto, parece tê-lo estudado previamente. Pergunto-lhe como é ter essas duas nacionalidades e se acha que nacionalidade e identidade são a mesma coisa. Resposta pronta:

A minha identidade, à partida, não tem necessariamente a ver com uma nacionalidade, mas, se a pergunta é com que é que me identifico mais, se com uma portuguesa ou com uma suíça, identifico-me bastante com as duas; talvez um bocadinho mais com a portuguesa por viver cá, ainda que, às vezes, admire mais a mentalidade suíça, mas depende...

As nacionalidades portuguesa e suíça adquiriu-as dos pais, mãe portuguesa e pai suíço. A profissão do pai exigia uma deslocação constante por isso nasceu na Áustria, onde viveu até ter um ano e meio. Depois disso fez algumas viagens aos Estados Unidos onde viveu em vários Estados, embora por curtos períodos. Viveu em Porto Rico, Inglaterra e Grécia, até que aos nove anos veio viver para Portugal, embora, antes disso, tenha ainda passado uns meses na Suíça.

Pergunto-lhe se o atravessar constante de fronteiras desenvolveu alguma característica especial, como por exemplo uma maior necessidade de sedentarização, ou pelo contrário, a faz padecer da “doença do domicílio”²⁴, sentindo-se entediada quando fica muito tempo no mesmo lugar. Chiara ri-se. Sim, se lhe desenvolveu alguma coisa deve ter sido a “doença do domicílio”, porque ela não se vê a fixar residência em algum lugar, pelo menos por agora com vinte e dois anos, além disso Chiara quer estar *“sempre a aprender com tudo e com todos”*.

Parece ser uma história de mobilidade, com sucesso pela própria mobilidade. Que se sustenta por si, pelas vantagens que o sujeito extrai da permanente deslocalização. Aparentemente não há, no movimento de deslocalização, o impulso da sedentarização, ou reterritorialização, de que fala Tölölyan (2001). Chiara gosta deste permanente recomeçar, não a afligem as eventuais roturas, as interrupções, as perdas de que falam os outros entrevistados. Não há perdas.

À pergunta “que sítio escolherias se tivesses que ficar a viver sempre no mesmo lugar?” Chiara responde que não seria nunca uma opção que ela *“quisesse como viável uma vez que eu não quero ficar num sítio à partida, sendo esse a Suíça ou Portugal, a China ou qualquer outro, ainda quero conhecer vários países diferentes, por isso para mim seria um choque se me dissessem ‘Olha vais ter que ficar para sempre num determinado sítio’”*. À pergunta “sentes-te portuguesa?” Chiara responde com a convicção de sempre:

“Sinto-me como portuguesa, enquanto cidadã portuguesa, mas muitas vezes não sou vista como propriamente como portuguesa, por causa da dupla nacionalidade e às vezes as pessoas têm-me... é estranho, eu sinto-me mais como portuguesa, mas às vezes as pessoas têm-me mais como suíça, as pessoas de fora que eu conheço, portanto, às vezes é um bocadinho estranho. Eu acho que é simplesmente porque eu tenho dupla

²⁴ Utilizo esta expressão por referência a Bruce Chatwin, escritor inglês (1940 – 1989) que dizia enfermar desta doença, por identificação a uma expressão de Baudelaire (*horreur du domicile*) denunciando um espírito nómada que não suportava viver permanentemente no mesmo sítio.

nacionalidade que as pessoas, às vezes, pensam nisso. E é também por eu não ter um nome diferente que não é propriamente português, que não é normal, e por eu ter uma história de vida muito movimentada, as pessoas às vezes pensam que não mas...quer dizer, eu sinto-me bem das duas maneiras.”

Chiara diferencia (na relação comigo), aquilo que ela sente que os outros pensam que ela é. As pessoas dizem-lhe como a vêem e ela acha isso importante. Deve ser pelo nome, que a denuncia, ou então pelas ideias que defende. A “mentalidade suíça” faz parte dela, cresceu com ela. Desenvolveu-a pela proximidade e pela vivência também com a família suíça. Isso tem a ver com o sentimento de pertença? Pergunto-lhe onde sente que pertence.

“Bom, um sítio a que eu sinto que pertenço é um sítio onde eu me sinta feliz. Essa é a primeira coisa. Por exemplo, neste momento sinto-me feliz aqui, mas ainda me sinto feliz em Berlim, já saí de lá, entretanto, mas sei lá, passei um ano e também me senti muito feliz lá e conheci pessoas que me fizeram feliz lá. Eu acho que o que depende do sítio onde eu estou é a felicidade que eu consigo encontrar, as pessoas com quem eu consiga estar, o que eu consiga aprender de novo. (...) Neste momento eu posso dizer que pertenço a Portugal, também posso dizer que pertenço à Suíça e neste momento, não sei se por ser recentemente, mas sinto-me muito ligada à cidade de Berlim na Alemanha, também.” E que lugares lhe pertencem, pergunto. *“Os lugares que me pertencem são todos os lugares por onde eu passei”.*

Chiara tem, aparentemente, uma boa relação com a mobilidade, como se não houvesse marcas de roturas ou descontinuidades. No entanto, lembra-se que custou muito mudar-se em determinadas alturas da sua vida:

Neste momento para mim é menos conflituoso até posso dizer normal, quando eu tinha quatro anos foi a altura, talvez, mais difícil, uma vez que eu estava para mudar dos Estados Unidos, Porto Rico, Inglaterra, Grécia, eu estava a estudar na Escola

Primária, ia criando amigos e ia ter que os deixar... foi a altura mais difícil da minha vida.(...) O que custava mais era a ligação que se criava com as pessoas num determinado sítio, não era propriamente por ser o sítio ou por ser uma determinada cultura mas por causa de algumas pessoas com quem tinha uma relação mais especial, e o momento pra mim mais difícil foi quando eu saí de Inglaterra: eu tinha quatro anos e viajei para a Grécia. Foi um bocado difícil porque eu tinha lá os meus primeiros amigos da Escola primária, o primeiro ano e... não sei, nunca tinha feito amigos durante tanto tempo e foi um bocado mais difícil por causa disso.

Esse é o aspecto mais negativo da mobilidade que constitui a experiência de vida de Chiara - a ruptura forçada das relações que começava a ter na escola com colegas a partir dos cinco anos de idade. Mas esse sofrimento não significou desvalorização ou humilhação, assim como as suas nacionalidades – a suíça, porque a Suíça é um país rico, e a portuguesa, porque Chiara não viveu nunca em ambientes ou países em que a nacionalidade portuguesa fosse estigmatizada – Chiara aprendeu a tirar partido dessa história de mobilidade como algo que a valoriza e distingue. Hoje, no meio universitário, Chiara sente que a sua história é um factor de valorização identitária. Essa é a sua fronteira, relativamente aos demais. O seu valor distinto e distintivo.

A felicidade e a criação de laços de pertença, parecem estar relacionados e serem uma condição essencial ao processo de inserção e adaptação ao país de acolhimento, quer no sucesso dessa adaptação, quer na criação de laços com o novo contexto, com o novo lugar. Isso verifica-se nos depoimentos dos entrevistados e no modo como falam, nas suas narrativas, dos seus vínculos ao contexto de acolhimento.

Sou do Brasil mas quero ser portuguesa e ter direitos: Pertença e cidadania

Evelina chegou a Portugal em 2004. Deixou os filhos (um rapaz e uma rapariga) no Brasil entregues à mãe, depois de se ter divorciado. Não foi fácil a chegada, o primeiro trabalho, lidar com o que os portugueses pensam das mulheres brasileiras.

Veio para trabalhar dois anos e depois voltar para se juntar à família no Brasil. Mas a coisa proporcionou-se de outra maneira. Conheceu um homem que gostou “verdadeiramente dela” e que quis casar com ela, de nacionalidade portuguesa. Casaram e entretanto a vida já deu outras voltas. Tem trabalho que vai gerindo e arranjando conforme o tempo que tem ou o dinheiro que vai precisando. O tempo já não é pensado em função da duração da estadia, mas em função das tarefas que o dia-a-dia exige e que o futuro pede para melhorar a vida. Acompanhar os meninos na escola, que entretanto já se lhe juntaram, conseguir dinheiro para ajudar o marido nas despesas da casa e da família, tirar a carta para ter alguma autonomia e retomar o estudo aqui, para se valorizar profissionalmente. O Brasil é, agora, só para férias. Aqui ganhou uma família, um país e um futuro, já não quer ir para o Brasil. Tem muitas saudades da mãe, queria tê-la ao pé de si, mas a avó tem já muita idade e não pode ficar sozinha.

“Onde é a sua casa?”, perguntei – *“a minha casa cá em Portugal ou no Brasil?”* responde Evelina. A sua casa é agora em Portugal, no Bom Sucesso, diz. No Brasil tem uma casa em Goianha, mas já não pensa morar lá. Evelina levou o marido ao Brasil, para conhecer a terra, o país e a sua família, que ia passar a ser também a dele. Ele gostou tanto que manifestou o desejo de ir viver para lá. Agora é uma confusão, ele quer ir para o Brasil mas ela não, quer ficar em Portugal. Evelina explica: *“ele diz isso porque foi a passeio, não é? Não viveu lá... por isso adorou tudo”*. Adivinham-se na palavras de Evelina as dificuldades e a falta de oportunidade e de realização, tal como nas de Silvânia.

À pergunta “de onde é?” Evelina responde: *“Sou do Brasil, sou brasileira”*, isso não lhe levanta qualquer dúvida. Ela acha que as pessoas percebem logo que é brasileira quando olham para ela, mas estar casada com um português dá-lhe a possibilidade de pedir a nacionalidade portuguesa, o que quer também pedir para os filhos, logo que possa. É importante, isso, para viver, trabalhar e ter direitos.

Quando a gente chega nos lugares, eles logo nos perguntam, aí... como é que dizem, “Tem...tem, residência?” se não tiver, já é descartada logo do emprego. E se não tem, aí às vezes também dizem “Tem ‘visto’?” às vezes até brincamos – Temos, temos. Temos visto muita coisa – (risos). Mas é verdade, se não tem “visto”, já é descartada dos empregos.

Os filhos estão a dar-se bem aqui e devem gostar da felicidade da mãe, essencialmente. Pergunto-lhe se não têm saudades do Brasil – *Têm saudades do pai.*

Do resto, não têm muitas. Mas também, eles ainda estão a se adaptar, como estão assim há pouquinho tempo, então eles estão mais assim a querer matar saudades da mãe (risos). Estão a me chocar (risos). Agora eles é que são a galinha.

Agora que está a família praticamente toda reunida, já é mais fácil. O sofrimento, no início, foi grande. O facto de Evelina se sentir bem aqui e poder ter os filhos a crescer em segurança é um factor que pesou e pesa na decisão de escolher viver em Portugal. São importantes os filhos, é importante pensar e sentir que existe futuro. Evelina é brasileira e sente-se brasileira, não tem qualquer dúvida nisso, mas quer ter a nacionalidade portuguesa, quer dizer, quer ser portuguesa também. Evelina vê nisso um benefício. Portugal não lhe deu tudo “de mão beijada”, mas permitiu-lhe refazer a sua vida, trazer os filhos, e está a pensar investir na sua formação. No seu país, de que ela muito gosta, isso não lhe teria sido proporcionado. É esta a convicção de Evelina, por isso, apesar de se sentir e orgulhar de ser brasileira – ela quer também ser portuguesa pelas vantagens pessoais que isso lhe traz.

***Sou da Guiné e sou de Portugal, o coração está dividido:
Entre a casa “segurança” e a casa “santuário”***

Carlos é analista financeiro e tem vinte e seis anos. Podia trabalhar agora nos Estados Unidos, no Banco Mundial, mas não se adaptou. Achou um país fantástico, mas

não quis ficar. Carlos tem dupla nacionalidade: é português e guineense. À pergunta “De onde és?” Carlos responde: “*o coração está dividido, não pode escolher*”.

É difícil. É muito difícil. Eu...sou da Guiné. É de onde eu sou. Sou da Guiné porque ... sou da Guiné e sou de Portugal porque a minha infância está dividida entre os dois. É uma mistura, eu não posso dizer que sou só da Guiné, porque eu tenho bons amigos lá, mas também tenho bons amigos cá. E é difícil, está dividido, o coração está dividido, não pode escolher. Tem boas coisas lá e tem boas coisas cá.

Carlos apresenta uma história de mobilidade desde os seus ascendentes. A mãe tem ascendência libanesa, mas já nasceu na Guiné-Bissau, apesar de ter estudado em Cuba. A sua vida (mãe de Carlos) tem-na dividido entre a Guiné e Portugal (onde vive a avó materna de Carlos) mas estudou em Cuba, onde concluiu os seus estudos superiores. Aliás, foi em Cuba que ela teve Carlos, o seu primeiro filho, e foi onde este viveu até aos seis meses de idade. Depois disso, a vida de Carlos tem oscilado entre a Guiné, Portugal e Londres, onde estudou e concluiu a sua licenciatura em Negócios Internacionais. O pai nasceu na Guiné, mas tem nacionalidade portuguesa. Grande parte da família do pai encontra-se em Londres, um importante suporte para Carlos quando lá estudou.

Pergunto-lhe como é esse permanente atravessar de fronteiras, se há diferenças significativas que o obriguem a um esforço de adaptação, se há negociações a fazer e qual foi o sítio mais difícil em termos dessa negociação. Carlos diz que sim, que há sempre uma necessidade de preparação ou negociação em mudanças de contexto.

É difícil, muito difícil. (...) em Londres. (...) Pode ter sido uma má percepção minha, mas foi a maneira como eles olhavam para a família e o respeito que eles mostravam pelos mais velhos. Não é uma coisa por que se devem sentir orgulhosos e isso para mim, foi o mais difícil de adaptar e de aceitar e... de saber viver com aquilo. Via pessoas a insultarem os pais e pra mim não faz sentido nenhum, aquilo. Porque

para nós os pais estão acima do próprio Deus, primeiro estão os pais e depois a seguir é que está Deus. Foi muito difícil adaptarmo-nos a isso. Mas ...adaptámos.

É interessante este apego e deferência relativamente à família porque Carlos cresceu longe da sua família nuclear. Embora sempre em contacto com os seus familiares, mas a maioria do tempo sozinho, em casas que habitava só, ou com os irmãos. Também Carlos revela um apego e um desejo de pertença e de proximidade com a sua família e a sua origem guineense, sendo que uma serve de suporte à outra e vice-versa, como veremos adiante.

Eu tento estar o mais perto da família através das coisas antigas, das recordações, dos planos que eu faço é tudo a pensar na família, no futuro. Através de cartas, eu dou muito valor às cartas...aos telefonemas sim, em caso de urgência, mas eu prefiro escrever uma carta, porque é uma coisa que eu posso ver e depois pegar com as próprias mãos, é uma coisa material. Pra mim é muito importante e sempre que estamos juntos, eu tento que seja especial, sem confusões sem brigas...

E de que modo se articulam todas as vivências, que traz na bagagem, todos os valores que transporta, todas as fronteiras que atravessou? Como é ser de algum lugar em cada um desses lugares? Carlos respondeu parcialmente a esta pergunta quando lhe perguntei na sua casa em Alverca de onde é que ele era. Mas a pergunta pode pedir outras coordenadas. Se, em Londres, lhe perguntarem “de onde és?”, o que tem Carlos a responder?

Eu, a nacionalidade, sempre disse que era português mas sempre explicava que a minha família vinha da Guiné e... tinha muitas, muitas misturas e a nossa cultura e tradição não se podia considerar só guineense, mas muito misturada.

Branços prós pretos, pretos para os brancos:
dilemas dos filhos terra quando retornam

Mas e se a pergunta é feita na Guiné, isso facilita ou dificulta as coisas?

*Há um pequeno grande problema na Guiné, que é relacionado com as pessoas da nossa cor. Não são escuras, são meio-termo. E na Guiné, as pessoas antigas, as pessoas mais velhas que não me conhecem, olham pra mim e consideram-me estrangeiro, **não me consideram da terra**. Isso infelizmente acontece em toda a África e isso é chocante, porque **nós não somos pretos pra eles, nós somos brancos e prós brancos nós somos pretos e então nós consideramos a terra nossa, mas eles não nos consideram parte deles e isso é muito, muito, muito triste**. Então, eu, pelo menos, tento fugir a isso, tentando procurar sempre de onde é que a minha família veio, tentando procurar sempre o mais atrás na procura das ligações, então onde é que tudo começou, até ter chegado à Guiné.*

Carlos realça um sentimento de rejeição que o acompanha para onde quer que vá, mas que ele sente e acusa com uma maior carga dramática relativamente aos seus conterrâneos, na Guiné. Esta denúncia, enuncia só por si, uma “ideologia”. É, notoriamente, à sua nacionalidade africana que atribui a sua origem, daí, a razão de esta denúncia ser localizada – a Guiné – e, embora se adivinhe essa hostilização tanto na Europa, como em África, é na sua terra que se sente “banido”, excluído. Transcrevo aqui um trecho que Hannerz (1997, *Fluxos, Fronteiras e Híbridos*: 24) divulga, no seu capítulo “*Híbridos e outras palavras que expressam mistura*”²⁵:

“É uma sensação peculiar, essa dupla consciência, esse sentimento de estarmos sempre olhando para nós mesmos com os olhos dos outros, de medirmos nossa alma pelo padrão de um mundo que nos observa com piedade e sorridente desprezo. Sente-se sempre a própria duplicidade – um americano, um negro; duas almas, dois pensamentos,

²⁵ O trecho é da autoria de W. E. B. DuBois (1961 [1903]: 16-17), escritor afro-americano, retirado do livro *The Souls of Black Folk*.

dois conflitos inconciliáveis; dois ideais em luta, num mesmo corpo escuro, cuja força obstinada impede de dilacerar-se.”

Há um drama contido nesta problemática do hibridismo, da miscigenação, da mistura, ou da criouliização, que tem sido tratado ora como a manifestação incontornável da impureza [que a própria origem de palavras que significam miscigenado como mulato, cabrita e outros denunciam (Vale de Almeida, 2000; Hannerz, 1997)] ora como o prenúncio do homem novo, de que Gilberto Freyre se tornou num dos ideólogos mais entusiastas (com o luso-tropicalismo²⁶) da primeira metade do século XX. A Antropologia veio afinal, (apesar do “pecado original” do seu nascimento no berço corrupto do colonialismo) contribuir de modo decisivo para a valorização da diferença e do intercâmbio, da mistura, da conexão e interação, denunciando como uma utopia delirante as “culturas puras” (Jean Copans, 1974; Vale de Almeida, 2000; Hannerz, 1997). No entanto, é muitas vezes em África (ou no território outrora colonizado), onde o híbrido aparece como a marca indelével do colonialismo, onde a mácula da mistura com o colonizador é indisfarçável. Como se essa dualidade de que fala DuBois de se ser africano e americano ao mesmo tempo, ou, no caso, africano e português, fosse simultaneamente uma dolorosa negação de uma e de outra coisa, transportando irremediavelmente, dentro de si, os dois conflitos inconciliáveis, os dois ideais em luta, como refere DuBois, num corpo que é escuro (de mais) num dos lados da fronteira e, não é escuro (o suficiente) no outro lado dessa mesma fronteira.

Quando lhe pergunto onde mora, ou mesmo onde passa a maior parte da sua vida, Carlos não hesita em responder “*Portugal*”, apesar das permanentes idas e vindas, e das estadias prolongadas que faz em cada um desses sítios por onde se move. “Afinal o que é a Guiné para ti, neste mapa de coordenadas tão diversas e dispersas?”

²⁶ São muitos os teóricos que analisaram e criticaram o luso-tropicalismo de Freyre, mas destaco aqui Alfredo Bosi (1992) que denuncia a epopeia miscigenadora dos portugueses como **falocrática**, pois apenas se verificava e era admitida no sentido do senhor branco, com as escravas e nunca da senhora branca com os escravos.

A Guiné ...a Guiné pra mim é o ponto de partida. Eu vejo a Guiné como se fosse o meu santuário. Sempre que eu preciso de ganhar mais energias ou sempre que eu preciso de fazer uma nova experiência eu tenho que ir sempre à Guiné, pra ver como é que é a realidade lá, pra ver de onde é que eu comecei, de onde é que eu venho, principalmente de onde é que a minha família vem e, só depois é que sinto ...sinto com coragem e sinto-me determinado a fazer o que eu tiver a fazer. Tenho sempre de ir é como se fosse uma tradição. É minha. Isso, só eu é que faço, na minha família. Sempre que eu tiver... qualquer uma das viagens que eu fiz, eu tive sempre que ir à Guiné antes.

A Guiné assume aqui, o valor de um lugar mítico ou sagrado, o lugar onde tudo começou e onde tudo tem de voltar, recomeçar, uma fonte de renovação e revitalização cíclica. Não admira que à pergunta “o que é para ti a Guiné, é um país, uma terra, uma casa, um território?” Carlos enfatize:

(...) a Guiné pra mim, como país, não é nada, é mais o que simboliza, pra mim. Eu quando lá estou nunca saio de casa. Estou sempre dentro de casa. É estranho isso e sempre que eu lá vou, quero ir embora no dia seguinte.

A Guiné parece estar investida do significado da origem, mesmo que o acto do nascimento não tenha ocorrido ali, nem o tempo imediatamente a seguir, mas é ali que parece encontrar-se o sentido fundador da sua vida. Precisa sentir que aquilo existe, que lá está quando ele precisa para adquirir alguma tranquilidade, mas não pode lá viver. Depois de lá ir, de ver, de sentir, de tocar, pode vir embora imediatamente. O que lá encontra só ele sabe, mas parece serem duas coisas completamente diferentes – uma que o alimenta espiritualmente e sem a qual não pode passar e outra que o desilude e até o inquieta, que ele não pode suportar nem viver com. Essa atracção por aquele lugar realça, também, o desejo de pertença que podemos relacionar mais uma vez com a ausência e o afastamento efectivo da Guiné relativamente à sua vida. Este desejo de pertença é sustentado por uma idealização que se alimenta exactamente da distância e de uma exacerbação que só é possível graças ao afastamento da realidade, uma

realidade, que é feita de sofrimento, de conflito social, de profundas desigualdades e de violência que o desgostam “a Guiné não é assim tão pacífica. Existe um grande contraste entre as sociedades. Em África é assim mesmo, nós vivemos em casa e as casas parecem cadeias e à noite, tem que se ter guarda armada e cães e...” esta realidade é impossível de suportar para Carlos, por isso não fica lá. Mas vivendo longe dela, pode idealizá-la, despojá-la de tudo o que tem de real, de negativo, e conservar apenas o seu lado originário ou fundador, como se de um santuário se tratasse. Em oposição a isso, Portugal e Londres são a realidade. Em Portugal sente que tem a sua casa. Em Londres passou os cinco piores anos da sua vida quando esteve lá a estudar.

Quando eu estava em Londres e precisava de ganhar energias, eu vinha sempre pra Portugal. Às vezes eu estava cá e ninguém sabia, eu vinha mesmo só dois, três dias e ia-me embora. Era mesmo vir aqui respirar um bocadinho e ir outra vez para a guerra. Portugal não pretendo deixar (...) Cada vez que eu chego cá e ponho a chave na porta, stop. Parou tudo. Cheguei. Cheguei ao mundo. Isto é meu. Aqui quem controla tudo, sou eu. É a paz, é a segurança, é saber que ninguém tem acesso a isto, é nosso e ninguém controla. Estamos em Londres, estamos em Angola, estamos na Holanda ou nos Estados Unidos, ok, estamos de passagem. Mas tal dia é arrumar as malas e partir. Chegamos aqui, sabemos que é nosso.

Carlos sente-se guineense e português, mas tem uma relação diferente com as duas pátrias. Não nasceu em nenhuma delas, mas ambas têm o estatuto de casa, no sentido da ‘home’. Como vimos atrás, em outros depoimentos, é possível alguém sentir-se em casa sem sentir identificação com o lugar ou desenvolver sentimentos de pertença (Tatsoglou, 2006). Mas este “sentir-se em casa” de Carlos tem a ver com sentimentos de identificação e de segurança. Divide-se, no entanto, em sentimentos diferentes relativamente a cada nacionalidade. Portugal é, efectivamente, a sua casa onde Carlos trabalha e passa a maior parte do seu tempo. Onde vem descansar e recompor-se. A Guiné é o lugar mítico, o espaço fundador da sua existência. Um espaço onde ele tem sempre que voltar nas alturas críticas da sua vida. Não pode, no entanto, lá viver. Não

tem sossego, e traz-lhe sofrimento. Lá, sente que está entre os dele, mas estes não o reconhecem como tal – os guineenses acham que ele é branco, mas quando está entre os brancos, os brancos acham que ele é preto. Carlos não contou nenhum episódio em que tivesse sido vítima de atitudes racistas, mas adivinha-se que Carlos nos quer dizer que ser preto em terra de brancos não é fácil como também não o é ser branco em terra de pretos, ou não se sentir uma coisa nem outra e estar sempre fora, do lado errado. Ser guineense para Carlos é a sua fronteira, aquela que o delimita daqueles com quem ele se identifica – os portugueses – mas que não o reconhecem habitualmente como um deles. Mas também na Guiné a sua identidade portuguesa o protege da rejeição daqueles que o não reconhecem como um dos seus. A sua nacionalidade tem aqui um capital identitário de demarcação e preservação do próprio indivíduo. Estas são as fronteiras que ele transporta, que o definem como ele quer, onde ele quer, que o defendem, que o protegem.

Quando você tem maneira de dominar aquele lugar, ele te pertence:

Vencer na vida, dominar lugares, pertencer

Ana Lúcia está em Portugal há menos de quatro anos. Era professora de História no Brasil. Quis fazer uma Pós-Graduação e uma colega falou-lhe num curso de Mestrado da Universidade Nova de Lisboa. Nessa altura estava a separar-se e havia mudanças que eram inevitáveis na sua vida. Antes de decidir vir para Portugal tentou a sua transferência para uma cidade maior do que aquela onde vivia, mas quando se informou de como era aquela cidade, um primo, que lá morava, explicou-lhe que a escola que Ana Lúcia escolhera para leccionar ficava na periferia da cidade, era mau para apanhar transportes no final do dia e viver lá perto também não lhe parecia boa ideia – a zona podia ser um pouco perigosa. Ana Lúcia informou-se então sobre o Mestrado da Universidade Nova de Lisboa, candidatou-se e entrou. Veio com a sua irmã mais nova e com os seus dois filhos, um de nove e outra de dezasseis anos. Não conhecia ninguém, nem tinha qualquer referência. Chegou e arranjou casa na Penha de França, onde viveu seis meses. Mudou-se depois para a R. Paiva Couceiro e é nessa

zona que gosta de morar. Os filhos adaptaram-se bem e gostam de estar em Portugal. Ana Lúcia é brasileira do Estado de S. Paulo e vivia numa pequena cidade – Matão. Arrendar uma casa é para ela uma coisa estranha, uma vez que no Brasil ela é proprietária da casa onde vivia. No entanto, quando lhe pergunto onde é a sua casa, ela não hesita – é em Lisboa. Mesmo morando numa casa arrendada e sendo proprietária de uma casa no Brasil?

Está arrendada e está à espera de uma oportunidade para ser vendida (...) quero vender aquela, no dia que tiver uma outra aqui que possa ser comprada, quero trocar uma casa por uma casa, não quero vender e perder, porque eu sei que quando eu trazer o dinheiro de lá pra cá, aquilo vai ser como trocar três por um, então quero mesmo que venha directamente pra uma outra casa, quero que seja o começo de uma outra casa, vamos dizer assim...

Pergunto-lhe quando pensa ir ao Brasil, mas isso não faz parte dos planos de Ana Lúcia, apesar de os pais estarem lá. “*Eles vêm aqui*” diz Ana Lúcia. Se voltasse iria para lá “*como turista*”, “*pra conhecer lugares que gostaria de conhecer, não ia pra minha terra...*” O Brasil é hoje para ela, a casa “*distante*” dos seus pais.

“Também porque talvez não tenha saudades daquele espaço e não era um espaço que eu quisesse voltar, por exemplo, eu não consigo me imaginar agora a voltar a morar na minha cidade, a cidade de que eu saí é simplesmente a cidade onde os meus pais moram, mesmo quando a minha mãe fala da minha casa lá, parece-me distante”.

Hoje conhece mais cidades de Portugal e locais de interesse além de Lisboa. Viaja para conhecer sempre que pode, afinal talvez já conheça mais de Portugal do que do Brasil. Decidiu ficar em Portugal quando, no fim de dois anos ela teve de decidir ficar ou partir. Apesar da vida complicada entre trabalhos de cuidados a uma idosa e trabalhos domésticos à tentativa de obtenção de autorização de residência, a filha a completar dezoito anos e a perspectiva de ida ao Brasil para tratar da legalização da

filha, o que poria em causa a possibilidade de trazer novamente o filho consigo, decidiu ficar e orientar todo o seu esforço de vida nesse sentido.

Acho que os lugares é que nos pertencem. A partir do momento que você se apropria desse lugar, a partir do momento que conhece ele e sabe se movimentar nele, ele te pertence (...) apropriar-se de um lugar, sim, é mesmo assim que me sinto, quando digo isso é nesse sentido, quando você tem maneira de dominar aquele lugar de o ter sob controle, vamos dizer assim...

Ana Lúcia pode dizer-se brasileira, mas o sítio de onde sente que é, é de Lisboa. “Lisboa é a minha cidade”, diz. Porque escolheu Lisboa para viver, quando teve de decidir o que ia fazer relativamente a ficar ou a partir de novo para o Brasil. Dir-se-ia que o modo como se organizou e conseguiu atingir projectos de realização pessoal em Lisboa, comprovativos da sua possibilidade de controlar a sua vida, foi concomitante com a descoberta de que “tem maneira de dominar” a cidade, de a ter “sob controle”.

“no Brasil tinha as coisas como certas e como garantidas, enquanto que aqui, não. Tive que me organizar para conseguir as coisas (...) sinto que foram vitórias minhas”.

É claro o sentimento de realização que Ana Lúcia associa a Portugal e particularmente Lisboa. Lisboa é hoje a sua cidade, a sua capital. É sua porque é lá que vive, mas é também sua porque a conhece, percorre, domina. Antes de vir para Portugal, Ana Lúcia tinha em vista transferir-se para uma cidade do interior do Brasil, maior que Matão, a cidade onde viveu sempre com os filhos e o marido. Acabou por se informar que a escola ficava num ponto crítico da cidade, que não lhe oferecia segurança para trabalhar nem para viver. Ana Lúcia sentiu que corria risco nessa cidade. Sentir-se em risco, ou não se sentir segura, equivale a perder o controlo da sua vida. Exactamente aquilo que Ana Lúcia recuperou em Portugal e particularmente em Lisboa. Da mesma forma, Andreia sente que não faz parte daquela realidade (cidade de Santos – Brasil)

porque não pode percorrer a cidade sozinha (sentir-se-ia em perigo) e portanto não conhece, não se relaciona, não se inclui. Também Ana Lúcia teve de sair de Matão, uma cidade pequena onde todos a conheciam e teriam uma opinião sobre a sua vida, coisa que ela sentia como asfixiante e não podia suportar, sobretudo depois de se divorciar. Lisboa permitiu-lhe tomar de novo as rédeas da sua vida. Não por ter sido fácil conseguir recuperar a sua profissão (professora), ou por ter sido fácil concluir os seus estudos de Mestrado, mas porque lhe ofereceu um espaço, onde sediou a sua vida, a partir do qual restabeleceu os seus laços familiares, sociais, profissionais, reconstruiu a(s) sua(s) identidade(s). Voltou a ser dona da sua vida. Poder movimentar-se nesta cidade de modo a conhecê-la, a utilizá-la, a construir de novo a sua ‘home’, a restabelecer novos laços sociais e a restabelecer a sua possibilidade de escolha, é aquilo a que Ana Lúcia chama de “*apropriar-se de um lugar*”, “*de o dominar*” “*de o ter sob controle*”.

Fronteiras e Poder

É interessante esta explicação de Ana Lúcia, porque acrescenta uma outra função social ao espaço sedentarizado, reterritorializado – a função do poder. Tölölyan (2001) refere isso no seu estudo sob a diáspora arménia²⁷. Grupos diaspóricos, restabelecem e empreendem a sua vida individual, familiar, económica, social, cultural e religiosa a partir de um espaço que serve de base às suas actividades, aos seus relacionamentos, à produção de relações de vizinhança e mesmo de influência. Portes (1986 e 2001) descreve-nos várias situações em que isso se verifica, naquilo a que ele denomina os enclaves de imigrantes, no estudo que realiza sobre modos de incorporação – os judeus em Manhattan, no final do século XIX, os japoneses na Costa Oeste no início do século XX – mas também no seu estudo de imigrantes de segunda geração²⁸

27 TÖLÖLYAN, Khachig (2001) *Elites and Institutions in The Armenian Transnation, Diáspora*, Vol. 9, Nº1.

28 Portes, Alejandro (2001), *Estudos sobre as migrações contemporâneas*, Capítulo III, Fim de Século, EDIÇÕES (2006), Lisboa

nos Estados Unidos da América, ele fala de estratégias de incorporação, de grupos e sujeitos de débil capital social e identitário²⁹.

Estas estratégias passam pela apropriação de um espaço, que pode ser uma casa, uma esquina, uma rua, ou um bairro e mais tarde uma cidade, que servem para a sedentarização de uma família, uma etnia, um grupo diaspórico, onde os seus membros são recebidos, ajudados, protegidos, dando origem às economias de enclave e ao fortalecimento destes grupos ou famílias que se instalam e delimitam esse espaço vedando-o a outros grupos ou etnias, protegendo os negócios do enclave, protegendo os seus membros, desenvolvendo teias de influência, patrocinando actividades ou personalidades influentes a partir do interior desses enclaves. Esses enclaves são delimitados por fronteiras. São fronteiras étnicas e culturais onde se ensaia um modelo de organização social (Barth, 1976), onde se empregam apenas os membros do grupo, onde se estabelecem laços e práticas de entreajuda aos membros recém-chegados, dentro das quais se ensaiam relações de poder com o objectivo de fortalecer narcisicamente sujeitos ou grupos, e de produzir a coesão do grupo (através de práticas desportivas, culturais, de entretenimento [Tölölyan, 2001; Brinca, 2002]) e orgulho étnico ou identitário, através de propaganda que mantém viva a memória de acontecimentos históricos de conflito, exclusão ou perseguição³⁰ (Tölölyan, 2001; José Mapril, 2002; Gilroy, 1994, em Mapril, 2002). Quando Ana Lúcia fala de sentimentos de pertença a partir de um espaço que se controla, que se domina e a partir do qual se constrói a nova ‘home’, se reconstroem identidades, se restabelecem relações sociais, ela tem consciência do poder que esse espaço (apropriado) lhe dá³¹ (Edward T. Hall, 1974) para recomeçar a sua vida, as suas relações, reconstruir a(s) sua(s) identidade(s).

²⁹ Como judeus, vietnamitas, chineses, bolivianos e outros imigrantes da Ásia ou da América latina, que chegam aos Estados Unidos, vindos de uma cultura estigmatizada, ou sem escolaridade e formação técnica, vindos de grupos sociais desfavorecidos e sem conhecimento do inglês.

³⁰ A memória, a recordação, a celebração são mecanismos de reprodução de uma consciência de diáspora.

³¹ Edward T. Hall (1966) na sua obra *The Hidden Dimension*, define territorialidade, “como um conceito de base no estudo do comportamento animal (...) como o comportamento característico adoptado por um organismo para tomar posse de um território, defendendo-o contra os membros da sua própria espécie” [Ed. Port. (1986), *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio d’Água, p.19]

Quando ela fala de “*apropriar-se de um espaço*” e de “*tê-lo sob controle*”, está a falar do oposto que acontecia na sua cidade Matão, ou em Limeira, na cidade para onde decidiu mudar antes de vir para Portugal. Aí, ao contrário, era Ana Lúcia que se sentia controlada, dominada pelo espaço em que vivia. A “pequenez” da cidade e a falta de oportunidades fizeram-na sentir-se asfixiada, “sem saída”, assim como Limeira, a assustava pela falta de segurança para si e para os filhos que iriam viver com ela.

Quando Ana Lúcia fala com satisfação da sua cidade – de Lisboa – que ela habita, que conhece, que escolhe, de que “*se apropriou*” e “*que tem sob controle*” ela sabe que esse facto lhe permitiu tomar as rédeas da sua vida, quer dizer, restituiu-lhe o poder, o controlo sobre a sua vida. Quando Ana Lúcia escolhe o que quer da sua cidade porque a conhece, porque a controla e toma dela o que lhe interessa para servir a sua estratégia de inserção e os seus objectivos de vida a médio e longo prazo, está a ensaiar relações de poder com a sua nova realidade e envolvente. Está a estabelecer o seu campo de acção, ao mesmo tempo que constrói as suas fronteiras.

As fronteiras podem ser físicas, geográficas ou políticas e podem ser culturais, sociais e egóicas. Protegem grupos, etnias e sujeitos. A ideia de fronteira, não corresponde a trincheira, ou fosso a partir do qual se ataca ou se empreende a defesa de um ataque. Fronteiras são linhas de demarcação, são limites (Hannerz, 1997) que afirmam descontinuidades, margens, diferenças mas também identificações e identidades. Têm como função a preservação de sujeitos ou grupos e dos seus territórios, geográficos, políticos culturais, egóicos, com vista à defesa do seu espaço vital de existência, do seu o seu fortalecimento narcísico e identitário, quer seja do grupo, quer seja dos indivíduos. Esse fortalecimento significa poder e equilíbrio nas trocas com o Outro que está fora dessas fronteiras, seja esse Outro o grupo que vive do outro lado da fronteira, seja a maioria de acolhimento, ou uma minoria expressiva.

Se me identificar como uma portuguesa, eu estou esquecendo as minhas origens, se me identificar como brasileira, deixo de ser tudo aquilo que gosto nos portugueses: estratégias para não esquecer nem perder

Márcia chegou a Portugal em 1990, mas Portugal não era o seu destino. Era apenas o trampolim de acesso à Europa, uma Europa rica com outras oportunidades. Não conhecia Portugal, nem havia internet para obter informação facilmente. Veio com um casal e uma meia-irmã. A ideia era seguirem para Londres logo que conseguissem o visto ou uma autorização de residência para poderem viajar a partir de Portugal. Ficaram juntos, já que seguiriam juntos também. Quando tratou do processo de autorização de residência foi-lhe explicado que, com o impresso desse pedido, podia procurar emprego e mesmo sair do país. Márcia percebeu que tinha de trabalhar para viver e para conseguir dinheiro que lhe permitisse sair de Portugal para algum outro lugar. Começaram a comprar o Expresso, para procurar os anúncios de emprego e responder aos que interessavam. Não sabe o que teria acontecido se não houvesse tanta burocracia em Portugal, mas quando a autorização de residência chegou, ao fim de dois anos e meio, estava no Brasil, na primeira visita que fizera à família desde a sua saída do Brasil. Nessa altura, já muita coisa tinha acontecido, Márcia arranjava um emprego onde ganhava muito bem e já vivia até com o namorado, português, com quem veio a casar algum tempo depois. Foi ele quem a avisou da chegada da autorização de residência. Três anos depois do casamento, em 1996, nascia em Portugal o filho de Márcia.

Márcia tem quarenta e nove anos, é directora comercial de uma empresa, e possui casa própria. Está para sempre ligada a Portugal, através do seu filho. Refere que desde que chegou (em 1990) Portugal mudou muito:

Foi bastante difícil, porque há dezoito anos atrás, os brasileiros, penso que não como hoje, os brasileiros vinham com uma escolaridade diferente. Os brasileiros vinham com uma formação académica, eram pessoas que tinham outras competências profissionais

do que a maioria dos brasileiros que tem hoje. Nós éramos ainda vistos como estrangeiros. Talvez mais acarinhados, nós éramos menos e éramos muito acarinhados mas é sempre difícil, a adaptação, a própria língua portuguesa, é a mesma mas não é a mesma porque depois há coisas que nós fazemos e falamos que vocês compreendem melhor do que nós, talvez por causa das novelas e tudo o mais. (...)Sente-se um calor agradável por causa da língua, eu acho que a língua é a única coisa que não cria barreira. Mas é difícil, é difícil. No início pra mim foi difícil, cheguei a pensar muitas vezes em voltar. Ora, eu já estava com um bom emprego, e já tinha um namorado firme com quem depois eu me casei. Foram dois factores que me seguraram aqui em Portugal. (...)Naquela época em Portugal, uma mulher brasileira, não é como é hoje, sinónimo de prostituição (...) hoje em dia as mulheres (brasileiras) são ou, na generalidade, são esteticistas, ou empregadas da limpeza, ou são... não sei, têm outras ocupações que não tinha naquela época que eu vim. Eu sou da época dos dentistas, dos publicitários (...)".

Márcia acusa aqui a interiorização das representações e dos estereótipos que afectam de parte a parte a visão que cada um tem do outro (Padilha, 2007) e que é visível, tanto entre as mulheres portuguesas como entre as brasileiras e que gera nestas últimas uma necessidade de demarcação do seu grupo, como veremos em outros depoimentos.

Concluiu o bacharelato em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas. Tem trabalhado na área da publicidade e comercial desde que está em Portugal. No Brasil, trabalhou numa empresa, para desenvolvimento de um projecto, que tinha a função de estágio para avaliação. Depois conheceu um homem por quem se apaixonou e por quem deixou a sua cidade para viver com ele. Mas não resultou e isso trouxe-lhe muito sofrimento. Márcia era muito nova e sentiu que para onde quer que ela fosse iria sempre sentir-se refém daquele amor que estaria tentadoramente à mão mas, no seu sentir, irremediavelmente votado ao fracasso. É aí que ouve uma amiga dizer que vai sair do Brasil, utilizando Portugal para chegar à Inglaterra ou outro país da Europa. Márcia pensa que é a sua oportunidade e é assim que decide vir. A família ficou em choque. Não é costume "*não tem como na Europa o hábito das pessoas emigrarem para a Alemanha, pra França, pra Suíça... nunca; lá no Brasil as pessoas ficam juntas, para o bem e para o*

mal”³². A despedida foi muito dolorosa. No caminho para o aeroporto Márcia disse aos pais que não haveria despedida com abraços ou beijos, nem palavras que evidenciassem aquela separação. Tinha o coração apertado, fragilizado de um amor falhado e dorido por deixar os pais ali e a família, sem compreenderem aquela decisão repentina. Em Portugal sempre manteve contacto com a família e hoje, que Márcia não tem hipótese de viajar todos os anos para lá, porque as viagens estão cada vez mais caras, manda o filho:

Faço questão de ele manter o contacto com a minha origem e o meu filho, se ele é luso-brasileiro, naturalmente é mais luso que brasileiro, mas quero que ele vá ter contacto com as minhas raízes, estou bastante satisfeita por poder proporcionar essa viagem agora para ele, ele só tem doze anos, e fez uma viagem sozinho, mas é aquela aventura, para passar as responsabilidades para ele enquanto ser humano independente que eu quero que ele seja, tanto quanto eu sou, mas também para que ele viva a minha família, que é a família dele(!), sem a minha presença. Que ele não viva as experiências através de mim, vistas pelos meus olhos contadas pelo meu coração. Eu quero que seja ele a viver as experiências e a extrair o que é a minha família, a família dele (...). Por isso eu tenho proporcionado isso.

Pergunto-lhe de onde é: (...) *eu sou de Abrolhos porque eu estou numa ilha no meio do oceano (risos). Eu sou muito dividida, hoje. Porque eu não me considero totalmente brasileira nem totalmente portuguesa. Eu sinto que sou uma pessoa que soube extrair o melhor de Portugal, sem perder o que o Brasil tem de melhor, também. Então se eu me identificar como uma portuguesa, eu estou esquecendo as minhas origens, a minha família toda que está lá, tudo de bom que tem no Brasil e nos brasileiros. Mas também esqueço e deixo de ser tudo aquilo que gosto nos portugueses (...) então eu digo que sou de Abrolhos. Nem cá nem lá, estou no meio.*

Márcia precisa ir ao Brasil “*buscar energia*”, sentir as suas origens, recarregar baterias, matar saudades: (...) *ali eu sinto as minhas raízes à minha volta, eu consigo tirar o*

³² Esta poderá ser uma constatação correcta na região de onde Márcia é originária. Não se verifica, no entanto, em outras regiões do Brasil de onde saem emigrantes para todos os continentes. Os vários estudos que se fazem à imigração brasileira são disso testemunha.

sapato, andar descalça, eu consigo falar com as pessoas à vontade... estou... ali, é como se eu fosse recarregar. Esqueço as roupas, as malas, esqueço tudo, tudo, todas as futilidades, porque é ali que eu vou buscar energia.

O que é voltar às origens, pergunto. *“Poder falar com pessoas que sabem verdadeiramente de onde eu vim, vivemos experiências semelhantes durante uma parte da vida... E de onde veio, que experiências são essas? – Os meus pais trabalhavam na roça e nós íamos ajudar os pais, eu ia com cinco anos para a roça com os meus pais, o meu irmão ia pelo colo, a minha mãe levava o meu irmão pelo colo. Porquê? Porque tinha que fazer a apanha do café, e era naquela altura, tinha que ser naquela altura.*

Quando pergunto onde é a sua casa, Márcia não responde logo. Parece hesitar.

Sabe? Aqui, por exemplo, aqui em Portugal, na minha casa, eu sinto uma espécie de compensação pela minha luta. É o meu mérito, são as minhas coisas, eu gosto de tudo o que eu tenho e luto muito para tê-las, dá-me bem-estar. Na minha terra, eu as tenho de graça. Não me custou nada, é uma questão... talvez de um lado é a força e do outro lado é simplesmente o amor... acho que é por aí.

Pergunto-lhe se há alguma coisa que exija preparação ou negociação pelo facto de atravessar fronteiras, cada vez que vai ao Brasil ou que regressa a Portugal: *É a separação. É sempre a separação. É a separação de qualquer uma das partes que penso que é a mais difícil. A pessoa por mais tempo que viva, a separação dos lugares de que mais gostamos e das pessoas de quem mais gostamos é difícil. Eu tenho sempre que fazer uma preparação anterior da minha ida ao Brasil – daqui não tanto – mas eu já sofro, porque eu sei que depois vou e é uma excitação tão grande, tão grande, mexo com a vida de toda a gente, a minha mãe diz que cada vez que eu chego parece que passa o circo itinerante, aquele circo que passa pela cidade e que faz aquela festa, ela diz tu viras isso tudo. A vida do interior é monótona, não é o Brasil que as pessoas conhecem, o Brasil do litoral, que tem praia, não tem, é uma cidade muito monótona, onde existe calma, paz, sossego, um acontecimento, vira uma manchete nos jornais. E... então como a vida deles é muito rotineira, a nossa ida provoca isso. Como sei que eles ficam muito felizes com a minha ida, eu tenho que me*

preparar porque sei que depois o regresso os deixa muito abatidos. Então eu quando estou lá, já começo a ficar triste, uma semana antes de vir embora, já começo a ficar com o coração apertado, já começo a ficar stressada, porque sei que quando chegar aqui, tenho tanto pra fazer, eu entro na minha vida, na minha luta, mas eu gosto. Eu gosto que quando chego aqui eu volto recarregada sem pensar “eu fui pra lá perder tanto tempo...” não, eu gosto verdadeiramente, mas depois eu penso “ai tenho que trabalhar, tenho que trabalhar, tenho tanta coisa aqui pra fazer” por isso aqui é a minha força, porque aqui eu estou, entre aspas, sozinha, lá é o amor, lá é o aconchego...

Márcia é um caso de adaptação de sucesso, para quem a oscilação entre duas culturas traz vantagens. Márcia compreendeu isso e tira partido desse atravessar de fronteiras. Chegou a Portugal, como ela própria disse, no tempo dos dentistas e dos publicitários. Isso foi vantajoso para ela – conseguiu um emprego bem remunerado e qualificado, em conformidade com a sua formação académica. Mas ela própria estabelece a sua distinção relativamente a quem a recebe, afirmando que é uma brasileira que veio no tempo dos publicitários e dos dentistas – ela é publicitária – numa altura em que a formação em marketing e publicidade era reconhecidamente uma mais-valia nos profissionais, dessa área, brasileiros. Mas ela define a sua fronteira também relativamente aos brasileiros (e especialmente brasileiras) da chamada 2ª vaga: *“há um desgaste da parte dos portugueses, há um desgaste. Os portugueses já não têm, às vezes, muita paciência. Depois começam... com a vinda de brasileiros com outra categoria, às vezes não têm formação, às vezes, não têm... (...) naquela época em Portugal, uma mulher brasileira, não é como é hoje, sinónimo de prostituição– diferenciando-se da escolaridade e aptidões profissionais mas também do seu estrato social: “hoje em dia as mulheres são ou, na generalidade, são esteticistas, ou empregadas da limpeza, ou são... não sei, têm outras ocupações que não tinha naquela época que eu vim. Eu sou da época dos dentistas dos publicitários...”*, onde os estereótipos e uma certa estigmatização estão presentes (Padilha, 2007). Podem ser, de facto, hetero-atribuídos mas são utilizados por Márcia, neste caso, para se diferenciar, estabelecer a sua fronteira, reafirmar a sua mais-valia, a sua vantagem relativamente a um grupo em que ela sabe que corre o risco de ser abrangida – os brasileiros. Por outro lado ela necessita também de afirmar os seus créditos relativamente aos portugueses que a acolhem e que, para o sucesso do seu empreendimento e para sua valorização pessoal, ela precisa que reconheçam

o seu devido valor, para que as trocas que naturalmente necessita fazer com a sociedade de acolhimento não a coloquem em desvantagem. Por isso, ela realça a sua formação adquirida no Brasil, numa altura em que os portugueses não tinham o ensino do marketing no ensino oficial, e que os profissionais brasileiros de marketing e publicidade estavam muito bem cotados no mercado português.

A minha casa é, hoje, aqui. Não tenho dúvida, mas não me identifico com este país: negar a pertença como estratégia de preservação identitária

Nicole é francesa. Está em Portugal desde 1995 mas considera que não decidiu nunca ficar em Portugal – foi ficando. Chegou em 1995 para fazer uma formação depois de ter concluído a sua licenciatura de Tradutora-intérprete no Reino Unido. Atraíram-na as possibilidades de trabalho da Expo'98, numa década em que a Europa se encontrava em contracção e França não lhe garantia grandes perspectivas profissionais. Nicole tem consciência disso.

Foi uma altura de muito trabalho pra mim, o que era uma boa razão pra ficar cá, muito pouco tempo depois disso foi a presidência, da União Europeia, de Portugal, foi mais uma razão para ficar cá e assim os anos foram passando. Eu tive muito trabalho, numa altura em que o resto, da Europa, pelo menos o meu país, estava a atravessar uma fase difícil e eu tinha todas as razões para ficar cá porque eu aqui conseguia um ordenado, para falar claramente.

Nicole conhecia muito bem Portugal, mas a sua experiência em Braga foi muito má. Nicole descreve-a como decepcionante, desesperante, mesmo. Não havia apartamentos mobilados, teve de alugar um quarto, as pessoas eram extremamente preconceituosas: ou não podia usar minissaia, ou não podia receber visitas masculinas, ou não podia tomar muitos banhos, enfim... deparou-se com uma mentalidade muito rural e de interior onde os códigos morais e os hábitos de consumo diferiam daqueles que tinha experienciado em outras cidades quer em França quer no Reino Unido.

A maneira de pensar era completamente arcaica, pra mim (...) Quando eu digo o pensamento é também os comportamentos. E eu quando cheguei a Portugal, não reconheci nada. Nem os valores, com os quais não me identificava, as regras sociais não correspondiam aos meus valores. (...) E passados dez anos, continua a chocar com a minha maneira de pensar e de ser. Num meio pequenino e atrofiado, como eu costumo dizer, como era Braga, era muito pior ainda, as coisas eram amplificadas.

As experiências com o SEF pioraram e amplificaram este desfasamento. Nicole não se define nunca como imigrante, mas como estrangeira, cidadã europeia. Disse-me que já falava português quando chegou a Portugal, mas não explicou porquê, como tinha aprendido nem como conhecia Portugal. Apenas quando perguntei me respondeu que vinha a Portugal desde pequena passar as férias de Verão e ver a avó materna. Pergunto se a mãe é portuguesa, mas Nicole faz questão de explicar que não tem portugueses na família. Nem a mãe, nem a avó materna, nem a irmã dessa avó, a tia-avó, são portuguesas. Angolanas. Angolanas, sim, porque nasceram em Angola, e vieram para Portugal já crescidas. De facto, quando as parentes de Nicole nasceram Angola não existia. Angola era um território colonizado por Portugal, sem existência oficial como país, por isso, a sua mãe, avó e tia-avó, seriam portuguesas ou estariam sujeitas ao estatuto de indigenato, se não pudessem obter a nacionalidade portuguesa. Mas Nicole faz questão de marcar essa fronteira – portuguesa, nunca. Há experiências que são marcantes depois de ter chegado a Portugal. As idas ao SEF, quando tratava da sua autorização de permanência é humilhante. Sentiu-se desconsiderada, desvalorizada, inferiorizada.

Há dez anos atrás, o SEF era terciomundista (...) era um hall, onde estavam 300 pessoas à espera, em filas indiferenciadas, era um caos, era um caos. Absoluto e havia praí umas sete senhas possíveis, com cores diferentes, ninguém pra nos informar, era...era, uma selva. (...) Hoje em dia, o SEF é maravilhoso, para os cidadãos europeus, temos um balcão só para nós, somos atendidos rapidamente, a sala de espera, hoje em dia tem cadeiras para todos e tem um sistema de senha electrónica,

podemos estar calmamente, sem stress sentados com um livro, à espera que chegue o nosso número. Há dez anos atrás, não.

Hoje, Nicole sente-se em casa, em Lisboa. *“Eu em Lisboa estou completamente integrada, tenho as minhas referências, sei onde vou, sei porque é que estou aqui, enfim...tenho o meu dia-a-dia organizado, as minhas actividades, estou completamente integrada”*. Mas sentir-se em casa não parece ter sido suficiente para construir a sua “home” e para desenvolver sentimentos de pertença (Brah, 1996)³³:

“E no entanto, eu não sou daqui”.

Nicole tem razões para estar aqui e conhece-as. Portugal possibilitou-lhe uma actividade profissional promissora. Era um país que conhecia muito bem e para todos os efeitos o país da sua avó, tia-avó e bisavó ou pelo menos o país onde viviam. Era o país da sua família e das férias de infância. Mas quando acabou a sua formação no Reino Unido a mãe de Nicole estava já num estado de doença avançado, uma atrofia do cerebelo, que a prendia a uma cadeira de rodas. Apesar de ter a sua família em Paris, a proximidade com essa realidade que iria irremediavelmente agravar-se, permitia-lhe antever um futuro de grande sofrimento. Um sofrimento impotente que a empurrava para um beco sem saída, de resto, como se tinha tornado a vida do pai desde que a doença se começara a manifestar. Nicole não mencionou este problema nunca mas ele é certamente importante na sua decisão. Poderá não ser da decisão de vir para Portugal,

³³ Brah (1996), distingue claramente o “sentir-se em casa” do sentimento de pertença, que faz com que o imigrante reclame o país de acolhimento como seu. De facto, é possível o sujeito sentir-se em casa no país de acolhimento, mas daí até se sentir envolvido e se identificar com a realidade do país de modo a sentir que esse país é também seu, vai alguma distância. In TASTSOGLOU, Evangelia (2006) “Gender, Migration and Citizenship: Immigrant Women and The Politics of Belonging in the Canadian Maritimes”, Chapter 9, pp. 344-374, in TASTSOGLOU, Evangelia e DOBROWOLSKY, Alexandra (2006) *Women, Migration and Citizenship – Making Local, National and Transnational Connections*, Canadá - Saint Mary’s University, ASHGATE.

mas será com certeza da decisão de não voltar para o seu país. Daí às vantagens de Portugal – um país em crescimento económico (Malheiros, 1996; Bastos e Bastos, 1999; Fonseca, Ormond, Malheiros, Patrício e Martins, 2005) com uma década de investimentos pela frente e que Nicole já conhecia, onde tinha a sua família materna – vai um pequeno passo.

A fronteira de Nicole é a sua nacionalidade. A grande diferença entre ela e a maioria dos constituintes deste painel é que a sua nacionalidade significa pertencer à Europa rica e com poder. O seu discurso distingue-se significativamente do dos outros imigrantes deste estudo. Nicole diz a determinada altura (relativamente ao comportamento e a mentalidade das pessoas de Braga e ao modo como foi tratada) que “*não admitia*³⁴” que lhe dissessem como podia ou devia viver. Há um capital identitário, decorrente da sua nacionalidade de que Nicole tem consciência. Ela utiliza esse capital como diferença permanentemente. Uma diferença que lhe confere vantagens: “*eu sei disso, eu sei disso, porque a realidade das pessoas e a realidade do país, recordam-me isso constantemente. Não por maldade, recordam-me porque o país é como é e eu sou como sou (...) é claro que ao fim de dez anos a pessoa vai recriando a sua família afectiva e (...) e portanto, sim, obviamente que eu aqui recriei o meu mundo afectivo, mas continuo a ter amigos em França, e continuo a ter amigas, com quem tenho conversas que eu não posso ter aqui. (...) E os ritmos de evolução são diferentes, o que faz com que determinados temas sociais estejam na actualidade num sítio do mundo e não estejam noutros. Vou dar um exemplo muito simples, para ilustrar o que eu estou a dizer. Na época em que foi lançada a série “Ally Mcbeal”³⁵ era uma série que corria em França na qual eu me reconhecia e na qual todas as minhas amigas em França, se reconheciam. E cá não. Porque cá ainda não correspondia a uma*

³⁴ Eu já tinha partilhado a minha vida com uma pessoa, já tinha tido casa própria, minha, quer dizer casa própria não de ter comprado, mas de alugar, já tinha tido a minha vida independente, fora da minha casa e longe dos meus “papás”, assumida por mim. E portanto não admiti. Não admiti, que me dissessem quem é que eu podia receber, como e quando. E obviamente que todos estes esquemas e estas propostas foram imediatamente rejeitadas. Em Anexo 11, Entrevista a Nicole, p.3.

³⁵ Ally Mcbeal é uma série sobre a vida de bem sucedida uma advogada que vive em Boston, e procura o par ideal. A série desenvolve-se à volta de um quotidiano urbano com amigos algo excêntricos e bem sucedidos, também.

realidade social, pura e simplesmente! Nas estatísticas, nas sondagens que eu lia das mulheres entre 25 e 35 anos, que eu lia em francês, feitas em França, eu reconhecia-me. Eu reconhecia que fazia parte daqueles números daquelas estatísticas. Aqueles artigos, aquelas sondagens, falavam de mim e eu cá não me reconhecia nos temas abordados. Raramente, rarissimamente.”

Se pensarmos na relação entre as duas nacionalidades, Nicole poderá ter ganho algo em ter escolhido Portugal para viver, pelas possibilidades de trabalho que isso lhe trouxe, mas não sente ter alguma coisa a ganhar na identificação com Portugal. Pelas razões já expostas e, provavelmente, por uma necessidade de demarcação mais subtil que não aparece claramente nas suas palavras. Se pensarmos na relação de Portugal com a França, na segunda metade do século XX, temos de recordar que a França foi o país de destino de grande parte dos emigrantes portugueses da década de 60, oriundos de meios rurais (sem formação escolar ou profissional, muitas das vezes), que tentaram a sua sorte em Paris e outras cidades industrializadas francesas. Durante muito tempo os portugueses foram associados a uma imigração de baixa condição – às porteiras (Silvano, 2002), empregadas domésticas e operários não especializados que executavam os trabalhos mais duros e menos prestigiantes. Esta realidade é certamente bem conhecida por Nicole que nasceu na década de 70. A expressão “ma portugaise” quando utilizada por uma mulher francesa significou durante muito tempo empregada doméstica³⁶. Para Nicole, a identificação com a nacionalidade portuguesa não é valorizante, pelo contrário. A sua fronteira passa por afirmar essa não pertença a uma identidade que Nicole considera desvalorizante. Muito embora se sinta completamente integrada em Portugal, nomeadamente em Lisboa, onde vive, esta integração tem uma dimensão prática uma vez que teve a ver com o conhecimento que necessita para viver e usufruir de uma cidade como Lisboa e, consequentemente, estabelecer uma rede de

³⁶ Um fenómeno de etnicização dos portugueses, como existe hoje relativamente aos brasileiros – um fenómeno que “contribui para a criação de nichos laborais específicos para eles” (Padilla, 2007, “A IMIGRANTE BRASILEIRA EM PORTUGAL: CONSIDERANDO O GÉNERO NA ANÁLISE”), mas por outro lado também empurra tantos homens como mulheres para determinados tipos de trabalho, tornando difícil a quem tem maior formação escolar ou profissional, sair desse tamponamento socioprofissional. In Malheiros (Org.), 2007, *Imigração Brasileira em Portugal*, Observatório da Imigração, Edição ACIDI, I.P.), pp. 113-134.

relações e conhecimentos que lhe permitam uma sedentarização eficaz, isto é, apropriar-se de um território a partir do qual opera – reterritorializar-se. No entanto, essa integração tem essencialmente uma dimensão prática. Nicole tem, certamente, presente a estigmatização da nacionalidade portuguesa, pela sua experiência local (a sua vida em França e o facto de ter sido falante de língua portuguesa e frequentadora de uma escola portuguesa – o que por diversas vezes lhe deve ter proporcionado a pergunta “és portuguesa?” que ela sentia como um atributo negativo. Daí a necessidade permanente de se distanciar da nacionalidade portuguesa, ao contrário de Chiara, por exemplo, a pessoa mais próxima, neste painel, da condição económica e social de Nicole.

Sou um são-tomense que apesar de se sentir africano, se identifica em muitas coisas com os portugueses: identificar também representa escolher

Para André, identificar-se com os portugueses é o seu factor de distinção relativamente aos seus pares e àqueles que exteriormente o identificam (àqueles que lhe conferem uma identificação, neste caso os são-tomenses, como André se define). André vive numa localidade – Vialonga – e num bairro onde há uma numerosa comunidade africana, com forte presença de guineenses e são-tomenses. Não tem habitualmente relações com africanos, tem mais com portugueses, com quem prefere relacionar-se. Não é por uma questão de racismo, segundo André, mas porque se identifica mais com os portugueses, em várias coisas importantes da vida, como no cuidado com a família, por exemplo. Na opinião de André os portugueses, mesmo relativamente a outros povos europeus, são os mais cuidadosos com os filhos e com a família. Sente igualmente proximidade no modo de ver o trabalho e as relações entre as pessoas. André está casado com a mulher dos seus quatro filhos que vivem em Portugal – uma mulher são-tomense. Enviou-a para cá mesmo quando estava, ainda, em Angola (prestando serviço militar, dando aulas, etc.), para que ela estivesse em segurança. Foi sempre tendo contacto com ela – umas vezes ia a mulher a Angola, outras vezes vinha André a Portugal. André escolheu Portugal pela segurança, mas

também pela saúde³⁷, pela educação (André está muito agradecido a Portugal pelo sistema de ensino que lhe proporcionou educação escolar para os filhos – um deles está a estudar gestão no ensino superior), todos os filhos estudam e isso representa para André um ganho que agradece reconhecidamente a Portugal. Cada vez que a sua mulher o visitava em Angola levava os filhos com ela, à medida que estes iam nascendo e que as suas viagens se iam sucedendo. André orgulha-se de a sua mulher ser “mãe-galinha” como os portugueses são. De todos os povos e países que conheceu, nas suas viagens e contactos laborais, nenhum, na opinião de André, se compara aos portugueses no cuidado com os filhos.

Os portugueses têm muita afeição pelos filhos. Quando nasce o primeiro filho, parece que foi um Deus que nasceu. Pronto e eu vejo isso não só por parte da mãe como do pai também. É uma afeição fora de série que as pessoas dificilmente encontram – e André gosta de ter isso em comum com os portugueses. Esta identificação é, de alguma forma, o seu contorno identitário, a forma como André se define, ou gosta de se definir. Usa este contorno para se distinguir dos seus conterrâneos, e dos outros africanos que o envolvem. Para se distinguir deles e afirmar a sua identidade única entre um grupo cuja identidade pode aglutiná-lo (esmagá-lo, na medida em que o invisibiliza, o não distingue dos outros). Neste caso os outros é o Outro próximo, concretizado no bairro social em que vive, na rua ou na cidade em mora, na massa de africanos que aos olhos dos europeus do país de acolhimento tende a ser categorizada e tratada como indistinta. Esse contorno serve para se distinguir daqueles que lhe estão próximos, mas também serve para se afirmar e comunicar com os europeus. Esse contorno ou fronteira, serve para afirmar a sua individualidade, a sua especificidade ou ser único, distinto de todos os Outros. André sabe também que são, à partida, os europeus que lhe propiciam oportunidades de trabalho, de sustento, de acesso a coisas importantes para a sua vida (a um centro de saúde, a uma escola – para os filhos – um empréstimo bancário, à aquisição de uma casa). É para ele importante sentir-se valorizado e que o valorizem de modo a poder obter as coisas que tem em propósito conseguir. Da nacionalidade dos filhos, André diz que os registou como são-tomenses por ser mais fácil (na verdade tendo ele e a mãe das crianças uma nacionalidade estrangeira, não poderiam ter sido registados como portugueses) mas diz que logo que possa

³⁷ A mulher de André fez quatro cesarianas e ele achava e acha que “a saúde católica” é melhor, por isso queria que fosse assistida nos hospitais portugueses.

vai pedir para eles a nacionalidade portuguesa. Há aqui um ganho, que André pensa ter com esta nacionalidade. Exactamente o oposto de Nicole.

Quero ser estilista, pedir a nacionalidade portuguesa e fazer carreira aqui.
Aproveitar a economia paralela para a concretização do projecto migratório.

João é um imigrante não escolarizado e sem uma especialização laboral que chegou do Brasil em 2004. É um imigrante da segunda vaga, que chegou a Portugal com 20 anos. Veio directamente para Vila Franca de Xira onde já viviam uns primos há algum tempo e também a namorada. A escolha da cidade não teve um propósito específico mas pesou o facto de aí poder contar com uma rede de apoio de pessoas que já conhecia e que o chamaram para Portugal. João adorou a cidade por, na sua opinião, se parecer tanto com a sua cidade no Brasil – uma cidade de interior, na proximidade de um rio (como Vila F. Xira e o Tejo), uma zona rural periférica à cidade (como as Lezírias, os montes como o Monte Gordo e a Loja Nova) – não podia ser mais parecido, diz o João, até pelo facto de ser uma cidade calma. João não está legalizado, mas isso não parece trazer-lhe qualquer preocupação, ao contrário do que poderia esperar-se. Foi fácil alojar-se, porque a namorada já estava a arrendar uma casa. “E não teve dificuldades?” perguntei. “*Não, não tive dificuldade. (A casa) É de um senhor policial, muito bacana, muito bacana, mesmo.*”

O facto de ser imigrante ilegal não traz quaisquer problemas a João que há alguns anos está em Portugal e nunca esteve desempregado nem teve problemas com a autoridade³⁸: “*Não. Não tive dificuldade nenhuma. (...) Até hoje, não. Foi tudo belezinha, passei tudo ok, foi tudo jóia. (...) Nunca tive dificuldade, ninguém que me parasse e me perguntasse se eu sou brasileiro, se eu estou legal, se eu estou ilegal, nem, pronto, não tive dificuldade nenhuma.*”

³⁸ Um ano depois de fazer esta entrevista encontrei João que me contou estar a trabalhar na NBP Produções como cozinheiro – uma progressão assinalável para quem começou como empregado de mesa num café. Continuava ilegal (tinha de “*arranjar tempo para tratar das coisas*”) mas isso continuava a não lhe trazer qualquer problema. Contou-me um episódio caricato: uma abordagem na estrada, pela Polícia de Trânsito, apanhou-o a conduzir sem carta. Imaginei uma complicação grave (uma vez que não tinha documentos que pudesse mostrar, já que a sua carta de condução não é válida em Portugal). Mas não, foi multado e ficou de ir pagar a multa mais tarde e mostrar os documentos em falta. Uns dias depois, apresentou-se no posto da PSP, disse que tinha perdido a carta e pagou os 200,00€ de multa.

João quer ficar em Portugal. Se tudo der certo, quer “*seguir um curso de estilismo aqui em Portugal, sobre estilismo... sobre moda... o mundo fashion*” e fazer uma carreira aqui. No Brasil tem o pai, a mãe e a irmã. Tem saudades deles, mas as oportunidades no Brasil são muito escassas “*em Portugal é muito melhor. A saudade é de mais, mas é muito melhor*”. Não quer, por enquanto, pensar em voltar para o Brasil. Em Portugal, desde que chegou, nunca esteve desempregado. Tem mudado de emprego porque as oportunidades têm aparecido e João tem-nas agarrado mudando sempre para empregos mais valorizados e cada vez melhor remunerados. João está, ainda, maravilhado com Portugal. Tem sido tudo fácil para ele. Não começou ainda a estudar mas aquilo que ganha dá para viver e sonhar com aquilo que vai querer fazer. Apesar de adorar o Brasil este não lhe dá saídas profissionais. Para obter um emprego do tipo dos que tem arranjado em Portugal, João tinha que se dirigir às entidades patronais com uma carta de recomendação de patrões anteriores e ter pelo menos três anos de experiência para conseguir um ordenado muito curto. Aqui as pessoas confiam nele, receberam e recebem-no bem, dão-lhe emprego, pagam-lhe e alargam os seus horizontes permitindo-lhe perseguir um sonho. Essa é a melhor coisa que Portugal está a dar ao João. Ele acha tudo fantástico porque a sua inserção tem decorrido sem problemas e em sentido ascendente. Tinha a namorada e os primos que estavam cá e lhe garantiram a ajuda necessária para reiniciar a sua vida³⁹ – casa para morar e um conhecimento prévio do lugar que lhe permitiu arranjar emprego rapidamente. Não parece certo que João tenha vindo para passear, ou “*a passeio*” como ele diz. Pelo contrário, a sua vinda foi pensada e preparada por ele e por quem o recebeu. Ele saiu de um meio pequeno, sem ofertas de oportunidades de emprego e sem perspectivas de melhoria de vida, onde estudar parecia estar fora da rota de João. Hoje, em Portugal, sente-se em casa.

Ser imigrante ilegal não lhe fechou portas ou acesso a empregos, nem o prejudicou em nada. João está agora integrado numa nova comunidade que é a comunidade de imigrantes brasileiros residente em Vila Franca de Xira. É diferente da sua comunidade de brasileiros da terra onde nasceu ou onde viveu até sair do Brasil, mas tem semelhanças.

³⁹ A utilização de redes sociais no projecto migratório é frequente na maioria de imigrantes brasileiros, desde que se inicia o empreendimento da saída do Brasil até à chegada e obtenção de emprego (Padilla, 2007)

Partilham o facto de serem brasileiros, de serem todos da mesma cidade brasileira, de estarem todos a viver na mesma cidade em Portugal, e de terem, todos, empreendido um projecto migratório com estes factores comuns. João tem a noção de que foi essa comunidade que lhe permitiu integrar-se, mas não esquece, igualmente, que é a comunidade de acolhimento – Portugal – que está a proporcionar-lhe oportunidades de integração, através de emprego, remuneração, casa para poder viver e reconstituir a sua “home”.

A estratégia de integração de João passa exactamente pelo contrário da dos outros entrevistados. João esbate as suas fronteiras com todos aqueles com que se relaciona. Há uma certa invisibilidade de que goza com a sua condição de ilegal. Se de início o investigador pode entender essa condição apenas como negativa, uma leitura mais atenta permite-lhe perceber as vantagens que daí advêm⁴⁰. Desde logo pela facilidade com que João fala e apresenta essa condição. Não só não se queixa como parece estar muito satisfeito e cheio de projectos futuros na sua nova realidade. Não se queixa de nada nem faz depender nenhum desses projectos do facto de vir ou não a legalizar-se. É uma questão que nunca coloca. De facto, a falta de documentos não lhe garante um contrato de trabalho, mas esse contrato também lhe imporia obrigações que se saldariam em perdas de oportunidade em alguns momentos. Se João trabalhasse com contrato não poderia saltar de emprego para emprego com a facilidade com que o fez, sem ter de se sujeitar ao aviso prévio com uma antecedência prevista por lei, sujeita a penalizações quando não é respeitada. Esse tempo poderia, em algumas situações, fazê-lo perder a oportunidade. A relativa invisibilidade de João permite-lhe movimentar-se e permeabilizar com facilidade nesses limites em que ensaia a relação com o Outro.

As fronteiras são contornos identitários, ou limites do Eu com que os sujeitos medeiam a sua relação com o Outro ou os diversos Outros com quem têm de se relacionar. Mas se as fronteiras são limites, linhas de demarcação, que afirmam a descontinuidade é,

⁴⁰ É pouco frequente encontrar estudos de caso de processos de inserção bem sucedidos, de imigrantes na condição de ilegais. Pode dever-se a dois motivos: o medo de exposição por parte de imigrantes nesta condição, resultando numa certa ausência para os investigadores; a existência de preconceito na comunidade que se reflecte também na comunidade científica, que tende a olhar estes casos como essencialmente negativos, não havendo, por isso, disponibilidade para o seu tratamento. Há investigadores que mencionam casos de mobilidade ascendente de imigrantes mesmo na condição de ilegais (Padilha, 2007; Martes, 2000, em Padilha, 2007).

por outro lado, através destas linhas que se estabelecem contactos e promovem interacções (Barth 1969, Hannerz, 1997). Esse limite, ou fronteira tem, portanto, três funções essenciais i) preservar o self, condicionando o acesso ao Outro ii) afirmar a sua diferença e individualidade e e iii) promover as trocas, os contactos e interacções com o Outro, sem o qual, esse contorno ou limite seria desprovido de sentido. Há portanto uma permeabilidade (Hannerz fala mesmo em porosidade, 1997) na fronteira que permite e convida a essas trocas, onde se estabelece a relação com o Outro. É nessas trocas e interacções com o Outro que se faz a manutenção da diferença⁴¹ e da alteridade, através de movimentos de afastamento e aproximação, ensaiando ganhos, medindo vantagens e desvantagens com vista a uma interacção dinâmica em que cada sujeito procura ser ganhador.

⁴¹ Barth afirma que mais importante do que saber que traços ou particularidades diferenciam os grupos étnicos, é saber porque essa diferença se mantém e porque acham, os seus actores, importante mantê-la.

Narrativas de pertença – Uma ferramenta de análise

As narrativas de pertença não se esgotam no conceito de identidade mas são discursos de envolvimento emocional, de escolhas, de identificação multi-axial que passam por construções discursivas identitárias (Anthias, 2002; Yuval-Davis, 2006; Tastsoglou, 2006; Bastos e Bastos, 2002). Os constrangimentos e motivações que cada sujeito transporta na sua história de mobilidade são diversos e dependem de contextos e circunstâncias internas e externas complexas. As narrativas de pertença são histórias que os sujeitos contam sobre si próprios, que podem ou não corresponder a histórias vividas. Essas histórias, contadas em nome pessoal, são construções orquestradas pelos sujeitos que as contam sobre si mesmos, para alguém que está disponível para as ouvir. O sujeito tem a liberdade de contar a história que lhe interessa. Anthias⁴² (2002) vê nisso um constrangimento e prefere as narrativas de localização que colocam o informante numa problemática mais neutra. Estas construções discursivas, quer sejam de identidade, de pertença ou de localização são um meio importante de o investigador ter acesso ao modo como os sujeitos entendem e interpretam o posicionamento social e os eixos culturais e sociais que os definem.

Estas narrativas nem sempre são histórias vividas, elas reflectem sobretudo investimentos emocionais e desejo de pertença ou de envolvimento. Nira Yuval-Davis (2006) dá o exemplo de identidades construídas em transição, construídas elas próprias como processos combinados entre o ser e o tornar-se⁴³, entre a pertença e o desejo de pertença – um processo mais alimentado pelo anseio do que por um posicionamento identitário num quadro estável. Esta dualidade reflecte-se nas narrativas de pertença. As

⁴² No seu texto, *Where do I belong? Narrating Collective Identity And Translocational Positionality*, a autora analisa as narrativas de jovens gregos-cipriotas nascidos na Grã-Bretanha sobre as experiências e sentimentos de exclusão (de raça e etnicidade) e o modo como essas experiências influenciam a construção da identidade colectiva. Rejeita o conceito de identidade como ferramenta de análise e introduz o conceito “posicionamento translocal” que desenvolve como ferramenta teórica mais adequada para a análise que pretende.

⁴³ Parece-nos importante esta dinâmica da construção identitária ou, como o discurso identitário se constrói no sentido daquilo em que nos podemos ou queremos “tornar” que é mais importante do que aquilo que somos ou de onde viemos (Hall 1992, em Silvano 2002).

emoções e percepções dos sujeitos mudam conforme a situação e o tempo em que ocorrem, são sensíveis a acontecimentos recentes positivos ou negativos e a acontecimentos marcantes ou traumáticos sofridos ou (assim) sentidos pelos indivíduos em fases cruciais da sua vida, geralmente relacionados com uma fase específica do seu ciclo de vida ou mudança dessas fases (da primeira para a segunda infância, da infância para a adolescência, da adolescência para a adultícia, estado fértil para a menopausa, etc.) influenciando esses discursos, tornando-se mais ou menos evidentes nessas narrativas. De resto, a componente emocional das construções do self e das identidades pessoais tornam-se mais evidentes e centrais quanto mais ameaçados e inseguros os sujeitos se sentem (Nira Yuval-Davis, 2006). Isto reflecte-se também na construção do conceito de casa ou “home”. Os sujeitos que têm histórias de difícil adaptação, rejeição ou humilhação no processo de adaptação e inserção dificilmente admitem que se sentem em casa (Tatsoglou, 2006) no país de acolhimento e, quando admitem não desenvolvem laços de pertença relativamente ao novo país mesmo que a sua vida tenha sofrido melhorias significativas, relativamente à vida que tinham no seu país de origem, ou às expectativas que poderiam, à partida, desenvolver num futuro projectável nesses países.

Tatsoglou (2006)⁴⁴ no seu trabalho *Women, Migration and Citizenship: Making Local, National and Transnational Connections* analisa a reconstrução do conceito de “home” nas mulheres imigrantes nas cidades marítimas do Canadá e verifica esta tendência entre as mulheres pertencentes a minorias visíveis – asiáticas ou africanas. As suas experiências passam por sentimentos de exclusão e discriminação e muitas vezes, mesmo admitindo que o Canadá é o melhor país que elas conhecem para viver – relativamente às condições de vida conseguidas, às oportunidades oferecidas, à legislação – não consideram nunca sentir-se em casa ou, pelo menos, admitem que o Canadá nunca poderia ser o seu país.

⁴⁴ Tatsoglou (2006: 200-230)

A ameaça e a insegurança evidenciam as questões emocionais da pertença. Em casos extremos os sujeitos estão dispostos a sacrificar as suas vidas e as dos outros em subordinação aos objectivos das suas narrativas identitárias e às suas identificações, para que os seus objectos de identificação e os seus envolvimentos emocionais continuem a existir (Elspeth Probyn, 1996 e Anne Marie Fortier (2000) in Nira Yuval-Davis, 2006). Yuval-Davis⁴⁵ (2006) dá o exemplo do terrorismo: em casos extremos de guerra ou de ataque terrorista as pessoas chegam a pôr em perigo a sua vida, deslocando-se para o sítio onde estão menos seguras ou resguardadas, para se sentirem próximas dos seus objectos de identificação – o território de pertença, a igreja, a sua casa, a sua terra, o lugar de origem.

Estas narrativas, por serem construções de grande componente emocional e subjectiva, não obedecem, a uma lógica cronológica. Não têm, necessariamente, princípio, meio e fim, e encerram, frequentemente incoerência e contradições. Ligam, muitas vezes acontecimentos de forma contígua que nunca poderiam ter acontecido com a continuidade apresentada nas narrativas e não encaixam cronologicamente. Os acontecimentos ligam-se mais pela proximidade emocional e entram numa arrumação sequencial em termos de tempo numa lógica emocional e subjectiva que contraria a contagem racional e cronológica do tempo (Anthias, 2002; Yuval-Davis, Nira 2006). As narrativas de pertença e de identidade apresentam fragilidades estruturais que o investigador deve ter presentes. Às construções dos seus informantes deve ter alguma reserva analítica e deve, como parte informada, separar opinião e experiência emocional, teoria de experiência vivida para que as opiniões dos informantes não se sobreponham à sua análise Anthias (2006). Por serem construídas a partir de histórias e vivências individuais têm uma componente familiar e genealógica.

Por fim, será talvez importante realçar que estas narrativas são construções que sofrem a influência do seu tempo, tanto a nível formal como geracional e estrutural. As narrativas de pertença não se esgotam no conceito de identidade mas são discursos de envolvimento emocional, de escolhas, de identificações múltiplas, de práticas sociais e

⁴⁵ Nira Yuval-Davis (2006), *Belonging and the politics of belonging*, Patterns of Prejudice, Vol. 40, Nº 3, Rutledge. pp. 197-214.

investimentos emocionais que apesar de todos os constrangimentos, são uma mais-valia como ferramenta de análise, e identificações de sujeitos e grupos. Não será a única mas é uma ferramenta acessível e privilegiada.

Viver entre duas culturas

Quando Márcia diz que é de Abrolhos⁴⁶, não está a expressar uma indecisão, está a dizer-nos que a pessoa que, hoje, sente que é, não é brasileira (no sentido em que os seus conterrâneos, que ficaram no seu país e que ela encontra quando vai à sua terra natal, o são) nem portuguesa (no sentido em que os portugueses, que vivem e sempre viveram em Portugal e com que ela se relaciona, o são). Márcia vive entre duas culturas e realidades – Portugal e o Brasil – e a sua identidade não se definirá simplesmente por brasileira, nem por portuguesa (tenha que significado tiver, cada uma destas palavras para Márcia).

As histórias de mobilidade que são tratadas neste estudo, permitem realçar o leque de possibilidades que o atravessar de fronteiras disponibiliza aos sujeitos. Se é verdade que viver entre duas ou mais realidades e culturas exige uma negociação permanente (Yuval-Davis, 2006; Tastsoglou, 2006) e a gestão de tensionalidades diversas, também é verdade que essa negociação, sendo (re)definida situacionalmente, permite aos sujeitos o manejo e reajuste de idiomas identitários que são por si utilizados na construção das suas fronteiras egóicas, internas ou externas (Bastos e Bastos, 2002), em prol de estratégias identitárias que visam reforçar narcisicamente os sujeitos na relação com o(s) Outro(s), inerente ao processo de inserção no país de acolhimento.

Carlos Fuentes, (1985, in Evangelia Tastsoglou, 2006)⁴⁷ dá-nos conta dessa complexidade, dizendo que uma fronteira é mais do que a linha que separa dois países. É, também a linha que separa duas culturas e duas memórias. Ser imigrante é, acima de tudo, atravessar essa linha que divide duas culturas, é experienciar uma outra cultura, é construir uma nova “home” e uma nova identidade num novo país. Avtar Brah (1996,

⁴⁶ Ela explica que Abrolhos é o nome de uma ilha que fica no Oceano Atlântico entre Portugal e o Brasil.

⁴⁷ Fuentes, Carlos (1985), “Latin America: At War with the Past”, in Evangelia Tastsoglou (2006), *Immigrant Women and the Politics of Belonging*, In Evangelia Tastsoglou e Alexandra Dobrowolsky (2006), *Women Migration and Citizenship*, Saint Mary’s University, Canadá

idem, ibidem) define diáspora como uma rede de identificação transnacional, que inclui comunidades imaginadas e encontradas, ou como identidades multilocais que se formam nesse atravessar de fronteiras territoriais, psíquicas e culturais o que é mais do que atravessar a linha que divide geograficamente dois países.

Essa multilocalidade que se forma a partir de experiências múltiplas ou multi-axiais, complexifica e enriquece os sujeitos conferindo-lhes uma maior capacidade para fazer face aos desafios que se lhes deparam de um lado e do outro da fronteira. Do mesmo modo, como já vimos, para além das fronteiras geográficas e políticas que os sujeitos atravessam, eles transportam consigo fronteiras culturais, sociais, egóicas – um instrumento que os preserva e protege relativamente a novos contextos sejam eles culturais, sociais, políticos ou jurídicos que vão ser encontrados ao longo do processo de adaptação.

No estudo de Tastsoglou (2006) os depoimentos recolhidos acabam por tornar claro (apesar da dor da separação dos familiares e entes queridos que se deixam no país de origem) que existem vantagens no facto de se viver entre duas culturas. mesmo para aquelas, cuja integração é marcada por sentimentos de exclusão ou de racismo⁴⁸.

Atravessar fronteiras permite esta versatilidade que os sujeitos utilizam em prol de uma estratégia de inserção bem sucedida. Cada um dos lados da fronteira apresenta

⁴⁸ Isadora, por exemplo, é uma guatemalteca que não sente o Canadá como o seu país. O seu país é a Guatemala e ela precisa dessa ligação ao país, aos costumes e às pessoas da sua família. Há muitas coisas com que ela não se identifica no Canadá o que impede esse sentimento de pertença e identificação em relação ao país que a recebeu – o modo como são encaradas a comunidade e a família, por exemplo. No seu país a família tem um peso muito maior na vida e nas decisões das pessoas do que no país onde tem hoje a sua casa. Ela gosta e quer preservar isso. Há outras coisas de que não quer prescindir, apesar de não estar no seu país – dormir com o filho na sua cama. Uma canadiana nunca faria isso, mas ela nem pensa em abdicar desse costume assim como não lhe faria sentido pôr o seu bebé a dormir num quarto à parte e ter horas de deitar diferentes das dos adultos, por exemplo, como fazem as famílias canadianas. Por outro lado, ela reconhece que no Canadá as mulheres têm mais direitos e que podem tomar decisões sobre coisas, da sua vida, que no seu país têm de ser tomadas com o consentimento dos maridos ou das famílias. No Canadá os homens trabalham ao lado das mulheres nas tarefas domésticas e disso ela gosta, porque se sente apoiada e interessa-lhe para decidir estudar, trabalhar, participar em associações culturais, de mulheres ou outras que lhe interessem. Viver entre estes dois países dá-lhe a possibilidade de usufruir daquilo que cada um deles lhe proporciona de melhor. O mesmo se verifica e é demonstrado por Anthias (2002) no seu trabalho com os jovens grego-cipriotas, nascidos em solo britânico.

condicionantes próprias da estrutura de cada país. Há, portanto, que escolher o posicionamento mais favorável para contornar essas condicionantes quando elas são um impedimento para a concretização de objectivos no processo de inserção. Cabe à agência perceber de que modo a sua fragilidade ou condição pode converter-se numa vantagem no contexto de inserção.

**Ser ilegal – quando a invisibilidade é uma vantagem para fazer face a
constrangimentos da economia formal**

João quer ficar em Portugal. Está perfeitamente integrado, tem emprego, ganha dinheiro como não conseguiria ganhar no Brasil e as propostas de emprego têm surgido sem que ele tenha de apresentar experiência profissional ou tenha tido que procurar emprego. Melhor do que isso, ele acredita que Portugal lhe permitirá estudar aquilo que ele gosta – estilismo – para vir a trabalhar nesse área. Ele gosta, sobretudo, de ter oportunidades que lhe permitem fazer escolhas e melhorar a sua vida, mas, para além disso, em Portugal João tem o seu grupo de familiares e amigos com quem se encontra nos fins-de-semana e depois do trabalho. São brasileiros, fazem churrascos e estão juntos. É como se estivesse no Brasil mas com a vantagem de ter emprego, melhor remuneração e a possibilidade de melhorar a sua vida sempre, seja através de um emprego melhor, de formação escolar ou outra que lhe permita trabalhar naquilo que realmente gosta. De perseguir o seu sonho. Se tudo der certo quer pedir a nacionalidade portuguesa e projectar em Portugal a sua vida.

Para João, a condição de imigrante ilegal, não lhe trouxe qualquer impedimento para trabalhar, ganhar dinheiro e até construir a sua “home”. Pelo contrário, essa condição tem-lhe garantido a invisibilidade necessária para se conseguir mexer nas teias do mercado de emprego sem o cumprimento de obrigações contratuais de cada vez que muda de empresa. Isto permitiu-lhe uma mobilidade maior e mais rápida, quer na ascensão profissional, quer na remuneratória.

Aqui a gente sem experiência, consegue arrumar emprego, no Brasil é tudo com experiência, pedem não sei quantos anos numa carteira. Pronto, Portugal, pra mim, foi muito mais fácil. Eu nunca tinha trabalhado, eu trabalhei um tempo só em café, então...pra mim foi muito mais fácil (que no Brasil – subentende-se). Cheguei, trabalhei, com dois dias aqui, já estava trabalhando, e não fiquei parado até hoje.

João não tem filhos, nem uma vida familiar que lhe peça estabilidade ou seja posta em causa com a detecção de uma situação de ilegalidade por parte das autoridades policiais e fiscalizadoras. A legalização impor-lhe-ia a obrigação de declarar aquilo que ganhasse, e o pagamento de impostos retirando-lhe uma parte dos ganhos, que nesta fase do seu ciclo de vida são todos importantes e necessários. Por isso, o que ele precisa neste momento é de ganho rápido e descomprometido que lhe dê a hipótese de agarrar a melhor oportunidade que o mercado de trabalho lhe apresentar. Nada melhor do que a invisibilidade para isso e o descomprometimento contratual. Melhor do que poder negociar é não ter que negociar. Tal como no caso de Isadora, também as fronteiras permitem a João tirar partido de duas realidades diferentes evitando os constrangimentos que cada uma lhe possa causar. Em Portugal goza de uma boa integração na comunidade brasileira, que o acolhe, sem ter de prescindir da sua envolvente cultural e social, onde se revê e com que se identifica.

João transformou a sua condição (ser imigrante ilegal) que aparentemente o fragiliza, na sua vantagem, para conseguir uma rápida ascensão num país onde a economia formal condiciona os indivíduos a obrigações legais e contratuais, no mercado de trabalho e na sua relação com o Estado. João utilizou aquilo que, na estrutura de acolhimento, melhor garantia a concretização dos objectivos do seu projecto migratório – a economia informal.

Tirar partido da guerra, tendo a paz como cenário alternativo

Para André atravessar fronteiras representou tirar proveito de um cenário de guerra, refugiando-se na paz, sempre que precisava pôr a salvo aquilo que lhe era mais precioso. S. Tomé não lhe oferecia a possibilidades de mobilidade social, mas através de programas de incentivo ao desenvolvimento e de protocolos estabelecidos com países da Europa pôde estudar em França e obter a formação de que se fez valer posteriormente, nomeadamente em Angola, em plena guerra.

Estudei três anos medicina. Praticamente já tenho o nível de paramédico, né? Mas pronto, fiz esses cursos todos, mas não utilizei praticamente, porque em Angola tive outra versão, em termos de trabalho, tive na construção civil, dei aulas, no Liceu e essas coisas todas, e, também, pronto, fui militar em determinadas circunstâncias...(…) Dei aulas de Biologia, dei aulas de francês e de português também.

Aí, desempenhou diversas funções: de mercenário de guerra, a professor, paramédico, ou mesmo traficante de diamantes, André aproveitou aquilo que um cenário de risco lhe podia proporcionar – *o país estava agitado e havia duas frentes. Havia uma frente que era a Unita e fazia face ao MPLA e eu como estava do lado do MPLA, tinha essa missão, dava aulas e fazia tudo para integrar, mas clandestinamente, não é... ninguém sabia quem eu era. (...) Tinha que arranjar um trabalho que me desse dinheiro e naquela altura, a única forma de usufruir de alguma notoriedade, era trabalhar para o MPLA e dar o meu contributo* – e, mais do que isso, tirou partido da possibilidade de mudança de cenário, utilizando Portugal para, entre idas e vindas, ir construindo a sua família aproveitando a segurança que o país oferecia bem como o desenvolvimento decorrente do processo de modernização que Portugal sofreu após a Revolução de 74 (Malheiros, 1996 e 2007).

A mulher estava cá, essa família estava cá mas a mulher ia, né, de vez em quando e de vez em quando ela ia ter comigo, mas pronto, por uma questão de poder

arranjar condições para eles aqui em Portugal(...)Por uma questão de saúde porque ela também fez quatro cesarianas, portanto, eu estava a ver que a saúde católica em termos de hospitais e essas coisas todas né, e eu arranjei um sítio que era mais seguro e acho que Portugal foi pra mim, muito importante naquela altura.

Aí, a sua mulher e filhos puderam ter acesso a um serviço público de saúde e de educação, a par de um processo de legalização a que André pôde beneficiar mais tarde, através da “reunificação familiar”. A sua mobilidade potenciou as vantagens que três realidades diferentes lhe proporcionavam, podendo contornar as desvantagens que essas mesmas realidades representavam, o que não seria possível se vivesse em cada uma delas em permanência. A Guerra em Angola e as relações existentes entre os países africanos que haviam sido colónias portuguesas, abriram-lhe portas que, conjugadas com a formação que tinha conseguido em França, “viabilizaram a vida” de André (segundo uma expressão que ele próprio utiliza na sua entrevista).

Sou de Abrolhos – sou uma pessoa que soube extrair o melhor de Portugal, sem perder o que o Brasil tem de melhor, também

Deixar os pais e a família causou a Márcia uma dor de que ainda hoje se lembra, mas era pouco provável que o Brasil lhe trouxesse o reconhecimento profissional que conseguiu obter em Portugal. Márcia chegou na primeira vaga de imigração, no final da década de 80 quando os brasileiros que chegavam tinham formação técnica ou superior. Nessa altura Portugal estava a passar por uma fase de modernização da economia (Malheiros, Jorge 2007), devido à entrada de Portugal na Comunidade Europeia, a que as empresas não eram alheias. As funções de Direcção de Marketing e de Relações Públicas estavam a ser valorizadas como não tinham sido até então. Portugal não tinha sido o destino escolhido para emigrar mas a necessidade de passar pelo país para tratar de vistos e autorização de residência (que tornaria a saída para outro país da Europa, mais fácil) acabou por obrigar Márcia a ficar em Portugal mais de dois anos, o tempo suficiente para lhe proporcionar a oportunidade de arranjar um emprego bem

remunerado, na área da sua formação, e de conhecer um homem com quem casou e de quem teve um filho. Do Brasil trouxe a sua formação em Publicidade⁴⁹ um diploma valorizado em Portugal e nos restantes países na Europa⁵⁰. Esse reconhecimento valeu-lhe uma boa colocação numa empresa portuguesa, de que Márcia precisa e que a faz sentir-se realizada enquanto no Brasil “*recarrega as baterias*” e ela precisa disso. No entanto, Márcia sabe, a sua vida é hoje muito diferente “*Muito, muito. Se alguém, alguma vez no passado me viesse dizer que eu viria a fazer aquilo que eu faço, eu nem acreditava, da maneira que eu vejo primas minhas lá do interior – interior roça – como elas são (...)*”

Viver entre fronteiras permitiu-lhe aproveitar uma remuneração de um país europeu e usar o prestígio da nacionalidade brasileira na sua área de formação. As compensações são evidentes

Aqui, por exemplo, aqui em Portugal, na minha casa, eu sinto uma espécie de compensação pela minha luta. É o meu mérito, são as minhas coisas, eu gosto de tudo o que eu tenho e luto muito para tê-las, dá-me bem-estar.” Construiu a sua “home”, sente-se bem e realizada. Lá (Brasil) “*é o amor, lá é o aconchego...*”

Entre os frutos de que Márcia beneficia, há um que é, talvez, o menos evidente, mas não é certamente o menos importante: o reconhecimento da sua ascensão social de um lado e do outro da fronteira. As fronteiras que atravessa, são a mudança de cenário que Márcia precisa para se valorizar. **Há um lado cénico nas potencialidades que a(s) fronteira(s) cria(m), bastante oportuno que permite uma construção/reconstrução do sujeito que, de cada vez que as atravessa, pode escolher que personagem traz de volta, que partes de si vai revelar e escolher para interagir ou se relacionar com aqueles que o esperam,** que contorno o delimita naquele contexto determinado com o

⁴⁹ “*Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas. Lá é bacharelato, é quatro anos. Eu fiz dois anos que é considerado o curso que é comum à área de Publicidade e Relações Públicas – dois anos – e os outros dois anos é que é a especialidade e a minha foi Relações Públicas*”. Entrevista a Márcia, Anexo 2, p.4.

⁵⁰ A qualidade dos profissionais do Marketing brasileiros, é referenciada ao nível da melhor publicidade mundial. Em Portugal, o caso mais conhecido foi o de Edson Ataíde, Marketeer que liderou empresas como a Young & Rubicam, Lusomundo, FCB Portugal e Ogilvy Portugal.

qual se irá deparar. Essa potencialidade cénica das fronteiras que permite a transformação dos sujeitos sempre que as atravessam viabiliza-se no aparecimento/desaparecimento das personagens que vão e vêm para e de cada um dos lados das fronteiras. Márcia recordou na entrevista, a felicidade com que ficou quando a sua mãe veio visitá-la em Portugal.

*A minha mãe veio passar aqui um mês comigo, e foi muito bom para ela, poder conhecer e ter contacto com os meus amigos e... saber como é que era a minha vida, (...) Ela gostou mesmo e foi muito bem tratada pelos meus amigos. Eu não sei qual era a ideia que ela tinha, mas um dia quando ela estava numa festa que nós proporcionamos para ela, ela estava tão feliz e ela disse “Ai, eu tinha uma ideia tão diferente dos teus amigos!”. Eu não sei o que é que ela imaginava, mas aquele comentário dela encheu-me de alegria porque ela estava regozijante de saber que existiam pessoas que gostavam de mim e tão bem, as pessoas trataram-na tão bem por minha causa. (...) **ela devia ter interesse em saber como é que era o meu dia-a-dia, a minha vida, a minha rotina, o que é que eu faço, onde é que eu vivo, porque uma coisa é contar outra coisa é estar e ver** – e ela ficou muito satisfeita.*

É importante a possibilidade de escolha que a existência de fronteiras (as políticas e geográficas) propiciam aos sujeitos que as atravessam. Há, efectivamente uma mudança de realidade que os sujeitos podem utilizar a seu favor, ou melhor, que os sujeitos podem manipular a favor das fronteiras (egóicas) que eles transportam consigo, para “conduzirem” o relacionamento com o(s) Outro(s) e com essas diferentes realidades de uma forma vantajosa para si próprios e para as suas estratégias de inserção.

Sou do Brasil – Estabelecer vínculos, re(definir) fronteiras

Marina – filha mais velha de Silvânia – não sente que Portugal seja hoje a sua casa. O seu processo de adaptação foi, nos primeiros tempos mediado pela família (a mãe e o homem da mãe) pois chegou apenas com cinco anos de idade. Um ano depois

de chegar entrava no ensino básico, experiência um pouco dolorosa devido a uma relação complicada com a professora primária “*com métodos de antigamente*”, segundo as palavras de Silvânia – mãe de Marina. Da experiência de vida que Marina tem em Portugal, contam-se dificuldades de índole diversa, por acontecimentos decorrentes da vida familiar de Marina e outros decorrentes da própria estrutura que Portugal representou como país de acolhimento. Marina voltou ao Brasil pela primeira vez já com onze anos⁵¹. Desde aí e nos 18 anos que se seguiram até hoje, Marina voltou lá cinco ou seis vezes. As viagens são caras e uma ida ao Brasil representa um investimento que só de tempos a tempos é possível fazer. O Brasil é a sua terra, lá tem a sua família que é numerosa e a recebe de braços abertos. É, sem dúvida, o país com que se identifica. Uma identificação que representa, simultaneamente uma escolha. É significativo que Marina responda à pergunta “de onde és?” com um “*sou do Brasil*”. É mais do que ser brasileira é uma relação de pertença que encerra uma decisão, uma vontade.

Nas comparações entre os dois países, Portugal é um país muito mais pequeno – apesar de Marina conhecer incomparavelmente mais solo português do que do brasileiro (apenas conhece a cidade de Santos e pequenas partes de uma ou duas cidades para onde viajou nas últimas viagens, a fim de visitar familiares que não conhecia) – e o Brasil um país muito mais organizado do que Portugal.

⁵¹ Silvânia, a mãe de Marina conta a determinada passagem da sua entrevista: “*Houve uma altura, quando ela tinha onze anos, por causa das nossas dificuldades – a gente vivia assim com pouco dinheiro, não é? – e ela convivia com meninos que viajavam, iam pra praia, tinham casa de praia, e não sei o quê. E ela dizia “Oh, mãe, nós não temos nada...” e eu explicava pra ela “Não é bem assim. A nossa família tem. E os avós e os tios”, e ela dizia “Não sei, mas eu não tenho, não sei...” e eu achei que ela estava um bocadinho distante desse lado, não é? das nossas raízes e eu perguntei pra ela se ela queria ir para o Brasil, pra ela ver aquilo tudo, ela saiu de lá com cinco anos e não lembrava de muita coisa, também não ligava pra isso, e ela disse que sim, então ela foi sozinha. Foi com onze anos para lá, o meu pai a recebeu lá, e aí ela voltou, o meu pai voltou junto, pra aproveitar passear por aqui por esses lados, e ela voltou mais tranquila. Porque ela percebeu, entendeu, essa coisa da distância. Que ela tinha os avós, que ela tinha uma casa, que a família morava numa praia, numa cidade de praia, muito bonita, ou seja, ela tinha as coisas dela, também, tinha o passado dela, como toda a gente, não era só aquela vidinha que a gente tinha ali, sem nada, com o mínimo. Depois ela foi crescendo, foi entendendo e ela tem sempre muita capacidade de adaptação, com relação a isso, e adorar os amigos e ... foi só esse momento que achei que ela tinha necessidade de ela ir pra lá. Por mais que a gente explicasse, que a gente contasse que aquilo que a gente passava era momentâneo, mas aquilo que eu fiz, foi, não só pra mim, mas pra ela, porque eu achei que era bom pra ela também.” In Anexo 2, pp. 6 e 7.*

É que apesar de o Brasil ter problemas a nível de violência e tudo, sobretudo em certas zonas e isso, e apesar de Portugal ser um país muito pequeno e de o Brasil ser muito maior, em termos de ares e isso, eles são muito mais organizados do que aqui. Não sei se é por terem um país muito maior, e eles são obrigados a organizarem-se mais e arranjam estratégias e isso.

Marina sabe, no entanto, que a sua vida será provavelmente feita por Portugal e pela Europa e considera, hoje, pedir a nacionalidade portuguesa.

Seria até mais fácil, porque eu não penso em voltar para o Brasil, para morar e viver porque também, a nível das coisas que eu quero fazer, - a profissão e isso, lá... bom ainda não sei bem isso, mas talvez a minha vida vá ser mais por Portugal e Europa. Também quero ir para outros países e fazer outras coisas, e é sempre mais fácil ter a nacionalidade portuguesa, porque facilita mais, Portugal faz parte da Europa e facilita mais.

Esta decisão traz vantagens acrescidas à condição de Marina, e da história da sua vida, dando-lhe acesso a acordos e programas diversos (de apoio e de incentivo ao emprego, à investigação, à formação) que vigoram entre os países da União Europeia. Esse acesso pode vir a representar, no futuro, a possibilidade de Marina poder exercer uma profissão melhor remunerada no país (Brasil, Portugal, ou outro da União Europeia) que lhe oferecer melhores condições e perspectivas profissionais. Mas a existência de fronteiras tem permitido a Marina ter o “outro lado” sempre que o lado em que se encontrar no momento, lhe cause sofrimento. Permitiu-lhe “inventar” (Anderson, 1983) o vínculo (Nira Yuval-Davis, 2006; Anthias, 2002) que a salvaguardou e valorizou perante o lado que a fazia sentir desvalorizada, perdedora. Essa invenção é tão mais “terapêutica” quanto mais é participada pelo(s) Outro(s) que com ela interactivam de um lado e do outro da fronteira. Para as pessoas que a recebem no Brasil, Marina é a neta, a sobrinha, a prima, a afilhada, que vive em Portugal, do outro lado do Atlântico,

no continente rico, que está longe e que foi longe, na terra das oportunidades, tal como a mãe e a irmã. Quando chega a Portugal, ela é a portuguesa de nacionalidade brasileira que tem uma família enorme no Brasil, um país grande, com importantes recursos naturais e turísticos, o maior da América Latina, que chega a Portugal através das grandes produções televisivas e que nunca deixou de exercer um certo fascínio sobre os portugueses. Esse reconhecimento é edificante e tem permitido a Marina crescer e re(definir) as suas fronteiras egóicas e identitárias de modo vantajoso para ela.

Ser portuguesa no Brasil – Vantagens de poder ser outra

Para Andreia ser brasileira é uma bagagem que traz sempre consigo. Nasceu em Portugal, viveu sempre em Portugal e a primeira vez que foi ao Brasil, já tinha oito anos. Conta que a primeira vez que chegou ao Brasil, olhou para aquela gente que a recebeu no aeroporto – os avós e o tio, o irmão da mãe – com emoção, como se ela fizesse parte da família. Não conseguia entender aquela emoção vinda de pessoas que não lhe diziam nada nem conhecia de lado nenhum. Sempre soube que era brasileira, não sabia, no entanto, que não era portuguesa. A separação dos pais e a consequente mudança de casa (para outra cidade), bem como a mudança do 1º para o 2º ciclo, trouxeram-lhe abruptamente o confronto com a realidade.

Andreia tem tomado consciência dessas duas realidades, à medida que vai crescendo, num movimento de aproximação / afastamento que o atravessar de fronteiras lhe permite. No Brasil, Andreia não se sente brasileira. *“No Brasil, lembro-me de ser portuguesa, no momento em que ponho os pés no Brasil, por causa do meu sotaque. Logo aí, é o primeiro choque, eu mudo logo de sotaque porque eu morro de vergonha porque para os brasileiros, o sotaque português é uma coisa...que lhes dá uma vontade de rir, eles não aguentam ouvir portugueses, não aguentam mesmo, é uma coisa...eu lembro-me das irmãs da minha avó Daide perguntarem «Mas ela não fala português?» elas estavam doidas para me ouvirem falar português, “Mas fala português – diziam. – Ah, não, não falo que eu tenho vergonha. – Ah, mas fala lá!...” então eu disse uma*

frase, já não me lembro o que é que eu disse, mas falei devagar e ela não percebeu nada e ria-se, ria-se, «O que é que disseste, que eu não percebi nada?» E ria-se, ria-se... portanto é logo aí, a primeira coisa – sou portuguesa. Também ser brasileira, tomou um significado diferente nessa trajectória de afastamento / aproximação. Lentamente, Andreia foi-se sedentarizando no seu novo contexto, (re)definindo ligações com as pessoas dessa nova realidade (o Brasil), (re)definindo também a sua nova geografia – física, social, afectiva, identitária – que lhe permitiu adquirir a sua normalidade. Percebeu que ser isto ou aquilo é um posicionamento da sua geografia identitária que implica pertencer ou não pertencer. Estar incluída ou não estar (e não estar, não significa, necessariamente, estar excluída). Em Londrina, uma cidade que visitou na última viagem que fez ao Brasil, foi à discoteca com a prima e a experiência foi, para ela, inesperada: “houve lá uma amiga da minha prima, que me perguntou de onde é que eu era e eu disse que era de Portugal. Quer dizer... entraram em histeria, porque acham que é uma coisa chiquérrima ser da Europa “Ela é europeia, meu Deus!”. Quer dizer, eles têm uma visão de nós que não é aquela que nós pensamos que eles pensam. Não, eles acham nós somos uns chiquérrimos porque estamos aqui, e fazemos parte da Europa e estamos aqui no meio disto tudo e não sei quê”.

Andreia aprendeu a valorizar cada lado das fronteiras que atravessa e a tirar vantagens das possibilidades que cada um desses lados lhe traz, definindo o seu contorno, “desenhando” as suas próprias fronteiras egóicas, culturais e sociais, (re)definindo e (re)avaliando os seus idiomas identitários, a partir da consciência e valorização da sua diferença.

É gostoso saber que sentem a nossa falta

Evelina sente que está a construir as suas raízes na cidade que hoje habita e tem a convicção que vai continuar a habitar no futuro. Ao vir para Portugal a intenção era obter uma melhoria de vida com uma estadia curta, ou a menos longa possível, já que havia deixado os seus filhos, os seus pais e irmão. Ter conhecido o homem com quem

veio a casar, um ano e pouco depois de chegar, veio alterar o plano inicial. Hoje tem os seus filhos consigo em Portugal e o facto de eles terem a possibilidade de crescerem aqui, ao seu lado, estudarem e poderem vir a ter um futuro mais promissor do que no Brasil, é razão mais do que suficiente para Evelina sentir cada vez mais que a sua ligação a Portugal é crescente e gratificante.

Quer pedir a nacionalidade portuguesa, a que tem direito pelo casamento com marido português, para si e para os seus filhos, logo que isso seja possível. Portugal trouxe para ela a perspectiva de um futuro e de uma vida mais digna para ela e para a sua família. Mas o facto de deslocalizar a sua vida e se sedentarizar numa cidade portuguesa, obrigou-a a atravessar fronteiras e a deslocações longas a que não estava habituada. Primeiro para ir ver a sua família e mostrar o seu marido, depois para ir buscar os filhos que trouxe para junto de si tão depressa quanto pôde, ela foi tomando consciência dos diferentes contextos entre os quais a sua vida oscilava agora, no movimento de aproximação / afastamento que fazia ora de uma ora de outra. Mas Evelina diz que aquilo que a fez sentir que pertence agora a um lugar, foi um sentimento de reciprocidade: sentir que ocupa agora um lugar no lugar que hoje ocupa. Hoje, Evelina compra o pão numa padaria próxima da sua casa e a dona da padaria sabe o nome dela, pergunta-lhe pelos filhos, e repara nas suas ausências se está mais do que um dia sem a ver. O mesmo acontece com a loja da fruta, ou o pequeno supermercado onde se abastece. Isso foi, para Evelina, fundamental para a construção do seu vínculo com Portugal. As narrativas recolhidas, mostram que a construção de laços de pertença se alimentam não apenas de uma disposição interna – de um vínculo criado a partir da identificação e do envolvimento emocional dos sujeitos – mas depende igualmente da reciprocidade desse envolvimento, do reconhecimento desse vínculo no Outro e da valorização/desvalorização desse vínculo. Como diz Evelina: *“é muito gratificante sentir que as pessoas também nos vêem, que sentem a nossa falta, e sabem que pertencemos ali, àquele local. É muito bom. É muito gostoso.”*

Aqui tenho a minha casa, mas é com o meu país de origem que me identifico

Salvaguardar a identidade de origem quando me sinto em risco

Nicole não se considera imigrante. Nem hoje, nem quando chegou, em 1995. Mas não é porque se sinta portuguesa, apesar de ter a sua família materna em Portugal desde há muitos anos e ter vindo durante a sua infância e adolescência passar férias a Portugal, praticamente todos os anos. Diz que é uma cidadã estrangeira. Europeia. A sua experiência de chegada, ao contrário do que seria de esperar – para quem visitava Portugal desde a infância – não foi das melhores.

“Foi traumatizante.(...) Primeiro, foi muito difícil alojar-me. (...) Eu vinha do Reino Unido, onde qualquer cidade universitária, tem milhentos apartamentos mobiladíssimos – quando eu digo mobilado é mesmo mobilado, quer dizer, a pessoa chega com a pasta de dentes e a mala – quer dizer está lá tudo, porque a cidade está preparada e os proprietários também estão preparados e eu pensava que ia encontrar a mesma coisa noutras cidades, nomeadamente em Braga. Não foi o caso. Depois, a maneira de pensar era completamente arcaica, pra mim. Quando eu digo o pensamento é também os comportamentos. E eu quando cheguei a Portugal não reconheci nada. Nem os valores, com os quais não me identificava, as regras sociais não correspondiam aos meus valores (...) e passados quinze anos continua a chocar com a minha maneira de pensar e de ser.

Nicole desespera, com as condições de alojamento, com a oferta que encontra na cidade onde precisa de viver para concluir a sua formação, desespera com a mentalidade das pessoas que se lhe deparam, mas não acha, ao contrário de André, que deva controlar-se ou ser bondosa e utiliza uma expressão que André, Evelina, Ana Lúcia, ou mesmo Márcia e Silvânia nunca utilizaram e João, por exemplo, não estaria em posição de utilizar: “*Não admiti.*”

E portanto não admiti. Não admiti, que me dissessem quem é que eu podia receber, como e quando. E obviamente que todos estes esquemas e estas propostas foram imediatamente rejeitadas. Desesperaram-me realmente. (...)

Permite-se comentar e criticar depreciativamente, a atitude dos portugueses. Fá-lo sem medo de não ser aceite. O seu capital identitário ou sócio-histórico, joga-se a um nível muito mais alto do que o dos outros entrevistados. Ela sabe-o, tem consciência disso, e manuseia esse capital da forma que se revela ser mais vantajosa, para ela. Isto não significa que a sua posição “vantajosa”, lhe garanta tudo à partida. Significa que essa diferença de capital identitário, social, sócio-histórico, não é apenas inventada por Nicole. Ela é consabida, ou partilhada pelos seus interlocutores, pelos portugueses em geral. De outro modo não seria válida. A eficácia dessa “supremacia”, depende da aceitação, por parte do Outro, dessa posição de vantagem, mas pode não ser suficiente para lhe garantir uma vantagem efectiva.

Desesperada, mas também indignada, Nicole recusa-se a ceder às exigências e condições impostas pelos senhorios ou hospedeiros, recusa-se a ser tratada como são os imigrantes em Portugal quando se dirige ao SEF, para tratar da sua autorização de residência. Recusa-se igualmente a identificar-se com um país que tem traços de uma mentalidade que ela considera obsoleta e atrasada. Recusa-se a identificar-se com Portugal e com os portugueses por isso tem a resposta pronta quando lhe perguntam se é filha de portugueses esclarecendo, sem demoras, que os seus familiares são angolanos.

Nicole trazia expectativas relativamente a Portugal que a deixaram decepcionada relativamente à sua experiência de inserção. Depois do impacto de chegada em Braga, Nicole (re)avalia a sua relação com Portugal e o conhecimento que tem do país da família materna e das férias de família. Como foi já proposto atrás (na análise do Capítulo **De onde sou – Atravessar e transportar fronteiras**), Nicole conhecia certamente a história e histórias de estigmatização de imigrantes portugueses

em França, que não a deixariam indiferente e que terão sido reavivadas com a sua chegada a Portugal. Embora nunca tenha mencionado isso – tendo ela estudado em escola portuguesas (em determinada altura Nicole passa a estudar em escolas francesas mas não explicou nunca porquê) e uma vez que falava português (a língua da mãe) – a pergunta “és portuguesa?” deve ter-lhe sido feita diversas vezes, o que, num contexto de estigmatização ou qualquer tipo de associação negativa, terá levado Nicole a preservar-se e, cedo, terá começado a demarcar-se da nacionalidade portuguesa. O facto de vir para Portugal, com colegas e professores que com ela estudaram no Reino Unido, (apenas uma das colegas era portuguesa), terá reacendido a necessidade de demarcação da nacionalidade portuguesa, uma vez que todos eles sentiram, certamente, a mesma dificuldade de alojamento de Nicole.

Apesar disso, Portugal revelou-se vantajoso para ela. “Garantiu-lhe um ordenado”, segundo as suas palavras, quando a França, e grande parte dos países da Europa - cujas economias estavam a passar por uma recessão (Malheiros, 1996, 2007) – não lhe poderiam garantir. Nicole disse na entrevista que não queria ir para França mas não explicou quais as razões, no entanto, para além da crise económica que tornava essa opção pouco segura em termos profissionais, a mãe encontrava-se gravemente doente – uma atrofia progressiva do cerebelo que a incapacitava e prendia a uma cadeira de rodas – augurando um futuro de sofrimento para a sua família e de impotência também relativamente a essa doença. De facto Nicole conseguiu mais do que um ordenado. O trabalho que desenvolveu em Portugal, deu-lhe notoriedade, chegando a pertencer ao Secretariado da AIIC (Associação Internacional de Intérpretes de Conferência)⁵². Essa notoriedade foi certamente conseguida pela qualidade de trabalho de Nicole, no entanto, Portugal proporcionou-lhe a oportunidade para esse

⁵² Em 2001 uma petição dos profissionais de Tradução e Interpretação de Conferência terá chegado à Assembleia da República e ao Parlamento Europeu, exigindo que apenas os profissionais certificados pudessem desempenhar funções de Tradução e Interpretação de Conferência. A referida petição vem publicada no Diário da República nº 19, III Série de 23 Janeiro de 2001. Os profissionais lutavam claramente pelo seu trabalho, contra a utilização de pessoas não certificadas para o efeito, numa altura em que tinha havido uma redução de trabalho nesta área. O próprio Estado (nos Tribunais, quando um julgamento envolvia estrangeiros, por exemplo) recorria aos serviços de tradução de pessoas não habilitadas para o efeito, pelo facto de representarem um custo menor. Esta Petição foi uma iniciativa da AIIC.

desempenho. Ser uma profissional francesa, com a experiência que trazia de outros países e inserida num grupo de trabalho (que vem para Portugal à procura das oportunidades da Expo'98) onde apenas ela e outra portuguesa dominavam a língua do país, representou uma porta aberta que Nicole soube agarrar, apesar de não o valorizar, na sua narrativa.

Ainda hoje, Nicole considera que não decidiu nunca ficar em Portugal. Foi ficando. Mas não se identifica. No entanto Nicole tira vantagens do conhecimento e da ligação que tem ao país (para o qual contribuiu a sua história) e do frutuoso cruzamento entre a sua nacionalidade francesa e a sua “história portuguesa” que a posicionam de forma vantajosa entre os profissionais de Tradução e Interpretação de Conferência estabelecendo pontes de acesso a vários países da União Europeia, de que Portugal é hoje um membro respeitado.

Tudo o que eu tenho em Portugal são conquistas minhas. Atravessar fronteiras, um processo de valorização.

Ana Lúcia sofreu um certo processo de “erosão” no meio pequeno onde vivia em consequência de um divórcio. Sentiu que todos os passos que desse estariam a ser vigiados, seriam comentados e criticados. A necessidade de recomeçar a vida com os seus filhos, motivou a procura de um novo lugar. Aí surgiu Limeira, uma cidade grande, para onde Ana Lúcia pedira transferência, mas as informações que recolheu revelavam uma cidade onde a ameaça de insegurança contrariava os objectivos que tinha para si e para a sua família – recomeçar a sua vida com dignidade onde a sua profissão fosse valorizada de modo a tomar novamente o controlo das suas decisões e da sua vida. Foi então que uma amiga lhe falou no Curso de Mestrado em Portugal, na Universidade Nova. A decisão não foi difícil, partiu para Portugal com os filhos e a irmã mais nova.

Ana Lúcia parece ter encontrado aquilo que procurava. Conseguiu recuperar a sua profissão – professora – os filhos estão integrados e gostam do país, concluiu o curso de Mestrado e já tem definida a sua próxima etapa – vender a sua casa no Brasil para comprar uma em Lisboa. Não tem qualquer dúvida quanto àquilo que se sente – é brasileira – mas é em Lisboa que quer ficar a viver, porque Lisboa é a sua cidade, pertence-lhe, porque a conhece, a habita e se apropriou dela: *“eu sinto que sou de Lisboa”*. A segurança é para ela uma questão importante *“na zona onde eu moro, gosto de saber que se eu chegar aqui em casa às 11 horas, meia-noite, que eu não tou precisando nada, que há pessoas na rua, que posso sair sozinha, que não vou ser incomodada, isso é um peso importante pra eu me sentir segura”*.

A decisão de Ana Lúcia, no entanto, não é tanto movimentar-se entre duas culturas, mas ficar apenas de um dos lados da fronteira – Portugal. O Brasil está hoje mais distante *“penso o Brasil como a casa dos meus pais”*. Não quer ir lá nem de férias, não tem saudades *“é mesmo o lugar onde os meus pais moram. Onde tem talvez a minha raiz, vamos dizer assim, mas não... não é saudoso, enfim, não...(...) não quero me organizar e juntar dinheiro e tal, para ir ao Brasil, enfim, se eu fosse ao Brasil, ia enquanto turista, ia pra conhecer lugares que eu não conheço, porque também eu conheço muito pouco, conheço os lugares que estão ali à volta... Se eu fosse ao Brasil fazer uma viagem, não ia aos pontos que já conheço, antes pelo contrário, ia lá como turista para conhecer lugares bonitos, não é? diferentes, voltaria pra conhecer lugares que gostaria de conhecer, não ia pra minha terra...”*

Ana Lúcia tem uma história em Portugal de que se orgulha, não por conquistas fáceis, ou ausência de dúvida, esforço ou luta. *“Cada passo que eu fui dando, de alugar uma casa, de me estabelecer aqui, tudo isso foi feito sozinha, tudo isso foi feito... arranjar um emprego, tudo, tudo, tudo, teve que ser construído. Mas acho que quando as coisas são difíceis elas tem um sabor mais doce, quando se consegue aquilo que se planeia. (...) Sinto que são vitórias minhas.*

Sentiu e sente por vezes algum preconceito entre os portugueses, relativamente aos brasileiros, mas isso não a impediu nunca de lutar e conseguir os seus objectivos. É também entre os portugueses que estão alguns dos seus amigos mais importantes, que a ajudaram, que se ligaram a ela, que a receberam “*e também tive, acho que, um pouco de sorte em conhecer gente que... gente educada, gente interessante, que me acolheram bem, portugueses que não são preconceituosas que não vêem os estrangeiros como inimigos potenciais*”.

Dá-se mais com portugueses do que com brasileiros “*sempre tive um contacto maior com os portugueses e não com os brasileiros. Talvez exactamente por causa dessa situação de que... depois os brasileiros que conheço são tudo gente que... que não tem a... que não pertenceria, que no Brasil eles não estariam no meu espaço de amizade...então os laços que eu construí aqui são pessoas que são ligadas a Faculdade, enfim, são pessoas que têm mais a ver comigo, que converso e discuto e não com os brasileiros que conheço aqui, que tem muito poucos brasileiros que conheço*”

Ana Lúcia é hoje uma lisboeta⁵³. Ser brasileira é o seu ponto de partida, não sentindo, embora, grande vantagem desse capital para o seu projecto migratório. Ao Brasil não tem pressa nem vontade de voltar, preferindo ficar para já de um dos lados da fronteira – Portugal. Tudo o que tem em Portugal foi conseguido com muito esforço e investimento, mas sente hoje que tem uma vida, uma profissão, uma rede social em que se movimenta, uma nova “home” numa cidade que conhece e “domina”, tem um novo lugar. Lisboa representa tudo isso e hoje saboreia essas conquistas como vitórias. O seu percurso de inserção é, essencialmente, um percurso de valorização.

Países pequenos revelam mercados maiores – paradoxos da mobilidade

Para Silvânia viver da música parecia ser um sonho impossível que pôde realizar em Portugal, um país muito mais pequeno do que o Brasil, onde o simples facto

⁵³ Uma lisboeta, no sentido em que Sérgio Tréfaut o define no seu filme *Lisboetas* (2005).

de contar com a existência de conservatórios regionais e de o ensino da música ser obrigatório no ensino oficial (2º Ciclo), é o suficiente para garantir um mercado de trabalho aos professores que, como Silvânia, vivem preferencialmente do ensino da música. Para além das aulas que dá, no Conservatório de Tomar e particulares, tem ainda um duo com uma flautista, que tem já um CD gravado, com interpretações de temas contemporâneos, onde os autores brasileiros são a mais-valia de Silvânia no contexto concertista português. A sua carreira em Portugal tem inclusivamente aberto contactos com intérpretes e compositores brasileiros que ficaram do outro lado do Atlântico.

Quando o atravessar de fronteiras exige negociação

Para Carlos, que tem dupla nacionalidade (guineense e portuguesa), estudar em Londres aumentava-lhe o leque possibilidades para quem estava a preparar-se para um cargo no Banco Mundial. O facto de aí ter família paterna garantia-lhe algum apoio e isso determinou a sua decisão em fazer em Inglaterra a sua formação superior. Mas a diferença de valores desgostava Carlos que se chocava com o modo como os ingleses viam a família ou mesmo como as gerações mais novas viam e se relacionavam com os mais velhos – *“Eu estive cinco anos em Londres. Foram os anos mais difíceis da minha vida”*.

Quando ao fim de cinco anos de formação foi trabalhar para os Estados Unidos da América, não se adaptou *“é um país espectacular (...) mas não me diz nada, não me identifiquei com o país, não me identifiquei com a cultura”*. Foi aí que decidiu vir para Portugal e trabalhar num grupo financeiro. A partir daí a sua vida passou a oscilar entre Inglaterra, Portugal e Guiné. Atravessar fronteiras é algo com que Carlos está familiarizado desde que nasceu. Mas não o faz apenas por uma questão de conveniência profissional e de relacionamento familiar. A existência de fronteiras permite a Carlos aproveitar as possibilidades de três realidades diferentes – formação e contactos profissionais em Londres; casa, emprego e segurança em Portugal; Família e

proximidade da terra de origem na Guiné (a Guiné e Portugal têm um significado muito próximo para Carlos. Ambos têm o estatuto de “home”, no sentido de serem ambos o seu refúgio, mas a Guiné, apesar de ser o seu “*ponto de partida*”, o seu “*santuário*” onde vai sempre que alguma decisão importante tem de ser tomada na sua vida, é um sítio impossível para Carlos viver. Ao invés, Portugal dá-lhe paz e segurança). Atravessar fronteiras, permite a Carlos evitar aquilo que cada uma delas tem de negativo ou indesejável para a sua vida. Apesar de precisar de ir à Guiné nas alturas mais importantes da sua vida, a sua terra de origem (Carlos nasceu em Cuba e viveu lá até aos seis meses, a família do pai é da Guiné embora a família da mãe seja oriunda do Líbano tendo-se fixado na Guiné antes de Carlos nascer. A Guiné é para Carlos a sua terra de origem, há uma espécie de mito fundador que o liga à Guiné “*vou à Guiné para ver onde é que eu comecei, para ver de é que eu venho*”), Carlos não conseguiria lá viver, nem sequer aguenta lá estar muito tempo “*sempre que lá vou, quero ir embora no dia seguinte*”. Ele precisa e vive bem com uma Guiné imaginada (Anderson, 1983) – “*a Guiné para mim, como país, não é nada, é mais o que simboliza*” mas não suporta a Guiné como realidade – desigualdade e conflito social, violência, “*em África é mesmo assim, nós vivemos em casa e as casas parecem cadeias à noite, tem de se ter guarda armada e cães e...*” e até uma certa hostilização de que falámos já no Capítulo ***De onde sou – Atravessar e transportar fronteiras***, por não ser considerado filho da terra pelos que lá estão e lá ficaram. Por isso estas três realidades por detrás destas fronteiras são muito importantes para, alternadamente, lhe proporcionarem os aspectos positivos de cada uma delas e o pouparem ao impacto dos aspectos negativos que cada uma delas tem, também: os valores da família que o chocam, a ausência das suas origens e da família, e a violência e a rejeição sempre dolorosa daqueles que considera como seus mas que não o consideram a si como um deles.

Pertencer a muitos lugares é o meu capital mais precioso

Chiara move-se, hoje, no meio universitário. Cedo percebeu que o seu capital identitário mais valorizado reside no facto de ter uma naturalidade e duas

nacionalidades, falar as cinco línguas que fala: português, alemão, inglês, francês, espanhol e está a aprender Russo, ter o nome que tem, ter vivido em todos os países onde viveu.

Para além de representar um contacto com realidades diversas que a enriqueceram e lhe proporcionaram uma cultura multilocal, sente que é hoje para ela mais fácil lidar com a mobilidade que provavelmente vai, ainda, existir na sua vida *“acho que pra mim é mais fácil do para pessoas que nunca saíram do seu próprio país porque eu já o fiz muitas vezes”* aproveitando oportunidades que as diferentes estruturas lhe proporcionam atravessando fronteiras e, também, sente que tem

“Uma maior abertura a culturas ou a mentalidades diferentes e aceito, em vez de primeiro criticar ou achar que é estranho, tentar perceber primeiro o porquê e se calhar falar com pessoas de maneira diferente e acho que isso é uma facilidade, sim”.

Chiara quer, ainda, por muito tempo continuar a atravessar fronteiras. Aprender e tirar partido de culturas e sítios diferentes é algo que faz parte dos seus objectivos, desde que nos novos lugares possa ser tão feliz, como naqueles em que viveu até hoje.

Reterritorialização e fronteiras

Afirmar a diferença, promover o contacto

No seu trabalho sobre a diáspora Arménia⁵⁴, Tölölyan define reterritorialização como o processo de sedentarização⁵⁵ que fixa a diáspora em determinado território de acolhimento. Esta sedentarização faz parte de uma estratégia de fixação e reconstituição do grupo diaspórico que se sedia em determinada área a partir da qual, pode reunir os seus elementos e constituir-se como uma minoria (ou maioria) substancial. É a partir deste território que o grupo se reúne, constitui a sua organização social e territorial: as suas instituições religiosas, as suas escolas, clubes, lojas, restaurantes, instituições de acolhimento para os novos elementos, mas é também a partir deste território que exerce as suas influências e pressões junto dos órgãos de poder e instituições do país de acolhimento.

Pegando no conceito de *territorialidade* utilizado pela Etologia, define-se como “o comportamento característico adoptado por um organismo para tomar posse de um território, defendendo-o contra os membros da sua própria espécie” (Edward T. Hall, 1966). A territorialidade e a relação do homem com o espaço que habita e que lhe serve de base para as suas actividades e relação com os outros, constituem o objecto de estudo de E. T. Hall, no seu trabalho *The Hidden Dimension* de 1966. Sobre territorialidade, Hall diz ainda (por alusão ao pensamento de H. Hediger, que Hall refere como especialista em psicologia animal, [Hall, 1966, 1988: 20]) que “garante a propagação da espécie (...) fornece um quadro para a actividade, proporcionando terrenos de aprendizagem e jogo, locais onde é possível estar escondido e em segurança. A territorialidade coordena assim as actividades do grupo e garante a sua coesão”.

⁵⁴ Tölölyan, Khachig (2001) *Elites and Institutions in the Armenian Transnation*, Diaspora, Vol 9, Nº 1

⁵⁵ A palavra e o conceito de sedentarização não são muito utilizados pelos cientistas sociais que investigam nesta área – imigração e mobilidade. Tölölyan (2001) adverte para o facto de a tendência para a sedentarização das diásporas ser habitualmente negligenciada, pelos investigadores, bem como a tendência para a reterritorialização.

Este conceito apresenta aqui a vantagem de clarificar e reforçar a validade heurística do conceito *reterritorialização* que serve de base a esta tese. Vai igualmente ao encontro daquilo que Tölölyan define como reterritorialização.

Esta estratégia de fixação serve propósitos de preservação do grupo, mas também de poder e supremacia que podem ser dirigidos às estruturas do país de acolhimento, a outros grupos diaspóricos, também eles reterritorializados, como à própria nação fundadora da diáspora.

Não consta do objectivo deste estudo, a diáspora ou algum grupo diaspórico em particular. Nenhum dos casos em estudo, apresenta essas características ou integra uma identidade diaspórica, no entanto este conceito de reterritorialização revela-se válido ao propósito desta investigação: perceber que recursos são utilizados pelos sujeitos em mobilidade para se fixam em determinado território, aí viverem e restabelecerem a sua “home” como estratégia de inserção e de preservação identitária, com vista ao sucesso do seu projecto migratório.

Tölölyan fala numa disposição da parte das ciências sociais para negligenciarem a tendência de sedentarização da diáspora e da consequente reterritorialização. Não há reunificação da diáspora ou, individualmente, o restabelecimento da “home” sem um processo de sedentarização/reterritorialização. Esse processo passa por uma apropriação do espaço ocupado, com o objectivo de o impregnar cultural e socialmente. De o “dominar” ou “*ter sob controle*” como diz Márcia quando fala na sua relação com Lisboa (a que chama “*a sua cidade*”).

Para a diáspora, esta apropriação e controlo do espaço passam pelo estabelecimento e manutenção de “fronteiras” do território ocupado com vista à institucionalização do grupo, dentro do território de acolhimento. Isto requer uma estratégia de reprodução de identidade ou consciência diaspórica (Tölölyan, 2001; Mapril, 2002) através da criação e incentivo da prática de actividades colectivas i) quer

seja através da “centralização dos espaços educativos e de diversão num único lugar de modo a favorecer as sociabilidades intra-étnicas dando mais visibilidade à diferença identitária” (Brinca, 2002) ii) quer seja através da passagem de filmes ou outra forma de propaganda exortando a memória através de práticas sociais de “recordação e celebração” (Mapril, 2002; Gilroy, 1994, in José Mapril, 2002).

Para os sujeitos em mobilidade, este processo de apropriação do espaço, é fundamental para o restabelecimento da “home”, para a aquisição de laços e conexões sociais, para a reconstrução e preservação identitárias. Essa apropriação constitui o processo de sedentarização a partir do qual o sujeito se “reterritorializa”, isto é, se fixa, se sedia num novo lugar, estimulando os seus contactos com a terra de origem ou com outros sujeitos (conterrâneos, grupos de apoio, outros sujeitos em mobilidade, sociedade de acolhimento) exercendo as suas influências, constituindo o seu grupo de contactos, construindo as suas fronteiras, sociais, culturais, egóicas, ensaiando relações de poder com a comunidade de acolhimento, com outros sujeitos ou grupos que constituam o seu contexto relacional, e por fim, com a sua terra ou país de origem.

É a reterritorialização, que reforça o posicionamento dos sujeitos, os preserva, e valoriza egóica e narcisicamente, para as interacções com o(s) Outro(o) no seu novo contexto de acolhimento. **É a partir desse espaço apropriado, reterritorializado, que os sujeitos articulam a relação entre si próprios, o país de origem e o país de acolhimento** (com todos os interesses que têm e mantêm quer de um lado quer do outro). É nesse espaço reterritorializado que lhes permite reconstituir a sua nova casa ou “home”, lhes permite sentir que têm de novo um lugar, o seu lugar, relativamente ao qual desenvolvem sentimentos de pertença.

Tal como o grupo diaspórico faz uso das suas fronteiras – para afirmar um território estruturado social e politicamente, para a partir daí exercer a sua influência política e reclamar privilégios – também o imigrante ao reterritorializar-se estabelece a(s) sua(s) fronteira(s), delimitando o seu espaço perante o Outro, de modo a

condicionar-lhe o acesso, ensaiando relações de poder, através de investimentos diferenciados ao nível das relações de proximidade que decide ter como, com quem e com o grau de intensidade que para si mais vantajoso se tornar. Esses investimentos, que se traduzem em movimentos de aproximação (identificação, promoção de contactos) e de afastamento (afirmação de diferença, recusa ou condicionamento de acesso), fazem-se ao longo da linha de fronteira – no trabalho, no bairro com os vizinhos, na escola dos filhos com os professores e os pais dos colegas dos filhos – isolando os diversos espaços de sociabilidade uns dos outros, de modo a poder gerir as relações e aptidões sociais de cada um deles, da forma mais vantajosa para os sujeitos de acordo com as suas próprias aptidões.

A fronteira é, aqui, a linha de delimitação, que preserva e fortalece os sujeitos (cultural, social, política e identitariamente) e é, simultaneamente, a linha ao longo da qual as trocas e interacções se estabelecem (Barth, 1976; Hannerz, 1997). A fronteira é um recurso fundamental tal como a “home” no processo de reterritorialização dos sujeitos. São recursos que estes mobilizam em prol da sua estratégia de inserção. Como defende Barth, a diversidade cultural não se deve ao isolamento social mas, inversamente, ao contacto. As fronteiras são, por isso, importantes instrumentos de interacção entre grupos e sujeitos e são, por isso mesmo, importantes recursos de inserção. Ainda na senda de Barth (1976), não são as particularidades culturais, étnicas e identitárias (que distinguem grupos e sujeitos), que são importantes à abordagem antropológica, mas antes saber porque se mantêm e porque acham, os seus actores, importante mantê-las. Os sujeitos em mobilidade constroem as suas próprias fronteiras, que utilizam como afirmação de espaços de domínio e de preservação egóica relativamente ao(s) Outro(s) – seja ele minoritário ou majoritário (aquele que o acolhe) – de interferências exteriores, ou da diluição/esmagamento que possam constituir uma ameaça à sua valorização narcísica.

Carlos, diz a dada altura na sua entrevista

Como é que eu hei-de explicar... eu vivo sempre dentro da família, nós não somos expostos ao que acontece fora. E mesmo na Guiné, entre nós, dentro, é um círculo muito fechado, nós temos amigos muito, muito restritos. Conhecemos toda a gente, falamos com todos, mas não são todos nossos amigos e não são todos que têm acesso àquilo que realmente somos. Não são todos que sentam à nossa mesa para comer. É a melhor maneira de dizer ou, não são todos que dormem no nosso quarto.

Construir a pertença – fronteiras e Estado-nação

Desenvolver sentimentos de pertença a um lugar, terra, comunidade, grupo ou país envolve a criação e manutenção de laços de identificação e proximidade; pressupõe uma partilha de valores, de interesses, objectivos e ideais; implica, finalmente, um trabalho de imaginação (Anderson 1983), de construção de uma comunidade, muitas vezes impulsionada pelo desejo (Anthias, 2002; Bastos e Bastos, 1999, 2002 e 2006; Nira Yuval-Davis, 2006), outras vezes, mesmo, pela ânsia de pertencer (exactamente pela distância, pela ausência, ou pela impossibilidade de proximidade). Podemos verificar isso nos estudos de caso analisados no presente trabalho⁵⁶, mas também nos trabalhos de Anthias (2002) junto dos jovens grego-cipriotas nascidos em Inglaterra (imigrantes de 2ª geração), Tastsoglou no seu estudo sobre mulheres imigrantes nas cidades marítimas do Canadá (2006), Nira Yuval-Davis, (2006) Bastos e Bastos (2002 e 2006) e tantos outros. Atento aqui no pormenor da nacionalidade, porque em todos os depoimentos, em todas as narrativas, em todas entrevistas deste painel a nacionalidade é um vínculo defendido e, como vimos em alguns casos, até exacerbado.

Os casos em estudo, dizem respeito a imigrantes com diferentes experiências de mobilidade. Chiara e Carlos são, talvez, as pessoas deste painel com experiências de mobilidade que os antecedem, uma vez que os próprios pais eram imigrantes no país onde nasceram. No entanto, em todos eles a nacionalidade é um elemento fundamental da sua identidade.

⁵⁶ O caso de Marina, Andreia, Carlos, que desenvolvem laços com o país de origem no qual nunca viveram (ou apenas viveram numa parte da primeira infância da qual não têm sequer recordações), mas é o lugar (mítico – para Carlos, pelo menos) fundador da família, um lugar idealizado, sem defeitos. Ao contrário de Silvânia, Márcia, João, André, Evelina, que defendem os seus laços com o país de origem, mas viveram lá e reconhecem a impossibilidade de lá continuarem a viver – pela falta de oportunidades na área do emprego, da formação, ou do exercício de uma profissão específica, da qual decidiram viver. Mas também Chiara, que não sobrevaloriza a sua nacionalidade (dupla: portuguesa e suíça e naturalidade austríaca) mas que preza, e se revê nelas, para além de pertencer a todos os lugares onde viveu e foi feliz. Nicole é a pessoa deste painel que subtilmente defende a supremacia da sua nacionalidade sobre a nação de acolhimento.

A estratégia de globalização e internacionalização da economia e da cultura, associada ao desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, provocaram um aumento da mobilidade (Giddens, 1999; Appadurai, 1996; Silvano, 2001; Cidra 2002; Bastos e Bastos, 2006) de pessoas, objectos, informações, bens, valores, ideias, sistemas de pensamento e representação, que alteraram o modo como o espaço e a cultura se relacionam. Isto representou um desafio para a Antropologia, que teve de rever o modo de abordagem do binómio espaço-cultura e a arranjar novas ferramentas e métodos de investigação para se adaptar às novas formas de produzir o espaço através de culturas e sujeitos multi-situados e da produção da cultura em espaços multilocais.

Appadurai entende que com a nova realidade da mobilidade os sujeitos e grupos que chegam aos novos lugares reconstroem histórias e projectos étnicos que funcionam como culturas não localizadas, (Appadurai, 1996; Silvano, 2001) dependentes de factores que não são os locais e, defende que a influência daquilo que é distante é mais importante para moldar o lugar do que aquilo que é local. Há uma certa fluidez nas paisagens culturais, étnicas, financeiras, técnicas, de comunicação, a que Appadurai chama respectivamente *ethnoscape*, *financescape*, *technoscape*, *mediascape*; neologismos que Appadurai encontra para explicar o carácter da nova realidade que se depara ao nosso entendimento. Por *ethnoscape*, Appadurai define uma paisagem construída por pessoas ou grupos em circulação: imigrantes, refugiados, exilados, que constituem realidades desterritorializadas que interferem, por sua vez, nas realidades delimitadas dos Estados-nação, afectando-os nas suas próprias estruturas e características, causando mesmo alguma desestabilização entre nações como nunca antes acontecera.

Appadurai prevê com esta nova realidade o fim do Estado-nação, pela perda de sentido que o próprio território com a sua rigidez de limites e falta de flexibilidade, representa na incapacidade de se articular com as novas paisagens construídas por

comunidades móveis, não sujeitas a fronteiras que começam a ter uma forte expressão a nível global.

Não estando nos propósitos deste trabalho a análise dos factores que concorrem para a produção do local, não posso deixar de pensar qual a importância do local (isto é, o lugar de aqui⁵⁷) no espaço que é apropriado no processo de reterritorialização, e por conseguinte, de que modo os sujeitos articulam a construção do lugar (a reconstituição da “home”, por exemplo, concorre para esta construção) com o distante, seja o global, seja o país, o território ou Estado-nação que deixaram alhures (aquele que lhes dá a nacionalidade). Tololyan (2001) defende que a diáspora se organiza e estrutura na reterritorialização e que uma das importantes funções que o grupo diaspórico tem pela frente, para a preservação e continuidade do grupo, é reproduzir identidade diaspórica. Fá-lo através de mecanismos diversos (alguns deles abordados atrás) como promover actividades de convívio e aprendizagem colectiva, passagem de filmes sobre o momento (traumático) fundador da diáspora, criação de centros de difusão da cultura, apoio aos artistas, intelectuais, músicos, membros da diáspora, que possam difundir a cultura diaspórica e intercedem pelos interesses do grupo – criar lobys – apoiando e financiando políticos, negócios, ou actividades que favoreçam o grupo – gerando enfim, uma dinâmica de influências com o objectivo de conquistar poder (Tololyan fala num Estado dentro de outro Estado) para obter benefícios e vantagens para o grupo. Esta reprodução de identidade, que vive da difusão de uma ideologia e da exacerbação da diferença Nós/Eles, por vezes mesmo, Nós/eles (veja-se o caso Israel/Palestina) corresponde, afinal, à produção de nacionalismo (Tololyan, 2001) e de sentimentos nacionalistas⁵⁸ no interior do grupo.

As nações são comunidades políticas imaginadas que encerram estratégias diversas de reprodução, com vista à sua perpetuação no tempo e no espaço – veja-se a

⁵⁷ Por oposição ao lugar de *alhures* (Augé, 1992).

⁵⁸ Ver Benedict Anderson (1983) e Eric Hobsbawm, (1990)

importância da língua⁵⁹ para a criação de identidades culturais e a aceleração que, nesse sentido, o factor imprensa imprimiu na formação do sentido de grupo sócio-histórico, e de “nação” (Anderson, 1983), ou a religião, como no caso de Israel, por exemplo. Mas como, também, define Anderson (1983) a universalidade formal da nacionalidade – qualquer pessoa tem direito a uma nacionalidade (e por conseguinte a uma nação) – torna a nação incontornável. Para além do interesse que a análise – filosófica, sociológica, antropológica – do conceito de “nação” nos suscite, ela é hoje o modelo de organização política, social, territorial, histórica (com maior ou menor antiguidade na estabilidade das suas fronteiras, não existe um país que não passe aos seus membros, o sentido da responsabilidade da continuidade do seu grupo sócio-histórico, através da história do país, a biografia oficial da nação, ensinada na Escola, como uma compilação de factos e acontecimentos políticos, sociais e históricos, fundadores da “nação” com pretensão rigor e validade científica) em que os povos se organizam, se confrontam, e a cuja lógica estão sujeitos no sistema-mundo, onde se comparam e ensaiam relações de poder e de influência. Cada país ou “nação” tem um valor relativo nesse sistema global que hoje se confronta e se afere em qualquer ponto do globo, de forma generalizada, em resultado dos fluxos migratórios que desterritorializam pessoas, bens, objectos, imagens, sons, ideias, informações, para os voltarem a territorializar em locais (nos lugares de aqui), através de processos de “sedentarização” como fala Tololyan, e de reterritorialização.

Os sujeitos em mobilidade transportam consigo essa lógica que os apetrecha ou fragiliza, nas relações que ensaiam nas suas histórias de mobilidade com outros sujeitos e outras nações, mas da qual não parecem querer prescindir. Transportam a sua nacionalidade como um atributo que lhes é intrínseco, uma existência que os antecede e lhes sobrevive. Faz parte do seu capital identitário e é nesse sentido que o utilizam. Mas, mesmo que esse capital seja negativo, em determinadas circunstâncias (como um palestino dentro de Israel, por exemplo, ou um tchetcheno, dentro da Rússia), defendê-lo-iam, se necessário com a própria vida (Nira Yuval-Davis, 2006; Bastos e

⁵⁹ Tanto une e cria laços de comunhão, como divide, veja-se o caso da Bélgica e a sua evolução recente, bem como do Canadá e as clivagens entre as comunidades francófona e anglófona.

Bastos, 2006) como tantos exemplos da contemporaneidade nos podiam ilustrar. Não nos parece, até pela observação de indicadores históricos⁶⁰ – evolução do número de Estados desde o início do século XX até hoje que não pára de aumentar (Bastos e Bastos, 2006) – que o Estado-nação esteja em vias de extinção como tanto se tem proclamado⁶¹.

No seu trabalho sobre a diáspora arménia, Tölölyan chama a atenção para a importância dos líderes para o fortalecimento ou fragilização do grupo, perante constrangimentos que podem surgir no processo de reterritorialização. Os grupos diaspóricos deparam-se com problemas diversos que necessitam resolver dependentes de condicionantes locais (da estrutura de acolhimento) e inerentes ao próprio grupo e à sua cultura e à sua história. O sucesso dos líderes dos grupos reterritorializados, depende da sua capacidade de resolver essas questões locais (Tololyan, 2001). Os líderes podem tornar-se personalidades importantes pela capacidade de estabelecer contactos com o país de origem, com outros grupos diaspóricos (também eles reterritorializados), ou mesmo com os dirigentes do país de acolhimento. Mas a qualidade da sua liderança e o seu reconhecimento por parte do grupo depende das respostas e da capacidade de resolução das questões locais e da articulação do poder e da autonomia do grupo diaspórico com as estruturas de poder do país de acolhimento. Para que essa articulação seja vantajosa para o grupo diaspórico, é necessário fortalecer a identidade do grupo, ao mesmo tempo que condiciona o acesso ao Outro próximo mas diferente (acolhimento). Esse fortalecimento passa pela promoção e reprodução da cultura diaspórica, dentro das fronteiras da diáspora reterritorializada. Através de mecanismos de passagem de ideologia e difusão de identidade diaspórica, da exacerbação da diferença e do antagonismo relativamente ao Outro, do incitamento ao nacionalismo e à produção de sentimentos nacionalistas. Este nacionalismo é incrementado dentro da diáspora como uma forma de exercício de poder que em nada difere da lógica uniformizadora imposta pelos Estados-nação aos seus elementos. As

⁶⁰ Veja-se a Bélgica, como foi já citado, o conflito Israel / Palestina, os movimentos nacionalistas existentes em inúmeras nações reclamando o direito a constituírem-se como Estados-nações.

⁶¹ Giddens (1999), Appadurai (1996), Hobsbawm (1990), Anderson (1983) entre outros.

fronteiras são um instrumento importante na dinâmica da construção do binómio Nós/Eles. Este é o sentido heurístico da nação.

Conclusão

A investigação levada a cabo nestes onze estudos de caso, revelou a intenção e o desejo de sedentarização, em todos os projectos migratórios analisados. Mesmo no caso de Chiara, a pessoa que revelou a intenção de continuar a sua vida em outros países ou lugares, revela essa tendência da sedentarização, porque o vínculo que estabelece com os lugares e os contextos onde vive é uma relação de pertença, que a envolve e a implica com os locais de acolhimento. Essa relação é duradoura e permanece como um vínculo que a constrói, valoriza e identifica.

Aquilo que origina a mobilidade, salvo casos extremos, é a procura de uma vida melhor, o desejo de mobilidade social, a valorização individual e narcísica dos sujeitos, que os leva a empreender projectos migratórios em nome individual (ou por vezes servindo projectos mais alargados, da família, por exemplo) que, embora comportando risco, têm em vista obter ganhos e colmatar situações de perda, humilhação ou carência: um namoro que destruiu a auto-estima, uma comunidade que não oferece oportunidades de emprego e realização profissional, um meio pequeno e controlador que penaliza um divórcio... são muitas as razões que levam os sujeitos a sair do seu país, mas são, geralmente, as expectativas de melhorar e valorizar a vida que motivam essa decisão.

A reterritorialização é um processo de sedentarização com vista à inserção dos sujeitos no país de acolhimento. Consiste na apropriação de um espaço, que serve a fixação de sujeitos ou grupos no novo lugar, a partir de onde estes sediam a sua vida, restabelecem a sua “home” e (re)constroem as suas fronteiras, sociais, culturais, egóicas, identitárias, com vista à valorização e preservação narcísica dos sujeitos.

É a partir deste espaço reterritorializado (re)definem discursos e idiomas identitários, se constroem relações de pertença, se retomam os contactos com a terra de origem e com outros sujeitos (conterrâneos, grupos de apoio, outros sujeitos em mobilidade, sociedade de acolhimento) exercendo as suas influências, ensaiando

relações de identificação /desidentificação e de poder com a comunidade de acolhimento, com o seu contexto relacional.

A fronteira é um recurso fundamental tal como a “home” no processo de reterritorialização dos sujeitos. São recursos que estes mobilizam em prol das suas estratégias de inserção. A existência de fronteiras (sejam elas políticas e geográficas ou egóicas) longe de ser uma coisa negativa, aparece como um instrumento de mediação entre duas realidades que oferecem mais vantagens separadas do que juntas. Estas fronteiras permitem aos sujeitos gerir o nível e as circunstâncias de exposição, no novo contexto de acolhimento, ao(s) Outro(s) seu(s) interlocutor(es), de acordo com os seus interesses e as suas aptidões.

Por todas as perdas que os indivíduos tenham de enfrentar com a travessia de fronteiras, viver entre duas culturas revela-se vantajoso para os casos apresentados neste estudo: tiram partido de um emprego melhor remunerado, de uma estrutura com mais oportunidades de emprego e valorização profissional, de novos relacionamentos para manutenção, construção ou reconstituição da família. Tiram, enfim, o melhor partido das duas culturas e das duas realidades, aproximando-se selectivamente dos aspectos que mais lhes interessam em cada uma delas. As fronteiras guardam os territórios de um lado e do outro, tornando oculto para cada um dos lados o território omissos. Isso permite a construção de narrativas diferentes e edificantes para cada um dos espaços, sem a supervisão ou intromissão do outro lado. Existe alguma plasticidade nesta condição – o poder de representar em cada um dos lados o papel que lhe for mais conveniente escolher.

Por fim, o Estado-nação não aparece como um constrangimento para nenhum dos meus informantes. Pelo contrário, há um capital de prestígio e de influência de cada Estado-nação que os sujeitos utilizam como um capital identitário, no confronto e interacção com o(s) Outro(s) no processo de inserção, realizando trocas, medindo

perdas e ganhos, reclamando vantagens, ensaiando enfim relações de poder que se reflectem nos seus discursos identitários, nas narrativas de pertença e de localização.

Os sujeitos movem-se geográfica, cultural e socialmente, mas transportam na bagagem referências diversas que os tornam únicos como o nome, a ascendência, a idade, o sexo, a religião, a instrução, a profissão, e mais toda uma história e memória de vivências, sensações, sentimentos, perdas e ganhos que constituem as complexas coordenadas que os definem identitariamente. A nacionalidade faz parte dessa bagagem. Pertencer a algum lugar, significa que algo nos pertence também. Como diz Evelina, temos dentro de nós um lugar para aquela pertença, mas nós ocupamos um lugar também e esta reciprocidade é estruturante e edificante. A nacionalidade é política e administrativa, mas também subjectiva e relacional. Por isso é identitária. Nenhum português definiria a sua portugalidade da mesma maneira. O mesmo acontece com os entrevistados deste painel. Márcia é uma brasileira de Abrolhos, que mostra a complexidade do que sente relativamente à sua vida e aos laços que criou em Portugal, o país onde concretizou o seu projecto migratório, mas Marina, que apenas viveu no Brasil até aos cinco anos, não tem qualquer hesitação quando lhe pergunto de onde é – tendo em conta que o que ela conhece do Brasil, é uma cidade (onde nasceu) e uma pequena zona (a rua onde moram os tios, o centro comercial e pouco mais) em cada uma de duas cidades onde foi visitar familiares nas últimas viagens que fez ao Brasil –

“Eu sou do Brasil inteiro”.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict (1983) *Comunidades Imaginadas*, Lisboa (1991), Edições 70.
- ANTHIAS, Floya (2002), *Where Do I Belong? Narrating Collective Identity And Translocational Positionality*, in *ETHNICITIES*, SAGE, London pp. 491-514.
- APPADURAI, Arjun (1996) *Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa (2004), Teorema.
- AUGÉ, Marc (1992), *Não-Lugares Introdução a uma Antropologia da sobremodernidade*, 90 Graus Editora, Lisboa, 2005.
- BARTH, Frederik, *Los Grupos Étnicos e Sus Fronteras. La organización social de las diferencias culturales*. Introducción, FEC, México D.F., 1976, pp.9-49.
- BOSI, Alfredo (1992), *Dialéctica da Colonização*, Companhia das Letras, S. Paulo, Brasil.
- BRAH, Avtar (1996) “Cartographies of Diaspora. Contesting Identities”, in TASTSOGLU, Evangelia e DOBROWOLSKY, Alexandra (2006) *Women, Migration and Citizenship – Making Local, National and Transnational Connections*, Canada - Saint Mary’s University, ASHGATE.
- BRINCA, Ana, «*Ser Judeu é a minha identidade profunda*»: ao encontro dos processos e estratégias de (re)construção identitária de judeus residentes em Lisboa, *Ethnologia* (2002) n.s. 12-14: 223-252.
- CIDRA, Rui “*Ser Real*” *Ethnologia* (2002) n.s. 12-14: 189-222, UNL – FSCH.

COPANS, Jean (1974) *Critiques et politiques de l'anthropologie*, Paris, Librairie François Maspero, [Ed. Port.(1981) *Críticas e Políticas da Antropologia*, Lisboa, Edições 70.]

DURKHEIM, Émile (1912) “Les Formes Elémentaires de la Vie Religieuse”, Paris, PUF, em SILVANO, Filomena (2001) *Antropologia do Espaço*, Celta Editora, pp. 7-14.

EVANS-PRITCHARD (1937-1969) *Les Nuer: Description des Modes de Vie et des Institutions Politique d'un Peuple Nilote*, Paris, Galimard em SILVANO, Filomena (2001), *Antropologia do Espaço: Uma Introdução*, Oeiras, Celta.

FILHO, João Lopes, *Entre duas culturas : os filhos dos imigrantes cabo-verdianos*, Ethnologia (2002), n.s. 12-14 :163-188.

FONSECA, Maria Lucinda (Coord.), ORMOND, Meghann, MALHEIROS, Jorge, PATRÍCIO, Miguel e MARTINS, Filipa (2005) *Reunificação Familiar E Imigração Em Portugal*, , Observatório Da Imigração, Edição Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME), Lisboa.

FORTIER, Anne Marie (2000) “Migrant Belongings: Memory, Space Identities” in Nira Yuval-Davis (2006), *Belonging and the politics of belonging*, Patterns of Prejudice, Vol. 40, Nº 3, Rutledge.

FUENTES, Carlos (1985), “Latin America: At War with the Past”, in Evangelia Taststoglou (2006), *Immigrant Women and the Politics of Belonging*, In Evangelia Tastsoglou e Alexandra Dobrowolsky (2006), *Women Migration and Citizenship*, Saint Mary's University, Canada.

GIDDENS, Anthony

- (1999) *O Mundo Na Era Da Globalização*, Lisboa, Editorial Presença (2000).

- (1990) *As Consequências da Modernidade*, Celta Editora, 2005 Lisboa.

GILROY, P., [“It ain’t where you are from, it’s where you ‘re at...’: The dialectics of diasporic identification” in Vertovec, S. & Cohen, R., eds., *Migration, Diaspora and Transnationalism*, Celsnham, An Elgar Reference Collection, The International Library of Studies on Migration n.º 9, 1999 (1991)] in Mapril, *De Wenzhou ao Martim Moniz*, *Ethnologia* (2002) n.s. 12-14, 2002.

HALBWACHS, Maurice (1950) “La memoire collective”, Paris, PUF, in SILVANO, Filomena (2001) *Antropologia do Espaço*, Celta Editora, pp.7-14.

HALL, Edward T. (1966), *The Hidden Dimension*, [Ed. Port. (1986), *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio d’Água]

HALL, Stuart, (1992) “The question of cultural identity”, Hall, Held, e McGrew (org.), “Modernity and its futures”, Cambridge, Polity Press, 1992, in SILVANO, Filomena, *José e Jacinta nem sempre vivem nos mesmos lugares*, *Ethnologia* (2002) n.s. 12-14: 53-79, UNL – FSCH.

HANNERZ, Ulf (1997), *Fluxos, Fronteiras e Híbridos*, MANA 3(1): 7-39.

HOBBSBAUWM, Eric, (1990) *A QUESTÃO DO NACIONALISMO – nações e nacionalismo desde 1780*, Terramar (1998).

MACAÍSTA MALHEIROS, Jorge

- (1996), *Imigrantes Na Região de Lisboa – Os Anos da Mudança*, Edições Colibri, Lisboa.
- (Org.) (2007), *Imigração Brasileira em Portugal*, Observatório da Imigração, Edição ACIDI, I.P.

MAPRIL, José, *De Wenzhou ao Martim Moniz – Práticas diaspóricas e a (re)negociação identitária do local*, Ethologia (2002), n.s. 12-14: 253-294.

MARTES, Ana Cristina Braga (2000), em PADILHA, Beatriz (2007) “A IMIGRANTE BRASILEIRA EM PORTUGAL: CONSIDERANDO O GÉNERO NA ANÁLISE”, in Malheiros (Org.), 2007, *Imigração Brasileira em Portugal*, Observatório da Imigração, Edição ACIDI, I.P. pp. 113-134.

MAUSS, Marcel (1904) “Ensaio sobre as variações sazoneiras das sociedades esquimó” em *Sociologia e Antropologia*, vol.2, S.ao Paulo, EPU, pp. 237-331, in SILVANO, Filomena (2001) *Antropologia do Espaço*, Celta Editora, pp. 7-14.

PADILHA, Beatriz (2007) “A IMIGRANTE BRASILEIRA EM PORTUGAL: CONSIDERANDO O GÉNERO NA ANÁLISE”, in Malheiros (Org.), 2007, *Imigração Brasileira em Portugal*, Observatório da Imigração, Edição ACIDI, I.P. pp. 113-134.

PAUL-LÉVY, F. e M. Segaud (1983) “L’Anthropologie de l’Espace, Paris, Centre Georges Pompidou/CCI, em SILVANO, Filomena (2001) *Antropologia do Espaço*, Celta Editora, pp. 61-68.

PENA PIRES, Apresentação à 11ª Conferência Internacional Metropolis, Lisboa, 5 de Outubro de 2006.

PEREIRA BASTOS, Susana e José Gabriel,

- *De Novo em Viagem*, Ethnologia (2002) n.s. 12-14: 127-161, UNL – FSCH.
- (2006) *Filhos Diferentes De Deuses Diferentes*, (Ed.) ACIME, Observatório Da Imigração, nº 17.
- (1999) *Portugal Multicultural – Situação e Estratégias Identitárias Das Minorias Étnicas*, Fim de Século Edições, Lisboa.

PEREIRA BASTOS, José Gabriel (2000), *Portugal Europeu: Estratégias Identitárias Inter-nacionais dos Portugueses*, Celta Editora, Oeiras.

PORTES, Alejandro

- (1999) *Migrações Internacionais*, Lisboa, Celta.
- (2006) *Estudos Sobre As Migrações Contemporâneas*, Fim de Século.

PROBYN, Elspeth (1996) “Outside Belonging”, in Nira Yuval-Davis (2006), *Belonging and the politics of belonging*, Patterns of Prejudice, Vol. 40, Nº 3, Rutledge.

RENÓ MACHADO, Igor José de (2007)

- “Reflexões sobre a Imigração brasileira em Portugal” *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, [En línea], Debates, 2007, Puesto en línea el 07 juin 2007. URL : <http://nevomundo.revues.org/index5889.html>
- “REFLEXÕES SOBRE AS IDENTIDADES BRASILEIRAS EM PORTUGAL”, in Malheiros (Org.), 2007, *Imigração Brasileira em Portugal*, Observatório da Imigração, Edição ACIDI, I.P. pp. 113-134.

SAINT-MAURICE, Ana de (1997) *Identidades Reconstruídas*, Lisboa, Celta Editora.

SAFRAN, W., [“Diasporas in modern societies: Myths of homeland and return” in Vertovec, S.& Coen, R., eds., *Migration, Diaspora and Tansnationalism*, Celtnham, An Elgar Reference Collection, The International Library of Studies on Migration n.º 9, 1999] in Mapril, *De Wenzhou ao Martim Moniz*, Ethnologia (2002) n.s. 12-14, 2002.

SILVANO, Filomena

- (2001) *Antropologia do Espaço*, Celta Editora.
- *José e Jacinta nem sempre vivem nos mesmos lugares*, Ethnologia (2002) n.s. 12-14: 53-79, UNL – FSCH.

TASTSOGLU, Evangelia (2006) “Gender, Migration and Citizenship: Immigrant Women and The Politics of Belonging in the Canadian Maritimes”, in TASTSOGLU, Evangelia e DOBROWOLSKY, Alexandra (2006) *Women, Migration and Citizenship – Making Local, National and Transnational Connections*, Chapter 9, Canada - Saint Mary’s University, ASHGATE, pp. 344-374.

TÖLÖLYAN, Khachig (2001) Elites and Institutions in The Armenian Transnation, *Diáspora*, Vol. 9, Nº1.

VALE DE ALMEIDA, Miguel (2000), *Um Mar da Cor da Terra*, Oeiras, CELTA

VERMEULEN, Hans (2001) *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura*, SociNova, Lisboa, Edições Colibri.

STEPHEN, Castles (2005) *Globalização, Transnacionalismo e Novos Fluxos Migratórios*, Fim de Século

YUVAL-DAVIS, Nira (2006), *Belonging and Politics of belonging*, Patterns of Prejudice, Vol. 40, Nº 3

DUBOIS, W. E. B ., *The Souls of Black Folk*. (1961 [1903]: 16-17), in HANNERZ, Ulf (1997), *Fluxos, Fronteiras e Híbridos*, MANA 3(1): 7-39.

LISBOETAS (2004) de Sérgio Trefaut

-

Reterritorialização: Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de inserção no país de acolhimento

	Carlos Anexo 1	Márcia Anexo 2	Chiara Anexo 3	Andreia Anexo 4	Silvânia Anexo 5	Evelina Anexo 6	Marina Anexo 7	Ana Lúcia Anexo 8	André Anexo 9	João Anexo 10	Nicole Anexo 11
Ano de chegada	1985 (?) ¹	1990	1995 ²	Nasceu em Portugal	1986	2004	1986	2005	1999 ³	2004	1995
Idade	27 Anos	49 Anos	23 Anos	20 Anos	49 Anos	32 Anos	29 Anos	38 Anos	49 Anos	25 Anos	39 Anos
Nacionalidade	Português ⁴ e guineense	Brasileira	Portuguesa ⁵ e suíça	Brasileira	Brasileira	Brasileira	Brasileira	Brasileira	São-tomense	Brasileira	Francesa
Escolaridade / Ocupação	Licenciatura/ Analista Financeiro	Pós- graduação/ Directora Comercial	Estudante de Direito	Estudante universitária	Curso superior de piano Pianista Prof. De Piano	Equiv. Ensino Secundário Operária Dan Cake	Frequência Ensino Superior/ trabalha em Call Center	Mestrado/ Professora de História	Frequência Ensino Superior/ Trabalhador de montagens	Equivalente a 7º ano de escolaridade / trabalhador restauração	Pós – graduação/ Tradutora - Intérprete
Países onde viveu	Cuba, Guiné Portugal, Inglaterra EUA	Brasil Portugal	Áustria, EUA, Porto Rico, Inglaterra, Grécia, Suíça e Portugal	Portugal	Brasil e Portugal	Brasil e Portugal	Brasil e Portugal	Brasil e Portugal	São Tomé, Angola, França, Portugal	Brasil e Portugal	França, Reino Unido, Portugal
De onde és	Da Guiné	Abrolhos ⁶	Sou de onde estou e me sinto feliz	Portuguesa mas também brasileira	Sou brasileira mas sou daqui-Port.	Sou brasileira	De Santos, no Brasil. Do Brasil inteiro	De Lisboa	São Tomé	do Brasil	De Paris, de França

¹ Carlos veio para Portugal com a mãe ou com a avó entre os 2 e os 4 anos, por isso, estimo que tenha sido por volta de 1985.

² Chiara veio com os pais, mãe portuguesa e pai suíço, que se estabeleceram em Portugal, em 1995.

³ André veio para Portugal definitivamente em 1999 para se juntar à família, mulher e filhos, embora tenha mantido contactos e estadias em Portugal desde 1981, sempre como ilegal.

⁴ Carlos diz que tem nacionalidade portuguesa, mas é também guineense. Durante a entrevista afirma-o de várias formas, embora perante a pergunta sobre a sua nacionalidade responda que é português.

⁵ Chiara nasceu na Áustria, onde viveu até à idade de um ano e meio – tem dupla nacionalidade mas a sua naturalidade é austríaca.

⁶ Márcia diz que Abrolhos é uma ilha que fica no meio do oceano Atlântico, a meio caminho entre o Brasil e Portugal.

Reterritorialização: Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de inserção no país de acolhimento

Onde te sentes em casa	Em Alverca Portugal	Em Alverca Portugal	Onde estiver e me sinta bem ⁷	Tomar Portugal	A minha casa é aqui Tomar - Portugal	No Brasil em Goianha em Portugal é em Alverca	Onde vivo, no Barreiro, mas o meu cantinho é em Tomar na casa da minha mãe	Em Lisboa	Em Portugal	Em Vila Franca de Xira – é igual à minha cidade no Brasil	Adapte-me a Portugal, mas não me identifico com os portugueses não sou daqui
Ligações à terra de origem	É um lugar mágico, é a minha origem, onde tudo começou (Guiné)	Quero viver na terra onde a minha avó foi enterrada e onde eu cresci, no Brasil	Apesar de ter nascido e vivido na Áustria, considera Portugal e Suíça as suas terras de origem	Brasil-Férias e família. Corre sempre tudo bem, mas não é a minha realidade	Aquilo que me faz saudades é a informalidade. Chamar a minha tia à janela, da rua	Gosto do Brasil mas é em Portugal que eu quero viver por mim e pelos meus filhos	É onde tenho a minha família onde estão as pessoas com que me identifico	É a terra dos meus pais, já não a sinto como minha	A mãe, mas já morreu. É em Portugal que gosta de estar com os filhos e a mulher	Tenho lá o meu pai e a família mas quero ficar aqui. Tirar um curso de moda, gosto do mundo “fashion”	É lá que está a minha cultura (Paris), é com as francesas que me identifico
Enquadramento	Veio trazido pela mãe – Anos 80	1ª leva de imigração brasileira anos 80 a 90	Década de 90, modernização da economia, Expo98 Presidência portuguesa Comunidade Europeia	Mãe veio na década de 80, 1ª leva imigração brasileira	1ª leva de imigração brasileira	2ª leva da imigração brasileira	Veio com a mãe, Silvânia, na 1ª leva da imigração brasileira	2ª leva de imigração brasileira, mas tem escolaridade	Imigração pós descolonização, fim da década de 70 e década de 80.	2ª leva de imigração brasileira	Europeia, qualificada, vem p/ Portugal para as oportunidade da Expo98 e Pres. Port. Da Comunidade Europeia.

⁷ Chiara sente-se bem no sítio onde vive desde que aí se consiga sentir feliz. Sente-se em casa em Portugal, mas também na Suíça, onde passou grandes temporadas da sua vida e foi feliz e, sente-se em casa, também, em Berlim onde estudou no último ano lectivo e gostou de viver.

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa

ANEXO 1

Entrevista realizada a Carlos no âmbito da apresentação da Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e Transnacionalismo

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Diz-me o teu nome por favor e idade.

Carlos – Carlos Handem e tenho 25 anos.

Antropóloga – Qual é a tua nacionalidade?

Carlos – Portuguesa.

Antropóloga – Nascestes onde?

Carlos – Cuba. Havana.

Antropóloga – Profissão?

Carlos – Neste momento sou Analista Financeiro.

Antropóloga – Que formação escolar é que tu tens?

Carlos – Tenho uma licenciatura em negócios internacionais feita em Londres.

Antropóloga – Dizes que és português, mas nascestes em Cuba, como é isso?

Carlos – Sou português devido ao meu pai. Ele nasceu na Guiné, mas o pai dele era português. E passou-me a nacionalidade.

Antropóloga – Optou pela nacionalidade portuguesa?

Carlos – Sim, sim.

Antropóloga – A tua mãe é portuguesa, também?

Carlos – A minha mãe é guineense.

Antropóloga – Conta-me como viste aqui parar, ou como foste parar a Londres... És português, estudaste em Londres, os pais são guineenses, nascestes em Cuba...A tua vida tem sido um permanente atravessar de fronteiras.

Carlos – Sim, é assim – eu nasci em Cuba, depois fui viver para Bissau, na Guiné, estudei lá um bocadinho, depois vim para Portugal, estive na Escola Militar em Portugal, nos Pupilos do Exército, depois voltei para a Guiné, estive na Guiné dois anos, tivemos o azar da guerra civil, tivemos que voltar para Portugal...

Antropóloga – Isso foi em que ano, quando estiveste na Guiné?

Carlos – Foi em 95. 95-96. Depois em 97 deu-se a guerra e eu vim pr'aqui e, depois daqui, fui pra Londres.

Antropóloga – Se eu te perguntar de onde é que tu és, o que é que te vem imediatamente à cabeça?

Carlos – É difícil. É muito difícil. Eu...sou da Guiné. É de onde eu sou. Sou da Guiné porque ... sou da Guiné e sou de Portugal porque a minha infância está dividida entre os dois. É uma mistura, eu não posso dizer que sou só da Guiné, porque eu tenho bons amigos lá, mas também tenho bons amigos cá. E é difícil, está dividido, o coração está dividido, não pode escolher. Tem boas coisas lá e tem boas coisas cá.

Antropóloga – Quando pensas na tua infância, e em coisas que passaste, dos primeiros tempos, dos tempos em que o lugar ainda não tinha nome para ti, a que lugar atribuis essas recordações?

Carlos – Na Guiné. Foi na Guiné.

Antropóloga – Com quem estavas? Com a tua mãe, com os teus pais, com quem estavas?

Carlos – Sim, estava com os meus pais... estava com a minha mãe. Foram só dois anos, mas foram dos melhores anos que eu tive até agora.

Antropóloga – Mas esses anos de que me falas são os de 95/96, ou foram antes disso?

Carlos – Não, não, foi de antes também e em 95/96. De antes lembro-me pouco, era muito novo, mas em 95/96 foi os melhores anos. Até 97...

Antropóloga – Em Cuba passaste algum tempo, que te lembres, ou nasceste só?

Carlos – Seis meses, só. Só seis meses. Não passei tempo nenhum

Antropóloga – E depois foste para a Guiné?

Carlos – Sim, sim, fui directo para a Guiné.

Antropóloga – E esse primeiro tempo que tu passaste na Guiné, quando eras muito pequenino, lembras-te de alguma coisa?

Carlos – Muito vagamente, muito vagamente, eu vivia no interior e o que eu sei foi-me contado, disseram-me. Não me lembro de nada.

Antropóloga – Esse tempo em que tu andaste de fronteira em fronteira, foi acompanhado pela família toda, ou só pela mãe e pelo pai, como é que se passou?

Carlos – É assim, eu...nunca vivi com o meu pai. O meu pai e a minha mãe divorciaram-se quando eu tinha quatro anos e não me lembro da vida deles em juntos, por isso eu, sempre vivi com a minha mãe. Foi sempre a minha mãe a acompanhar tudo. As viagens que eu fiz, os sítios onde eu vivi, foi sempre com a aprovação dela. Sempre, sempre, sempre.

Antropóloga – Estás em Portugal há quanto tempo?

Carlos – Desta última vez? Um ano e meio.

Antropóloga – Antes disso, viveste em vários sítios, mas se eu te perguntar onde viveste a maior parte da tua vida, sem fazeres contas, onde achas que foi?

Carlos – (resposta pronta) Portugal. Foi Portugal.

Antropóloga – Quando pensas na tua cultura, no sentido daquilo que tu transportas dentro de ti, os teus gostos, os teus valores, daquilo que tu és, o que é que tu sentes, essencialmente? Qual é que achas que é a tua cultura?

Carlos – É difícil, é uma mistura, uma grande mistura das tradições africanas, do conceito de família, do que é uma família para um africano e ao mesmo tempo é uma mistura de uma mente aberta de uma pessoa europeia. Agora saber quando as regras africanas acabam e as regras europeias começam é... (abana a cabeça) é uma mistura.

Antropóloga – É difícil para ti, esse constante atravessar de fronteiras?

Carlos – É difícil, muito difícil.

Antropóloga – O que é que tu sentiste mais difícil até hoje, o que é que te exigiu até aqui, maior esforço de adaptação?

Carlos – (Resposta pronta) em Londres.

Antropóloga – Em Londres?

Carlos – Em Londres.

Antropóloga – Porquê?

Carlos – Pode ter sido uma má percepção minha, mas foi a maneira como eles olhavam para a família e o respeito que eles mostravam pelos mais velhos. Não é uma coisa por que se devem sentir orgulhosos e isso para mim, foi o mais difícil de adaptar e de aceitar e... de saber viver com aquilo. Via pessoas a insultarem os pais e pra mim não faz sentido nenhum, aquilo. Porque para nós os pais estão acima do próprio Deus, primeiro estão os pais e depois a seguir é que está Deus. Foi muito difícil adaptarmo-nos a isso. Mas ...adaptamos

Antropóloga – Essa adaptação passa por negociações?

Carlos – Sim, sim.

Antropóloga – É difícil, essa adaptação, quer dizer, exigiu uma tomada de consciência, desse novo contexto e da necessidade de negociação?

Carlos – Sim, sim.

Antropóloga – Em Portugal nunca sentiste isso?

Carlos – Um pouco, um pouco. Quando eu estava na secundária, senti bastante, com os meus colegas. Havia uma grande diferença com os meus colegas. A maior diferença para mim foi sempre a maneira como eles viam a família e a maneira como nós somos educados a ver a família. Nós vivemos em redor da família e eles não, eles faziam parte da família, mas cada um tinha a sua vida.

Antropóloga - É engraçado tu dizeres isso, porque tu crescestes longe da família, aprendendo a estar sozinho.

Carlos – Sim, é verdade.

Antropóloga – De que modo a família está tão presente, então, na tua vida?

Carlos – (hesitação...)

Antropóloga – No pensamento?

Carlos – Também. Eu tento estar o mais perto da família através das coisas antigas, das recordações, dos planos que eu faço é tudo a pensar na família, no futuro. Através de cartas, eu dou muito valor às cartas...aos telefonemas sim, em caso de urgência, mas eu prefiro escrever uma carta, porque é uma coisa que eu posso ver e depois pegar com as próprias mãos, é uma coisa material. Pra mim é muito importante e sempre que estamos juntos, eu tento que seja especial, sem confusões sem brigas...

Antropóloga – E aí, onde entra a Guiné, quer dizer o que é a Guiné pra ti, nesse mapa de coordenadas tão diversas e dispersas?

Carlos – A Guiné ...a Guiné pra mim é o ponto de partida. Eu vejo a Guiné como se fosse o meu santuário. Sempre que eu preciso de ganhar mais energias ou sempre que eu preciso de fazer uma nova experiência eu tenho que ir sempre à Guiné, pra ver como é que é a realidade lá, pra ver de onde é que eu comecei, de onde é que eu venho, principalmente de onde é que a minha família vem e, só depois é que sinto ...sinto com coragem e sinto-me determinado a fazer o que eu tiver a fazer. Tenho sempre de ir é como se fosse uma tradição. É minha, isso só eu é que faço na minha família. Sempreque eu tiver... qualquer uma das viagens que eu fiz, eu tive sempre que ir à Guiné antes,

Antropóloga – foste primeiro à Guiné...

Carlos – Fui sempre à Guiné, sempre, sempre, sempre. Não sei porquê, mas acontece.

Antropóloga – E o que é a Guiné pra ti, ou melhor, como é que tu pensas a Guiné? É uma terra, uma localidade, é o sítio onde nasceste, a tua casa, a casa da avó, é o quê?

Carlos – Não (risos), a Guiné pra mim, como país, não é nada, é mais o que simboliza, pra mim. Eu quando lá estou nunca saio de casa. Estou sempre dentro de casa. É estranho isso e sempre que eu lá vou, quero ir embora no dia seguinte. Mas é só o facto de chegar e ver a terra e pra mim já está, já me posso ir embora. É mais um local de espírito.

Antropóloga – E o sítio onde tu chegas e onde tu estás, é sempre o mesmo? É uma casa especial, é um sítio especial, é uma cidade especial, o que é?

Carlos – É, é a capital, não é nenhum sítio em especial, o que eu, eu,

Antropóloga – é a casa de familiares?

Carlos – Também, o que eu gosto sempre de fazer é ir sempre aos mesmos sítios, reviver a minha história. Gosto de ir à minha escola, gosto de ir onde eu brinquei, quando era criança

Antropóloga – Com que idade é que estiveste lá, na Guiné?

Carlos – Quando era muito novo, desde... muito novo. Desde os seis meses

Antropóloga – desde os seis meses?

Carlos – Desde os seis meses.

Antropóloga – e Depois quando voltaste a sair, que idade tinhas?

Carlos – Não me lembro, mas da última vez que eu saí, eu teria onze anos, onze ou doze, quando eu vim para a Escola Militar

Antropóloga – E até aí estiveste lá na escola?

Carlos – Sim, sim, sim. Foi lá. Lá e cá, foi assim aos saltinhos sempre. Cá e lá, lá e cá. Um ano lá, um ano cá, meio ano cá meio ano lá, conforme.

Antropóloga – Os teus avós estavam lá?

Carlos – Sim, sim, sim. Eu era a carteira da minha avó. Até aos...largos anos eu era a carteira da minha avó, onde ela estivesse eu estava. E tive que me adaptar.

Antropóloga – E foi mais com a avó ou com a mãe?

Carlos – Os primeiros anos de vida foi mais com a avó, depois foi com a mãe.

Antropóloga – Essa distância que vocês têm uns dos outros... como hei-de dizer? Tens mais irmãos?

Carlos – Sim, sim, neste momento tenho o meu irmão e estou aqui com ele e tenho a minha irmã, que é mais nova e ela está bem longe, está em Londres, vive em Londres, já está lá há seis anos

Antropóloga – E falas com ela, tens contacto habitual com ela?

Carlos – Sim,sim, sim. Pelo menos uma vez por semana, sempre que possível, falo sempre com ela.

Antropóloga – Quando em Londres te perguntavam a nacionalidade o que é que tu te sentias?

Carlos – Eu a nacionalidade sempre disse que era português, mas sempre explicava que a minha família vinha da Guiné e... tinha muitas, muitas misturas e a nossa cultura e tradição não se podia considerar só guineense, mas muito misturada.

Antropóloga – Quando essa pergunta “de onde és?” te é feita na Guiné, traz-te algum tipo de hesitação?

Carlos – Sim. Há um pequeno grande problema na Guiné, que é relacionado com as pessoas da nossa cor. Não são escuras, são meio-termo. E na Guiné, as pessoas antigas, as pessoas mais velhas que não me conhecem, olham pra mim e consideram-me

estrangeiro, não me consideram da terra. Isso infelizmente acontece em toda a África e isso é chocante, porque nós não somos pretos pra eles, nós somos brancos e prós brancos nós somos pretos e então nós consideramos a terra nossa, mas eles não nos consideram parte deles e isso é muito, muito, muito triste. Então, eu, pelo menos, tento fugir a isso, tentando procurar sempre de onde é que a minha família veio, tentando procurar sempre o mais atrás na procura das ligações, então onde é que tudo começou, até ter chegado à Guiné

Antropóloga – Quando falas da família e de onde tudo começou, isso pode ir até onde, aos teus avós, aos teus bisavós, tetravós, mais atrás, até onde é que pode ir.

Carlos – Sim, sim, tetravós...

Antropóloga – São todos da Guiné?

Carlos – Não, não, não são. É engraçado, mas a minha família, só o meu avó... não, só o meu bisavô, a minha bisavó é que é da Guiné porque toda a minha família, pelo menos do lado da minha mãe, é do Líbano.

Antropóloga – Líbano?!

Carlos – Eles aventuraram-se pela Guiné dentro. Eram quatro primos e aventuraram-se e de lá nunca mais saíram.

Antropóloga – Essa acusação de seres de fora, ou de seres branco, quando estás na Guiné, é-te feita pelos guineenses, ou pela tua família?

Carlos – Não, não. Pelos guineenses.

Antropóloga - Percebo que isso te traz alguma mágoa...

Carlos – É triste porque nós acabamos por defender a terra, mais do que eles mesmo e por um lado são eles que fazem com que o país esteja da maneira como está, são eles que estragam, porque... têm esta mentalidade e esta mentalidade não ajuda. Chega a um ponto em que estão sempre a chatear e as pessoas não aguentam e acabam por ir embora e não voltam e o país é que perde.

Antropóloga – Achas que há muita emigração de gente válida, por essa falta de espaço para as pessoas diferentes?

Carlos – Já houve mais. Agora, pelo menos da minha geração, é uma geração que saiu mas não saiu só para Portugal. Nós tivemos a sorte, ou o azar de ir mais a Norte da Europa e alguns foram mesmo fora da Europa – foram prós Estados Unidos, foram prá China, não estiveram só em África ou só em Cuba, como era o habitual. Então, as pessoas têm uma mente extremamente aberta, eles são extremamente flexíveis, ganharam a tal parte europeia que é “não me interessa muito o que tu pensas de mim, eu sei o que sou, o que tu me dizes não me faz muita diferença” e com essa mentalidade eles estão a voltar e realmente não lhes interessa o que os velhos pensam ou não pensam, isso já não lhes faz muita diferença. Porque a parte da cultura africana é essa parte que se preocupa muito com o que os mais velhos dizem e alguns acabam por ser mesmo uns telecomandos. Essa é a pior parte.

Antropóloga – Sentes que na Guiné, as pessoas mais velhas têm um grande peso na comunidade? É importante o que os mais velhos pensam?

Carlos – Sim, sim, sim. Agora pouco, muito menos do que antigamente. No tempo dos meus pais era muito importante.

Antropóloga – Há um conflito de gerações, que é visível? Há uma geração nova que quer afirmar a sua importância, os seus valores e o seu protagonismo mas enfrenta a resistência de uma geração mais velha que não quer também perder o protagonismo e o poder que tem na comunidade. É isso?

Carlos – sim, sim. É um pouco.

Antropóloga – São bem vistas, as pessoas, quando saem para fora?

Carlos – Sim, sim, sim. São muito bem vistas.

Antropóloga – Mas depois quando voltam, não é fácil...

Carlos – Também. Sim, (sorriso) não é fácil, porque nós... é assim, se nós voltarmos e ficamos na casa dos pais, é complicado, porque temos que nos lembrar que são que mandam, são eles que nos mandam pra cama, são eles que nos põem a comida na mesa, e é complicado porque eles querem continuar a ser pais, querem continuar a mostrar que eles podem cuidar de nós. Eles podem ser capazes de fazer isso, mas nós quando voltamos, normalmente já aprendemos a viver sozinhos, já não queremos isso pra nós e o habitual é: o africano, antigamente, só saía de casa pra casar e quando saía de casa às vezes já tinha quase trinta, ou já tinha quase quarenta, mas agora não, nós saímos de casa aos dezoito e alguns já trazem filhos. Isso para os pais... eles sentem-se um pouco, alguns pais sentem-se com vergonha perante a sociedade, porque eles têm ... sentem... tão sempre com medo daquilo que a sociedade, como a sociedade os irá julgar. Mas aqueles que têm mais... não é mais cultura, aqueles que têm uma mente mais aberta, já não se preocupam com isso. Não é um conflito de gerações, é mais uma modificação uma transformação nas gerações. A Guiné nesse aspecto, está-se a tornar uma cidade muito europeia em relação aos outros países africanos, mesmo muito muito europeia. Mais devido à influência que tem dos Estados Unidos. A maior parte das pessoas que sai da Guiné vai para os Estados Unidos e quando voltam, são pessoas completamente diferentes. Completamente diferentes.

Antropóloga – Qual é diferença?

Carlos – Mais práticas, mais activas, menos controladas pelos seus familiares e pela sociedade em si.

Antropóloga - Achas que a religião aí tem algum papel? Ajuda a fazer essas passagens de fronteira, de território ou dificulta?

Carlos – não sei, a Guiné é maioritariamente muçulmana mas também há muitos católicos, mas não me parece que isso influencie alguma coisa. Eu estou a dizer isso, porque tenho alguns colegas que eram 100% muçulmanos, seguidores e fiéis e tudo, mas quando viram que a religião estava a mudar a maneira deles serem, eles simplesmente mudaram para a religião católica ou para outra cristã. Eu penso que nesta geração é importante, mas não é tão importante.

Antropóloga – Não é condicionante...

Carlos – Não é condicionante.

Antropóloga – acabaste por não me responder há pouco, à pergunta que eu te fiz. Como é que te sentes na Guiné, português ou guineense?

Carlos – Guineense. Sim, é a minha cultura, os costumes são iguais.

Antropóloga – Esse guineense que te sentes quando estás na Guiné, é o mesmo que tu sentes quando estás aqui em Portugal, ou são coisas diferentes?

Carlos – Estas culturas, a cultura guineense e a cultura portuguesa são um bocadinho parecidas e o meu caso é um pouco difícil de explicar, como é que eu hei-de explicar... eu vivo sempre dentro da família nós não somos expostos ao que acontece fora. E mesmo na Guiné, entre nós, dentro, é um círculo muito fechado, nós temos amigos muito, muito restritos. Conhecemos toda a gente, falamos com todos, mas não são todos nossos amigos e não são todos que têm acesso àquilo que realmente somos. Não são todos que sentam à nossa mesa para comer. É a melhor maneira de dizer, ou não são todos que dormem no nosso quarto. Aí há uma grande diferença e essa diferença também acontece aqui em Portugal.

Antropóloga – O que é que achas que é mais importante para sentirmos que pertencemos a um lugar? O que é mais importante, os valores, as pessoas, o local?

Carlos – O mais importante é a maneira como somos recebidos nesse local. Eu não me adaptei nem um pouco aos Estados Unidos e é um país espectacular. Sim, estive lá. Gostei do que vi, aprendi muito, mas não me diz nada, não me identifiquei com o país, não me identifiquei com a cultura.

Antropóloga – O que é que estranhaste mais, ou o que é que mais te incomodou?

Carlos – Não, não foi nada. Nada me incomodou. Foi no geral. Tudo o que eu passei, no final do dia, não me identifiquei com aquilo, não me identifiquei com o país em si, não me diz nada.

Antropóloga – E em Londres, em Londres identificaste-te mais, ou não?

Carlos – Um bocadinho (risos). Eu estive cinco anos em Londres. Foram os anos mais difíceis da minha vida. Hmm... foram os anos em que eu aprendi mais. Identifiquei-me com muita coisa, ensinou-me muita coisa... e ao mesmo tempo, fez-me dar valor a muita coisa que eu tinha, e que eu não olhava e não tinha valorizado da maneira que eu valorizo agora.

Antropóloga – Posso saber o que é?

Carlos – Sim, sim, a família. A família e os costumes. A maneira como nós olhamos para a família.

Antropóloga – Tu quando chegas aqui, sentes que estás em casa?

Carlos – Eu sinto-me em casa em Portugal, mas sinto sempre que está alguma coisa a faltar. Desde que eu me fui embora em 96, que sempre foi assim. Sempre que eu estou em Portugal, eu estou bem. Nós temos a sorte de ter uma boa casa, uma boa vida, mas há sempre qualquer coisa a faltar e já tive anos e anos à procura, mas não sei o que é que me falta em Portugal que eu ainda não encontrei.

Antropóloga – E quando chegas à Guiné, sentes que encontras isso?

Carlos – Não, na Guiné eu não sinto isso. Porque eu sempre que vou à Guiné, eu tenho um motivo para ir. Eu não vou à Guiné de férias. Eu vou sempre porque há um motivo pra mim pra ir. Eu vou sempre a fazer alguma coisa, ou alguma coisa vai mudar na minha vida e eu preciso de ir à Guiné...

Antropóloga – Como é que tu fazes? Vais lá, falas com alguém, ou é apenas

Carlos – Não, não, pode-se considerar mais uma viagem espiritual. Assim que eu chego, já posso me ir embora no avião seguinte. Basta eu olhar pra vida lá, ver como é que as coisas são, de onde é que eu vim, como é que tudo começou. Viver a História, reviver a história um bocadinho e já tenho energias suficientes pra ir pra... qualquer lado.

Antropóloga – Quando tu acordas todos os dias, o que é que tu pensas ou sentes?

Carlos – Depende, normalmente é acordar o meu irmão (risos). Quando eu estou com ele é, é acordar o meu irmão. Se não, é sempre diferente. Todos os dias é diferente

Antropóloga – Imaginas-te a viver na Guiné?

Carlos – Sim, mas, ainda não. Gostaria de passar lá a minha velhice. Gostaria muito, mas ainda não.

Antropóloga – Isso de queres passar a velhice, significa exactamente o quê? É uma vontade de fruição tua, que te dá paz, ou é uma vontade de dares à tua terra aquilo que aprendeste? que

Carlos – Hmm, não é paz, porque a Guiné não é assim tão pacífica. Existe um grande contraste entre as sociedades. Em África é assim mesmo, nós vivemos em casa e as casas parecem cadeias e à noite, tem que se ter guarda armada e cães e... não é paz. Mas tem mais a ver com a sociedade em si. Sociedade em termos de dar alguma coisa à sociedade. Gostaria de deixar lá alguma coisa. O quê, ainda não sei, mas gostaria de deixar lá alguma coisa. E trabalhar lá, seria qualquer coisa que me permitisse pôr comida em cima da mesa e me alimentar, mais nada. Era mesmo só viver lá, não sei, não a última, última parte da minha vida mas, quase.

Antropóloga – Gostavas pelo menos de estar lá mas estar ainda activo e estar capaz de fazer coisas e contribuir para a construção do país?

Carlos – Sim, sim, sim. Muito.

Antropóloga – Sentes-te aqui de passagem?

Carlos – Sim. Sim... (risos) sinto-me aqui de passagem, mas não para deixar Portugal. Portugal já não posso deixar.

Antropóloga – Mas porque faz parte da tua vida, no sentido que também aqui te sentes em casa?

Carlos – sim, sim, faz. Quando eu estava em Londres e precisava de ganhar energias eu vinha sempre pra Portugal. Às vezes eu estava cá e ninguém sabia, eu vinha mesmo só dois, três dias ia-me embora. Era mesmo vir aqui respirar um bocadinho e ir outra vez para a guerra. Portugal não pretendo deixar. Também tenho muitas coisas aqui que fizeram parte da minha vida, que me marcaram. Tenho amigos, muitos amigos de longa data, e que até hoje eu ainda consigo falar com eles, mesmo tento a vida que tenho, não me impede

Antropóloga – Tens família?

Carlos – Cá? Sim, sim, tenho. Não tanta como antes mas tenho.

Antropóloga – E que encontras aqui regularmente?

Carlos – Sim, sim, tenho cá os meus avós, os meus tios, a minha avó, mora cá.

Antropóloga – a avó?

Carlos – Sim, mãe da mãe.

Antropóloga – Mas mora também aqui? (Alverca)

Carlos – Não, em Vialonga.

Antropóloga – Os sítios onde tu estiveste em Portugal, quando eras mais pequeno, são os mesmos que tu habitas hoje? É nesta área geográfica?

Carlos – Exactamente no mesmo sítio. O sítio onde a minha família veio, desde quando a minha família veio para Portugal, em 1980, ainda é exactamente a mesma casa.

Antropóloga – Esta?

Carlos – Não, não esta, mas é onde a minha avó está
Antropóloga – onde a tua avó vive...
Carlos – é exactamente a mesma casa.
Antropóloga – o que é que tu achas que é preciso para que alguém se sinta de um lugar, ou melhor para que se sinta que se pertence a um lugar?
Carlos – Eu preciso de paz. Pra mim é suficiente ter paz. Acordar de manhã e não ter de (hesitação)
Antropóloga – não ter de fugir de nenhum lugar?
Carlos – Não ter nenhuma guerra, não ter nenhuma guerra dentro de mim. Pra mim serve. E é engraçado porque eu sinto-me assim nesta casa, mas ainda sinto mais paz na casa da minha avó (risos)
Antropóloga – foi lá que estiveste quando eras pequenino?
Carlos – Sim e foram tempos difíceis lá. Não sei o porque de eu sentir isto, porque eu quando lá estava queria-me vir embora. Mas eu hoje, por exemplo, estive lá hoje, e estava bem, não me queria vir embora. Estive lá um bom tempo e não me queria vir embora, mas eu sempre que lá vou estou sempre em guerrinhas com a minha avó, sempre naquelas confusões...
Antropóloga – Isso porquê? A tua avó opina muito sobre as coisas, as tuas coisas?
Carlos – Sim, a minha avó é mãe galinha, no sentido da palavra.
Antropóloga – é uma mãe com poder?
Carlos – Com muito poder. Ela...
Antropóloga – Esse poder é uma característica portuguesa, guineense,...
Carlos – da família.
Antropóloga – As mães têm poder, as mulheres têm poder?
Carlos – na nossa família sim. As mulheres é que mandam. É mesmo esse o sentido da palavra. Quem veste as calças são as mulheres, na minha família, são assim, pelo menos os descendentes directos da minha avó. É verdade.
Antropóloga – O teu avô ainda é vivo?
Carlos – Não o meu avô morreu...
Antropóloga – Lembras-te dele?
Carlos – Não. Não o conheci. O meu avô morreu com 56 anos.
Antropóloga – Novo.
Carlos – Sim, a minha avó, devia ter 20 anos naquela altura. Agora tem 78...
Antropóloga – voltou a casar?
Carlos – Não, nunca voltou a casar.
Antropóloga – Quantos filhos teve?
Carlos – Teve nove, perdeu dois. Tenho muitas tias. Só tenho um tio.
Antropóloga – Bom, é uma presença feminina esmagadora, sem dúvida.
Carlos – (Risos). Foram os rapazes que morreram, infelizmente. Só sobrou um.
Antropóloga – E desses tios, alguém ficou cá, ou está tudo na Guiné?
Carlos – Não, eu tenho uma tia cá, que mora aqui ao lado... não, tenho duas tias cá, outra que mora com a minha avó, tenho três tias em Londres, e tenho um tio que está na Guiné. Ele não consegue sair da Guiné. Já tentou, mas não consegue.
Antropóloga – Isso da família da mãe, porque do lado do pai foi com quem tiveste menos contacto.

Carlos – Não, não, não. É engraçado, porque eu quando fui para Londres era para viver com a família do meu pai. É que os meus pais são primos irmãos por isso, mesmo que ele não fosse meu pai, seria sempre da minha família. E a razão de eu ir para Londres era para conhecer essa parte da família que eu sabia que estava lá (uma parte da família do meu pai que eu não conhecia) e assim, conheci-os todos e vivi com eles.

Antropóloga – quando te perguntavam em Londres onde moravas, dizias...

Carlos – Em Portugal. Em qualquer parte do mundo. Cada vez que eu chego cá e ponho a chave na porta, stop. Parou tudo. Cheguei. Cheguei ao mundo. Isto é meu. Aqui quem controla tudo, sou eu. É a paz, é a segurança, é saber que ninguém tem acesso a isto isto é nosso e ninguém controla. Estamos em Londres, estamos em Angola, estamos na Holanda ou nos Estados Unidos, ok, estamos de passagem. Mas tal dia, é arrumar as malas e partir. Chegamos aqui, sabemos que é nosso.

Antropóloga – É um ponto de partida ou de chegada?

Carlos – os dois. É os dois. E eu pensava que era só eu, mas a minha irmã é a mesma coisa. Quando ela chega, poisa as malas e diz, antes de me cumprimentar ou o que seja, “Espera! Não digas nada. Deixa-me sentir isso...”

Antropóloga – Ela viveu cá muito tempo?

Carlos – Viveu de 1998 a 2001.

Antropóloga – não foi muito tempo. Viveu mais lá.

Carlos – Sim, na Guiné.

Antropóloga – Até em Londres...

Carlos – Sim, mas é aqui que ela sente isso. Nós éramos pequenos, quando vivemos na Guiné. Ela não recorda muito. Depois, as coisas estão diferentes. Se eu pudesse mantinha tudo como eu conheci, mas não posso...

Antropóloga - E és de onde?

Carlos – Da Guiné. (Risos)

Fevereiro 2008

ANEXO 2

**Entrevista realizada a Márcia no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Diga-me o seu nome, a sua idade e a nacionalidade.

Márcia – Sou Márcia Correia tenho 47 anos e sou brasileira.

Antropóloga – Há quanto tempo está em Portugal?

Márcia – Estou em Portugal desde 1990, faz 18 anos.

Antropóloga – A Márcia já conhecia Portugal, quando decidiu vir para cá viver?

Márcia – Não, em absoluto, não conhecia Portugal, nem acesso às informações como nós temos hoje. Não tinha computador, não tinha internet para fazer pesquisa, eu não tinha a menor ideia do que era Portugal. Eu ainda tinha uma ideia de um Portugal muito histórico o país colonizador, com pessoas muito...não sei, antigas e que ouviam fado o tempo todo, e vir a Portugal foi um acidente de percurso. Depois acabei por ficar.

Antropóloga – Mas esse acidente de percurso, aconteceu numa visita em passeio, ou não?

Márcia – Não. Eu vim a Portugal, com o objectivo de usar Portugal como trampolim, para depois, daqui de Portugal ir para Inglaterra. Eu vinha com um casal e uma meia-irmã, e nós estávamos com o objectivo de conseguir aqui uma autorização de residência que nós viemos mais ou menos preparados para isso, eu fiquei a saber dessas coisas através do casal com quem eu vim. Eles estavam francamente preparados, eu vim por falta de opção e pensei “Ok. Também vou com eles e vou passar um tempo e depois vou a Londres, vou aprender a falar inglês, e depois volto passados dois ou três anos pró Brasil e foi uma experiência, mais uma experiência”. Mas quando cheguei cá em Portugal a coisa não se processou assim as coisas foram mais complicadas, a burocracia é muito grande, dei entrada do processo de autorização de residência, disseram que com aquele processo em curso eu podia procurar emprego e eu pensei “Ok, enquanto eu espero que saia a autorização de residência eu vou trabalhar em qualquer sítio”. Porém, eu também me recusava a fazer o sub-emprego, porque eu nunca fiz e tinha experiência profissional e escolaridade suficiente para procurar empregos que tivessem a ver comigo, não por serem empregos menores, mas eu não tinha necessidade de trabalhar em cafés ou hotelaria, achava que não era necessário. Então fiz um currículo com uma pessoa portuguesa, eu tinha já um currículo entre aspas brasileiro e ele me ajudou, a corrigir para o português de Portugal e depois eu enviei. Comecei a ler o Expresso e a ver alguns anúncios interessantes e comecei a enviar currículo. No entanto, não saía a autorização de residência, fui tratar de outros documentos: tirar a minha carteira de motorista, do número de contribuinte, arranjei um emprego óptimo e fiquei. Quando saiu a autorização de residência, dois anos e meio depois eu já estava a trabalhar, ganhava bem numa empresa multinacional, o casal que veio comigo, foi embora para Londres e estavam separados, ele voltou para o Brasil, ela ficou, a trabalhar num restaurante indiano e eu fiquei. Fiquei e estou até hoje, foi assim.

Antropóloga – Então acabou por ficar sozinha em Portugal, ou ficou com a sua meia-irmã?

Márcia – Ficou, mas não chegámos a morar juntas, fiquei a morar sozinha, porque ela arranjou emprego noutra cidade e arranjou um companheiro, eu comecei a namorar e fiquei em Lisboa sozinha. Fiquei sozinha.

Antropóloga – Começou a namorar com pessoa portuguesa ou brasileira?

Márcia - Namorava com um português.

Antropóloga – Foi difícil a chegada, a adaptação, o conhecimento das pessoas, arranjar casa, essas coisas todas foram difíceis?

Márcia - Foi, foi bastante difícil, porque há dezoito anos atrás, os brasileiros, penso que não como hoje, os brasileiros vinham com uma escolaridade diferente. Os brasileiros vinham com uma formação académica, eram pessoas que tinham outras competências profissionais do que a maioria dos brasileiros que tem hoje. Nós éramos ainda vistos como estrangeiros. Talvez mais acarinhados, nós éramos menos e éramos muito acarinhados mas é sempre difícil, a adaptação, a própria língua portuguesa, é a mesma mas não é a mesma porque depois há coisas que nós fazemos e falamos que vocês compreendem melhor do que nós, talvez por causa das novelas e tudo o mais. Eu tive muita dificuldade, no meu primeiro emprego, durante algum tempo, no meu dia-a-dia eu evitava falar ao telefone porque era impossível, porque eu não percebia o que as pessoas diziam. Eu tinha que pedir para as pessoas repetirem várias vezes, eu sabia que estava a ser desagradável, mas eu não conseguia perceber o idioma, porque vocês falam de uma forma bastante rápida e fechada e eu tive dificuldade. Tive dificuldade em arranjar casa, porque depois, nós alugamos uma casa em quatro, eles foram embora... ah... enquanto nós morávamos os quatro, arranjámos uma casa em Camarate e fomos explorados, eu sei que fomos explorados porque uma casa em Camarate, pra cima de Camarate, que é um lugar horrível, que tinha que pegar três camionetas até chegar a Lisboa, e nós já pagávamos sessenta contos – sessenta contos são trezentos euros, não é? – já naquela época, há dezoito anos atrás... foi difícil, a questão da adaptação, a ausência da família, é tudo diferente. Sente-se um calor agradável por causa da língua, eu acho que a língua é a única coisa que não cria barreira. Mas é difícil, é difícil. No início pra mim foi difícil, cheguei a pensar muitas vezes em voltar. Ora, eu já estava com um bom emprego, e já tinha um namorado firme com quem depois eu me casei. Foram dois factores que me seguraram aqui em Portugal.

Antropóloga – Márcia, o que é que fez verdadeiramente com que saísse do Brasil?

Márcia - Foi emocional, porque eu tinha um emprego bom, eu trabalhei numa multinacional durante muitos anos, deu-me bastante experiência profissional, eu tinha terminado a faculdade em 88 pra 89, eu fiz cursos de relações públicas e estava empregada mas vivi uma relação amorosa com uma pessoa e foi uma relação bastante complicada que rompia e voltava, rompia e voltava, só que cada vez que rompia me magoava muito, ficava muito destabilizada. O pior foi quando eu saí do meu emprego (que eu tinha boas condições) e fui morar com ele, ele tinha boas condições materiais, só que a relação não resultou e eu me vi, por uma questão de orgulho, a ter que me fazer à vida. Só que eu senti que no Brasil não ia ser possível, o Brasil ia ficar pequeno de mais, porque para onde eu fosse ele ia atrás e eu não ia ter resistência para manter a minha posição; e quando eu estava bastante deprimida numa das separações, eu encontrei com essa amiga minha, que fazia parte do casal e ela comentou que estava vindo pra Europa, com o objectivo de fazer o curso em Londres – foi isso que me atraiu, foi a aventura e a possibilidade também de, com o meu curso e se eu falasse outro idioma fluentemente eu tinha mais possibilidade profissional, já que eu tinha me desligado da empresa que eu trabalhava anteriormente pra eu ir viver com o namorado. Como não deu certo a relação com o namorado, eu perdi o emprego...

Antropóloga – Mas o emprego dependia do namorado?

Márcia - Sim, porque era noutra cidade. O emprego era no interior onde viviam os meus pais, no interior de S. Paulo e o namorado e a sua bela casa era na capital, por isso ficava a cem quilómetros e quando eu fui viver com ele, ele tinha condições que me proporcionavam não trabalhar e eu optei por isso. Foi a opção que eu fiz na altura. Depois quando rompi, não tinha nenhum emprego e não queria voltar para casa dos meus pais, porque eu já não vivia com os meus pais. Como eu já tinha terminado o curso superior, eu morava já com uma amiga, morava num apartamento e então depois não tinha como manter o apartamento com a amiga e não podia, não queria voltar a viver com os meus pais. Então, a possibilidade de vir para a Europa, numa aventura completamente diferente, atraiu-me bastante. Hoje acho que não era possível, mas naquela época era possível comprar apenas um bilhete e eu comprei apenas um bilhete – o bilhete só da vinda, porque eu sabia que não ia voltar, tinha que dar certo onde eu fosse. Sabia que não podia correr o risco de não dar certo e voltar.

Antropóloga – Qual é o seu curso?

Márcia - Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas. Lá é bacharelato, é quatro anos. Eu fiz dois anos que é considerado o curso que é comum à área de Publicidade e Relações Públicas – dois anos – e os outros dois anos é que é a especialidade e a minha foi Relações Públicas. Eu desenvolvi um projecto numa empresa que trabalha com preparação de fotolitos. Uma grande empresa e eu desenvolvi o projecto, foi implantado o projecto nessa empresa durante seis meses, eu tive que estar dentro, foi criado um gabinete de relações públicas que obviamente desapareceu, mas enquanto eu preparava o projecto de apresentação tive que trabalhar nessa empresa aos finais de semana, era eu e mais a minha equipe que era eu e mais três pessoas. Desenvolvemos actividades que depois se traduziram em concretização de facto, houve uma melhoria em vários sectores da empresa com o nosso projecto. Foi bastante bom. Foi apresentado ao júri que nós convidamos e as médias lá, (não sei como é aqui) mas lá é de zero a dez e nós tivemos nove, por isso foi bastante bom. Hoje em dia, olhando para o projecto, a gente acha que tem falhas, mas isto foi há dezassete, dezoito anos atrás... os recursos hoje são bastante diferentes, mas estava bastante bom e foi essa a minha área.

Antropóloga – Como é que a Márcia veio para aqui (Alverca)? Percebi que foi viver para Lisboa quando chegou e depois foi para Camarate, mais na periferia e depois, veio logo para aqui?

Márcia - Quando cheguei cá em Portugal, nós não tínhamos um sítio para ficar, nós não tínhamos nada reservado e quando chegámos ao aeroporto, fomos procurar no balcão de informação ajuda para identificarem-nos uma pensão, um sítio para nós estarmos os primeiros dias e nós chegámos no meio de Março, e havia em Portugal ainda nessa época o Rali de Portugal e os hotéis e as pensões estava tudo cheio estava tudo esgotado. Então a senhora fez vários telefonemas, ela percebeu que nós... pra já, não tínhamos dinheiro, não conhecíamos nada, não tínhamos uma referência, de parentes e amigos, nada, nada. Então ela foi amável, contactou e depois indicou-nos uma pensão. Quando nós nos fomos pra pensão, nós nos instalamos e fomos andar, dar uma volta, e nós verificámos que ficava numa zona de prostituição, perto da faculdade de medicina de Lisboa, ali naquela rua Gomes Freire, por trás dos Restauradores. Então nós estivemos ali, a minha irmã chegou oito dias depois. Estivemos os três, alugámos um quarto para ficar mais barato, era um quarto com uma cama de casal e uma cama de solteiro. Então nós não podíamos comer na rua, porque não tínhamos a noção do dinheiro e tínhamos que poupar, porque não saíamos o que íamos fazer, então comprávamos coisas e levávamos para o quarto pra preparar. Então passávamos montes de dias a comer pão com sardinha em lata, tomate cortado, pedíamos a faca emprestada e cortávamos tomate e colocávamos no pão, saíamos pra rua e eu descobri

(eu adoro, hoje) sopa, que no Brasil a gente não tem muito essa cultura de fazer sopa, então eu descobri “Ah! uma sopa afinal é bom e é barato!”. Bom, foram oito dias assim a comer qualquer coisa, depois saíamos todos os dias a comprar o jornal, comprávamos o Diário de Notícias. Não sabíamos da existência de outros e foi no Diário de Notícias que nós vimos o anúncio da casa em Camarate. Nós precisávamos de uma casa mobilada, não sabíamos onde era Camarate, não tínhamos a menor noção e falámos, comprámos umas fichas (usava-se ficha, ainda, no telefone público) pra ligar pro senhor e o senhor veio ter connosco e pra nos impressionar veio no seu carro no seu Datsun e levou-nos a ver a casa. A casa era confortável, q.b., não tínhamos a noção se era perto ou se era longe... depois alugámos a casa, a casa tinha um quarto de casal, uma sala e a sala tinha um sofá que abria, então eu e a minha irmã dormíamos na sala – abríamos o sofá todas as noites. Depois tinha uma cozinha grande, com uma lareira, televisão... pronto, era confortável a casa. Pagávamos trezentos euros há dezoito anos por aquilo... Depois começámos a perceber das distâncias, tínhamos que pegar uma camioneta até Camarate, uma camioneta de Camarate até ao Campo Grande, do Campo Grande até à Baixa ou uma zona mais central. Então foi esse período de conhecimento que eu acho que é válido e deu para perceber as distâncias, localidades que hoje aqui eu passo a conduzir... Foi também experiência.

Antropóloga – Quando é que veio para Alverca, ou para esta zona?

Márcia – Vim em 97, quando a empresa em que eu trabalhava veio para Vialonga. Era em Odivelas e eu morava em Montemor.

Antropóloga – Então continua na mesma empresa desde essa altura...

Márcia - Não, era na “3Ó”. A “3Ó” era em Odivelas e passou para Vialonga. De Montemor a Vialonga, era um bocadinho longe e como eu morava com a minha sogra – nós¹ queríamos, estava na altura de comprar um apartamento, de fazer alguma coisa, ter alguma coisa material, nossa, e decidimos que tinha que ser mais perto do meu emprego. Não gostávamos de Vialonga, procurámos em Alverca e encontrámos um apartamento com as condições que nós precisávamos, com um preço bastante interessante e então comprámos um apartamento em 97 e viemos morar aqui no Bom Sucesso e o ano passado foi quando eu mudei para o centro de Alverca.

Antropóloga – Sei que tem um filho, ele nasceu entretanto? É fruto dessa relação com esse homem com quem se relacionou desde que chegou a Portugal, praticamente...

Márcia – Sim, eu conheci o Pedro, menos de um ano depois de chegar a Portugal

Antropóloga – Já trabalhava?

Márcia - Sim, já trabalhava. O Pedro era uma criança (o Pedro com quem eu me casei era bastante jovem), e eu fiquei bastante enternecida pelo facto de ele ser uma pessoa com quem eu identificava muita familiaridade com ele. Cuidava de mim, apesar de ser muito mais jovem do que eu, cuidava muito bem de mim e eu nessa altura precisava de quem cuidasse de mim, de quem zelasse por mim, porque eu estava carente de família e estava carente de cuidados. Fomos viver juntos, e eu praticamente era quem sustentava grande parte das coisas porque o Pedro tinha uma situação desfavorável, eu já ganhava bem, nessa altura, e então fomos viver juntos. A minha família – as famílias no Brasil ainda têm uma

¹ Por nós, entenda-se a Márcia e o marido ou companheiro. N. A.

certa tradição a minha família gostava que eu me casasse, e então casámos em 93, tivemos um filho em 96 e ficámos casados até 2001.

Antropóloga – Foi tendo contacto com a família lá no Brasil, todos os anos?

Márcia - Sempre mantive bastante contacto com a minha família por que nós somos muito ligados um ao outro, é uma família numerosa e muito intensa de emoções muito fortes. Foi muito difícil no início porque os telefonemas custavam caríssimo e nós tínhamos que ir nas cabines telefónicas. Descobrimos um sistema que dava para falar nas cabines telefónicas sem pôr moedas, que era teclando o número carregando no auscultador, (era onde pendura o telefone – no descanso) ah... era um truque, que nós aprendemos, que dava pra falar à borla e deu pra falar à borla muito tempo. Eu nunca recebi um telefonema da minha família porque, eu não tinha telefone fixo, telemóvel nem pensar e então eu não tinha telefone e não recebia telefonemas. Se eu quisesse me corresponder eu é que tinha de investir tempo e dinheiro pra isso e sempre fiz. Depois passei a ligar com mais frequência, quando me casei fiquei a ter telefone fixo em casa, sempre mantive contacto. Fiquei ausente de visitar minha família dois anos e meio, da primeira vez. Fui, já estava empregada, já tinha a minha situação legalizada

Antropóloga – Então quando foi ver a sua família já tinha a sua autorização de residência

Márcia - Foi interessante porque eu fiz uma carta ao SEF a explicar e depois disseram-me que eu com o papel da entrada – o papel de ter dado entrada da autorização de residência – era válido pra tudo e disseram que eu podia sair do país; e quando eu estava no Brasil de férias, o Pedro, nessa altura era meu namorado, ligou-me a dizer que tinha recebido um postal do SEF, a dizer que tinha que comparecer no SEF em determinada data, com os documentos que já ia receber a minha autorização de residência.

Antropóloga – Mas então, quando foi ao Brasil dessa primeira vez, foi sozinha...

Márcia - Sim, sozinha. Fui mostrar que tinha sobrevivido esses dois anos e meio e que estava bem – tinha um emprego, tinha um namorado...

Antropóloga – A sua família ficou muito dorida por ter saído de lá?

Márcia - Ah... eu sempre fui, da minha família, a pessoa mais ousada. Nunca, na minha família, ninguém foi tão ousada quanto eu. Eles, acho que, esperam muita coisa de mim – muita ousadia. Nunca, não tem como na Europa o hábito das pessoas emigrarem para a Alemanha, pra França, pra Suíça... nunca; lá no Brasil as pessoas ficam juntas, para o bem e para o mal. As pessoas não emigram ficam juntas, para o bem e para o mal estão juntas e eu quando comentei com a minha família que vinha pra cá, ficaram muito chocados, muito preocupados. Acharam que foi a maior ousadia que eu tinha apresentado até então, depois de lá pra cá, apresentei outras que eles não estranharam – já vão se habituando. Ficaram comovidos no dia em que os meus pais me levaram pra apanhar o autocarro para o aeroporto, porque da casa dos meus pais ao aeroporto é um bocado longe e eles levaram-me ao autocarro. E então eu disse pra eles “Nós não vamos nos despedir. Não, simplesmente, nem olhar pra trás, não vamos nos dizer nada!” porque eu tinha o coração apertado, porque era tão difícil para mim separar-me dos meus pais e principalmente separar-me do conforto que estava a viver um momento emocionalmente muito sensível (porque tinha acabado uma relação amorosa) e ia mergulhar num país, numa cultura que não conhecia...

Antropóloga – Ninguém lhe deu referências...

Márcia – Não, não tinha referências, não tinha nada, não sabia pra onde vinha, pra mim era tudo uma surpresa. Agora vou contar uma particularidade aqui e que me comoveu na época que era: Eu quando saí da pensão, por detrás dos Restauradores, eu saí um dia sozinha, porque o casal tinha ido tratar de uns assuntos e eu saí durante o dia de mapa na mão e era como se estivesse andando num lugar conhecido. eu desci as ruas e depois o “Chile” era-me familiar, as cores os sons, era tudo familiar. Eu tive uma sensação “déjà vu” era... ai que estranho!... como se eu tivesse já estado ali anteriormente, e no entanto eu não tenho na minha família, nada de portugueses, eu não sou descendente de portugueses, eu sou descendentes de africanos. Mas nada dos portugueses, então aquilo me deu uma certa segurança, uma coisa assim com que eu me identificava. Sabe, eu não sou muito espiritual, para saber explicar essas coisas mas tem alguma história aqui que se passou ou que vai passar, não sei...não era um lugar que me assustava. Era diferente mas não me assustava, era diferente mas era agradável, era confortável.

Antropóloga – Há pouco falou-me nisso e eu gostava que me explicasse – disse-me que ser brasileiro nessa altura era ter um tratamento caloroso. Senti que as pessoas a acaloravam, gostavam, perguntavam, queriam saber coisas.

Márcia - É, nessa época estava a passar uma novela no Brasil que era a Tieta e as pessoas aqui, estavam a assistir a Tieta – e fazia muito sucesso – só que, sempre lá, as novelas vão mais adiantadas e então aqui havia coisas que nós já tínhamos visto, e as pessoas queriam saber o que é que ia acontecer com tal personagem, e lá já tinha sido o fim da novela; e então os inícios de conversa era sempre a questão da Tieta e nem um momento, eu – apesar de não gostar e não gosto até hoje, muitas vezes de determinados portugueses, eu não generalizo, de determinados tons com que se fala, eu noto que algumas pessoas são verdadeiramente brutas, quando elas estão a falar parece que estão a brigar ou que estão zangadas, no entanto é a maneira de ser, elas nem estão aborrecidas, mas para um brasileiro que tem a conversa muito adocicada e é muito caloroso, aquilo assustava-me e eu não gostava da maneira como as pessoas falavam.

Era a única coisa que eu não gostava, porque o conteúdo depois das pessoas, agradava-me muito, e eu senti que nunca fui discriminada por ser brasileira. Hoje as coisas mudaram bastante, mas naquela época em Portugal, uma mulher brasileira, não é como é hoje, sinónimo de prostituição.

Antropóloga – Sente isso, hoje?

Márcia - Sinto, sim, sinto. Vulgarizou muito. Sinto que houve muita gente que contribuiu para que se criasse essa imagem, hoje em dia eu não tenho nenhum problema e não desprezo o trabalho de ninguém mesmo que fosse uma prostituta não desprezo porque é trabalho e cada um faz o que faz, mas hoje em dia as mulheres são ou, na generalidade, são esteticistas, ou empregadas da limpeza, ou são... não sei, têm outras ocupações que não tinha naquela época que eu vim. Eu sou da época dos dentistas dos publicitários... era uma outra ...

Antropóloga – Senti diferença no tratamento ao longo destes anos, com a entrada no país de outro tipo de pessoas, com outro tipo de aptidões profissionais, vindos de zonas mais do interior, com outro tipo de formação?

Márcia - Sim, eu senti que há um desgaste da parte dos portugueses, há um desgaste. Os portugueses já não têm às vezes muita paciência, depois começam ...com a vinda de

brasileiros com outra categoria, às vezes não têm formação, às vezes, não têm... não são pessoas menos honestas nem são pessoas menos trabalhadoras, mas...

Antropóloga – Mas vêm de outro estrato social, efectivamente.

Márcia - Sim, diferente... depois convivem de outra maneira, depois são brasileiros que não se integram com facilidade – eu me integrei muito bem na comunidade portuguesa – e como são brasileiros que às vezes formam guetos, os próprios portugueses não têm muita paciência, mas acho que de toda a comunidade estrangeira que está aqui – se a gente pode chamar os brasileiros de estrangeiros! – os brasileiros mesmo assim, são bem recebidos pelos portugueses. Só se não quiserem, só se não se esforçarem minimamente para isso, que há algumas pessoas que não se esforçam, mas eu acho que os portugueses não... eu digo, do meio que eu vivo; eu não conheço outras realidades, o sub-emprego – eu não sei como é – há certas entidades patronais que exploram, há pessoas a fazerem trabalhos que são pouco edificantes e pouco pagos para fazer o que elas estão a fazer, esse meio eu não conheço, essas pessoas talvez tenham uma realidade um pouco diferente da minha. No meu meio, na vida que eu tenho eu não sinto nada, porque eu também sempre trabalhei muito e demonstrei o valor do meu trabalho. Fui respeitada por isso e sou até hoje muito respeitada e gosto verdadeiramente de Portugal. Eu digo que sou mais portuguesa do que muitos portugueses. Eu quando estou no Brasil e escuto alguma coisa sobre Portugal eu fico verdadeiramente comovida. Se algum dia eu vivesse no Brasil, eu ia estar com o meu coração sempre em Portugal, porque foi um país que me recebeu verdadeiramente bem, gosto mesmo daqui.

Antropóloga – Qual é o cargo que a Márcia ocupa hoje na sua vida profissional?

Márcia - Sou Directora Comercial. Eu trabalhei onze anos numa empresa que é a 3O, fui vendedora na 3O, fui a primeira funcionária, contribuí muito para o crescimento da empresa e chegou uma altura em que eu senti que estava estagnada e precisava evoluir. Tinha boas condições e coincidentemente, no ginásio que eu frequentava, frequento, um dos meus professores, que eu soube já depois – porque eu conheci primeiro na condição de professor – eu soube que ele era dono da minha concorrente que era a Vexa. Nós achamos interessante, foi uma coincidência, eu trabalhar na empresa concorrente da dele, e depois tratávamo-nos “Olá concorrente” e “Olá concorrente” até que um dia ele convidou-me para passar um dia na casa dele, com a minha família e com a família dele, e ele disse no meio do Churrasco que aquele churrasco não era ingénuo, não era apenas social era intencional porque ele queria-me fazer uma proposta de trabalho, se eu aceitava vir trabalhar para a empresa dele. No início eu relutei, porque eu estava completamente estável na empresa dele. Estava estável, confortável, mas por outro lado parada e eu via que havia potencialidades na Vexa, mas havia alguma coisa que eu desconhecia que eu não...me retraía, mas claro, era o medo da mudança. Mas aceitei. Fiz uma proposta interessante e pensei se ele aceitar, verdadeiramente vai dar certo porque eu vou, vou já praí, num é? E aceitou a proposta que eu fiz. Foi há três anos atrás, no início do Verão em 2005. Eu demiti-me, cheguei na outra empresa e demiti-me, eles não queriam aceitar a minha demissão, queriam me dar todas as condições para eu ficar, queriam me dar um departamento para eu gerir mas eu achei que era muito tarde para isso. Eu estive doze anos, quase treze, não foram onze ou doze, foram treze anos e não tive oportunidade. O que aconteceu foi que quando ele percebeu que alguém dava valor, ele quis compensar e eu já tinha perdido o interesse, gostava realmente de ...foi, foi bastante bom. Eu gosto do trabalho que faço, tenho uma equipe de quatro vendedores, e uma empresa que nós temos trabalhado para o crescimento e tem notado de ano para ano que tem melhorado, tenho contribuído de certa forma para refrescar um pouco, juntamente com o novo administrador

da empresa de refrescar a ideia de que era uma empresa ultrapassada, era uma empresa pouco dinâmica e nós estamos a trabalhar bastante para isso e gosto verdadeiramente de estar lá.

Antropóloga – Disse-me que tem um filho. É português ou brasileiro?

Márcia – Ele tem as duas nacionalidades. Tem o registo de nascimento e o passaporte português e tem o registo de nascimento e ainda não tratei do passaporte brasileiro porque para tratar do passaporte brasileiro, é uma burocracia. O Consulado brasileiro funciona muito mal, infelizmente

Antropóloga – Pior que as instituições portuguesas?

Márcia - Muito pior! É muito mau, muito mau. O Consulado brasileiro funciona ainda com a mesma estrutura de há 18 anos atrás, quando o número de emigrantes não sei se duplicou, triplicou, quadruplicou ou... não sei. E tem muita limitação, eles fazem o que podem, não somos destratados quando vamos lá, apesar do stress todo, da falde condições que eles têm, mas eles não podem fazer mais. Eu quando tenho que tratar de algum assunto – aconteceu o ano passado – eu tive de tratar de um documento, para a empresa Vexa no Brasil, eu tive que ir ao Consulado às 4.00h da manhã. O Consulado abre às 9.00h para pegar a senha, pra ser atendida, fui o ano passado, acho que três ou quatro vezes, quatro vezes fui... ah... então funciona mesmo muito mal e eu ainda não tratei do passaporte do meu filho por causa disso.

Antropóloga – No início Portugal também funcionava assim. Muitos imigrantes se queixavam do SEF.

Márcia - É, o SEF agora está a funcionar bastante bem.

Antropóloga – Desde quando?

Márcia – Ah.... não sei precisar, mas deve ser uns dois anos pra cá, desde que mudaram também alguns serviços que descentralizaram da “António Augusto Aguiar”, criaram novos postos têm agora no “Braço de Prata”, na própria Loja do Cidadão, antes estava tudo centrado no “António Augusto Aguiar”, era muito mas muito mau e depois conseguiram fazer marcações, existem linhas telefónicas, onde faz marcação para tratar do assunto. Pode demorar para conseguir ligação – a última vez que eu liguei para o SEF, eu estive 22 minutos a ouvir música e uma gravação que falava sobre o SEF – eu estive 22 minutos até que fosse atendida por um humano, que eu só tava ouvindo máquinas.

Antropóloga – Isso foi há quanto tempo?

Márcia - Quatro meses. Quatro meses, depois eu consegui uma marcação para o assunto que eu queria, eu fiz o contacto em Março e a minha entrevista para aquilo que eu queria, foi marcada para Maio, mas comparativamente a anos atrás, funciona melhor pela comodidade, porque quando nós vamos lá, já levamos as coisas todas tratadas, e sabemos com quem vamos falar.

Antropóloga – Márcia, este tempo todo que viveu em Portugal, foi um tempo investido na adaptação, até de criação de raízes, podemos dizê-lo. Se lhe perguntar de onde é, o que lhe apetece responder?

Márcia - Eles dizem que eu sou de Abrólhos porque eu estou numa ilha no meio do oceano (risos). Eu sou muito dividida, hoje. Porque eu não me considero totalmente brasileira nem totalmente portuguesa. Eu sinto que sou uma pessoa que soube extrair o melhor de Portugal, sem perder o que o Brasil tem de melhor, também. Então se eu me identificar como uma portuguesa, eu estou esquecendo as minhas origens, a minha família toda que está lá, tudo de bom que tem no Brasil e nos brasileiros. Mas também esqueço e deixo de ser tudo aquilo que gosto nos portugueses. Gosto de muitas coisas nos portugueses, por isso, eu sou uma pessoa e me sinto uma pessoa com uma boa mistura, não sou nem de Portugal nem do Brasil. Eu uma vez disse isso a um médico que me fez uma cirurgia agora há pouco tempo quando estive no Brasil, e ele disse que existe uma ilha mesmo no meio do oceano, é mais próximo do Brasil, que é Abrolhos, então eu digo que sou de Abrolhos. Nem lá nem cá, estou no meio.

Antropóloga – Onde é que faz habitualmente as suas férias, Márcia?

Márcia – Normalmente no Brasil. Eu vou a casa, eu gosto muito de ir a casa, eu preciso de estar, naturalmente, com os meus pais e viver coisas no Brasil. Ultimamente eu não tenho ido porque eu comprei uma casa e os preços subiram muito, os preços das passagens...

Antropóloga – Desde quando sente que os preços estão altos?

Márcia – Vêm subindo gradualmente, eu penso que deve ser a questão dos combustíveis, vêm subindo. Eu posso lhe dizer que eu fui ao Brasil por 99 contos, quanto é que é? 450,00 euros, não é? 450 euros. Cheguei a ir durante algumas vezes por 500,00 euros, 600, quando nós pagávamos 700 euros já eram uns voos directos, porque haviam os voos da Ibéria, os voos da Air France, fazia-se muita promoção desses voos porque era uma grande viagem porque saía-se daqui, tínhamos que ir para Londres ou para Paris, ou para a Alemanha e depois seguir para S. Paulo, era muito longo e não compensava. E os voos directos custavam 700 euros, hoje o voo directo já custa 1000,00 euros para S. Paulo, 1100 euros. Está bastante caro. Então eu não tenho ido também por isso mas tenho proporcionado, comecei a proporcionar, agora, ao meu herdeiro que faça isso. Faço questão de ele manter o contacto com a minha origem e o meu filho, se ele é luso-brasileiro, naturalmente é mais luso que brasileiro, mas quero que ele vá ter contacto com as minhas raízes, estou bastante satisfeita por poder proporcionar essa viagem agora para ele, ele só tem doze anos, e fez uma viagem sozinho, mas é aquela aventura, para passar as responsabilidades para ele enquanto ser humano independente que eu quero que ele seja, tanto quanto eu sou, mas também para que ele viva a minha família, que é a família dele(!), sem a minha presença. Que ele não viva as experiências através de mim, vistas pelos meus olhos contadas pelo meu coração. Eu quero que seja ele a viver as experiências e a extrair o que é a minha família, a família dele, tem. Por isso eu tenho proporcionado isso. Não tenho ido de férias, como eu disse, dois anos, também porque também percebi que posso proporcionar isso, o ano passado em vez de eu ir eu trouxe a minha mãe – a minha mãe veio passar aqui um mês comigo, e foi muito bom para ela, poder conhecer e ter contacto com os meus amigos e... saber como é que era a minha vida, porque como mãe naturalmente ela devia ter interesse em saber como é que era o meu dia-a-dia, a minha vida, a minha rotina, o que é que eu faço, onde é que eu vivo, porque uma coisa é contar outra coisa é estar e ver – e ela ficou muito satisfeita e gostou muito daqui, não vem mais vezes porque o meu pai está velhote, o meu pai é muito dependente dela e... se ela pudesse eu tenho certeza que ela passava muito mais tempo aqui. Ela gostou mesmo e foi muito bem tratada pelos meus amigos. Eu não sei qual era a ideia que ela tinha, mas um dia quando ela estava numa festa que nós proporcionamos para ela, ela estava tão feliz e ela disse “Ai, eu tinha uma ideia tão diferente dos teus amigos!”. Eu não sei o que é que ela imaginava, mas aquele comentário dela encheu-me de

alegria porque ela estava regozijante de saber que existiam pessoas que gostavam de mim e tão bem, as pessoas trataram-na tão bem por minha causa, foram amorosas com ela, e então agora eu não sei quantas vezes irei ao Brasil nos próximos tempos porque também não posso tirar férias muito grandes – evito tirar – eu tenho de tirar férias de duas semanas e pra ir ao Brasil, pagar tão caro pra ficar só duas semanas, é capaz de ser mais difícil ir ao Brasil nos próximos tempos.

Antropóloga – Quantas vezes o seu filho o seu filho já foi ao Brasil?

Márcia – Eu não tenho bem a certeza, íamos a comentar isso ontem quando íamos a caminho do Aeroporto, se esta era a oitava se era a nona vez que ele ia. Com 12 anos, já são muitas vezes.

Antropóloga – E quando vai, fica sempre um mês?

Márcia – Anteriormente ficava, não, um mês não, fiquei só uma vez, quando ele era muito pequenino e viajou connosco, ele tinha oito meses e dessa vez ele ficamos um mês, as outras vezes ficamos sempre três semanas.

Antropóloga – A Márcia empregou a expressão “eu tenho de ir a casa”. Quando vem do Brasil pra cá, o que é que sente, também sente que está a vir pra casa?

Márcia - É engraçado, porque quando eu saio daqui e vou com o coração cheio de alegria porque vou, para já, porque é uma alegria ir de férias e é uma delícia estar de férias, não é? mas porque vou voltar às minhas origens, eu tenho na minha família...

Antropóloga – O que são para si as suas origens? É capaz de me descrever em que pensa ou o que sente quando pensa nesse encontro, ou reencontro que vai ter do lado de lá, no final dessa viagem?

Márcia – Poder falar com pessoas que sabem verdadeiramente de onde eu vim, vivemos experiências semelhantes durante uma parte da vida...

Antropóloga – São pessoas, portanto...

Márcia - Não não são só pessoas. Vou dizer. Os meus pais são migrantes, ou seja pessoas que saem do seu próprio Estado e vão para outras zonas. Os meus pais viviam numa zona mais do interior de S. Paulo. Da capital paulista até onde eles viviam são 550 Km e os meus pais tinham uma vida bastante difícil porque eles era no campo, porque era duro, era trabalhar no café, era trabalhar na roça, e os meus pais com as crianças tinham dificuldades e depois havia algumas pessoas da família do meu pai, que tinham vindo para uma cidade mais pra perto de S. Paulo, que fica só a 90Km da Capital, que tinham vindo e tinham conseguido emprego em fábricas, coisa que naquela época – há quarenta anos atrás, há quarenta e tal anos atrás – era muito difícil emprego em fábricas e eles conseguiram emprego em fábricas e conseguir emprego em fábricas dá estabilidade, dá outras condições. E o meu pai sentiu-se motivado também a vir pra mais perto da cidade grande. Largou tudo lá. Largou tudo e nada, porque não tinha nada e eu tenho todas as minhas referências da primeira infância, até sete anos, todas as coisas que me lembro era no interior, na roça. Hoje os meus pais mantêm-se na cidade, as coisas melhoraram, bastante...

Antropóloga – (interrompo) Como é que se chama a cidade?

Márcia – Valinhos. Fica no estado de S. Paulo, que fica da capital 90Km. E o ter deixado o interior, o interior pobre, o interior longínquo, que a gente chama o interior caipira, me deixou muita marca, porque a entrada na cidade maior não foi fácil, não foi nada fácil; o meu pai vinha com crianças, nós éramos todos pequenos, com a agravante que vinha com um irmão e com crianças pequenas e fomos morar todos numa casa com três cômodas – três cômodas são três casas, três assoalhadas – só que aqui, três assoalhadas é diferente de lá. Lá considera mesmo três espaços só: um quarto, uma cozinha e uma sala, entende? Então vivíamos oito, nove pessoas nesse espaço. Foi muito difícil para mim, a saída do interior caipira, para esse interior que também é interior de S. Paulo, mas é mais perto da cidade grande...

Antropóloga – é mais urbano...

Márcia – é mais urbano, isso mesmo. E quando eu cheguei nessa cidade foi quando eu me tive que fazer civilizada, porque eu não usava sapatos, eu não escovava os dentes – no entanto não tinha os dentes estragados e não tenho – nós não usávamos champô...

Antropóloga – Foi então uma mudança muito grande de vida, de hábitos, quase de civilização

Márcia – Quase de Civilização, até porque, isso acompanhava com muita dificuldade, porque eu depois olhava pras outras pessoas e via que eu era diferente, pra pior, relativamente aos meus colegas da turma, não usava as coisas que eles usavam, não falava da maneira que eles falavam. E lá no interior quando nós morávamos lá na roça, nós vivíamos num sítio que nós chamávamos “lafiti”, nós chamávamos é... uma terra, uma terra, longe de tudo...

Antropóloga – Quando diz uma terra é uma terra, terra mesmo, ou numa localidade onde viviam outras pessoas.

Márcia – Não, não, numa terra.

Antropóloga – Numa propriedade com terra à volta. Numa casa no meio de um terreno .

Márcia – Tinha duas casas, numa fazenda, numa herdade. Os meus pais trabalhavam na roça e nós íamos ajudar os pais, eu ia com cinco anos para a roça com os meus pais, o meu irmão ia pelo colo, a minha mãe levava o meu irmão pelo colo, porquê? Porque tinha que fazer a apanha do café, e era naquela altura, tinha que ser naquela altura.

Antropóloga – essas imagens, ocupam um espaço na sua vida, na sua memória, naquilo que tem presente de si própria? Recordas-as quando pensa na chegada.

Márcia – Sim e depois também aconteceu que quando nós viemos pra cidade mais urbana, nós trouxemos uma grande parte da nossa família. E o que é que aconteceu? Hoje em dia, eles todos se estabeleceram, estabilizaram e voltaram para o interior – o interior roça – mas voltaram com outras condições. Compraram o seu terreno...

Antropóloga – Quem, os seus pais?

Márcia – Não, os meus pais não, os irmãos da minha mãe. Eu tenho uma irmã mais velha e um irmão mais novo e depois tenho muitos primos que eu... eu vivi muito junta, que são considerados quase como irmãos.

Antropóloga – Viviam todos juntos, como se fosse um só núcleo familiar...

Márcia – Sim, muito grande... e quando eu fui ao Brasil, em 2001, eu fui visitar a minha avó que tinha regressado também de vez, para o interior caipira, tinha regressado, mas com muito boas condições, mesmo, eu fiquei comovida e apaixonada pela local. Fiquei verdadeiramente apaixonada, apaixonada, por tudo, pela terra, aquilo me fazia sensações maravilhosas e achei que a única coisa que eu pensei que podia fazer era comprar um terreno e comprei um terreno lá, tenho um terreno de 400m² e foi interessante porque é uma cidade deliciosa, apaixonante, a cidade. Havia um terreno... digamos, eu morava no meio do nada e a cidade mais próxima que tinha, é essa onde eu comprei o terreno, onde os meus pais iam fazer as compras, onde tinha que levar, se eventualmente se tivesse que levar ao médico era nessa cidade e a gente tinha que ir de cavalo ou de charrete, porque não havia transporte. E então, quando cheguei nessa cidade, eu gostei muito. A minha tia mora numa casa muito boa em frente à casa da minha tia, há um terreno grande, um quarteirão todo e nós da minha família estamos cada um a comprar uma fracção do terreno. Nós então, já foi comprado o quarteirão todo, pela minha família. Eu comprei um do meio que tem 400m² e penso em fazer uma casa, o meu filho fica completamente apaixonado. Eu consegui também transmitir ao meu filho que aquele lugar é quando a gente está lá. Nós vamos de férias para o Brasil e ali eu sinto as minhas raízes à minha volta, eu consigo tirar o sapato, andar descalça, eu consigo falar com as pessoas à vontade... estou... ali, é como se eu fosse recarregar. Esqueço as roupas, as malas, esqueço tudo, tudo, todas as futilidades, porque é ali que eu vou buscar energia e isso aborrece um pouco os meus pais, porque eles estão na cidade, no interior mais urbano e quando eu vou de férias eu quero ir para o interior grande, que fica a 400Km da casa dos meus pais, a 470Km dali. É muito.

Antropóloga – Eles vão para lá consigo, quando lá está, ou não?

Márcia – A minha mãe vai, mas ela não gosta muito, Eu acho que pra minha mãe aquilo significa muito sofrimento e ela deve evitar, eu penso que um pouco emocionalmente; o meu pai não vem porque o meu pai é um velhote ele tem mais limitação física, e depois não gosta de estar fora de casa, tem as manias e os horários,

Antropóloga – Aquilo é menos confortável e está ligado a uma memória de esforço e sofrimento de quando era novo...

Márcia - É, é. Pra mim, pra mim, é uma recuperação de energia porque hoje em dia, a minha vida é muito diferente. Muito, muito. Se alguém, alguma vez no passado me viesse dizer que eu viria a fazer aquilo que eu faço, eu nem acreditava, da maneira que eu vejo primas minhas lá do interior – interior roça – como elas são, eu penso, se os meus pais não tivessem vindo pra cidade maior, eu acho que estava como elas, aspecto, conversa, estilo de vida, não tem absolutamente nada a ver comigo, com o que eu vivo, mas no fundo nós temos muitas parecenças de origem, a nossa história é a mesma. Quando nós estivemos o ano passado, o ano passado, não, em 2006 lá, eu levei o meu companheiro, o meu namorado, levei-o lá, e depois as pessoas gostam muito quando eu vou, porque eu acabo sendo um elemento que aglutina todas a gente, acaba sendo um bocado como lâmpada, eu vou buscar as abelhas, as borboletas todas que tão à volta e vem todo o mundo pr'ali. Então faz-se churrasco, faz-se festa, faz-se baile, pessoas que, entre eles, ficam sem se ver durante muito tempo, acabam por vir e fazer-se convidados e neste momento está a acontecer a mesma coisa com o Pedrinho, sei que tou a proporcionar-lhe momentos assim. Então, quando vou pra lá, acabo por identificar-me mais ainda, porque depois contamos cada um a sua parte de experiência que se lembra. Mas vimos que temos todos o mesmo elemento, temos uma avó que foi muito forte, uma pessoa que foi muito lutadora. A avó acaba por ser

uma viva referência na vida de todos. É uma pessoa muito forte que passou muitas necessidades e lutou muito e uma das coisas que me fez comprar um terreno lá, foi porque os últimos dias da minha avó foi lá e é lá que ela acaba por estar enterrada.

Antropóloga – Faleceu, então?

Márcia – Faleceu há dois anos.

Antropóloga – Diga, desculpe – é lá que ela está enterrada...

Márcia – Sim, e é a minha terra.

Antropóloga – A Márcia tem apenas a nacionalidade brasileira. Vai pedir a nacionalidade portuguesa?

Márcia - Ah, sim, por preguiça só tenho brasileira, mas vou pedir portuguesa, porque é assim, eu, por direito, quando eu estava casada, eu podia já ter adquirido a nacionalidade portuguesa. Por direito supremo, que é pelo facto de eu ter um filho português, também já podia, mas volto a dizer, as burocracias são tão grandes, e muitas vezes a minha vida, a minha ocupação e perder tempo para ir tratar disso... ainda agora descobri uma empresa em Lisboa que faz, paga-se algum dinheiro mas eles tratam de tudo e eu quero ter, quero ter a nacionalidade portuguesa, quero ser uma cidadã igual a todos e que exerce o direito de voto, que possa viajar pela Europa sem qualquer obstáculo, ter o Passaporte português, quero ter a nacionalidade portuguesa também por questões do coração, por isso vou tratar disso no próximo desafio de vida.

Antropóloga – Quando está no Brasil, sente o quê? Sente-se brasileira ou sente que deixou alguma coisa do outro lado do Atlântico?

Márcia – É. Eu quando estou no Brasil, nos primeiros dias que eu chego, eu chego muito com a pronúncia que eu tô falando agora – com a pronúncia meio portuguesa, meio brasileira, mas depois passado uma semana que eu lá tô eu perdi completamente o sotaque entre aspas e tô mesmo a falar brasileiro, brasileiro. Quando eu tô lá, eu sinto... é assim, eu perdi muita coisa da minha família nestes dezoito anos, eu perdi muita intimidade, isso quer dizer que eu me sinto meio “peixe fora da água”, eles estão a falar de coisas que eu não sei, eles estão a falar de coisas que eu não tenho...

Antropóloga – Mas é só linguagem ou é mesmo forma de estar e de viver?

Márcia – É diferente, muito diferente. Algumas coisas não me choca, porque é a minha família e é uma questão sentimental, mas algumas coisas, claro que eu gosto mais da maneira portuguesa, claro(!).

Antropóloga – As pessoas lá vêem-na como brasileira ou como portuguesa?

Márcia – Portuguesa.

Antropóloga – E a Márcia como é que se sente aqui?

Márcia - brasileira, é inevitável..

Antropóloga – E se estiver por exemplo noutro país da Europa, em...sei lá, França, Alemanha, Inglaterra, o que é que lhe vem imediatamente à cabeça?

Márcia – Vivo em Portugal e sou brasileira.

Antropóloga – Há alguma diferença entre sentir-se em casa e sentir-se na sua terra?

Márcia – (demora algum tempo a pensar a pergunta) Sabe? Aqui, por exemplo, aqui em Portugal, na minha casa, eu sinto uma espécie de compensação pela minha luta. É o meu mérito, são as minhas coisas, eu gosto de tudo o que eu tenho e luto muito para tê-las, dá-me bem-estar. Na minha terra, eu as tenho de graça. Não me custou nada, é uma questão... talvez de um lado é a força e do outro lado é simplesmente o amor... acho que é por aí.

Antropóloga – Onde é que é a “força”?

Márcia - Ah, é Portugal.

Antropóloga – E o “amor”?

Márcia – É o Brasil (riso)

Antropóloga – Há alguma coisa que exija preparação quando vai para lá ou quando vem para cá, que a faça pensar na mudança de cenário como qualquer coisa que lhe é consciente e que lhe exige preparação para enfrentar a diferença?

Márcia - É a separação. É sempre a separação. É a separação de qualquer uma das partes que penso que é a mais difícil. A pessoa por mais tempo que viva, a separação dos lugares de que mais gostamos e das pessoas de quem mais gostamos é difícil. Eu tenho sempre que fazer uma preparação anterior da minha ida ao Brasil – daqui não tanto – mas eu já sofro, porque eu sei que depois vou e é uma excitação tão grande, tão grande, mexo com a vida de toda a gente, a minha mãe diz que cada vez que eu chego parece que passa o circo itinerante, aquele circo que passa pela cidade e que faz aquela festa, ela diz tu viras isso tudo. A vida do interior é monótona, não é o Brasil que as pessoas conhecem, o Brasil do litoral, que tem praia, não tem, é uma cidade muito monótona, onde existe calma, paz, sossego, um acontecimento, vira uma manchete nos jornais. E... então como a vida deles é muito rotineira, a nossa ida provoca isso. Como sei que eles ficam muito felizes com a minha ida, eu tenho que me preparar porque sei que depois o regresso os deixa muito abatidos. Então eu quando estou lá, já começo a ficar triste, uma semana antes de vir embora, já começo a ficar com o coração apertado, já começo a ficar stressada, porque sei que quando chegar aqui, tenho tanto pra fazer, eu entro na minha vida, na minha luta, mas eu gosto. Eu gosto que quando chego aqui eu volto recarregada sem pensar “eu fui pra lá perder tanto tempo...” não, eu gosto verdadeiramente, mas depois eu penso “ai tenho que trabalhar, tenho que trabalhar, tenho tanta coisa aqui pra fazer” por isso aqui é a minha força, porque aqui eu estou, entre aspas, sozinha, lá é o amor, lá é o aconchego...

Antropóloga – O seu filho sente-se brasileiro ou português?

Márcia – O meu filho é português. Ele sente-se português. Mesmo, mesmo. Ele sente muito orgulho, quando perguntam e ele diz – ele não diz luso-brasileiro, nem sei se ele sabe o que isso é – ele diz “Eu sou português – brasileiro”. Ele gosta muito, quando tem futebol quando tem qualquer desporto que envolve o Brasil, ele fica...

Antropóloga – E quando é entre Portugal e o Brasil?

Márcia - Ai... é complicado, não é?!!! Ficamos muitos divididos, ora torce por um ora torce por outro...

Antropóloga – Acabam sempre por perder, porque alguém perde, mas também acaba por ganhar sempre.

Márcia – E gozamos sempre um com o outro e sempre me comove muito. Eu acho que agora esta experiência de ele estar lá no Brasil, vai dar uma certa cor no lado dele brasileiro que ele às vezes é cinzento, e ele é cinzento porque falta uma certa intensidade e emoção. Eu às vezes estou a contar alguma coisa com muita excitação, ou ponho muita emoção e noto que ele é um bocado indiferente “Sim.”, “Tá bem”, “Ok.”, é um bocado lacónico.

Antropóloga – É essa a grande diferença que encontra entre Portugal e o Brasil?

Márcia - Ah, sim. Eu que trabalho muito com cores, eu defino isso, os brasileiros são um arco-íris, não é? e os portugueses são um tabuleiro de Xadrez, são preto e branco. Quando muito adoptam um cinzento ali pelo meio (risos).

Antropóloga – Somos muito sérios, é?

Márcia - Já foram mais, eu gosto muito das novas gerações, das pessoas actuais, de pessoas como a Maria José, a sua filha, do seu filho, dessas gerações mais recentes, eu gosto muito mais, identifico-me e eu, ter vindo a Portugal, em 1990, eu só ganhei com isso. Pra já, é como se eu fosse muito jovem, porque eu não sei como era antes de 1990 – porque eu não estava cá – e esqueci os anos do Brasil, esqueci entre aspas, não esqueci nada(!), deixei de viver a realidade brasileira, portanto eu só tenho dezoito anos e isso me dá uma certa leveza. Em dezoito anos eu acompanhei, estou acompanhando a mudança de Portugal. Tanto para o melhor como para o pior, também. Mas eu tenho acompanhado a mudança portuguesa, das gerações, da mudança de atitude em relação a muita coisa e depois com a vantagem de morar numa zona muito urbana, se eu morasse no Alentejo, talvez não sentisse isso e também pela natureza do meu trabalho, que é com pessoas, a bem ou mal – não quer dizer que sejam melhores pessoas, mas sempre são pessoas ligadas a Artes e isso ajuda bastante.

Antropóloga – Bom, penso que não tenho mais perguntas. Obrigada, Márcia, pelo seu contributo.

Márcia - De nada.

Maio 2008

ANEXO 3

**Entrevista realizada a Chiara no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Diz-me por favor o teu nome e a tua nacionalidade?

Chiara – O meu nome é Chiara Merki, e a nacionalidade é portuguesa e suíça, a naturalidade é que é austríaca.

Antropóloga – Explica-me por favor a razão das nacionalidades e ainda da naturalidade.

Chiara – Eu nasci na Áustria, os meus pais viviam lá nessa altura, e por isso a minha naturalidade é austríaca. A minha mãe é portuguesa e o meu pai é suíço, por isso adquiri as duas nacionalidades devido aos meus pais.

Antropóloga – É fácil, ter essas nacionalidades todas? Se eu te perguntar qual é a tua identidade, o que é que sentes, primeiro que tudo?

Chiara – A minha identidade, à partida, não tem necessariamente a ver com uma nacionalidade, mas, se a pergunta é com que é que me identifico mais, se com uma portuguesa ou com uma suíça, identifico-me bastante com as duas; talvez um bocadinho mais com a portuguesa por viver cá, ainda que às vezes admire mais a mentalidade suíça, mas depende...

Antropóloga – Vives neste momento em Portugal, mas sei que tens tido juntamente com a tua família uma mobilidade considerável, a começar pela ligação que tens a dois países tão diferentes como Portugal e Suíça. Em que países te lembras de viver, até agora?

Chiara – Eu nasci na Áustria e fiquei lá até ter um ano e meio, mais ou menos. Depois fiz algumas viagens aos Estados Unidos e voltei, por exemplo também estivemos a viver em Porto Rico e vários Estados diferentes dos Estados Unidos, depois disso também tive um irmão e a partir daí também fomos para Inglaterra e mais tarde para a Grécia, e depois da Grécia é que fomos passar uns meses à Suíça e viemos definitivamente para Portugal, quando eu tinha cerca de 9 anos.

Antropóloga – Que idade tens agora?

Chiara – Vinte e dois.

Antropóloga – Podemos dizer que o teu crescimento mais consciente, mais autónomo foi feito em Portugal.

Chiara – Sim, em termos de adolescência e pré-adolescência foi em Portugal, a infância é que foi toda fora, praticamente.

Antropóloga – Quando pensas “vou para casa” o que é que pensas? Imagina que estás fora, no Egipto por exemplo, onde pensas a tua casa?

Chiara – Neste momento a minha casa é em Portugal, até porque vivo com os meus pais por enquanto e estou aqui mas, por exemplo, eu estive agora um ano em Berlim e quando pensava em ir para casa eu pensava em Berlim, que era onde eu estava a viver no momento. Para mim, casa é o sítio onde eu estou.

Antropóloga – Como é viver em permanente deslocalização? É fácil, não traz conflito?

Chiara – Neste momento para mim é menos conflituoso até posso dizer normal, quando eu tinha quatro anos foi a altura, talvez, mais difícil, uma vez que eu estava para mudar dos Estados Unidos, Porto Rico, Inglaterra, Grécia, eu estava a estudar na Escola Primária, ia criando amigos, e ia ter que os deixar... foi a altura mais difícil da minha vida. Depois disso eu fui-me habituando e agora já, já não me faz diferença nenhuma.

Antropóloga – Fala-me disso, dessa dificuldade, de como a sentiste ou de como te lembras disso.

Chiara – O que custava mais era a ligação que se criava com as pessoas num determinado sítio, não era propriamente por ser o sítio ou por ser uma determinada cultura mas por causa de algumas pessoas com quem tinha uma relação mais especial, e o momento pra mim mais difícil foi quando eu saí de Inglaterra, eu tinha quatro anos e viajei para a Grécia. Foi um bocado difícil porque eu tinha lá os meus primeiros amigos da Escola primária, o primeiro ano e... não sei nunca tinha feito amigos durante tanto tempo e foi um bocado mais difícil por causa disso. Agora, também...

Antropóloga – Quanto tempo estiveste lá?

Chiara – Um ano e meio.

Antropóloga – Como é que te lembras disso? Lembras-te das pessoas, dos sítios ou das pessoas ligadas aos sítios? Estou a pedir para pensares isso, já que não é uma coisa que penses todos os dias, imagino eu.

Chiara – Tenho muito a imagem das pessoas, isso é certo, mas também associo muito a sítios e a coisas que aconteceram, e acho que uma das vantagens de eu, eventualmente ter mudado muito de país, é de eu ter uma memória muito desenvolvida nesse aspecto, eu ainda hoje consigo me lembrar de pormenores de quando eu tinha dois anos e três anos, que a maior parte das pessoas não se lembra, por isso acho que essa mudança desenvolveu de certa forma a minha memória.

Antropóloga – Achas que a desenvolveste porque perdias os lugares?

Chiara – Provavelmente...

Antropóloga – Quando hoje atravessas fronteiras, tens alguma sensação de repetição, de “déjà vu”, seja ela boa ou má?

Chiara – Não sei, acho que pra mim é mais fácil do para pessoas que nunca saíram do seu próprio país porque eu já o fiz muitas vezes. Se calhar encaro isso de uma forma diferente, se calhar tenho uma maior abertura a culturas ou a mentalidades diferentes e aceito, em vez de primeiro criticar ou achar que é estranho, tentar perceber primeiro o porquê e se calhar falar com pessoas de maneira diferente e acho que isso é uma facilidade, sim

Antropóloga – Sentes que, de alguma forma, este atravessar de fronteiras te traz alguma necessidade de sedentarização ou, pelo contrário, tanta mobilidade te trouxe a “doença do domicílio” e te entedias quando permaneces muito tempo em algum lugar?

Chiara – (Risos) Bem, se tenho alguma coisa, eu diria que é a doença do domicílio, porque não me vejo a ficar quieta num sítio, pelo menos agora aos vinte e dois anos, isso acho que não.

Antropóloga – Queres viajar, não para te estabeleceres em qualquer outro lugar mas, para continuares a conhecer novos lugares e novas pessoas. É isso?

Chiara – Sim, está-se sempre a aprender com tudo e com todos.

Antropóloga – Relativamente às tuas nacionalidades, o que é para ti a nacionalidade suíça? I.e., que lugar ocupa na tua pessoa no modo como tu te pensas ou te vês?

Chiara – Não sei, basicamente ela foi adquirida por causa do meu pai que é suíço, mas, para mim é importante, eu estive lá todos os anos desde a minha infância e... efectivamente só lá vivi seis meses, na minha vida, mas passei lá todos os anos na minha infância e voto, quando são as eleições na Suíça e referendos e assim, e sinto-me realmente parte de uma certa mentalidade suíça.

Antropóloga – Estás a par do que se passa lá, vives com proximidade a realidade política, social, cultural da Suíça, investes nessa proximidade?

Chiara – Sim, social e económica sim, política às vezes menos porque não é tão fácil adquirir os meios, para se saber o que se passa lá como aqui na televisão portuguesa, porque se sabe todos os dias o que é que se passa em Portugal, mas felizmente também o governo suíço costuma mandar-nos revistas para casa, sobre política e actualidade e também se torna mais fácil saber o que se passa lá. É mais esse o meio de ligação, se não tivesse isso, se calhar seria um bocadinho difícil, mesmo procurar.

Antropóloga – Quais foram os tempos que tu passaste na Suíça? Dizes-me que todos os anos ias lá. Ias sempre em alturas diferentes ou, pelo contrário, sempre na mesma época do ano?

Chiara – Normalmente ia sempre de férias, normalmente com os meus pais, com o meu irmão, durante quanto tempo? Talvez três semanas, normalmente três semanas, às vezes íamos um mês, outras vezes duas semanas, mas a maior parte das vezes umas três semanas por ano.

Antropóloga – Fazias que férias, as de Verão?

Chiara – De Verão ou então de Inverno, porque normalmente no Verão acabamos por ter mais tempo, no Inverno é só duas semanas, férias de Natal, mas sim, às vezes também íamos fazer ski e assim, nas montanhas.

Antropóloga – Também acabavas por fazer férias de Inverno... E em Portugal, qual era o tempo que vinhas aqui passar, e que ligações tu tinhas aqui até aos nove anos?

Chiara – Pra mim foi bastante fácil chegar a Portugal porque até aos nove anos tinha a mesma ligação com Portugal que tinha com a Suíça, ou seja, ia de férias passar um mês ou três semanas em cada sítio e já estava habituada, portanto, mais habituada do que a qualquer outro país estava habituada a Portugal e à Suíça, portanto pra mim foi um momento em que podia tanto ter ficado na Suíça como em Portugal. Acabámos por escolher Portugal, eu também falava a língua, assim como falava alemão, pra mim nem sequer foi nada muito difícil e tinha cá os meus avós, os meus pais, e outros amigos, que entretanto tinha conhecido, filhos dos meus pais¹, não foi não... foi das transições menos difíceis, foi quando vim pra Portugal.

Antropóloga – Apesar de tudo tinhas estado a viver fora e estavas a viver fora de Portugal. Como foi essa passagem? Adaptaste-te bem, gostaste da mudança?

Chiara – Sim, sim. Quando era pequena as coisas também eram mais fáceis, depois quando comecei a crescer e a pensar mais por mim própria, também comecei a pensar

¹ Chiara quis dizer “amigos dos meus pais” e não “meus pais” como disse.
N. A.

que se calhar ainda queria viajar mais para conhecer mais e para comparar mais, mas sim, sim, gostei das pessoas que conheci, claro.

Antropóloga – Isso significa que te sentes hoje perfeitamente integrada, sentes-te portuguesa, no que isso pode querer dizer... uma integração total, completa, se é que isso existe, ou se, pelo menos sentes isso na tua cabeça?

Chiara – É assim, sinto-me como portuguesa, enquanto cidadã portuguesa, mas muitas vezes não sou vista como propriamente como portuguesa, por causa da dupla nacionalidade e às vezes as pessoas têm-me... é estranho, eu sinto-me mais como portuguesa, mas às vezes as pessoas têm-me mais como suíça, as pessoas de fora que eu conheço, portanto às vezes é um bocadinho estranho. Eu acho que é simplesmente porque eu tenho dupla nacionalidade que as pessoas às vezes pensam nisso. E é também por eu ter um nome diferente que não é propriamente português, que não é normal, e por eu ter uma história de vida muito movimentada, as pessoas às vezes pensam que não mas...quer dizer, eu sinto-me bem das duas maneiras.

Antropóloga – É importante aquilo que as pessoas te devolvem do que pensam de ti? Quer dizer, falas muitas vezes daquilo que sentes e acabas por comparar aquilo que as pessoas pensam de ti. Isso é uma coisa que as pessoas te dizem muitas vezes, o que pensam de ti ou como te vêem?

Chiara – Sim, sim, acho que sim.

Antropóloga – Mas vêem-te ou dizem que te vêem como suíça e não como portuguesa, é isso? Porque achas que isso acontece?

Chiara – Principalmente em ideias, que eu tenho sobre as coisas... Ok! O meu nome ajuda e acho que a minha história também, muitas vezes eu tenho ideias... tenho diferentes principalmente ideias influenciadas por coisas que eu ouvi na Suíça ou que vi e que achei que podiam ser adaptadas em Portugal, mesmo na própria Política tem um sistema em várias coisas diferentes e é assim: à partida, eu tenho muito o hábito de criticar, eu critico muita coisa tanto em Portugal como na Suíça, como nos outros sítios, só que por ter aceção crítica às vezes as pessoas pensam... não sei, posso estar a ser tendenciosa mais pela Suíça ou por Portugal, mas não é assim, não é assim.

Antropóloga – Gostava que me falasses um pouco de como é pertencer a um lugar. Pensa um pouco como é que tu sentes isso? Tens esse sentimento relativamente a algum lugar? Ou a alguns lugares? És capaz de pensar nisso um pouco?

Chiara – Bom, um sítio a que eu sinto que pertença é um sítio onde eu me sinta feliz. Essa é a primeira coisa. Por exemplo, neste momento sinto-me feliz aqui, mas ainda me sinto feliz em Berlim, já saí de lá, entretanto, mas sei lá, passei um ano e também me senti muito feliz lá e conheci pessoas que me fizeram feliz lá. Eu acho que o que depende do sítio onde eu estou é a felicidade que eu consigo encontrar, as pessoas com quem eu consiga estar, o que eu consiga aprender de novo. Não é propriamente... mesmo que as relações não sejam físicas, por exemplo, eu estive em Berlim e continuava a relação com os meus pais, eles estavam em Portugal e não é por isso que nós deixámos de ter a mesma relação e eu voltei pr'aqui e foi tudo a mesma coisa. Portanto pra mim estar feliz é simplesmente conhecer coisas, conhecer pessoas, crescer com pessoas e, sim, estar sempre a aprender, isso é... em qualquer sítio do mundo eu posso fazer isso.

Antropóloga – Então quando te proponho que penses nos lugares onde tu sentes que pertences, ou que te pertencem, como quiseses, quais são esses lugares?

Chiara – Neste momento eu posso dizer que pertença a Portugal, também posso dizer que pertença à Suíça, e neste momento não sei se por recentemente, mas sinto-me muito ligada à cidade de Berlim na Alemanha, também.

Antropóloga – E se eu te perguntar quais os lugares que te pertencem a ti?

Chiara – Os lugares que me pertencem a mim... (risos) os lugares que me pertencem a mim são todos os lugares por onde eu passei...

Antropóloga – De que modo esses espaços afloram à tua cabeça e de que modo eles são pensados associados ou recordados? Quero dizer, passando por todos esses lugares por onde passaste, tens a tua memória povoada de sítios, de lugares e até de lares; como é que eles vêm à tua memória? Há alguma hierarquia no modo como os pensas e os sentes?

Chiara – Passam-me imagens, por exemplo, casas, praias, normalmente vêm-me todas as casas em que eu vivi até agora, quem é que eram os vizinhos, o que é que lá estavam a fazer, quem é que eram os meus professores, quem é que eram os meus colegas; por exemplo em Creta lembro-me muito bem das praias porque passávamos o tempo todo na praia, porque havia praia de Fevereiro até Novembro, lembro-me muito bem, é das melhores recordações que tenho; em Inglaterra lembro-me dos campos verdes e daquela humidade toda... Vou-me lembrando assim de coisas... sim, mas muitas vezes, eu não digo todos os dias, mas lembro-me bastante de todos esses países por que fizeram parte, “onde é que eu aprendi isto? Foi em Inglaterra; onde é que eu aprendi isto? Foi nos Estados Unidos” todos os dias ou quase todos os dias vou-me lembrando de um sítio ou de um acontecimento qualquer.

Antropóloga – Isso é uma coisa que faz parte da tua vida, lembras-te, recorres frequentemente a esse arquivo de memória

Chiara – Sim, sim, frequentemente. Principalmente porque as línguas que eu aprendi foi mais quando eu era criança. Quando vivia na Grécia falava grego, quando vivia na Inglaterra falava inglês e isso continua até hoje, por isso, eu sei falar inglês, mas sei que o aprendi em Inglaterra, por isso tenho uma certa obrigação, mesmo, quando estou a falar inglês lembro-me mais, ainda, de coisas.

Antropóloga – Quantas línguas é que tu falas?

Chiara – Neste momento falo português, inglês, alemão, depois aprendi francês e espanhol, e estou a aprender russo. O grego já foi uma coisa que eu fui esquecendo porque nunca mais voltei a falar. Na altura que vivia na Grécia falava grego, mas agora só sei palavras básicas.

Antropóloga – Tu andaste sempre em escolas locais, ou em escolas portuguesas? Como é que resolveste as dificuldades da língua, na passagem pelos vários países?

Chiara – Eu nunca andei em escolas portuguesas nem em escolas alemãs. Quer dizer, a única escola alemã em que tentaram que eu entrasse, foi quando cheguei cá, quando cheguei a Portugal mas, mesmo assim, não cheguei a andar lá. Enquanto estive a viajar, normalmente, era sempre escolas locais. Estados Unidos e Inglaterra, sim, andei na escola normal como todas as outras crianças e na Grécia foi um bocadinho mais específico porque andei numa escola francesa que tinha um pequeno sector em que podiam ensinar em inglês, mas mesmo assim a professora às vezes falava grego conosco, por isso é que aquilo foi uma mistura, de qualquer forma mas, sim, geralmente eram escolas locais.

Antropóloga – A escola na Grécia acabou por ser aquela em que não tiveste que falar a língua local, não é? Aprendeste a falar grego, utilizando apenas uma linguagem prática, de serventia, digamos assim, que te permitia comunicar com as outras pessoas.

Chiara – Sim, porque todos os meus vizinhos eram gregos, quer dizer, tinha uns vizinhos belgas mas a maior parte eram gregos, a minha baby-sitter também era grega portanto... acho que a maior parte do grego que eu aprendi é capaz de ter sido com ela. Como é que eu aprendi o grego? Não sei exactamente como é que aprendi grego, mas sei que naquela altura vivia lá, ia com a minha mãe ao supermercado aos cafés e coisas assim, se calhar eu ia adquirindo a linguagem mesmo assim, a minha mãe também

falava se calhar eu ia ouvindo, mas lembro-me que no início eu não sabia nem uma palavra e passou dois anos e meio, tivemos que sair de lá e já conseguia falar perfeitamente e traduzir pra português, aquilo que as pessoas estavam a dizer. Para o meu pai, por exemplo, que nunca chegou a aprender grego e eu já traduzia pra ele aquilo que eles estavam a dizer.

Antropóloga – Que língua falavam em casa?

Chiara – Diria que nunca falámos exactamente a mesma língua. Agora presentemente é português. O meu pai também já cá está há doze anos, treze, catorze e já fala português, mas quando eu era pequena, eu acho que era maioritariamente inglês, quando eu era mesmo muito pequena. Eu comecei por falar as três línguas, português inglês e alemão mais ou menos ao mesmo tempo e depois quando fomos para Porto Rico também falava um pouco espanhol, mas maioritariamente falava sempre numa língua diferente, o meu pai tentava sempre falar alemão connosco, quando nós éramos pequenos, principalmente comigo, com o meu irmão ele já apanha um período um bocadinho diferente; mas sim, sempre fui ouvindo um bocado o alemão da parte do meu pai, português do lado da minha mãe e, inglês mais ou menos com os dois, porque no início eles falavam inglês um com o outro. Sempre foi mais ou menos assim.

Antropóloga – Havia três línguas de serviço lá em casa. As línguas lembram-te espaços?

Chiara – Sim, sim. Neste momento o português não o associo a um espaço porque estou demasiado inserida nele mas, sim, sim, associo o alemão a um espaço e o inglês também.

Antropóloga – A que é que associas o alemão?

Chiara – Quando oiço um sotaque mais suíço lembro-me da Suíça, quando oiço um sotaque mais alemão lembro-me mesmo da Alemanha. Quando oiço um sotaque mais suíço lembro-me da minha família, lembro-me dos meus avós, de como é que aprendi a língua, dos raspanetes que eu ouvia em suíço alemão, eventualmente...

Antropóloga – E a Alemanha de que te lembras é Berlim, da tu vivência mais recente?

Chiara – Sim, sim.

Antropóloga – Quando tu atravessas fronteiras, dirigindo-te àqueles lugares que já conheces, que são teus, de alguma forma, sentes que esses espaços te influenciam, te modificam, ou que exigem de ti algo que tu te habituaste a dar ou a negociar?

Chiara – Sim, eu percebo a pergunta. Sim isso existe sempre, uma questão diferente é se eu faço aquilo que é esperado de mim, ou não. Como eu sempre tive assim, um espírito um bocadinho rebelde, eu sempre habituei as pessoas a ser como eu sou em todos os lados, independentemente de eu estar na Suíça ou em Portugal e há muitas coisas que eu sempre fui contra em Portugal e muitas coisas que eu sempre fui contra quando estava na Suíça e mesmo com a minha própria família, mesmo com avós e assim, nunca me importei eventualmente de os tentar, entre aspas, chocar ou assim, mesmo que isso vá contra a opinião deles. Portanto, pra mim, na prática isso acaba por não acontecer muito, até porque eu venho de uma família um bocadinho mais diferente, os meus pais foram bastante viajados e até aceitam bastantes coisas diferentes. Mas sim eu noto que às vezes há uma grande diferença entre os vários países, é necessário tentar moldar um bocadinho, mas no meu caso eu não faço muito isso.

Antropóloga – Sentes de alguma forma que há coisas nesses espaços, de vivência e encontro com familiares, que podem conflitar contigo, na medida em que – como disseste há pouco – há coisas que tu não gostas, seja na Suíça ou em Portugal. Isso implica com o sentimento de te sentires em casa, em algum desses lugares?

Chiara – Não, não implica necessariamente comigo, porque essas coisas não chegam a atingir-me sequer, por isso, não, não necessariamente.

Antropóloga – Onde é que tu te sentes em casa? Onde é tu sentes ao chegar, que adquiriste uma paz, ou bem-estar que te faz pensar regressei a casa?

Chiara – É assim, simplesmente num sítio onde eu me sinta bem e feliz, em qualquer sítio, até pode ser na Coreia...

Antropóloga – Achas que esse “sentir bem” é suficiente para te sentires vinculada a um lugar, o tal sentimento de pertença que falávamos há pouco?

Chiara – Sim eu acho que de certa forma está ligado a um sentimento de pertença. Quer dizer, eu também sou uma pessoa facilmente adaptável aos sítios mas por exemplo eu fosse para um sítio onde eu não me sentisse integrada socialmente, mesmo que eu achasse muito bonito e tudo muito perfeito, eu nunca me sentiria em casa. Até hoje isso nunca me aconteceu, mas pode vir a acontecer. Se bem que eu duvide um bocadinho, porque a partir do momento em que as mentalidades estão abertas, para conhecer pessoas diferentes e tentar entregar uma parte de nós e receber uma parte dos outros, não vejo grande problema de socialização, mas depende, também não conheço todas as culturas...

Antropóloga – Quando pensas o natal, o que é que pensas, que coisas afloram na tua cabeça?

Chiara – O Natal? É um bocado difícil vêm-me umas imagens um bocado diferentes. Vêm-me as imagens da sala minha casa, com uma fogueira, da minha casa aqui em Portugal, com a lareira acesa, mas ao mesmo tempo também me vêm imagens de árvores cheias de neve. O que não faz muito sentido porque não, não podem ser as duas no mesmo sítio, obviamente, mas tanto tenho essas imagens dos natais cá em casa, uma vez que foram muitos os natais passados cá em casa passados em família e mesmo os meus avós da Suíça vieram cá, com os meus avós de Portugal todos nesta casa, mas por outro lado também vejo pinheiros brancos e coisas assim que não existem propriamente em Portugal, pelo menos no Sul, que é onde eu moro, mas sim, faz-me lembrar de certa forma a Suíça ou outra coisa diferente.

Antropóloga – O Natal está associado a alguma língua, em especial?

Chiara – Depende com quem estou. Se estiver com pessoas de Portugal, português; geralmente português. Se estiver na Suíça suíço alemão, sim.

Antropóloga – Quando tu juntas aqui os teus avós todos, qual é a língua que se fala à mesa?

Chiara – É divertido, porque não se pode falar uma só língua se não, ninguém vai perceber. Há vários núcleos com línguas diferentes. Por exemplo, as minhas duas avós comunicam em francês uma com a outra. Às vezes um bocadinho em inglês, mas como a minha avó portuguesa sabe um bocadinho mais de francês do que português, elas falam em francês. Os meus avós, não comunicam muito, comunicam por gestos, bebem só aguardente juntos e riem-se mas também não comunicam muito, se o fizerem, perguntam como é que se diz uma palavra ou outra em inglês. Depois, connosco os meus avós suíços comunicam em suíço alemão, os meus avós portugueses em português, pois é mais ou menos isso...

Antropóloga – Bom essas são as tuas duas línguas também não tens problemas com isso.

Chiara – Não, eu não, é mais pela piada de ver as minhas duas avós a falar em francês, no meio do resto das línguas e o inglês é talvez o menos usado nessa altura do Natal.

Antropóloga – É o menos usado porque há também o francês, e as outras duas línguas vocês conhecem, são a língua materna e paterna ambas instrumentais. Em termos de espaço e aquilo que lhe está associado, o que é para ti a Suíça? Isto, considerando que existe um mapa que define o território e que tu já viste muitas vezes, mas para além desse, há o teu território suíço. Como é isso para ti?

Chiara – Para mim é mais as partes que eu conheço – onde eu vivi, mais o sítio onde passo férias, mais do que qualquer outra parte da Suíça. Sei que tudo junto é a Suíça, só que quando eu me lembro da Suíça, lembro-me da aldeia, da cidade mais próxima...

Antropóloga – Qual é a aldeia suíça de que te lembras, a tua aldeia?

Chiara – Juranlingen.

Antropóloga – E o sítio onde passas férias?

Chiara – Muitas vezes passo lá, outras vezes vamos para as montanhas pode ser para a de Sion, pode ser para Valais, pode ser para qualquer uma das montanhas nos Alpes normais...

Antropóloga – Essa tua vivência, dá ao mapa da Suíça uma configuração um pouco diferente, não é?

Chiara – Sim, na minha cabeça os mapas não são nada como são na realidade.

Antropóloga – É mais pequeno do que a realidade, é maior? É como Portugal?

Chiara – Não sei, é simplesmente diferente... não sei, é uma pergunta difícil de responder, porque geograficamente as coisas são de uma maneira e mentalmente são completamente diferentes... não sei se serão muito diferentes ou se são do mesmo tamanho.

Antropóloga – Viajas muito por Portugal, i.e., sentes que conheces o país, ou conheces apenas o sítio onde vives?

Chiara – Não, quando viajo em Portugal, viajo bastante, quero sempre conhecer as outras partes que ainda não conheço; por exemplo, as várias costas, tenho estado a fazer desde há alguns anos, vou acampando pela costa alentejana, depois no Norte, depois mais para o Minho, Sim, não, não há nenhum sítio onde eu vá sempre de férias.

Antropóloga – Se tu tivesses que viver sempre num sítio, qual escolherias?

Chiara – Para mim não era uma opção que eu quisesse como viável uma vez que eu não quero ficar num sítio à partida, sendo esse a Suíça ou Portugal, a China ou qualquer outro, ainda quero conhecer vários países diferentes, por isso para mim seria um choque se me dissessem “Olha vais ter que ficar para sempre num determinado sítio.”

Antropóloga – Estás a estudar o quê?

Chiara – Direito.

Antropóloga – Porquê na Alemanha, é Direito Comunitário, que tu estudas?

Chiara – Eu fui para Berlim, no âmbito do programa “Erasmus” que é um programa de intercâmbio e fui lá passar um ano, basicamente e escolhi a Alemanha porque é a que tem mais ou menos o Direito – a parte jurídica – mais parecida com a portuguesa. Também seria mais para obter as equivalências em Portugal. O que eu queria mesmo era tirar um ano pra qualquer sítio. Por exemplo, se fosse pra Holanda ou pra qualquer sítio, teria primeiro que aprender holandês e fazer exames em holandês e a vantagem pra mim era que eu já sabia alemão mas pra mim foi muito importante estar na Alemanha e sim, e as leis são bastante idênticas até, acho que a diferença está na forma como às vezes se aplicam melhor ou pior, também é um bocado verdade, mas sim, foi também muito útil a esse nível, pra ver como é que as outras universidades, outras pessoas lidam com o mesmo Direito e como é que tudo isso é tratado.

Antropóloga – Há alguma coisa que aches importante dizer sobre aquilo que temos estado a falar e que sintas que eu não perguntei?

Chiara – Humm, não sei, acho que as perguntas foram bastantes e eu acho que ainda pensei um bocadinho sobre elas e não tou a ver muito mais coisas que eu possa dizer, acho que já expliquei mais ou menos a questão de ter viajado bastante, como é que senti e o que é que deixei de sentir, o que é que isso representa pra mim e pró meu futuro, eu acho é que se calhar eu ainda posso mencionar que as pessoas são aquilo que têm em determinado momento e posso continuar a ter mesmo estando noutra fronteira noutro

país, eu neste momento falo com pessoas que conheci aos quatro anos em Inglaterra, através da Internet e assim, que é...

Por acaso descobri naquele site que dá para encontrar as pessoas, quer dizer, eu tive a morada deles até cerca dos nove anos, só que depois, quando vim pra'qui foi mais difícil manter o contacto. Já eram muitos e eu não tenho muita paciência para escrever cartas, mas agora, recentemente há um ano, comecei a procurá-los na Internet, através do face-book, e encontrei-os e agora falo com eles. E se calhar daqui a uns tempos vou visitá-los ou eles vêm cá.

Antropóloga – A Áustria é um sítio que ocupa uma parte muito importante da tua vida, da tua memória ou pensamento?

Chiara – Sim, a Áustria é o sítio onde eu penso menos. Quer dizer, tenho recordações, também, e às vezes também me lembro da Áustria, mas são menos as recordações.

Antropóloga – As tuas recordações são visuais? Que tipo de coisas te lembrás?

Chiara – Sim, sim, lembro-me perfeitamente da casa, mesmo com dois anos lembro-me bastante bem da casa, lembro-me dos vizinhos, lembro-me do senhor que vivia por baixo de nós, lembro-me do jardim, lembro-me da piscina, de uma piscina de plástico que lá tínhamos, da floresta, dos cogumelos, lembro-me de uma série de coisas.

Antropóloga – Viveste na Áustria até aos dois anos?

Chiara – Sim, eu saí de lá aos dois anos. Entretanto, entre um e os dois ainda estive, acho que, duas vezes nos Estados Unidos, e uma vez vim de férias, também estive fora, por isso... Sim, vivi na Áustria até aos dois anos mas ainda fui duas vezes aos Estados Unidos...

Antropóloga – Essas estadias nos Estados Unidos, foram sempre breves, pelo que percebo...

Chiara – Foram sempre breves, desde que nasci até aos dois anos.

Antropóloga – Só estiveste nos Estados Unidos nesse período? Ou voltaste lá mais tarde?

Chiara – Sim, sim, voltei lá, sim, aí foram anos.

Antropóloga – E daí, tens alguma memória?

Chiara – Sim, também tenho. Lembro-me bem das casas. Eu lembro-me sempre bem das casas e dos quartos e... lembro-me muito bem das partes interiores, e das ruas e dos parques; e também das pessoas, só que inicialmente lembrava-me mais dos sítios do que das pessoas, depois comecei a lembrar-me das pessoas também.

Antropóloga – Inicialmente lembravas-te mais dos sítios, dizes-me tu.

Chiara – Sim, da Áustria recordo-me melhor da casa e isso, do que...também me recordo das pessoas, mas mais fixo, é exactamente a casa, do tecto que era assim meio torto e era cor-de-laranja e

Antropóloga – E do chão e dos objectos e...

Chiara – Sim, sim.

Antropóloga – É importante, essa memória visual dos objectos, exercitá-la, contar com a existência dessa memória? Sentes que é a garantia, o testemunho desse passado dessa experiência, ainda por cima tão saltitante...

Chiara – Sim, não saberia viver sem ela, mas já foi mais agora, não é tão importante. Se calhar quando eu mudava de país e era mais pequena, se calhar era mais importante pra mim, que eu lembrava-me e gostava da ideia de me lembrar, neste momento não me faz diferença nenhuma, mas neste momento já sou mais adulta que criança, por isso...

Antropóloga – Se te perguntassem em Berlim de onde eras, o que é que te viria à cabeça, és capaz de fazer esse exercício?

Chiara – Bem, normalmente eu respondia portuguesa, até porque eu vinha mesmo de Portugal naquele momento, mas muitas vezes e depois de uma conversa também diria que era suíça.

Antropóloga – Se te perguntarem na Suíça, o que dirias?

Chiara – Eles na Suíça eles sabem que eu sou portuguesa, mas se calhar em Portugal aproveito para dizer que tenho a Suíça (risos)

Antropóloga – É bom, ter mais que uma nacionalidade? Para além do facto de essa nacionalidade representar estarmos ligados a um país a uma história ou a uma ascendência que gostamos, representa algum tipo de vantagem, ter dois passaportes?

Chiara – Sim, o factor da nacionalidade em si, e o factor emocional da nacionalidade são um bocadinho coisas diferentes, mas em termos... na prática, é sempre bom ter dois passaportes e ter abertura a diferentes países e assim. Em termos emocionais, também claro que é bom, porque tive outras experiências diferentes e é claro que é muito favorável.

Antropóloga – Essas duas nacionalidades como é que aparecem no passaporte? Alguma vez te trouxeram algum tipo de constrangimento?

Chiara – Não, estas não, se eu tivesse umas nacionalidades mais arábicas mais asiáticas talvez dessem, mas como são duas nacionalidades europeias e são países que não se envolvem... são bastante neutros, acho que não há problema.

Antropóloga – Além dos Estados Unidos, alguma vez foste para algum país não europeu?

Chiara – A viver, não. Só de férias, por pouco tempo.

Antropóloga – Mas nunca foste sozinha, foste sempre com os teus pais, para esses países onde a nacionalidade europeia ou ocidental, pode ser um problema?

Chiara – Não, fui com os meus pais.

Antropóloga – Estudas onde?

Chiara – Em Lisboa, na Faculdade de Direito.

Antropóloga – A tua vida faz-se mais em Lisboa ou em Caxias?

Chiara – Em Caxias nunca se faz porque quase ninguém mora aqui em Caxias, Se for, é mais em Oeiras ou em Lisboa, daí que eu vá muito mais a Lisboa, uma vez que é um centro maior e tem muito mais coisas a fazer... Sim, basicamente é em Lisboa, apesar de muitas pessoas serem de Oeiras e virem de Oeiras para Lisboa. Também faço muita coisa aqui na zona de Oeiras, sim. Em Caxias, raramente, só se for cá em casa, mesmo.

Antropóloga – Quando pensas em atravessar fronteiras, como é que pensas o espaço – em tempo, em quilómetros?

Chiara – quando vou para algum sítio que conheço, penso conforme as imagens que eu tenho, não consigo pensar em quilómetros ou em tempo... se for agora para Berlim, penso nas ruas nas casas, nunca penso no caminho até lá?

Antropóloga – A internet tem alguma influência no modo como pensas e organizas esses espaços distanciados geograficamente?

Chiara – Sim, a Internet é sempre importante, é muito mais fácil procurar coisas e encontrar coisas através da internet. Por exemplo da Grécia, havia umas praias que eu não tinha imagens ou que não tinha fotografias e queria lembrar-me, então fui à internet e encontrei o que queria.

Setembro 2008.

ANEXO 4

**Entrevista realizada a Andreia no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Podes dizer-me o teu nome, idade e nacionalidade?

Andreia – O meu nome é Andreia Camargo, tenho dezoito anos e... a minha nacionalidade? (risos) Isso é um bocado difícil. Eu considero-me portuguesa, mas também me considero brasileira.

Antropóloga – Há alguma razão para essa dupla nacionalidade? Porque é que te consideras portuguesa e porque é que te consideras brasileira?

Andreia - Porque nasci em Lisboa, sempre vivi em Portugal, mas a minha família em casa, sempre foi brasileira. Sempre, nunca tive uma influência em casa portuguesa, por isso, a minha educação sempre teve aquele quêzinho brasileiro. Mas depois comecei a crescer e tive sempre amigos portugueses e acho que é daí que vem a influência, da escola, da sociedade, é portuguesa, portanto a grande parte de mim é portuguesa, mas o resto é brasileira.

Antropóloga – Qual é a tua escolaridade?

Andreia - 12º ano.

Antropóloga – Qual foi a primeira vez que foste ao Brasil?

Andreia - Devia ter uns oito anos, não me lembro bem, era ainda bem pequena. A minha irmã tinha a idade que eu tenho agora, nós temos dez anos de diferença é capaz de ter sido por aí, sete, oito anos.

Antropóloga – Foste sozinha?

Andreia - Fomos todos. A primeira vez (acho que foi essa a primeira vez) fomos todos. Os meus pais já estavam divorciados, eu lembro-me, fomos todos juntos, fomos os quatro.

Antropóloga – Houve alguma coisa que se modificasse nessa viagem, para ti, no teu entendimento de ti própria, na percepção de quem tu eras?

Andreia - Não sei, para falar verdade acho que não. Não me fez muita diferença, quer dizer, foi a primeira vez que tive contacto com o resto da minha família – os meus tios, as minhas primas, quer dizer, eu não tenho essa família aqui em Portugal, mas eu era tão pequena, que... se calhar senti isso mais tarde, quando fui das vezes seguintes, que já era maiorzinha e já tinha outra percepção do que estava à minha volta, mas desta vez, não. Foi mesmo só fazer uma viagem a sítios diferentes e conhecer gente nova, basicamente é só isso.

Antropóloga – Gostava que te tentasses lembrar-te se sentiste alguma coisa, alguma emoção, ou que pelo contrário, estranhasses alguma emoção, existente do outro lado, das pessoas que te receberam e que tu não conhecias de lado nenhum.

Andreia - Eu lembro-me quando cheguei ao aeroporto de estarem lá os meus avós e o meu tio, o irmão da minha mãe, o tio Ricardo e lembro-me de eles olharem pra mim e de me encararem como se eu fizesse parte da família, só que eu fiquei assim... eu era muito tímida, fiquei assim a olhar pra eles e pensei “eu não vos conheço de lado nenhum”, mas depois como fiquei lá algum tempo, comecei a ver algumas parecenças, mesmo, entre os meus avós e o meu tio e depois as discussões que eles tinham sobre as coisas do passado, da família a relembrarem coisas, eu fui-me sentindo cada vez mais parte da família, mas, não sei, dessa primeira vez pelo menos não teve assim grande impacto mas, nas vezes seguintes que eu fui lá com outra cabeça, eu um bocadinho mais velha, noutras circunstâncias, é capaz de ter feito, ter tido algum impacto.

Antropóloga – Quando é que tu percebeste, ou tomaste consciência da nacionalidade? Tu nasceste aqui, portanto, esta era a tua realidade – nascida e criada em Portugal. Como é que tu soubeste, ou de que modo te foi dado saber que eras brasileira?

Andreia - Eu sempre contei com isso, porque desde que me lembro, ainda desde o infantário, lá em Vila Franca, sempre fui tratada como a brasuca, a brasileira isto, a brasileira aquilo, sempre, até hoje e mesmo aqui, quando eu mudei pra cá, tive sempre problemas com documentos, porque as pessoas nunca percebem, o meu B.I. é diferente e mais isto e aquilo, portanto eu lido com a realidade de ser brasileira, pelo menos ao nível dos documentos, sempre, desde que tenho de ser eu a tratar disso, agora. Mas acho que tive sempre consciência disso, acabei por pensar nas coisas e sei que sou brasileira.

Antropóloga – Então isso foi pra ti, uma dualidade que acabaste por viver com normalidade, não é?

Andreia - Sim, sim.

Antropóloga – Já te aconteceu estares fora dos dois países, Portugal e Brasil. Recentemente tiveste alguma experiência nesse sentido?

Andreia - Sim, estive em Paris, para uma viagem de finalistas e antes também estive em Espanha, para outra viagem de finalistas.

Antropóloga – Tiveste que responder qual a tua nacionalidade?

Andreia – Perguntaram, porque é assim, quando eu saio do país, eu tenho sempre a preocupação dos documentos, porque eu sou sempre diferente de toda a gente. Normalmente, quando eu vou para o Brasil, é a minha mãe que toma conta, dos passaportes, das autorizações e disso tudo. Neste caso, quando eu fui para Paris, eu fui de avião, portanto eu tinha o passaporte e eu sinto que tenho outra responsabilidade e nessas viagens, eu sou sempre brasileira, nunca sou portuguesa. É sempre outra versão, da dos meus amigos, que eles foram comigo e eles... tinha outra responsabilidade, por ser brasileira e não ser portuguesa.

Antropóloga – Por causa dos documentos...

Andreia - Por causa dos documentos.

Antropóloga – Se tu fores daqui para Espanha de carro, não tens a questão dos documentos. Aí, a nacionalidade adquire um valor diferente, o que é que tu sentes?

Andreia - A nível da nacionalidade? Hmm... agora eu sinto-me bastante portuguesa mas aqui há uns tempos, não era bem assim. Mas agora sinto-me muito portuguesa.

Antropóloga – E se nessa situação a pergunta for “de onde és”?

Andreia - Se me perguntarem de onde eu sou, a minha primeira resposta é “eu sou de Portugal”, nasci em Lisboa, mas não sei, talvez se me perguntarem “quem sou eu” se calhar aí a resposta já é diferente, sou metade portuguesa e metade brasileira, aliás sou mais portuguesa do que brasileira, mas tenho sempre, é... a história da minha família é brasileira, portanto, é uma bagagem que eu trago comigo, mas... sou portuguesa, sou de Portugal.

Antropóloga – Quando acontece este tipo de coisas como os desafios internacionais ou europeus de futebol, acontece jogar a selecção portuguesa ou a brasileira e as pessoas reúnem-se e aproveitam para estar juntas, tu participas nestes encontros? Sentes algum tipo de identificação com a selecção, causam-te algum tipo de emoção, estes encontros?

Andreia - Bom, eu nunca fui grande adepta de futebol, portanto a partir daí, está tudo dito, mas agora com o euro 2008, eu saio e vou ter com os meus amigos e eu torço, mas não tenho dúvidas nenhuma, se Portugal jogar contra o Brasil, eu torço pelo Brasil, não sei porquê mas se calhar é pelo facto de eu pensar que os brasileiros jogam melhor ou não sei, mas isso já me aconteceu e eu torci pelo Brasil, não sei, se calhar até torço pelos dois, só para saber quem vai ganhar, mas... sim, eu sinto-me parte, apesar de não saber o nome dos jogadores nem as posições que eles ocupam e isso, mas sim, eu torço e faço parte.

Antropóloga – Se perder Portugal ou o Brasil, de alguma forma, acabas sempre por ganhar...

Andreia - Pois, é a mesma coisa pra mim.

Antropóloga – Quando tu pensas no Brasil, em que pensas? Ou melhor, o que é para ti o Brasil?

Andreia - Bom, primeiro que tudo, é... como um pacote – férias e família. É uma realidade de um tempo tirado fora, de férias, porque eu vou lá sempre de férias, portanto é sempre a primeira associação que eu faço, é férias, prazer e família, só. Não é uma realidade que eu conheço do dia-a-dia, eu não sei as escolas, não sei mesmo, não faço ideia. É essa, mesmo, a associação.

Antropóloga – E quando pensas o Brasil, quando o lembras, quando te perguntam, ou essa ideia ou pensamento te surge, como o fazes? O que te lembras do Brasil? ou melhor, a que corresponde o Brasil na tua cabeça?

Andreia - Santos, a cidade da minha mãe onde eu costumo ir mais vezes. É logo a primeira cidade... acho que é capaz de ser porque a cidade é um género de Lisboa, mas completamente diferente. Uma cidade enorme mas é uma cidade que tem praia e é a

cidade onde está a minha família. Agora neste último verão que fui, está toda a família, quer do lado da minha mãe quer do lado do meu pai e foi onde eu passei a maioria dos tempos quando eu fui lá e era pequenina, portanto, é o primeiro sítio que eu falo.

Antropóloga – E aquilo que tu te lembras dessa cidade é algum sítio em especial, é uma casa, uma rua, é o quê?

Andreia - É uma rua, a rua da minha avó, da mãe da minha mãe. A primeira imagem que me vem à cabeça, foi a primeira vez que eu lá fui, nós chegámos à noite, e lembro-me de ver assim o portão, de estar assim ao colo do meu tio a subir as escadas e depois ver as minhas primas, as minhas primas não, a minha tia e a minha avó lá em cima, é capaz de ser... e depois a zona do centro comercial, da praia que tem uma grande avenida, onde eu vou passear, é capaz de ser.

Antropóloga – Vais ao Brasil com que frequência? Todos os anos?

Andreia - Bom, sinceramente depende muito da situação e da crise financeira e isso, mas normalmente é assim, (já nem me lembro quantas vezes é que fui) talvez umas três vezes, quatro. Não sei fui praí, de três anos, talvez mais (desta última vez acho que foi cinco anos, não sei bem) portanto depende muito da situação que nós vivemos aqui e agora para nós podermos ir, mas é por aí, uns três anos quatro.

Antropóloga – No início, aquilo não te dizia nada, bom, nada, nada não seria porque sempre ouviste falar dele (o Brasil) mas foi como ir a um sítio que tu não conhecias. Hoje sentes saudade, ou necessidade de ir lá? Sentes ansiedade com o aproximar da viagem, como é isso hoje?

Andreia - Eu acho que é difícil, porque como eu não tive lá tempo suficiente para começar a criar raízes e a dizer assim “esta também é a minha realidade”, é por isso que eu digo que aquilo é um local de férias onde eu simplesmente vejo a minha família. Claro que eu tenho saudades da minha família e nunca tive a realidade de ter a família à minha volta e saber o que é “vou a casa da minha avó daqui a 15 minutos”, nunca tive isso mas, como eu digo, estou habituada a isso desde pequenina, desde que nasci. Nasci em Portugal por isso tive logo sempre essa divisão. Não sei, acho que ...acho que não que já estou acostumada, não é uma coisa que me faça muita impressão, tenho saudades, mas é a minha realidade.

Antropóloga – Quando pensas no Brasil, pensas nas pessoas, ou no local, na terra?

Andreia - Não penso nas pessoas primeiro, o local é simplesmente onde elas estão. Se vivessem na China, eu ia prá China ter com elas.

Antropóloga – O que eu quero saber, é a importância que o lugar ocupa na tua cabeça e na tua memória. Há pouco falavas-me naquela subida das escadas da tua avó como uma das imagens que associas à tua ideia de Brasil. Que importância têm os lugares nessa ideia de nacionalidade?

Andreia – Sim, claro que sim, mas não sei bem explicar porquê (risos). Mas sim, claro que sim, até porque a maior parte das memórias que eu tenho são associadas a lugares

com as pessoas. Lembro-me dos lugares, dos cafés, dos supermercados também, dos restaurantes à noite, lembro disso tudo, acho que sim, faço uma associação, sempre.

Antropóloga – A última vez que tu foste lá, foi...

Andreia - foi o último Verão.

Antropóloga – Foi o último Verão mas, segundo percebi estiveste três ou quatro anos sem ir lá. Quando estás a caminho de lá, há alguma espécie de emoção pelo facto de estares a aproximar-te de tudo aquilo, os lugares, as pessoas, há alguma sensação especial suscitada por essa proximidade crescente? Queres falar-me sobre isso?

Andreia - Bom, quando eu entrei no avião neste último Verão, fui só eu e o meu pai, quer dizer, eles já não me viam há uns quatro anos (eu tinha uns treze ou catorze anos e agora estava com dezassete), é uma diferença muito grande, eu era uma caganita pequeníssima e agora estava já a ver entradas para a faculdade e então estava numa ansiedade muito grande, a pensar o que é que os meus avós iam achar, como é que eles iam estar, quais eram as mudanças e eu ia lidar com uma realidade totalmente nova – os meus tios já estavam separados, as minhas primas estavam grandíssimas, também – portanto, eu fui com essa expectativa de ver o que é que vão achar de mim e ver como é que está lá a situação. Pra voltar, este Verão eu fiquei lá muito tempo e as coisas com o meu pai não correram lá muito bem, portanto, neste especial caso, quando eu voltei, foi uma sensação de alívio, de voltar às coisas que eu conheço, às coisas que eu sei controlar, no mínimo. Mas de um modo geral, volto sempre um bocado triste, com imensas saudades porque fico sempre um mês e já começo a conversar mais com as pessoas porque já sou maior, já não sou criança que fica o tempo todo a correr de um lado para o outro, então crio mais laços a falar de coisas, então volto sempre um bocadinho roidinha por dentro.

Antropóloga – E sabes que vais deixar as pessoas por um período de tempo, agora já consciencializas isso...

Andreia - Pois e a próxima vez que eu voltar lá sabe-se lá, quantos anos é que eu vou ter, com quem é que me vou encontrar, o que é que vai acontecer, não é?

Antropóloga – Essa insegurança, ou o não controlar a situação do outro lado, como dizes, traz-te que tipo de ligação ou de sensação relativamente a essa tua realidade do lado de lá? Reforça-te de alguma forma a ligação com essa identidade, como que uma necessidade de cuidar mais de um elo que é de alguma forma frágil mas querido, ou pelo contrário, reforça os teus elos com o lado de cá onde te sentes à-vontade com as pessoas e as situações?

Andreia – Bom, para já as duas realidades, cá e lá, são, de facto, muito diferentes. As cidades, mesmo. As cidades lá são muito maiores e são perigosas, portanto, eu não tenho autonomia nenhuma. Não sei os sítios, não sei nunca o que é que tenho de fazer e eu quando estou lá, sinto-me uma visita, um hóspede, bom... na verdade sou, mas faz-me um bocado de confusão por causa disso, porque não estou em contacto com a realidade, não sou autónoma, não sei os sítios, não sei como é que... apesar de falar a mesma língua, as coisas são completamente diferentes, sei lá, para ir buscar pão, por exemplo, há umas fichas, faz-me uma confusão...e em Portugal, não, eu sei fazer as

coisas sozinha, eu sei me desenrascar, se eu precisar de ajuda eu sei a quem telefonar, tenho os meus pais aqui e lá, apesar de ter o resto da família às vezes até os meus pais também vão comigo, mas não sei, sinto-me no meio de uma realidade de que eu não faço parte. Não sei os costumes de cada um, as rotinas, sinto que caí ali um bocado de pára-quedas.

Antropóloga – Quais são as coisas que guardas de lá com mais carinho, que sintas que te traz algum tipo de vantagem e já agora, comparando com a tua experiência de vida cá?

Andreia – Não sei, eu de lá, só tenho boas memórias. É tão pouco o tempo para estar com a minha família, que não tempo para divergências ou discussão. O objectivo de nós irmos lá é mesmo esse – matar as saudades, estarmos com as pessoas de quem gostamos, é a nossa família – portanto de lá, não tenho nada de mal a apontar, não tenho má memória, mesmo aquelas discussõezinhas “ não sei quê!”...acho que faz parte e até gosto de sentir que temos um dia-a-dia, que temos, pronto aquelas pequenas divergências. Em Portugal, já é diferente, tenho a minha vida toda aqui, quer dizer, os meus amigos, os meus professores, o meu pai, a minha mãe, a minha irmã, mas se calhar a fase que mais me custou foi quando eu tive que mudar para Tomar. A minha vida acabou aqui. Acabou mesmo. Ai, eu detestei, eu chorava tanto, eu detestava esta cidade. Acho que foi isso, mesmo a separação dos meus pais, por estranho que pareça, não fiquei traumatizada. Os meus pais lidaram bem com a situação e...acho que o marco foi mesmo mudar de lá para cá. Foi a única coisa que eu não gostei, foi mesmo mudar de lá pra cá. Claro que hoje, acho que a minha mãe tomou a melhor decisão, mas acho que foi difícil.

Antropóloga – Hoje não quererias sair de Tomar...

Andreia - Não, de maneira nenhuma, agora, só para Lisboa, quando for para a faculdade. Não me imaginava agora, a viver em Vila Franca.

Antropóloga – Quando é que esta passou a ser a tua cidade? Como é que estabeleceste ligação com este lugar? Foram as pessoas que tu conheceste, foi o conhecimento do espaço?

Andreia - Eu acho que foi. Eu tinha quê? Dez anos? Foi quando eu mudei para o 5º ano. Eu detestava, porque eu sou – agora já não porque sou mais velha – mas quando eu era pequena tinha uma coisa com sítios estranhos, que era horrível, eu detestava conhecer pessoas novas e amigos novos e conversas novas e gente a perguntar de onde é que eu era e... “És brasileira?” e...detestava! E em Vila Franca, não, os meus pais já conheciam os vizinhos, a minha irmã já tinha andado no infantário, portanto eu era, as pessoas já tinham uma certa... já se conheciam uns aos outros, aqui não, isto foi mesmo cair aqui... ter que ir para a escola sozinha, ter que estar sozinha numa escola enorme, já não era a Escola do Bacalhau, já não era a Professora Lisete, quer dizer... já era uma outra dimensão. Eu acho que demorou muito tempo até me apetecer ir aos sítios, eu não queria ir à “Canto Firme”¹, porque estavam lá os colegas da minha mãe e metiam conversa comigo e eu não queria nem falar, bem, eu detestava esta cidade! Acho que foi a partir do 7º ano, que eu fiz amigos lá da minha turma, mas não foi assim uma coisa...

¹ Grupo Coral a que a mãe pertence

eles todos conhecem-se desde que nasceram, não é ? Mas eu também fiz amigos assim um bocado... mas fez-me bem, comecei a conhecer a cidade, os cantos, o que é que se pode fazer aqui, o que é que não se pode... depois fui crescendo e já fui muito senhora do meu nariz já fui-me desenrascando.

Antropóloga - Esse conhecimento foi evoluindo como tu dizes. Como é que te relacionas hoje com esta cidade, com este lugar, do ponto de vista do espaço?

Andreia - Bom, nos primeiros tempos eu não saía da escola, aliás, eu não saía para lado nenhum, só ia para a escola, para casa e mais nada. Era só subir umas escadas e pronto já estava lá. À mesa eu tinha medo, eu pedia à minha mãe pra me levar, porque eu não gostava de andar sozinha na rua... E depois é isso, foi uma realidade ao mesmo tempo de ter de mudar de cidade, de escola e de ciclo porque, se calhar, se eu tivesse de mudar de cidade e estando na primária ainda, era mais fácil, mas assim não, foram duas mudanças ao mesmo tempo – de escola, de responsabilidade e de cidade – e de ter de conhecer tudo outra vez, os cantinhos todos, os cafés, as ruas, acho que sim, que foi importante para mim eu ter conhecido primeiro a cidade, as ruas, os locais e conhecer depois as pessoas.

Antropóloga – Aquilo que tu conheces do Brasil, é uma cidade. Costumas viajar, quando estás lá, ou ficas sempre na mesma cidade?

Andreia - Os dois sítios onde eu ia mais logo desde a primeira vez que fui foi a Santos e a Peruíbe, que era uma terrinha, tipo São Pedro de Moel, que tinha praia e era a cidade dos meus avós, dos pais dos meus pais

Antropóloga – pais do teu pai...

Andreia - Ah... sim. Pais do meu pai. Este ano, já foi diferente, porque eu consegui ir a Londrina, que é a terra das minhas primas, filhas do meu tio, do irmão do meu pai e portanto, conhecer, conhecer, só conheço três terras, é Santos, Londrina que também é uma cidade enorme e

Antropóloga – fica próximo, fica no mesmo Estado, ou não (de Santos)?

Andreia - Não, não, não. Fica praí a um dia de viagem. Peruíbe e este ano também consegui ir a S. Paulo, mas fiquei lá só um dia, mas deu pra ver assim de carro e conhecer melhor a cidade, mas não foi assim grande coisa.

Antropóloga – Quando imaginas o Brasil, imagina-lo com aquele desenho que aparece nos mapas, com todo o seu território ou pensas em algum lugar ou referência em particular?

Andreia - Bom, nem sei, quer dizer... o Brasil é enorme, o Brasil é um continente, é gigantesco. Ver S. Paulo a aterrar no avião, é uma cidade que não tinha fim, é uma realidade completamente diferente de Portugal, não tem nada a ver. Tudo é grande. Eu detestei estar no Metro de S. Paulo, foi horrível, eu queria morrer ali, porque aquilo parecia uma ligação de esgoto, onde (me disseram) que passam dez milhões de pessoas por dia, naquele Metro, é só a população de Portugal ... e eu só conheço uma parte, uma pequena parte, mas faz impressão porque é um país tão grande, com tanta diferença e...

eu tenho lá um bocadinho... e isso é bom...(risos), eu vou querer ter lá sempre um pezinho. De qualquer maneira, é sempre um país que eu considero que também é meu.

Antropóloga – E o teu conhecimento de Portugal? A tua ideia de Portugal, que vives cá, tem certamente mais proximidade, mas o que é que conheces do país, são só dois ou três lugares, ou há mais coisas?

Andreia - Bom, Portugal faz parte do meu dia-a-dia, Tomar, Vila Franca, Lisboa, são sítios que eu conheço bem. Há outras terras a que eu já fui: Porto, Coimbra, Leiria, Torres Novas, sei lá... Mas é diferente porque se eu quiser ir a um sítio eu consigo lá chegar e desenrascar-me e procurar as coisas sozinha, enquanto que lá não é bem assim, porque as coisas são muito longe e... acho que sim, que conheço bem Portugal. Podia conhecer melhor, mas às vezes é um bocadinho de preguiça...

Antropóloga – Na tua cabeça, sem contar com a imagem dos contornos – o território – com aquilo que tu conheces de cada país, de que modo configuras os dois países na tua cabeça, comparativamente? Quero dizer, Portugal é muito mais pequeno do que o Brasil?

Andreia - Sem dúvida nenhuma, Portugal é muito maior que o Brasil. Porque eu conheço muito mais... e não é conhecer de visitar, de dar uma olhadela e já está, é mesmo conhecer. É viajar, é percorrer caminho, em Coimbra, na Batalha, conhecer os bares, os monumentos, os castelos e isso... mas eu já entrei, nas ruazinhas das cidades, já andei com os meus amigos, já percorri lojas, cafés... e no Brasil, não, no Brasil foi sempre assim uma de olhar assim um bocado para o ar, porque é um sítio tão grande, que não dá... Eu, por exemplo, eu conheci Santos mas nem sequer metade. A própria cidade é tão grande, que não dá, não dá pra sair a andar e conhecer, portanto eu acho que Portugal é muito maior que o Brasil na minha cabeça.

Antropóloga – O facto de teres duas nacionalidades, é uma presença constante na tua vida, ou é algo com que tu lidas de vez em quando? Quero dizer, há algum tipo de negociação que precisas fazer, para viver em Portugal – ou no Brasil, quando lá estás – relativamente à tua outra nacionalidade ou à tua bagagem de dupla nacionalidade?

Andreia - Bom, aqui, no meu dia-a-dia, esse problema raramente esse assunto vem à minha cabeça, a não ser quando os meus amigos, estão a falar com sotaque brasileiro, então aí, eu também entro na brincadeira e portanto aí, já me vêem como a brasileira ou quando me fazem perguntas e isso, mas, para mim, o primeiro ponto que me lembram que eu sou brasileira, é a nível de documentos, o que eu acho um inferno, agora para fazer os exames, também, eu não posso usar o meu B.I., os professores entram em pânico porque não sabem preencher o cabeçalho dos regulamentos de exame e quer dizer... mesmo para entrar em discotecas, eu mostro o meu B.I., a fila para durante meia hora, porque o segurança fica a olhar e a perguntar o que é que é aquilo e acho que são aí, esse pontos de situação é que eu me lembro que sou mesmo estrangeira, mesmo brasileira, mesmo estranha.

Antropóloga – Com que idade é que consciencializaste essa tua condição de estrangeira, ou de não portuguesa?

Andreia – Não sei, sim, lembro de passar um mau bocado na Escola do Baca... na escola do primeiro ciclo, no 5º ano, quando eu, era preciso preencher algumas coisas e era preciso o meu B.I.. Eu era pequena e não estava habituada a lidar com estas coisas e na altura era de norma um cartão, era tipo um livrinho, que era a autorização de residência, não era como é um cartão, agora, e era complicado, os professores olhavam práquilo e diziam que não servia “Eu quero o teu B.I.” e eu “Não tenho, este é o meu B.I.; eu sou brasileira. – Não, não és – diziam – Os teus pais são o quê?” “São brasileiros” respondia, “E tu nascente aonde? – Nasci em Lisboa – respondia. – Então és portuguesa” “Não, não sou, sou brasileira”. Portanto essa confusão veio desde os dez anos, ou qualquer coisa assim e acentuou-se mais aos dezasseis, quando eu já tinha idade para entrar nas discotecas e então eu mostrava o B.I. eles ficavam todos a olhar pra mim, tipo... e aconteceu-me eles às vezes não me deixarem entrar porque não percebiam o meu B.I. ou...

Antropóloga – Não te deixarem entrar?!

Andreia - Sim, não é frequente, mas já me aconteceu e eu fiquei revoltada e disse agora também não entro... acho que são as únicas situações.

E no Brasil, lembro-me de ser portuguesa, no momento em que ponho os pés no Brasil, por causa do meu sotaque, logo aí é o primeiro choque, eu mudo logo de sotaque porque eu morro de vergonha porque para os brasileiros, o sotaque português é uma coisa...que lhes dá uma vontade de rir, eles não aguentam ouvir portugueses, não aguentam mesmo, é uma coisa...eu lembro-me das irmãs da minha avó Daide perguntarem “Mas ela não fala português?” elas estavam doidas para me ouvirem falar português, “Mas fala português – diziam. – Ah, não, não falo que eu tenho vergonha. – Ah, mas fala lá!...” então eu disse uma frase, já não me lembro o que é que eu disse, mas falei devagar e ela não percebeu nada e ria-se, ria-se,”O que é que disseste, que eu não percebi nada” E ria-se, ria-se... portanto é logo aí, a primeira coisa – sou portuguesa. E depois a maneira de se encarar as coisas e mesmo na rua ver as pessoas, é outro comportamento. Eu consigo distinguir as pessoas, um português de um brasileiro, não que isso seja mau, mas acho interessante a diferença e eu vejo-me sempre do lado dos portugueses, porque eu venho com este comportamento um bocado mais fechado, mais europeu, vá. E noto essa diferença.

Antropóloga – A tua família brasileira costuma visitar-te aqui?

Andreia - Não. Isso só aconteceu... Bom, que eu me lembre, porque eles vieram cá quando eu era bebé, porque eu vi fotografias mas que eu me lembre vieram cá uma vez, as duas partes da família, tanto os pais da minha mãe como os pais do meu pai, em alturas diferentes, mas é raro, normalmente somos nós que vamos lá visitar. Eles já estão velhinhos e não gostam de andar de avião e somos nós que vamos lá visitar.

Antropóloga – Há mais alguma coisa que tu sintas que quando lá estás que te exija algum tipo de negociação?

Andreia - Eu acho que sim, mas é em relação a tudo. À comida...

Antropóloga – A comida lá é muito diferente, ou é mais o que as pessoas esperam de ti em relação à comida?

Andreia - É, eu acho que sim que é mais isso. O comportamento que eu tenho, mesmo os meus avós, às vezes ficam assim a olhar pra mim e dizem “És mesmo portuguesa!” mas é uma coisa boa, porque eu tive oportunidade de ir, por exemplo em Londrina, a uma discoteca com a minha prima, e... bom, a realidade das discotecas, lá, é completamente diferente. Eles têm uma sala cheia de computadores, antes de entrar onde eles fazem o cadastro completo das pessoas antes de poderem entrar e vêem as malas, e abrem as malas para terem a certeza de que podem entrar. É uma coisa, ali... Bom, e houve lá uma amiga da minha prima, que me perguntou de onde é que eu era e eu disse que era de Portugal, quer dizer, entraram em histeria, porque acham que é uma coisa chiquérrima ser da Europa “Ela é europeia, meu Deus!”. Quer dizer, eles têm uma visão de nós que não é aquela que nós pensamos que eles pensam, não, eles acham nós nós somos uns chiquérrimos porque estamos aqui, e fazemos parte da Europa e estamos aqui no meio disto tudo e não sei quê. Mas mesmo eu notei diferença, por exemplo na maneira de vestir, não tem nada a ver, por exemplo as calças rasgadas em baixo e não sei quê, lá não é bem assim... quer dizer, é assim, mas noutro sentido. Eu notava que as pessoas olhavam pra mim e sabiam que eu não era dali, nem pouco mais ou menos...

Antropóloga – Tu sentias-te diferente?

Andreia - Completamente diferente.

Antropóloga – Mas sentias que as pessoas te sentiam diferente, também...

Andreia – Sim. As pessoas olhavam pra mim, mesmo quando eu falava brasileiro, como quem diz “Hummm, a mim não me enganas, tu não és daqui”.

Antropóloga – Essa diferença era boa, sentias-te bem com isso?

Andreia - Às vezes... sim, mas se calhar não. Quer dizer, também, que não vou nunca fazer parte daquele mundo por mais que queira. Foi até agora, um local de férias, um local para ver a família. Eu não gosto de me lembrar disso.

Antropóloga – Gostavas de fazer mais parte...

Andreia – Sim.

Antropóloga – Mas gostas da tua diferença?

Andreia – Sim, gosto da minha diferença, mas gostava mais de sentir essa diferença, se fosse entre Portugal – Alemanha, percebes? Uma realidade que fosse mais próxima, mas que ao mesmo tempo mantivesse a minha identidade como portuguesa mas também me considerasse...

Antropóloga – Se calhar apesar de haver a mesma língua e um conhecimento e uma... cumplicidade maior entre estes dois países, corres mais o risco de sentir o fosso entre este país e aquele do que entre Portugal e outro país da Europa onde a língua é completamente diferente, o clima é completamente diferente e a forma de estar e de sentir é aparentemente diferente, mas temos uma cultura mais próxima, ou que mais facilmente se aproxima.

Andreia – Sim, eu acho que é isso. Se o Brasil não estivesse tão longe, se calhar eu fazia um bocado mais parte, sentia-me mais integrada, sentia-me, talvez, ainda mais brasileira do que portuguesa.

Antropóloga – Gostarias de pedir a nacionalidade portuguesa? Podes pedir, sabes disso?

Andreia - Eu nunca pensei nisso em pedir a nacionalidade Portuguesa, mas agora aos dezoito anos, eu posso pedir a dupla nacionalidade – quando vou lá sou brasileira, quando estou cá sou portuguesa, é isso que eu vou fazer. Tá bem, não é que me incomode ser brasileira aqui, mas é a porcaria da burocracia, ninguém me trata mal aqui, pelo facto de eu ser brasileira, é uma coisa chata, mas se eu tivesse que escolher entre ser portuguesa ou ser brasileira, eu escolhia ser brasileira, preferia mesmo que tivesse que passar por isso sempre (problemas inerentes à condição de estrangeira, fora da U.E.)

Antropóloga – Porquê?

Andreia - Porque é o meu único segur... é a uma segurança que eu tenho em como sou brasileira. Que não é só quando vou lá, tá aqui sempre (põe a mão no peito, junto ao coração) tá comigo sempre, não sei explicar melhor.

Antropóloga – Ok, Andreia, obrigada pela tua colaboração.

Maria Leite

Tomar – Maio de 2008

ANEXO 5

**Entrevista realizada a Silvânia no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Diga-me por favor o seu nome, a sua idade e a profissão.

Silvânia – Silvânia Leal da Silveira, tenho 47 anos – nasci em 5 de Dezembro de 1960.

Antropóloga – é de onde?

Silvânia - Eu nasci em Santos, no Estado de S. Paulo, no Brasil.

Antropóloga – há quanto tempo vive em Portugal?

Silvânia - Há 21 anos.

Antropóloga – Teve filhos cá?

Silvânia - tive uma filha cá.

Antropóloga – Tem mais filhos?

Silvânia - Tenho uma filha que fez 27 anos agora, que veio para cá com 5 anos.

Antropóloga – qual é a sua profissão?

Silvânia - Sou professora de piano.

Antropóloga – sei que além disso tem também uma actividade concertista, que já esteve mais activa, e que agora não está tanto...

Silvânia - Sim, eu fiz entretanto outros trabalhos. Dou aulas de iniciação musical às crianças, de iniciação em conjunto, sou pianista acompanhadora, também – acompanho outros instrumentos nas escolas, e tenho um grupo de música de amara, que é o que gosto de fazer e o que dá para fazer, como o pouco tempo que eu tenho para estudar.

Antropóloga – No ano em que veio para cá, qual foi o contexto em que encontrou o país, relativamente à sua condição de emigrante?

Silvânia - eu vim em 1986, na altura do cavaco e Silva. E havia muitos problemas no Serviço de Estrangeiros, aquilo era muito difícil. Filas intermináveis, as pessoas que recebiam os imigrantes no Serviço de Estrangeiros eram polícias, estavam fardados de polícias. É uma farda que não é aquela polícia que anda por aí, mas era uma farda azul, com um chapéuzinho e as mulheres com uma camisinha branca, era assim... metiam medo (risos).

Antropóloga – Como é que foi a sua chegada a Portugal, foi difícil?

Silvânia - Não, não foi difícil. A pessoa com quem vivia já estava aqui, estava há três meses e eu vim pra estudar, eu vim essencialmente pra estudar, eu não vim com a ideia de morar aqui, mas como eu não consegui bolsa de estudos, ele tentou, eu tentei mas não conseguimos e então achámos que podíamos conseguir aqui através da Gulbenkian – doce ilusão, claro. Então eu vim recomendada pela Olga Pratz, porque ela dava aulas no Conservatório Nacional, ele apresentou uma cassete com um concerto meu, ela ficou interessada, porque eu vim aqui com o objectivo de trabalhar a música portuguesa, erudita portuguesa. Porque eu queria, nuns tempos mais a longo prazo, eu queria fazer um trabalho em conjunto, de música brasileira com a influência da música portuguesa e vice-versa, e foi com esse objectivo que eu vim pra cá pra estudar.

Antropóloga – Acabou por ficar este tempo todo. Ficou sempre no mesmo sítio?

Silvânia - Não. Eu quando vim pra cá, o meu ex-marido tinha arranjado um apartamento na Costa da Caparica. Achava que tinha feito um contrato por um ano e fomos eu e a minha filha mais nova, que não era filha dele, fomos pra lá, e no fim de um mês, veio o senhor da imobiliária dizendo que nós tínhamos de sair dali, que não podíamos ficar, porque aquele apartamento era para férias e, eu cheguei em Maio e chegámos a Junho ele queria alugar em Julho Agosto e Setembro, para os estrangeiros, enfim, os turistas. E nos obrigou a sair, nós não sabíamos de nada, eu tinha acabado de chegar, ele estava trabalhando e ia arranjando trabalho porque também queria estudar e então nós saímos, nós saímos dali, através de um amigo dele que foi o Jaime Reis, que morava em Vila Franca, que ele conheceu no Conservatório, ele conheceu o meu ex-marido lá, e disse que havia um apartamento que ia vagar em Agosto, em Vila Franca de Xira, que era onde ele morava. Ele ofereceu a casa dele, a gente tinha que ficar lá um

Comentário [1.1]: Enganou-se referia-se à filha mais velha, pois a mais nova ainda não existia.

mês, porque a gente tinha que sair imediatamente, não é? em Junho a gente já tinha que sair e ficámos o mês de Julho na casa dele em Vila Franca, até aquele apartamento da famosa D. Rosa, em frente à estação dos comboios, vagar. Ficámos na casa deles, foi um convívio muito engraçado, porque a mulher dele era artista plástica e ele era músico, portanto fomos muito bem recebidos e foi assim que a gente foi parar em Vila Franca. Eu digo isso da famosa D. Rosa, porque nós quando mudámos, não havia dinheiro para nada, não é? o dinheiro estava muito contado, porque eu tinha trazido mas não havia trabalho ainda e viemos de comboio, de transporte público, carregando tudo. Eu tinha malas e filha, ele tinha guitarra, estava um calor enorme, e quando nós saímos na estação, estavam umas duas senhoras, que estavam sentadas num banquinho “Vocês são os brasileiros que vão ficar no apartamento da D. Rosa?” (risos) “Somos”, nós respondemos “Ah! Então é ali.” e apontaram, porque ficava mesmo em frente à estação. E pronto, ficámos lá doze anos.

Antropóloga – Porque é que saiu de Vila Franca?

Silvânia - Eu saí, porque nos separamos. E eu, nesse percurso, esses doze anos, foram doze anos em que nós estudamos, eu trabalhei muito, estudei, fiz uma licenciatura, tive mais uma filha e fiz muita coisa em Vila Franca, muita coisa em Lisboa, só que a gente teve que se separar, e como eu também trabalhava além de Vila Franca e Alhandra, trabalhava em Tomar, foi em 1995 que eu comecei a trabalhar em Tomar, na altura da separação, a minha filha mais velha ia entrar para a Faculdade, e iria estudar para Caldas da Rainha, ou Portalegre, todos os lugares assim bem longe de Vila Franca e eu vi que ia ficar sozinha com a filha mais nova que ia fazer dez anos. Então eu optei, como a minha carga horária era maior em Tomar, eu optei por ficar em Tomar, enfim, para cuidar dela, pra ficar mais tempo com ela, mas ainda continuei trabalhando em Vila Franca e em Alhandra, no primeiro ano. O pai dela ficou morando em Vila Franca. Foi por isso que eu saí, por causa da separação. Não era possível, por exemplo, eu ficar vivendo ali, ou em Alverca, porque ela ficava muito sozinha. A irmã acabou por entrar na Faculdade em Portalegre, e estávamos muito dispersas e não podia ser. E acho que fiz uma boa opção.

Antropóloga – houve então, a partir daí a construção de um novo período, que teve sensivelmente a mesma duração. Sensivelmente dez anos. A filha mais nova, entretanto cresceu e a outra filha, já não mora aqui em casa. Sente-se de onde?

Silvânia - (Risos) ...Eu acho que sou uma cidadã d... Não. Eu sou brasileira. Eu sou brasileira. Eu me sinto brasileira mas, eu me adaptei completamente a Portugal. E o modo de vida, e o modo de pensar, que é muito diferente, as pessoas têm uma lógica diferente e eu me adaptei 100%. Portanto, eu na altura que me separei, havia a possibilidade de voltar pra lá, a minha família fez até muita pressão mas eu achei que não ia-me adaptar. Eu me sinto brasileira, porque, sou... pronto é aquilo que tá no meu coração, não é? o Brasil, está no sangue, mas também, Portugal está no meu coração, eu não sei explicar muito bem essa diferença. Eu acho que sou brasileira mas sou daqui. Tenho essa sensação. Não sei se gostava de morar lá outra vez, de ficar lá agora nesse momento, acho que não conseguia me adaptar.

Antropóloga – Se pensar naquelas épocas mais familiares, em que se fica mais recolhido e se fica em casa, em que reúne a família, por exemplo, em que casa pensa nesse momento? Qual é a casa onde pensa esse momento, onde quer ficar nessas alturas?

Silvânia - É aqui, sempre. Eu tenho a minha família lá, e o natal lá é fantástico e o ano novo é fantástico, mas eu considero a minha família, as minhas filhas. E eu fico aqui, e me sinto bem aqui nessa altura. Eu passaria esses momentos lá, se pudesse carregar a minha família aqui, para lá. Não dá? É aqui que eu fico e é aqui que eu gosto de ficar a passar esses momentos.

Antropóloga – E é aqui que pertence a passagem desse sítio, quero dizer, não se sente deslocada, aqui, ou chorosa, ou com pena, da separação?

Silvânia - não, não, não. Nunca fiquei. Nunca fiquei. Mesmo naqueles momentos mais difíceis. Mas sabe porquê? Porque eu fui muito bem recebida. Eu fui muito bem recebida em Vila Franca, por exemplo, que foi onde eu fiz todas as minhas amizades. Todos os meus amigos, que são amigos até hoje, eu fiz em Vila Franca. Aquelas pessoas não me conheciam de lado nenhum e nos aceitaram. Então nunca senti... eu me senti em família. Os meus amigos foram a nossa família. E eu considero as coisas assim mesmo. Eu senti a falta dos meus pais, do meu irmão, dos amigos, eles me telefonavam muito, mas nunca me senti deslocada, ou sozinha, de maneira nenhuma. Nunca.

Antropóloga – Achava possível, quando diz que tem hoje uma outra forma de pensar e de ser, acha possível chegar ao Brasil e reconstituir novamente uma outra etapa, num outro lugar – aquele que já foi seu... achava isso possível?

Silvânia - ...Sim... sim. Porque é assim, quando a gente vive no nosso país e nunca sai, para fazer uma coisa dessas – não é passear, é viver – num outro país mesmo, não é noutra região, é num outro país, onde a cultura é completamente diferente, quando a gente sai, é que a gente acaba por se conhecer melhor. Porque eu nunca pensei, do jeito que eu fui criada lá, que eu tivesse tanta capacidade de improvisação, tanta criatividade, porque é assim mesmo e tanta capacidade de trabalho. Portanto, eu acho que eu, se acontecesse alguma coisa e tivesse que voltar para o Brasil, eu ia enfrentar muitas dificuldades, porque lá tem muitas coisas que eu vejo agora à distância que eu não concordo, não gosto, que não tem aqui, que eu acho que aqui é bom e lá é mau ... mesmo com isso tudo, eu acho que era capaz de me adaptar muito bem. E ia me adaptar como me adaptei aqui. Mas é só se houvesse uma necessidade.

Antropóloga – Mas vê isso como uma capacidade que sente que tem, não como uma necessidade sua

Silvânia - Não, não.

Antropóloga – O que é que acha que influencia mais a criação de laços de pertença – o poder sentir-se de algum lugar, ou que esse lugar lhe pertence?

Silvânia - pergunta difícil...

Antropóloga – O que acha que acontece ou tem que acontecer na vida de uma pessoa em mobilidade, para crie esse tipo de laços com o lugar, que lhe faz dizer ao fim de algum tempo, que pertence ali? São os filhos? Já me falou dos amigos, mas há outros factores? Os filhos, adaptaram-se bem?

Silvânia - sim, sim. A Andreia, a mais velha, teve alguma dificuldade mas isso foi na escola. Ela apesar de não ter...ela foi alfabetizada aqui, ela entrou aqui na primária, mas ela já tinha andado num infantário lá no Brasil e o convívio, a educação era um bocado diferente. Então ela teve uma professora muito à moda antiga e ela sofreu um bocadinho nessa altura e eu também mas, quer dizer, isso não foi nada de mais. Eu levei um susto, porque ela usava régua, batia na mão das crianças, e essa coisa toda, que eu nunca tinha visto, quer dizer, o meu pai contava na altura dele, mas eu não via isso lá, nem na escola nam em casa, nem nada, então eu me assustei um bocadinho com isso e ela também, mas foram os primeiros quatros anos que foi a altura da primária que eu fiquei assim um bocado em estado de choque, eu pensei “Meu Deus, as escolas aqui são tão severas” mas depois eu descobri que não eram as escolas era aquela professora e aí já fiquei mais tranquila. Mas eu acho que o faz a gente sentir isso, não são os filhos. Claro, os filhos ajudam. As crianças aprendem a falar da maneira que falam e isso nos aproxima também, mas eu acho sobretudo é o povo, é a maneira como nós somos recebidos. E isso é que faz a gente ficar ali, querer ficar e se sentir à vontade. É o povo.

Antropóloga – E Portugal, acha que também recebe bem, Portugal jurídico, burocrático, Portugal como estrutura?

Silvânia - Bom, essa parte é que foi muito difícil. Isso foi, mas eu entendo, quer dizer, acabei por entender muito mais tarde, por que naquela altura havia um certo desespero, não é? porque parecia que o país não estava mesmo preparado para receber estrangeiros. E eu tive azar, azar no sentido de que eu entrei quando o país estava em mudanças porque estavam entrando na Comunidade Europeia, havia mudanças de leis, então Portugal estava um bocado baralhado com isso. Havia coisas muito difíceis, só podia trabalhar se tivesse autorização de residência, só podia ter autorização de residência de tivesse um contrato de trabalho, portanto, houve uns sete ou oito anos que eu fiquei assim. Depois nos bancos e outros lugares assim, onde estavam mal informados, naquela altura, Portugal podia ser muito interessante, mas naquela altura, Portugal estava parado. Eu sentia isso em relação ao Brasil, mas depois sentia isso aqui dentro em relação ao país, as pessoas não sabiam nada sobre muita coisa. Uma das coisas que não sabiam era que os brasileiros – eles achavam que os brasileiros eram irmãos, não é? o público em geral os funcionários públicos, os bancos, as finanças e a segurança social, eles sabiam que todos eram iguais, mas chegava na hora de tratar dos papéis e bem... afinal o brasileiro também é estrangeiro, não é? ele é igual aos outros, como o francês, como o chinês, afinal como é que a gente trata isso? Não sabiam, ficaram muito baralhados. A única coisa que deu certo, foi as finanças – eu sempre tive ali um número para pagar todos os meses (risos), e isso foi a única coisa fácil. Ninguém perguntou se eu trabalhava, se eu tava ilegal, tinha que ter um número e pronto. O resto é que era muito complicado, ter conta no banco, eu precisava ter trabalho, eu precisava provar que tinha autorização de residência... uma vez apareceu um inspetor em casa, porque naquela altura faziam inspeções na casa dos estrangeiros pra ver se era tudo verdade o que eu tinha dito, mas também não aconteceu nada. Eu só consegui autorização de residência, na altura que a minha filha Andreia que estava averbada, precisou do B.I., na escola para passar para o Ciclo. E na escola diziam que se ela não tivesse o B.I., não podia estudar. Não podiam, as crianças naquela altura se não tivessem o cartãozinho amarelo, não podiam estudar. E as professoras lá, como me conheciam, já há muito tempo, disseram “Olha ela fica aqui, agora, pronto, mas se aqui vier uma inspeção nós vamos ficar muito atrapalhadas, porque já teve aqui um cabo-verdiano que foi posto na rua”. Tinha 10 anos. Eu fiquei aflita, falava com os meus amigos, ninguém entendia nada “Mas como? Tanto tempo...” e uma amiga, por acaso, numa conversa, como o marido e os amigos e tal, conheceu um deputado, na altura, do PSD e falou no meu caso e ele disse “Ah, imagina, mas isso não pode ser” e deu o cartão dele. Nessa altura eu peguei no cartão dele e fui nos “estrangeiros” porque ele disse que eu tinha que falar com uma senhora. Bom, aí é uma longa história, porque até eu conseguir que essa senhora olhasse pra mim e viesse ter comigo, porque estava sempre muito distante de mim, eu pus o cartãozinho no vidro e fiz com que ela viesse ver o cartão, quando ela viu o nome do deputado, ela me recebeu lá numa sala. Daí, até ter o B.I. da Andreia, que naquela altura era azul, porque era os estrangeiros, levou 15 dias. Consegui todos os documentos. Como ela estava averbada no meu, eu também consegui. Foi assim que eu consegui autorização de residência, B.I. e tudo. Foi assim (Risos).

Antropóloga – Ao fim de dez anos de cá estar...

Silvânia - Quase. Não foi tanto. Sete anos, talvez. Sete, oito anos. Conclusão: essas coisas, sempre foram muito complicadas. A partir de um certo tempo, muito mais tarde, aí uns quinze anos depois é que o país é que começou a agilizar essas coisas, a modernizar muita coisa, a facilitar, contas nos bancos, as autorizações de residência, a

fiscalizar mais esses sectores dos imigrantes, não é? Mas eu por exemplo ainda há pouco tempo... Essa semana! Me deparei com uma coisa curiosa aqui em Tomar no Notário. Ela olhou para o meu B.I., que é amarelo, que é igual ao B.I. de um português, só que tem escrito Convenção luso-brasileira, que é uma convenção especial que só os brasileiros é que têm para poder ter esse B.I. amarelo, porque já não existe B.I. nem azul nem amarelo nem nada. Todos os estrangeiros têm Autorização de residência. Um cartãozinho, a minha filha Débora também. E eu tenho esse e está lá escrito, que essa lei, que o bilhete é válido até 2011, no meu caso, e ela olhou pr'aqui e disse "Esse bilhete, agora, já não vale mais." e eu perguntei, "Mas não vale porquê?!", "Porque os estrangeiros agora já não usam mais" e eu disse "desculpa mas a senhora não leu até ao fim" e eu tive que passar novamente por aquela situação que passava há anos atrás. Era falta de informação dela, porque aquele bilhete é válido. Se eu tiver que renovar, ele vale, portanto, a lei não é retroactiva. E há acordos entre o Brasil e Portugal, que não existe para outros países.e as pessoas ainda continuam assim com esta falta de informação. Mas agora está muito melhor como é óbvio, e o Serviço de Estrangeiros de Lisboa, bom, o de Lisboa não sei, que deve estar muito grande, mas acho que está melhor. Eu agora trato dessas coisas no Serviço de Leiria, de Estrangeiros de Leiria. É completamente diferente, é mais humanizado, tem placards em várias línguas, portanto, as coisas foram melhorando, mas isso realmente é um problema muito grande.

Antropóloga – Continua a sentir-se, essa dificuldade no tratamento...

Silvânia - sim, mas melhorou muito, porque eu vejo agora os estrangeiros da Ucrânia, russos, essas pessoas resolvem os problemas num instante, essa parte burocrática, não é?

Antropóloga – O que era uma coisa impossível...

Silvânia - Impossível. E depois a falta de informação. Nos lugares assim que a gente tinha que ir, a gente precisava de coisas, documentos, e as pessoas não sabiam nada mesmo, foi muito difícil, essa parte foi muito difícil.

Antropóloga – Como é que as suas filhas sentiram essa adaptação aqui? A mais nova, sentiu, soube, como é que ela sentiu isso?

Silvânia - Sim, ela percebeu. A maior dificuldade dela foi a língua. Quando ela percebeu, ela era muito pequeninha, não é? que as meninas, os amigos dela, porque ela fez logo amizade no infantário, falavam diferentes dela, e eles ficaram fascinados com a maneira como ela falava, ela fechou a boca e não disse mais nada. E ficou muito tímida mas aquilo depois passou. Ela não teve problemas de adaptação.

Antropóloga – Nem a mais nova?

Silvânia - A mais nova, não. A mais nova, nasceu aqui e não teve problema nenhum.

Antropóloga – Elas sentem-se brasileiras, aqui, ou portuguesas?

Silvânia - Eu acho que a Andreia, se sente muito brasileira, porque ela chegou a ir mais vezes para o Brasil. Houve uma altura, quando ela tinha onze anos, por causa das nossas dificuldades – a gente vivia assim com pouco dinheiro, não é? – e ela convivia com meninos que viajavam, iam pra praia, tinham casa de praia, e não sei o quê. E ela dizia "Oh, mãe, nós não temos nada..." e eu explicava pra ela "Não é bem assim. A nossa família tem. E os avós e os tios", e ela dizia "Não sei, mas eu não tenho, não sei..." e eu achei que ela estava um bocadinho distante desse lado, não é? das nossas raízes e eu perguntei pra ela se ela queria ir para o Brasil, pra ela ver aquilo tudo, ela saiu de lá com cinco anos e não lembrava de muita coisa, também não ligava pra isso, e ela disse que sim, então ela foi sozinha. Foi com onze anos para lá, o meu pai a recebeu lá, e aí ela voltou, o meu pai voltou junto, pra aproveitar passear por aqui por esses lados, e ela voltou mais tranquila. Porque ela percebeu, entendeu, essa coisa da distância. Que ela tinha os avós, que ela tinha uma casa, que a família morava numa praia, numa cidade de

praia, muito bonita, ou seja, ela tinha as coisas dela, também, tinha o passado dela, como toda a gente, não era só aquela vidinha que a gente tinha ali, sem nada, com o mínimo. Depois ela foi crescendo, foi entendendo e ela tem sempre muita capacidade de adaptação, com relação a isso, e adorar os amigos e ... foi só esse momento que achei que ela tinha necessidade de ela ir pra lá. Por mais que a gente explicasse, que agente contasse que aquilo que a gente passava era momentâneo, mas aquilo que eu fiz, foi, não só pra mim, mas pra ela, porque eu achei que era bom pra ela também.

Antropóloga – O que é que a levou a sair do Brasil?

Silvânia - Ah! Isso foi a minha profissão, que eu escolhi pra viver, que é a música, e lá sempre foi muito difícil e lá no lugar onde eu morava não havia espaço. Não dava, ainda hoje converso com os meus amigos “Aulas de piano! Você consegue sustentar a sua família, dando aulas de piano?” e digo “Sim, consigo. Trabalho muito, mas consigo.” Isso lá é impossível. É impossível porque a música, a música clássica, no sentido do ensino acadêmico, é muito difícil, a concorrência é muito grande em relação à música popular brasileira, não é? esse mercado, sim, cresceu muito o outro não. E a música erudita no Brasil é um bocado elitista. É pra quem tem dinheiro, pra quem pode fazer os cursos e as bolsas de estudo. Não é um acesso, não existe música na escola regular, não existe há muitos anos. Portanto eram só escolas de música, o conservatório... isso sempre foi. A música sempre foi encarada como um obi. Todos os alunos que eu tive lá, aliás, eu própria fiz uma licenciatura em Artes Plásticas, porque o meu pai, não me deixava fazer isso. Fazer o curso de piano, tudo bem, agora, só dar aulas de piano, aquilo não era nada. E todos os colegas meus, são outra coisa – uns são arquitetos, tenho uma que fez Jornalismo, a outra fez Física. Todos eles fizeram outro curso, aqueles que optaram por fazer música, não é? A maioria deles, acabaram por sair do país. Não conseguiram trabalho lá, viver, mesmo e isso assim. Foi por isso que eu vim. Eu queria continuar, eu queria estudar os meus estudos. Havia hipótese de ir para a Alemanha, porque a minha professora particular que eu tinha lá em S. Paulo, ela achou que eu podia estudar lá com o professor X, lá na Alemanha e que ela podia conseguir contacto. Só que eu achei, como tinha uma filha pequena, que ia ser muito difícil, por causa da língua, do clima, e achei que... não sei, fiquei em dúvida. E depois, surgiu aquela coisa afetiva, não é? porque conheci o meu ex-marido, ele vinha pra Portugal, já tinha um amigo aqui em Portugal, e eles acharam que era uma boa opção – estudar aqui, continuar os meus estudos. E talvez trabalhar, porque eu ia ter provavelmente que trabalhar, porque eu não sabia se ia conseguir a bolsa e não consegui a bolsa. Portanto, tive que trabalhar, apesar de vir para estudar e ver se conseguia viver da música, que era coisa que eu não conseguia lá (no Brasil).

Antropóloga – Quando vai hoje ao Brasil, sente-se bem? Quero dizer, sente que chega ao sítio onde estão as coisas importantes? Ou melhor, as coisas que procura de lá estão no sítio onde espera que estejam? Sente-se em casa?

Silvânia - Hehh... em casa, não sei se eu me sinto, porque a minha casa é aqui. Eu me sinto bem lá, por causa das pessoas eu acho que eu sou muito ligada às pessoas, quer dizer, eu gosto da maneira de ser das pessoas. Agora, lá, existem muitos problemas e quando eu vou pra lá eu vejo que muita coisa ainda não mudou, ainda continua muito mal. As pessoas trabalham muito. Eu nem sei, como é que as pessoas continuam com aquela alegria toda, porque há muitas dificuldades, há muitas dificuldades, mesmo. Agora, é um povo que eu adoro, por isso é que eu me sinto bem é uma alegria 24 horas, e o à-vontade com que as pessoas se dão, mesmo com alguma... em algumas cidades muito violentas, não é, as pessoas ainda conseguem viver assim. Por exemplo, tenho um amigo no Rio de Janeiro, fazia onze anos que ele não ia para lá. Ele foi pra lá, o Rio de Janeiro, é um local muito violento e eles fazem “rodas de choro” na rua, ou seja eles

Comentário [1.2]: A minha entrevistada, quer dizer que a música ensina-se apenas em escolas que ensinam exclusivamente música, como os conservatórios, por exemplo.

tocam “chorinho”, guitarras e pandeiro na rua. Durante o dia! As pessoas passam, param, aplaudem, isso todos os dias, com aquela violência toda, todos os dias, portanto, é um lugar muito, muito caloroso. E eu adoro ir para lá, para poder passar na rua, para poder chamar a minha tia “Tia Cármen!” na rua! Dá um grito e ela vem na janela “Ah, Glaucia!” (risos). Portanto, não há aquela cerimónia como há aqui, das pessoas serem convidadas e combinarem, ninguém dá um grito na rua para chamar o outro na janela. É isso que me dá saudades é isso que eu tenho saudades às vezes e preciso ver, preciso sentir. Aqueles encontros ao fim-de-semana com a família e com os amigos, é o churrasco, não precisa ter nada. A gente pode ir ali no bar da esquina, mas tem sempre música que se faz ali na hora e cantam e riem, é isso que eu sinto falta. E isso é que eu preciso quando vou lá, não é propriamente... quer dizer me sinto em casa se estou com a minha família, mas a minha casa é aqui. Eu me sinto bem aqui. Lá é mais esse lado, esse lado afectivo, das pessoas e de...por exemplo, falando de música, a última vez que eu tive lá, eu fiquei desolada. As lojas de música na minha cidade, estão todas fechadas, estão acabando. E em S. Paulo que é um grande centro, que tem a Faculdade de música, que fazem trabalhos incríveis, também não tem loja de música, para comprar livros e partituras. Já não há. Só na biblioteca ou na Internet, já não há, acabou. Portanto eu fiquei muito decepcionada com isso. As pessoas se matam pra trabalhar. Não há aquela organização que existe aqui, os professores não são respeitados, apesar de aqui também ter muitos problemas, lá está muito mais atrasado – os professores trabalham cinquenta horas por dia, por semana, aliás. E quando eu falo nisso, eu não falo em licenciados, eu falo em doutorados. Mestres e Doutores, gente que já acabou. Tudo o que tinham a fazer já fizeram, trabalham nas universidades e tem que ser cinquenta horas porque se não, não consegue sustentar a família. Portanto eu acho que isso não melhorou nada e isso eu fico muito triste, com essas coisas, não é, tenho pena, porque as pessoas têm muita capacidade de trabalho, são muito criativas, muito dinâmicas, a maioria delas. É uma característica do povo. Isso sim, eu sinto falta, porque às vezes aqui, eu sinto que sou muito acelerada, e as pessoas que estão à minha volta são muito calminhas. Não têm muita pressa, não é? isso sinto. Eu às vezes preciso de ir pra lá para sentir essa agitação toda, é como se eu fosse buscar energia.

Antropóloga – Bom, afinal qual é para si a diferença entre “ser de” ou pertencer a um lugar e sentir-se em casa?

Silvânia - (Risos) Ser de algum lado?

Antropóloga – Sim, afinal sente-se brasileira, mas quando chega a Portugal sente que está em casa?

Silvânia - Eu acho que isso tem a ver com o lado emocional, com o lado... afectivo(?). Eu não sei, mas eu me sinto brasileira por isso. As minhas reacções são diferentes, pelo menos é o que eu sinto aqui, as minhas reacções são diferentes e isso não mudou em mim, por isso eu me sinto brasileira, por exemplo eu sou mais comedida, já entrei no ritmo das pessoas aqui, mas por exemplo, eu como professora, relativamente aos meus colegas de profissão, eu me dou completamente pros os meus alunos e pros pais e com as pessoas, eu sou muito directa, eu sou diferente, é isso que eu sinto, por isso que eu digo que eu sou brasileira, porque ninguém é assim. Não há nenhum professor português ou portuguesa, que façam as coisas dessa forma. Tudo o que eu faço é diferente, mas é diferente nesse sentido, por eu ser brasileira. Tenho uma maneira de fazer as coisas e dar-me e comunicar e agilizar as coisas, de... ser eu, e é isso que eu sinto, por isso é que acho que é esse lado afectivo que me liga ao Brasil, que eu de vez em quando preciso de ir buscar, a maneira de pensar e... eu não quero perder isso, porque eu acho que isso é uma mais-valia. Não quer dizer que as outras pessoas não tenham... não, é diferente, e é por isso que me considero brasileira

Antropóloga – Tem outros colegas brasileiros que conheça?

Silvânia - tenho.

Antropóloga – E são assim também?

Silvânia - São. (Risos). Embora, eu tenho um colega que mora aqui, portanto, ele é muito parecido comigo. É casado com uma portuguesa, é diferente. Agora, eu tenho colegas brasileiros que moram em outros países, na Alemanha, por exemplo, e eles também são assim como eu, não deixaram de ser brasileiros, se adaptaram muito bem, no caso deles são mais fechados, lá (Alemanha), o país é completamente diferente... Portugal é um país muito mais aberto, muito mais voltado para o contacto pessoal, as pessoas são muito afectivas aqui, são muito ligadas, ainda, bastante, gostam de conversar, gostam de olhar gostam de ajudar, então eu consigo também me expressar dessa forma, porque se fosse de outra forma, se calhar não conseguia. Mas esses amigos também, eu sinto isso, quando nós nos encontramos nem que seja por telefone, nós somos exactamente como éramos há muitos anos atrás, mas entre nós, não é? Não perdemos nada – o jeito, a maneira... agora, somos diferentes porque estamos em lugares diferentes e totalmente adaptados.

Antropóloga – Se pudesse mudar a nacionalidade, mudava?

Silvânia - É assim: eu quero ter nacionalidade portuguesa, mas isso é por questões burocráticas. Não gostava de perder a brasileira, por questões burocráticas também, a minha mãe pode precisar lá de mim e assim era muito mais difícil. Porque eu, se não houvesse essas coisas eu não mudava nada, porque para mim não faz não diferença, mas eu quero ter a nacionalidade portuguesa, porque eu quero de uma vez por todas acabar com isso, de chegar lá num lugar e me digam “olha, desculpa, mas você...” ou seja, eu não quero que ninguém me lembre que eu sou brasileira, sou diferente. Eu já estou aqui tempo suficiente e acho que o direito a ser igual a todo mundo, que eu posso reclamar, eu posso ajudar, eu posso defender, eu posso criticar, porque eu estou aqui perfeitamente integrada, no entanto, de vez em quando ainda aparecem umas coisas assim que me lembram “Oh pá, você não é totalmente...”, porque eu convivo tão bem com as pessoas nos meus trabalhos todos, eu estou tão bem integrada e as pessoas me recebem tão bem, tão bem, que muitas vezes esquecem que eu sou brasileira. Lembram às vezes que eu falo alguma coisa que é muito diferente. Então é isso, eu quero ter nacionalidade portuguesa, porque agora é mais fácil, antigamente perdia-se a brasileira e isso me deixava assim... não era por nada, eu não ia deixar de ser brasileira, mas a parte legal é que me preocupava e a relação lá – eu tenho lá a minha família, tenho a Andreia também e a Débora, apesar de tudo é brasileira e a gente não sabe o futuro, ela tem uma certidão de nascimento brasileira, também. Ela não pode ser portuguesa, só agora aos 18 anos é que pode tratar da nacionalidade portuguesa. A Andreia também. A Andreia já podia ter tratado, não tratou ainda porque não deu, não sei quê. Mas a Andreia é brasileira, isso faz sentido, porque ela nasceu lá, não é? tem a certidão dela, quando ela veio pra cá tinha o passaporte, agora a Débora não, a Débora como nasceu aqui, tem a cédula de nascimento, mas, como tem os pais brasileiros, teve que ser registada no Consulado. Portanto, ela tem uma certidão de nascimento brasileira, porque aí, se ela não tivesse isso, ela tinha perdido o direito de brasileira – ficava sem nada. Não era nem portuguesa nem brasileira. Nós fizemos isso para ela não perder a identidade em termos legais, não é? portanto, ela é brasileira, foi agora para a França e teve de apresentar passaporte, não é autorização de residência, enquanto que os outros não, não têm que apresentar porque são da União Europeia. Ela tem passaporte e autorização de residência, são os documentos que ela tem.

Antropóloga – Muito Obrigada. Não tenho mais nada a perguntar.

Maio 2008

ANEXO 6

**Entrevista realizada a Evelina no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Entrevista a Evelina Maria de Sousa

Antropóloga – Tem nome português...

Evelina – É o Sousa, não é? Humm, não, pelo que eu sei, não tenho, não é, familiares portugueses. A minha raiz que eu conheço são todos brasileiros, é assim, tem um pouco de raça índia...

Antropóloga – Ah, sim... é de onde?

Evelina – De Goianha, no Brasil

Antropóloga – do Estado de Goiais...

Evelina – do Estado de Goiais...

Antropóloga – Que idade tem Evelina?

Evelina – Tenho 30 anos.

Antropóloga – Estudou, em pequena, na sua terra?

Evelina – Sim fiz o 1º e o 2º Grau e não fiz Faculdade porque não tinha condições, era muito difícil e fiz cursos de Pedagogias...e na época em que morei lá, trabalhava com crianças, pelo meu curso, e quando saí de lá trabalhava com as crianças.

Antropóloga – Era Educadora?

Evelina – Era, era Educadora Infantil. Fiz a escolaridade toda até chegar à Faculdade, mas não fiz Faculdade.

Antropóloga – Tem filhos?

Evelina – Tenho dois filhos, uma menina e um menino. A menina tem nove anos e o menino tem dez anos.

Antropóloga – Quando chegou a Portugal?

Evelina - Foi em 2004.

Antropóloga – Veio sozinha?

Evelina – Vim sozinha.

Antropóloga – Conhecia alguém que estava aqui? Aqui ou para onde veio, foi para aqui, ou esteve primeiro noutro local?

Evelina – Não conhecia. Tinha uma amiga, onde trabalhava com as crianças e...ela me disse que tinha uma irmã que morava cá e se eu quisesse vir ela me ajudava falava com a irmã e ela me receberia. E é assim eu estive a pensar algum tempo e depois resolvi vir

e foi com essa irmã dela que... que foi me buscar ao aeroporto. Vim mesmo pr'aqui pr'Alverca onde morava um amigo dela e me deixou ficar na casa dele. E que hoje é o meu marido (risos).

Antropóloga – Veio pra cá então nessa altura, veio logo pr'aqui, e veio e ficou sozinha.

Evelina – Foi. Vim sozinha mas não vim... vim pra cá pr'Alverca mas depois consegui um trabalho de interna e depois fiquei um ano e meio a trabalhar de interna em Cascais. Na verdade, quando vim pra cá vim pr'aqui pr'Alverca, mas depois estive trabalhando um ano e meio em Cascais, de interna.

Antropóloga – E nesse trabalho de interna, trabalhou com crianças, tratava da casa, o que fazia?

Evelina – Sim, eu trabalhava com a casa, trabalhava com crianças, lá tinha um casal de idosos, que eram os pais das senhoras, não é? e tinha as crianças que eram das filhas dos pais e depois comecei a trabalhar não só só lá na casa onde trabalhava de interna, mas também nas casas das outras filhas, que era também em Cascais. Assim trabalhava numa casa e fazia nas horas que tinha de folga, fazia na casa da outra senhora que era a filha.

Antropóloga – Mas dormia lá...

Evelina – dormia lá.

Antropóloga – E vinha cá, entretanto, a Alverca?

Evelina – Vinha ao Sábado e o Domingo...

Antropóloga – Como é que conseguiu tempo para o seu marido?

Evelina – Não, era só o Domingo que vinha. Como é que eu consegui? era complicado. Ele teve que ter muita paciência porque eu tive lá e nós só nos víamos Domingo. Ou então, ele ia-me buscar tipo uma da manhã, porque ele tinha carro, tinha transporte e ia-me buscar, não é?

Antropóloga – Então primeiro conheceu essa pessoa que a recebeu na casa dela, que é hoje o seu marido e depois trabalhou um ano e meio lá e depois é que casou, foi isso?

Evelina – foi.

Antropóloga - Daí até ir buscar os seus filhos, passou algum tempo...

Evelina – Depois a trabalhar, não é? E sempre com o pensamento... quando vim não tinha intenção de ficar cá e nem de casar, era só mesmo trabalhar, aí uns dois anos, era à procura de uma vida melhor e de ganhar dinheiro, não é, que as pessoas vêm... a maioria é mesmo pra ganhar dinheiro... E vinha com um pensamento ficar dois anos e depois ir ao Brasil, e depois trabalhar mais dois anos e depois ia-me embora. Assim era o meu pensamento. Depois conhecia essa pessoa e ficámos juntos e depois eu me casei,

e começamos a juntar o dinheiro para ir buscar os meus filhos e agora estão cá comigo, Já não penso mais em voltar.

Antropóloga – Tem mais familiares, cá, ou tem só os filhos?

Evelina – Tenho a minha mãe, que veio trazê-los, não é? mas não veio pra ficar, veio só a passeio e tenho um irmão, o mais novo também veio mesmo pra trabalhar e tá cá comigo.

Antropóloga – Que idade é que ele tem?

Evelina – Ele tem 25 anos

Antropóloga – E mora consigo também?

Evelina – Mora comigo.

Antropóloga – Foi fácil essa adaptação, que enfim, demorou tempo, mas resultou na decisão de mais voltar ao Brasil? Quando foi que decidiu mesmo ficar?

Evelina – Bom, decidi ficar cá... a vida foi passando, não é? e depois mandava dinheiro pra eles. E depois pensava que lá não havia muito futuro, pra eles a escola, e pensei “Ai eu acho que vou ficar por aqui mesmo”. Depois conheci essa pessoa, comecei a gostar dele e ele disse que queria se casar comigo, mas eu não acreditava, por isso até aí, eu não pensava muito em ficar cá. Depois quando ele se casou realmente comigo, aí eu disse “Aí já não posso ir embora, não é?” Depois comecei a amá-lo muito, muito, muito e disse “Agora já não me apetece ir embora...”. Depois fomos ao Brasil a passear e os meus filhos gostaram muito dele e eu já tencionava trazê-los e eu pensei “Eu acho que ia dar certo, me casar e trazer os meus filhos” e foi quando resolvi trazer os meus filhos.

Antropóloga – O que é que é que acha mais importante na decisão de ficar noutro país? Pensando no seu caso, claro. O que é que a influenciou mais? a sua paixão? o futuro dos seus filhos?

Evelina – É muito importante é as pessoas nos tratarem como gente, não é? Depois a escola, também, acho que aqui é melhor, o lugar onde morava acho que tinha menos segurança, não é? Aqui eu me sinto muito segura, posso ir pra casa, não tenho medo dos vizinhos, não tenho que alguém vai chegar e... alguma coisa assim do género, não é? A segurança é o principal item. Lá onde morava, havia muitas drogas, a gente via mesmo, as pessoas a trocarem drogas na rua e aqui a gente não vê. Pode existir, mas a gente não vê com tanta frequência e acho que é muito seguro e acho que é o principal ponto pra decidir ficar cá e trazer pra cá os meus filhos também. Pra conseguir dar uma vida melhor pra eles.

Antropóloga – Teve medo quando deixou os seus filhos lá e veio para cá sozinha?

Evelina – Ai sofri muito. Eu era assim...muito mãe-galinha, não é? Queria sempre os filhos... nunca os tinha deixado com ninguém. Sofri muito, à chegada, à vinda, sofri e até ao momento que eles não vieram, eu ainda sofria não é? Porque é os filhos...sofri

muito. E minha mãe também mas a minha mãe não pode vir, não é? Mas eu gostava também que ela viesse...

Antropóloga – Ela não pode vir?

Evelina – Ela não pode vir, que ela tem lá a minha avó e a minha avó não quer vir.

Antropóloga – E o seu pai, ainda é vivo?

Evelina – É, é vivo.

Antropóloga – E ele, como é que ele está?

Evelina – Ele está bem. Tão lá...mas ele também tem uma vida estável, não é? Eles também não querem deixar pra poder vir cá...

Antropóloga – Não conseguiu equivalência para a sua formação de educadora aqui, não?

Evelina – Não. Também, se eu não me engano tenho que estudar mais um ano cá. Assim me informaram. Mas eu ainda não fui assim à procura. Agora a minha mãe trouxe os meus documentos da escola e dos cursos que eu fiz, e eu vou começar à procura de novo.

Antropóloga – Vai procurar fazer uma actualização para poder trabalhar naquilo que gosta. Foi fácil a adaptação dos seus filhos aqui?

Evelina – A adaptação sim, mas eu ainda não arranjei escola, não é? Pra ver como é que eles vão se adaptar na escola, com os coleguinhas, isso ainda não sei, porque esse ano eu não consegui...

Antropóloga – Chegaram há muito?

Evelina – Tem um mês. Tem muito pouco tempo ainda não deu pra ver assim a adaptação deles. Mas até ao momento, sim. Estão-se a adaptar bem.

Antropóloga – Eles vieram depois de acabar lá o ano escolar, é isso?

Evelina – Foi. Lá já terminou as aulas em Dezembro e começam em Março. Mais ou menos em Março, em Fevereiro tem o Carnaval, e depois começam as aulas. Aqui é diferente. Aqui começam as aulas e lá eles estão de férias...

Antropóloga – Aqui as férias do fim do ano são durante o Verão, não é? Que é o vosso Inverno.

Evelina – É verdade.

Antropóloga – Os meninos estão bem, ou têm saudades de casa, têm saudades do Brasil?

Evelina – Têm saudades do pai. Do resto, não têm muitas. Mas também, eles ainda estão a se adaptar, como estão assim há pouquinho tempo, então eles estão mais assim a querer matar saudades da mãe (risos). Estão a me chocar (risos). Agora eles é que são a galinha

Antropóloga – O pai, não pôs problema à saída dos meninos?

Evelina – Não, disse que se era por uma melhoria e se estavam junto com a mãe ele achava bem que viessem.

Antropóloga – Acha que ele é bom pai?

Evelina – É muito bom. Não há o que reclamar. Também era... até um certo ponto, era um bom marido pra mim, mas é um ótimo pai.

Antropóloga – Se lhe perguntar onde é a sua casa, o que pensa em primeiro lugar?

Evelina – Eu penso, a minha casa cá em Portugal, ou no Brasil? (risos)

Antropóloga – Se eu disser que é no Brasil?

Evelina – Se disser que é no Brasil, eu digo que tenho uma casa em Goianha, mas já não penso mais morar lá.

Antropóloga – E se eu disser em Portugal?

Evelina – Aí eu digo que a minha casa é no Bom Sucesso, que é onde eu vivo hoje em dia.

Antropóloga – Então diga-me a Evelina, onde é a sua casa? Onde pensa quando pensa na sua casa?

Evelina – Penso que é onde vivo hoje, que é em Alverca.

Antropóloga – Sente-se ligada, lá?

Evelina – Sim, sinto-me ligada lá e também já construí aqui assim uns laços familiares também, não é, que é do meu actual marido. Como o amo muito, muito mesmo, não tenho intenção nenhuma de voltar ao Brasil.

Antropóloga – Diz-me que já construiu relações com a família dele, mas as relações com as vizinhas e com as pessoas com quem se tem relacionado desde que aqui está estão a cimentar-se, estão a tornar-se importantes para a sua ligação com este novo lugar?

Evelina – Sim, a família dele foi muito importante... Aos vizinhos não digo, porque eu sou muito caseira por isso não tenho mesmo contacto com vizinhos nenhuns, nem com brasileiros, nem com portugueses porque é assim, do trabalho pra casa não tenho tempo pra...mas com a família dele, sim. Todos os fins-de-semana saímos e vamos encontrar a mesma família. Todos os fins-de-semana encontramos a família toda.

Antropóloga – Quando o conheceu, ele estava disponível, era solteiro, já tinha sido casado?

Evelina – Ele era solteiro. Estava disponível e eu também era solteira, tinha acabado de me divorciar do Brasil, por isso tinha vindo pra cá, e nos conhecemos, achamos que podia dar certo nós dois juntos e começamos a morar e enfim, deu no que deu...

Antropóloga – Ele já tinha conhecido outras pessoas brasileiras, ou a Evelina foi a primeira?

Evelina – Era, era a primeira grande relação. Ele tinha sido casado com uma portuguesa mas já tinha se divorciado, não tinha dado certo.

Antropóloga – Ele já foi ao Brasil consigo?

Evelina – Sim ele foi.

Antropóloga – E gostou do Brasil? Foi uma descoberta, pra ele?

Evelina – Ai, ele amou o Brasil, disse que agora ele tem vontade de morar no Brasil e eu tenho vontade de morar cá (risos). Agora é uma grande confusão, porque ele gostou tanto do Brasil – mas também ele foi a passeio, não é? – que não sei, não é? Ele esteve lá em casa ele amou mesmo tudo aquilo. Tudo pra ele era novo ele gostou de tudo aquilo. Ficou espantado, ficou maravilhado com tudo aquilo e hoje ele tem vontade de morar lá e eu não eu quero morar aqui.

Antropóloga – Se alguém lhe disser “De onde é?” pensa imediatamente em quê?

Evelina – Penso imediatamente no Brasil. Sou do Brasil, sou brasileira...mesmo que quando olham as pessoas costumam distinguir, quem portuguesa é e quem é brasileira, já olham assim e a maioria delas já fala, “É brasileira”.

Antropóloga – Sente-se bem acolhida aqui, pelos portugueses, ou no país em geral?

Evelina – Sim, quando cheguei não senti muito, porque na casa onde fui trabalhar, não é? era muito... ao princípio quando me receberam, também pode ter sido culpa minha, porque eu também não tinha hábito de trabalhar na casa de ninguém, nunca tinha trabalhado de doméstica e nunca tinha ficado em casa de ninguém, então eu me achei muito rejeitada, sei lá o quê...Falavam as coisas tipo assim “Você está aqui pra fazer isto e isto, as coisas que eu tou mandando.” Então ao princípio eu me senti...foi um choque muito grande, estar aqui tão longe da família e não ter ninguém para apoiar, e não tinha ninguém conhecido também, que pudesse falar que tem um amigo, não é? com quem pode desabafar e isso. Não, não tinha. Então eu me acostumei com a família e a família comigo. Que era a casa onde eu morava em Cascais. Então depois ao passar do tempo, quando saí de lá já não queriam que eu saísse. E eu tive de sair, não é? que eu tinha uma vida e não podia fazer a minha vida a morar na casa de outra pessoa... Mas do meio pró fim já estavam habituados comigo e eu com eles, mas ao princípio foi muito ruim.

Antropóloga – Alguma vez sentiu um tratamento hostil por parte das pessoas, pelo facto de ser brasileira, imigrante, ou outra razão?

Evelina – Senti. Quando cheguei, por exemplo, e fui procurar emprego, tinha uma senhora numa cabine telefónica e eu não sabia o que tinha escrito nos jornais, tinha uns nomes nos jornais mas eu não conhecia aquilo então estive a perguntá-la, como é que devia fazer para ir para aqueles lugares e se aquilo era o nome dos lugares... e ela perguntou “Ah! Você quer trabalhar?” e eu disse “Quero” “Ai então eu vou arrumar um serviço pra você” “Ai vai?” “E você topa qualquer coisa?” e eu disse “Qualquer coisa, depende do ponto de vista, não é? depende do que você tenha para me oferecer” aí, ela respondeu “Então venha até ao meu apartamento, que vou arrumar um emprego pra você”. Quando fui lá ela queria-me arrumar um trabalho de prostituição. Isso logo na mesma semana em que eu cheguei. E eu disse “Ai eu isso não faço” “Ah, mas não faz porquê?” nisto o telefone dela tocou “Olha já vem um cliente, aí” e eu disse “Ai eu tenho que ir-me embora” e ela disse “Você vai ficar com esse cliente” e eu disse “Não, não posso, que eu estou com o período” até inventei; “Ai isso não tem nada, olha, eu também tou”, disse ela e eu disse “Não, não é assim, eu não fico. Olha eu agora tenho que ir lá em casa e depois eu volto” e foi assim, mas hoje, para falar verdade nem sei onde ela morava, eu saí tão espantada...E é assim, pessoas brasileiras já pensam que vêm pra cá e se é mulher, é muito discriminada, pensam logo que vêm pra prostituição.

Antropóloga – Diz isso porque conhece outros casos idênticos, ou porque aconteceu à Evelina?

Evelina – Não, é muito frequente, porque as pessoas olham para as brasileiras como se fossem todas prostitutas. Até quando a gente sai à rua, os carros param, e até hoje acontece, às vezes a gente está a andar e um carro pára e é ... são os portugueses, não é para falando dos portugueses, não é mas os portugueses, vêm muito assim, os homens, não sei se as mulheres também, vêm muito assim as brasileiras como se viessem tudo “para a vida”. É muito ruim.

Antropóloga – Mesmo assim, a Evelina, sentiu-se bem recebida, o suficiente para querer ficar em Portugal. É assim?

Evelina – Sim, sim. Também acho que... Acho que se não conhecesse o meu marido, acho que já tinha ido me embora, mas como me tem um amor muito grande e sou muito bem acolhida por ele, então pra mim o resto, é o resto.

Antropóloga – O resto não interessa. Isso foi importante para pensar a sua vida aqui, com os seus filhos?

Evelina - Pois isso foi importante para mim e é o principal ponto que tem. Pensar que os meus filhos vão crescer e vão ter algo melhor. Eu penso que as escolas aqui são melhores e penso que o modo de adaptação aqui é melhor do que onde vivia; penso que eles vão ter uma melhor instrução e depois se algum dia tiverem de voltar ao Brasil e chegarem lá, vão ser bem recebidos só por estudarem aqui, as pessoas já olham diferente. “Mas você estudou onde? – Eu estudei no exterior”, já é logo diferente, não é?

Antropóloga – Acha que as pessoas valorizam isso, o facto de as pessoas saírem para o estrangeiro e estudarem no estrangeiro?

Evelina – Sim, é muito importante, as pessoas dão muita atenção a isso.

Antropóloga – Imaginava Portugal assim como o veio a encontrar, ou foi uma surpresa?

Evelina – Foi uma surpresa, foi uma surpresa muito grande. Mas também, gostei, quer dizer, os portugueses são muito acolhedores, isso são. Como em todos os países tem pessoas boas e pessoas ruins, mas ao total eu acho que fui uma grande sortuda e encontrei muita gente boa e continuo a encontrá-la.

Antropóloga – Gostava só de lhe perguntar, se tem sempre a certeza de qual é a sua casa, ou onde é a sua casa, quando lhe perguntam?

Evelina – (Risos). Hoje quando me perguntou onde é que eu morava, eu pensei assim, será que ela quer saber no Brasil, ou aqui?

Antropóloga – Não estava muito claro, isso?

Evelina – Bom, sim eu precisei saber, onde queria saber para responder...

Antropóloga – mas quando eu digo de onde é, já não faz confusão?

Evelina – Não. Já digo logo Brasil.

Antropóloga – Quando os seus filhos puderem pedir a nacionalidade portuguesa, acha que vai pedir a nacionalidade para eles?

Evelina – Acho que sim e acho muito importante isso.

Antropóloga – A Evelina também pode pedir, uma vez que se casou com um português, sabe que o pode fazer...

Evelina –Penso. Hoje já tenho uma residência, não é? E futuramente já vou pedir a dupla nacionalidade.

Antropóloga – Isso fá-la sentir-se mais integrada? Fá-la sentir que pertence aqui?

Evelina – Isso faz. Quando a gente chega nos lugares, eles logo nos perguntam, aí... como é que dizem, “Tem...tem, residência?” se não tiver, já é descartada logo do emprego. E se não tem, aí às vezes também dizem “Tem visto” às vezes até brincamos “Temos, temos visto muito coisa” (risos). Mas é verdade se não tem visto, já é descartada dos empregos.

Antropóloga – Mas a Evelina não precisa de visto nenhum...

Evelina – Não, não. Hoje em dia tenho trabalho fixo, e tenho trabalho em casa da D. Maria e numa empresa, não é? e hoje em dia eu me sinto mais segura.

Antropóloga – Tem algum sítio onde trabalhe a contrato?

Evelina - Tenho, tenho, trabalho na Dancacke que é onde eu trabalho hoje em dia. Tenho um trabalho fixo, onde trabalho a contrato.

Trabalha a que horas? Trabalho da meia-noite às 08:00h da manhã (risos)

Antropóloga – Ah, bom. Então descansa pouco.

Evelina – Então, quando tenho trabalho na empresa de manhã, descanso à tarde. Quando é à tarde, descanso de manhã e tenho o fim-de-semana livre, que lá não trabalha nem fim-de-semana nem ao feriado.

Antropóloga – Os seus filhos estão cá há muito pouco tempo, mas quando eles andam consigo na rua e querem ir para casa, é essa a expressão que eles utilizam “Vamos pra casa?”

Evelina – Dizem, dizem “Vamos pra casa” e dizem que aqui, em relação ao Brasil, não há nada. Só há o Parque das crianças, mas em relação ao Brasil, eu não sei se é por não estarem habituados, acham que lá há muito mais coisas para as crianças se divertirem.

Antropóloga – E há?

Evelina – Há, há.

Antropóloga – O que é que havia, lá?

Evelina – Há muitos shoppings, há variados parques de diversões, que se paga, não é, para brincarem, há... deixa eu ver... o que é que eles têm mais, ah! Há a escola, além da escola, tinham de ir para outros lugares para além da escola, que é o convento onde eu trabalhava, não é, quando eu estava no Brasil, trabalhava num convento com crianças, onde temos...

Antropóloga – que crianças eram essas?

Evelina – Eram crianças dos zero aos Dezoito anos

Antropóloga – Mas eram crianças abandonadas?

Evelina – Não era como se fosse um colégio de freiras

Antropóloga – E estavam ali a estudar para ingressar na vida religiosa, ou

Evelina – Não, eram crianças normais, onde se colocavam as crianças para aprender e tinha ali corte e costura, tinha bordados... tínhamos pinturas, tínhamos música, tínhamos teatro, então eles faziam tudo isso e aqui dizem que não há.

Antropóloga – Evelina, acha que o modo como hoje se sente aqui tem alguma coisa a ver com o conhecimento que tem do lugar onde vive?

Evelina – Sim, a princípio parece um pouco confuso porque parece que todas as ruas são iguais. São assim todas estreitinhas, parece que a gente entrou numa e já entrou naquela. Então eu andava muito perdida ao princípio. Então é muito importante e gratificante quando a gente pergunta alguma coisa e sabem-nos explicar.

Antropóloga – É importante porquê? Acha que a ideia que tem hoje deste lugar onde vive é diferente da que tinha quando chegou?

Evelina – Sim, acho que sim, e vamos construindo as nossas raízes aí, não é? Porque agora estou mesmo a construir raízes e quando vamos à padaria comprar pão e vamos ao açougue, e as pessoas já falam “Olá, tudo bem? Boa tarde. Então estava sumida? Então isso também é muito gratificante, sentir que as pessoas também nos vêem, que sentem a nossa falta, e sabem que pertencemos ali, àquele local. É muito bom. É muito gostoso, não é? Quando eu chego à padaria e as pessoas perguntam “Olá, tudo bem? Tava sumida, então?” Eu acho muito bom...

Antropóloga – Quando chegaram os seus filhos as pessoas reagiram logo.

Evelina – Sim, perguntaram logo “São os seus filhos?” – Sim, eu respondo. É muito bom...

Antropóloga – E agora já perguntam por eles...

Evelina – Sim já perguntam “E as crianças, estão bons?” – Sim, obrigada (risos). É. Eu acho muito gostoso.

Janeiro de 2008

ANEXO 7

**Entrevista realizada a Marina no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Diz-me por favor o teu nome e idade.

Marina - Marina Nabeiro Martinez, 27 anos.

Antropóloga – Marina, o que fazes neste momento?

Marina - Estou a trabalhar em Lisboa como operadora para os clientes da Vodafone e da Peugeot.

Antropóloga – Qual é a tua escolaridade?

Marina - Frequência da Faculdade. Parei e agora vou voltar. Estou neste momento a preparar exames para voltar outra vez para a Faculdade.

Antropóloga – Qual é a tua área de estudo?

Marina – Neste momento?

Antropóloga – Sim.

Marina - É Humanidades.

Antropóloga – Mas já andaste por outras áreas, pareceu-me que já experimentaste outras áreas disciplinares...

Marina - Sim, estive na área das Artes e sempre pensei que estava vocacionada para a área das Artes, andei um bocado por aí à procura, para ver qual era o curso que estava, digamos, vocacionada mas não encontrei nada para seguir e então fui para a área das Humanidades que tem coisas pelas quais sempre me interessei e tem coisas que eu acho que sim, que tem a ver comigo e quero seguir.

Antropóloga – Marina, onde é que moras?

Marina - Agora estou no Barreiro.

Antropóloga – Barreiro. Há muito tempo?

Marina - Não, desde Dezembro.

Antropóloga – És de onde?

Marina - Sou de Santos, Brasil.

Antropóloga – É um sítio onde tu costumavas ir, com frequência? Qual é a tua ligação com Santos?

Marina - Não, não costumo ir com frequência, porque é noutro país, é no Brasil e agora estou aqui em Portugal e não dá para ir sempre pra lá mas, é a cidade onde eu nasci, onde vivi alguns anos até aos cinco anos e mesmo depois de ter vindo pra cá, continuei sempre o contacto e já fui lá algumas vezes, e em princípio este ano também vou lá

outra vez, desde que consiga mesmo ir, e além de ser onde eu nasci e onde tenho a minha família toda, é também o meu país, a minha cidade que eu gosto.

Antropóloga – Esse sentir que tens lá a tua família e tens a tua cidade, é uma coisa que te faz falta durante o ano e durante a tua vida normal, é uma coisa que tu te lembras de vez em quando, quando decides que tens férias, como é que isso funciona dentro de ti?

Marina - Sim, eu sinto isso da minha família porque ainda por cima, a minha família é muito grande, tanto do lado do pai como da mãe, é uma família muito grande e está toda lá. Quando eu vim pra cá foi com os pais e depois é que nasceu a minha irmã e sou muito agarrada à família e sempre senti isso, por isso, estar daqui, longe, apesar de a gente se habituar um bocado à distância e, com o tempo habituar-se a estar longe da família, mas estamos sempre em contacto, nós vamos pra lá ou eles vêm pra cá, ou falamos também pelo telefone, mas sentimos aquela falta de família em certos momentos por causa que deve estar a família junta, por causa da distância, também sentimos falta disso.

Antropóloga – Na tua vida normal, no trabalho, quando saís à noite com amigos, quando vais ao cinema, a jantar, às compras, sentes essa questão da nacionalidade? Quero dizer, sentes-te uma pessoa diferente entre as outras que te rodeiam ou sentes uma pessoa como as outras, se é que isto te faz sentido?

Marina - Eu não sei o que é que eu sinto. Quando era mais nova, sentia mais isso, as próprias pessoas perguntam ou mesmo dizem “Ah, não, tu és portuguesa” ou “Ah, não, tu és brasileira”. Ou então perguntam de que é que eu gosto mais, de Portugal ou do Brasil e essas perguntas são difíceis. Eu sinto-me bem, agora, no meu grupo de amigos. Quando era mais nova, no início de eu vir para cá é que foi complicado. E realmente é difícil saber, gosto dos dois países – do Brasil, porque é o meu país natal, onde eu nasci, e tenho a família toda e gosto muito e Portugal foi, digamos, o país que me acolheu, que escolhemos pra ficar e que também gosto, como todos têm os seus defeitos e qualidades, mas também gosto de estar cá. Realmente, saber o que é que sinto... geralmente sinto-me bem, nunca tive esse problema de integrar-me ou fazer parte de algum grupo, mas geralmente, sinto-me mais, talvez, portuguesa, porque além de ter aprendido a ler e a escrever aqui, conheço mais coisas de Portugal porque estudei aqui, a nível da História e isso, se me perguntares a história do Brasil e tudo não sei, acabo por saber mais histórias de Portugal do que do Brasil.

Antropóloga – Queres dizer que conheces mais História de Portugal do que do Brasil? É isso... Olha quando estás no Brasil falas português ou cedas ao sotaque?

Marina - Português de Portugal?

Antropóloga – Sim, claro, português de Portugal.

Marina - Sim, falo português de Portugal.

Antropóloga – Apesar de ser a mesma língua, ela tem diferenças. O português falado em Portugal, não tem para ti, segredos, numa utilização corrente. Ao contrário do português brasileiro que, concerteza, sentes não dominar completamente. Como é que sentes essa

relação? Afinal, estás na tua terra-mãe mas a língua apesar de ser a mesma, tem alguns segredos, está mais afastada. Como é que tu convives com isso?

Marina - Pois é, apesar da língua ser a mesma, é o português, há também o sotaque, e algumas diferenças. Mas isso é o mesmo cá em Portugal. A língua é a mesma, mas há diferenças de região para região, Há palavras que existem num certo sítio, mas não existem noutros sítios. Acontece o mesmo lá no Brasil, mas quando eu vou pra lá, mesmo por eu ser brasileira e no início falava como se fala lá, mesmo o sotaque e tudo, tenho facilidade. Quando vou pra lá acabo... não faço de propósito, vou pra lá e eles brincam comigo, “sua bobinha” por causa da maneira de falar, mas com o tempo, e de estar em convivência, mudo e volto a ter o sotaque de lá. Mesmo quando vou pra lá, eles notam que o meu sotaque é como o daqui, mas é mais suave, porque o português, mesmo daqui, de Portugal é mais carregado e eles sentem que eu não tenho isso. Apesar de falar igual, não é tão carregado e eu, por acaso, não tinha reparado nisso, mas muita gente, repara e diz isso, mesmo eles lá, que notam que eu tenho o sotaque daqui, mas não é como o dos portugueses mesmo e talvez por causa disso.

Antropóloga – Talvez também porque lá, acabas por ter a abertura, quando chegas lá, de estares receptiva e em harmonia com tudo aquilo.

Em quantos sítios viveste, desde que chegaste a Portugal?

Marina - No início, quando viemos pra cá, fomos prá Costa da Caparica, logo

Antropóloga – Lembras-te dessa estadia? Foi quanto tempo?

Marina - Lembro, não me lembro muito bem, de quanto tempo foi. Não me lembro se foram quantos dias ou se foram meses. Lembro-me do apartamento e que era perto da praia. Só me lembro disso e lembro-me do apartamento. No entanto aquilo foi...pouco tempo. Eu tinha cinco anos e não estava em lado nenhum, nem na escola nem no infantário, também não houve tempo, pra isso porque eles estavam a ver onde que nós íamos ficar. E passado um tempo, nós fomos pra Vila Franca e fiquei em Vila Franca, até dezanove anos. Depois com dezanove anos, a minha mãe separou-se e como eu ia entrar para a Faculdade, e não sabíamos para onde é que eu ia entrar, e como ela também já se tinha separado e estávamos a querer sair de Vila Franca e, ela trabalhava em Tomar, achámos que o melhor era ir para Tomar, também era melhor para a Débora, a minha irmã e mudámos para lá em Agosto. Depois em Outubro é que eu soube que tinha entrado para Portalegre Esse tempo, esse ano foi complicado, porque eu nem sabia onde é que eu tava, se em Portalegre, se em Tomar, andava pr’aqui e pr’ali. Estive em Portalegre e Tomar, naquele cá e lá, durante três anos. Depois, entretanto, desisti de Portalegre e fiquei só em Tomar, em busca daquilo que eu queria fazer na minha vida e queria também conhecer Tomar, porque nesse tempo de estar lá em Portalegre e aqui em Tomar, eu não conhecia Tomar, tanto que as pessoas perguntavam, “Ah Tomar tem ou conheces aquilo?” e eu não conhecia nada. Também queria conhecer a cidade, tar aqui. Também fiz muita coisa aqui, tirei um curso e outras coisas que aqui tinha e depois quando descobri mesmo aquilo que eu queria, então nesse momento fui para o Barreiro. Consegui arranjar trabalho em Lisboa, fiquei lá algum tempo em Lisboa e depois é que fui para o Barreiro.

Antropóloga – Os teus amigos acabam por ser todos do mesmo sítio ou são de sítios diversos?

Marina - A maior parte deles são de Lisboa e Vila Franca mas, por causa da Faculdade em Portalegre, conheço muita gente e fiz bons amigos de lá mas que são de vários sítios: há uns que são do Porto, outros são de Aveiro, ou do Alentejo, do Algarve, também de Lisboa...

Antropóloga – São pessoas que vais conhecendo nos locais por onde vais passando mas também elas estão ali “deslocadas”, não são desses sítios onde as conheceste.

Marina – não, essas pessoas, que são de vários sítios, conheci em Portalegre, quando estava na faculdade. Como eu, conheci gente que vinha de outros sítios e depois ficámos bons amigos durante esses anos que eu estive lá e mantivemos sempre o contacto até hoje. Claro que hoje é mais difícil nós encontrarmo-nos, mas temos sempre aquela vontade e há alguns que conseguimos nos encontrar.

Antropóloga – Mas continuam a relacionar-se...

Marina - Sim, sim, tamos sempre em contacto, seja pelo telefone ou pela internet.

Antropóloga – Quando tu pensas “vou pra casa”, em que sítio pensas?

Marina - Onde a minha casa é agora, que é no Barreiro.

Antropóloga – Quando vens pra Tomar o que é que tu sentes ou pensas, quer dizer, como é que sentes esse lugar?

Marina - Gosto de Tomar e quando venho pra cá, tenho a minha mãe e a minha irmã. São a minha família e gosto de tar aqui, gosto da cidade, gosto da nossa casa, é o nosso cantinho... mesmo que eu vá morar, agora que estou a morar no Barreiro, mesmo onde quer que eu vá morar e mesmo a minha irmã, a Débora, quando ela sair daqui – porque ela também vai para a Faculdade, vai fazer a vida dela – vai ser sempre o nosso cantinho, onde também está a nossa mãe e a nossa casa e pronto vai ser sempre bom, porque podemos sempre ver as nossas coisas e as nossas recordações, vai ser sempre bom vir para aqui, eu gosto.

Antropóloga - Portanto, entre o sítio onde tu estás e tens consciência que vais e dormes todos os dias que é o Barreiro e Tomar, qual é afinal o lugar mais próximo da tua casa?

Quer dizer, aquele sítio onde tu vais e sentes que é teu, um sítio que tu sabes que podes lá voltar e que hás-de lá voltar outra vez?

Marina - Sim, é Tomar, porque é a minha casa mesmo, porque se algum dia der errado lá no Barreiro e tiver que sair, venho pr’áqui (risos).

Antropóloga – Portanto esta casa é uma espécie de porto de abrigo, de casa de origem...

Marina – Sim, mesmo Tomar porque eu conheço muita gente aqui. Claro que aqui as pessoas são diferentes eu também quis sair de Tomar, porque é muito uma cidade de

interior, apesar de ser uma cidade bonita e ter espaço, e eles também valorizarem muito isso do espaço e do turismo e de terem algumas coisas para as pessoas verem e se distraírem, como o teatro, o cinema e a música e isso, as pessoas são um bocado fechadas, por isso é que nós sentimos aquela coisa de sair daqui. O tempo que eu estive aqui a querer conhecer a cidade e as pessoas e a fazer novas amizades, pronto, também são bons amigos, mas é diferente das amizades que eu fiz em Lisboa e em Vila Franca.

Antropóloga – Passar hoje em Vila Franca, o que é que te causa? Quando estás em algum lugar e ouves, por exemplo, uma notícia de Vila Franca, há algum sentimento que se desperta em ti?

Marina - Ah, isso é engraçado, porque eu tive lá muitos anos em Vila Franca e foi onde eu tive a minha infância e a minha adolescência e onde aconteceu muita coisa e esses amigos que a gente faz de infância, ficam para o resto da vida, isso foi tudo marcante. Apesar de eu não ter gostado muito da cidade, hoje em dia, quando eu passo por lá, gosto, olho e fico sempre à procura para ver se vejo alguém conhecido, mas lembra-me que passei também bons momentos lá, tanto da minha infância, como da minha adolescência. Gosto porque me faz lembrar recordações, coisas que eu fiz lá boas, pessoas que eu conheci e que também foram importantes.

Antropóloga – Se, na rua, alguém te perguntar “É de Tomar?” que resposta te vem à cabeça?

Marina - É complicado...

Antropóloga – Se alguém de repente te perguntar “É de cá, é de Tomar?”

Marina - Não (Risos).

Antropóloga – E em alternativa a Tomar, lembras-te de quê, de Vila Franca, do Barreiro, do Brasil?

Marina - É a tal coisa, eu sou brasileira eu sou do Brasil, sou de Santos, mas é estranho, é complicado isso, mesmo agora, hoje em dia, quando estou em Lisboa...

Antropóloga – Se calhar antes de Santos, lembras-te de algum lugar, ou sítio, onde estiveste em pequenina, ou mais recentemente, por exemplo, como Vila Franca ou Barreiro...

Marina - Não, apesar de Vila Franca ter sido a cidade onde eu até hoje estive mais tempo a viver, eu nunca me senti de Vila Franca, nem digo, digo apenas que vivi muitos anos em Vila Franca, mas às vezes identifico-me mais, neste momento sou capaz de dizer que sou de Tomar ou isso, apesar de não dizer, mas seria capaz de dizer de Tomar do que em Vila Franca – não sei porquê, mas sinto isso. É complicado dizer às vezes de onde é que eu sou. Eu sei de onde é que eu sou, sou do Brasil, sou brasileira mas, agora aqui em Portugal, de onde é que eu sou, é complicado, digo onde é que eu estou neste momento. Digo aonde é que eu estou.

Antropóloga – Sentes-te bem, aqui, sentes-te bem em Portugal, movimentas-te bem, identificas-te com as pessoas e com as coisas, relacionas-te com naturalidade com aquilo que tu gostas e o que não gostas?

Marina - Sim, eu gosto de Portugal. Eu gosto do País e das cidades, tem lugares muito bonitos e a cultura, depois também tem a ver com história, que é uma coisa que eu gosto muito e também gosto das pessoas. Acabei por conhecer Portugal e os portugueses como funcionam, é claro que como tudo, há qualidades e há defeitos, mas também os defeitos que têm, são aquelas coisas que nós suportamos e dá perfeitamente para viver cá. Portugal é um bom país para se viver, porque apesar de agora as coisas estarem a mudar, mas isso faz parte da evolução e das pessoas e isso tudo – isso é uma coisa natural – mas acho que vai ser sempre um sítio bom, porque os portugueses em geral são pessoas simpáticas, acolhedoras, são é mais tímidos mais... assim, quietos...mas eu gosto. Eu gosto, gosto de estar aqui

Antropóloga – Quando estás no Brasil, por exemplo, que importância tem isso para ti? Quero dizer, o teu “tempo de Brasil é curto” em tempo de vivência. Alguma vez sentiste isso como um ganho ou uma perda, no sentido em que podes sentir “Bom isto em Portugal nunca seria possível!” ou “nunca seria assim.”, para bem ou para mal?

Marina - Não, não sinto. É diferente, porque eu sempre que estou lá, sinto”Voltei! Voltei à minha terra. Voltei às minhas raízes.” Porque quando eu vou pra lá, sinto-me super-bem, porque eu gosto, sinto saudades. Porque eu identifico-me.

Antropóloga – O que é que traz essa identificação quando não se viveu lá? Com o que é que te identificas?

Marina - Porque no fundo, posso não ter vivido muitos anos lá, foi só até aos cinco anos, mas já fui muitas vezes lá , mantive sempre o contacto, também através da minha família sempre fiquei a conhecer como é que as coisas são lá, a minha família e isso tudo, sempre mantive. Tive um tempo desligada, de não saber, ou seja, tive sempre desligada a isso, também sempre quis, também fui sempre à procura e sinto-me, sinto que sou brasileira e tudo. Quando eu vou pra lá, claro que são países diferentes a nível da cultura e isso, mas eu quando vou pra lá não sinto, pronto acontece lá como aqui, haver coisas que tem num sítio e não tem no outro, tanto lá como aqui, é normal. Há coisas que funcionam bem no Brasil e cá não funcionam e também há o contrário.

Mas há uma coisa que eu reparo, é que apesar de o Brasil ter problemas a nível de violência e tudo, sobretudo em certas zonas e isso, e apesar de Portugal ser um país muito pequeno e de o Brasil ser muito maior, em termos de ares e isso, eles são muito mais organizados do que aqui. Não sei se é por terem um país muito maior, e eles são obrigados a organizarem-se mais e arranjam estratégias e isso, pronto, essa parte eu também não sei muito bem como é que essas coisas funcionam ao nível da política mas sempre que vou para lá eu sinto é que vou voltar à minha terra e aos meus conterrâneos e às pessoas com que eu me identifico lá, coisa que aqui, não. Quando eu estou cá, às vezes sinto falta, ou quando vou a bares, onde – agora costuma haver bares, e grupos, assim brasileiros e eu sinto “Ah, parece que estou no Brasil” e sinto nessa altura isso.

Antropóloga – E quando vens de lá pra cá, o que sentes? Sentes alguma espécie de alegria, ou de sentimento de regresso a casa, ou não?

Marina - Sim, porque no fundo tenho cá a minha casa, o meu cantinho, tenho cá também a minha mãe e a minha irmã, mas é engraçado, apesar de ter vivido mais anos em Portugal e ter mais amigos cá do que lá, custa sair de lá e vir pra cá – não quer dizer que não goste de vir pra cá pra Portugal, mas são países diferentes, apesar de ser a mesma língua e isso tudo, mas são países completamente diferentes e eu identifico-me é com o Brasil e não com Portugal, apesar de eu gostar de estar cá e de viver e isso tudo. E gostar dos portugueses e isso tudo

Antropóloga – Na tua deslocação entre estes dois sítios, há uma viagem um espaço percorrido, efectivamente. Onde é que te sentes mais bem recebida?

Marina - É igual. Sou muito bem recebida tanto lá como cá.

Antropóloga - Quem é que te recebe lá?

Marina - É a minha família. A minha avó, os meus tios e primos e os meus padrinhos.

Antropóloga – E cá?

Marina - É a minha mãe, a minha irmã, os meus amigos, e neste momento o Diogo, que é o meu namorado.

Antropóloga – Tens nacionalidade brasileira. Vais pedir a nacionalidade portuguesa?

Marina - Sim, já pensei nisso. Seria até mais fácil, porque eu não penso em voltar para o Brasil, para morar e viver porque também, a nível das coisas que eu quero fazer, - a profissão e isso, lá... bom ainda não sei bem isso, mas talvez a minha vida vá ser mais por Portugal e Europa. Também quero ir para outros países e fazer outras coisas, e é sempre mais fácil ter a nacionalidade portuguesa, porque facilita mais, Portugal faz parte da Europa e facilita mais, mas é complicado pedir nacionalidade portuguesa porque vou ter a dupla. Vou ser portuguesa e brasileira.

Antropóloga – E achas que é isso que tu sentes, que tens dupla nacionalidade? Senteste-te portuguesa e brasileira?

Marina - Sim, sinto.

Antropóloga – Portanto, é uma coisa natural, não é uma acção que tu leves a cabo por uma questão de estratégia de futuro da tua vida, mas acaba por ser natural – vai de encontro àquilo que tu sentes que és.

Marina - Sim é isso.

Antropóloga – Quando eu pergunto a tua nacionalidade tu dizes que és do Brasil. Quando eu pergunto “De onde é que tu és?” o que respondes?

Marina - Agora? Sou do Brasil. Quando as pessoas perguntam, eu tenho uma certa dificuldade. Digo sempre que estou a morar no Barreiro mas que sou do Brasil, se não, as pessoas dizem logo que eu sou portuguesa.

Antropóloga - E quando dizes que és do Brasil, o que é que isso quer dizer? o Brasil em que tu pensas é o Brasil inteiro, é a terra onde és recebida pelos teus avós e família, é o aeroporto onde tu chegas, o que é que tu pensas primeiro, quando pensas no Brasil?

Marina – É no país todo. Eu sou brasileira, sou de lá, sou do Brasil.

Antropóloga – É no país todo. No território, pensas na fronteira, naquele delinear clássico da fronteira do Brasil...

Marina - É. Só que a minha terra natal é Santos, mas como a minha família é muito grande, eu tenho pessoas de vários sítios do país, tenho do Sul, como do Estado de S. Paulo, como mais acima que é do Espírito Santo, que é a minha tia, da parte do meu pai biológico, que vive lá. Agora quando eu fosse para lá, queria conhecer o resto da família.

Antropóloga – Obrigada

Tomar, Maio de 2008

ANEXO 8

**Entrevista realizada a Ana Lúcia no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Pode dizer-me o seu nome?

Ana Lúcia – Aparecida Luiz

Antropóloga – A sua idade?

Ana Lúcia – 38 anos.

Antropóloga – A sua nacionalidade?

Ana Lúcia – Brasileira.

Antropóloga – De que cidade?

Ana Lúcia – S. Paulo.

Antropóloga – Vivia em S. Paulo?

Ana Lúcia – Matão.

Antropóloga – Há quanto tempo vive em Portugal?

Ana Lúcia – Três anos e meio. Em Outubro faz quatro anos.

Antropóloga – Vive em Lisboa?

Ana Lúcia – Em Lisboa.

Antropóloga – Viveu sempre em Lisboa, desde que chegou?

Ana Lúcia – Sim, foi mais ou menos na mesma zona. Quando vim para Portugal, vim na Penha de França, fiquei ali seis meses, depois mudei pra uma outra casa mesmo aqui ao pé do Couceiro, tenho vivido sempre à volta, aqui, nunca morei noutra zona.

Antropóloga – Isso foi porque gostou da zona, porque é central, porque é que foi?

Ana Lúcia – Sim, sempre me adaptei bem a essa zona, é muito bom pr'os transportes... tive uma experiência pequena, é que morei oito meses no Lumiar e não gostei nada daquilo, achei um ambiente estranho, me parecia sempre fora dos contacto que tinha, e foi assim um ambiente que não me agradou nada, é engraçado isso...

Antropóloga – E isso foi logo no início quando chegou, ou foi mais pra frente?

Ana Lúcia – Foi mais prá frente, mais prá frente. Foi no ano passado, a minha irmã comprou uma casa e eu fui morar pra lá com os meus pais quando ela teve o bebé. Heh...entretanto depois a situação se alterou e eu quis voltar pra zona que eu tinha mais facilidade, que eu mais conhecia.

Antropóloga – Foi morar para lá com a sua irmã é isso?

Ana Lúcia – Sim, fui morar pra lá e depois quando eu resolvi que... sim, porque a situação não se alterou, aquilo foi mudar de casa, quis logo mudar pra essa zona, uma zona com que me identifico bastante, eu gosto bastante daqui.

Antropóloga – Os seus pais moram aqui?

Ana Lúcia – Não, eles moraram um ano aqui. Vieram quando a minha irmã estava grávida, esperaram a bebé nascer, tudo, e depois retornaram ao Brasil em Setembro passado.

Antropóloga – Com quem veio pra cá, então?

Ana Lúcia – Vim com os meus dois filhos e a minha irmã.

Antropóloga – Que idade tinham os filhos nessa altura?

Ana Lúcia – O rapaz tinha dez anos e a menina dezassete.

Antropóloga – Adaptaram-se facilmente?

Ana Lúcia – Sim, se adaptaram facilmente, se sentiram à vontade, vamos dizer assim, não tiveram problemas de integração, de se adaptarem ao ambiente, vamos dizer assim.

Antropóloga – O que é que a fez sair do Brasil?

Ana Lúcia – Foi uma questão pessoal, foi numa altura em que eu estava me separando e eu quis mudar de ambiente. Depois fui para um curso de pós-graduação e tinha lá uma colega que me falou a respeito do Mestrado em Lisboa, na Universidade Nova e depois fui ao site e gostei da proposta, mandei o currículo pr'aqui e fui aceite. Achei que aquilo era uma boa altura para mudar de ambiente, para sair do sítio onde estava, da situação que estava passando. Vim para ficar dois anos que era o tempo do Mestrado, entretanto depois a situação foi-se alterando e decidi ficar.

Antropóloga – Essa decisão de ficar, foi porque as coisas foram fáceis, conseguiu aquilo que queria, ou foi outra coisa qualquer?

Ana Lúcia – Pergunta difícil...como vim em família, isso também teve um peso muito grande. A minha irmã veio comigo e casou aqui, construiu uma família nova...

Antropóloga – Casou com um português?

Ana Lúcia – Casou com um português e depois os meus filhos estão bem, o rapaz está bem na escola, tudo, eu gosto de estar em Lisboa, é a vida que eu escolhi, vamos dizer assim, eu acho que no Brasil, tinha a vida que estava programada, vamos dizer assim, que foi onde a minha família sempre morou, estava, estava... tinha um lugar pré-definido enquanto aqui em Lisboa sou eu que tenho de construir o meu lugar e gosto disso, gosto dessa serenidade, vamos dizer assim, de sentir que o que eu tenho aqui, foi feito só por mim.

Antropóloga – Isso é só liberdade e conquistas, não tem agruras, não tem dificuldade?

Ana Lúcia – Tem, tem muitas, muitas. Eu devo dizer que enfim, não conhecia ninguém em Lisboa, não tinha nenhum contacto, tudo o que, vamos dizer assim, cada passo que eu fui dando, de alugar uma casa, de me estabelecer aqui, tudo isso foi feito sozinha, tudo isso foi feito... arranjar um emprego, tudo, tudo, tudo, teve que ser construído. Mas acho que quando as coisas são difíceis elas tem um sabor mais doce, quando se consegue aquilo que se planeia. Me sinto bem em relação a isso, de sentir que tenha vencido essa dificuldade, de sentir que sou capaz de lidar com ela e de não me deixar derrotar por isso, gosto desta sensação.

Antropóloga – Não hesitaste nunca, neste caminho de dificuldades e contrariedades? Não quiseste nunca voltar para o Brasil? Nunca deste um prazo para conseguires determinado objectivo, findo o qual voltarias se não conseguisses?

Ana Lúcia – Não. O ano passado, quando venceu os dois anos, tive de tomar uma decisão se voltava ou se ficava e na altura fiquei bastante baralhada, indecisa, mas sempre tive a intenção de, se voltar pra'o Brasil, não volto para cidade de onde saí, porque é uma cidade muito pequena com poucas oportunidades de trabalho, e por causa das crianças, acho que eles estão crescendo e que merecem um mercado maior, mais alargado. Então eu não quero voltar pr'aonde eu saí e pra ir pra uma cidade nova, acho que seria um novo começo e acho que não estava disposta a isso, então, tinha investido dois anos em Lisboa e achava que a qualquer momento os frutos viriam por isso que não quis voltar.

Antropóloga – Quando é que acha que começou a sentir prazer em estar aqui? Ou, se quiser, a sentir que era aqui que queria ficar?

Ana Lúcia – Acho que foi mesmo quando tive que me definir se voltava pro Brasil ou não e que achei que já sinto Lisboa como se fosse a minha cidade... Por acaso tive uma experiência interessante agora no final do ano e que tive umas amigas que vieram do Brasil, era uma colega que trabalhou comigo muito tempo no Brasil e veio com a filha e uma outra menina que foi minha aluna no Brasil. E gostei muito da experiência, dela entrar em contacto, e de vir e de eu servir de anfitriã da cidade, de mostrar os pontos turísticos da cidade e que me deu muito prazer e foi aí que eu me senti realmente como uma moradora, como uma residente em Lisboa, e senti que já não... vamos dizer assim, já não me sinto moradora da minha antiga cidade, já não sinto que ... não pertenço mais àquilo, tenho uma nova casa.

Antropóloga – É, então, importante esse conhecimento essa familiaridade com o espaço, o novo lugar, para se sentir que a cidade é sua?

Ana Lúcia – Sim, ai, claro que sim, porque quando eu cheguei à cidade, eu achava que todas as ruas eram iguais, impliquei com os prédios, achava que tudo isso, enfim estava numa cidade desconhecida, hoje não, hoje consigo localizar em que ponto da cidade estou, se alguém me aborda eu sei dar uma informação, sei pra onde a pessoa deve... posso não conhecer a morada específica, mas sei pra onde ela se deve dirigir, sei como a dirigir pra lá, pra ir pra qualquer lado sei quais os transportes que eu devo tomar... Sim, sim, sem dúvida nenhuma que conhecer o espaço é muito importante pra que eu me sinta segura e me sinta bem. Quando cheguei era sempre uma situação de insegurança, porque não conhecia e tinha de estar sempre com um mapa na mão e me sentia muito turista e tinha que estar sempre... era desconhecida.

Antropóloga – Como é que pensa hoje o Brasil? A que distância está hoje o Brasil de si e da sua vida?

Ana Lúcia – É a casa dos meus pais. Penso o Brasil como sendo a casa dos meus pais.

Antropóloga – Já não é a sua casa?

Ana Lúcia – Não. É mesmo o lugar onde os meus pais moram. Onde tem talvez a minha raiz, vamos dizer assim, mas não... não é saudoso, enfim, não...

Antropóloga – Não tem dor, não deseja ou pensa ir ao Brasil, mesmo para depois voltar?

Ana Lúcia – Não, não tenho.

Antropóloga – Onde é que se pensa o seu futuro? No Brasil, aqui, noutro lugar, país?

Ana Lúcia – Em Lisboa. Penso...penso em ter uma casa, em organizar ela do jeito que tenho vontade, mas acho que a minha próxima casa tem que ser em Lisboa. Ah... digo uma casa porque no Brasil, nunca paguei aluguer, sempre tive casa própria; então era uma coisa que me fez confusão quando vim aqui, e ter que ... não ter uma casa, porque eu não tinha condições de o ter. Isso foi uma das coisas que tive que trabalhar e tive que pensar e tive que me organizar para me ajudar uma nova situação, de estar numa casa onde tinha, por exemplo, tinha um problema de encanamentos e tinha que chamar o dono da casa porque eu não tinha autorização pra mexer nela, tive um problema assim. Mas penso em ter uma casa minha e essa casa é em Lisboa.

Antropóloga – O que é que fez a essa casa no Brasil, vendeu?

Ana Lúcia – Não. Está arrendada e está à espera de uma oportunidade para ser vendida. Para ser vendida, mas penso assim, já pensei muito isso, quero vender aquela, no dia que tiver uma outra aqui que possa ser comprada, quero trocar uma casa por uma casa, não quero vender e perder, porque eu sei que quando eu trouxer o dinheiro de lá pra cá, aquilo vai ser como trocar três por um, então quero mesmo que venha directamente pra uma outra casa, quero que seja o começo de uma outra casa, vamos dizer assim...

Antropóloga – Não quer perder uma casa sem ganhar outra. É o lar, que precisa de sentir garantido?

Ana Lúcia – Exactamente, preciso ter esse lar, preciso ter e então quero vender aquela quando tiver uma aqui que possa trazer os circuitos para pôr em outra casa, não quero que se perca.

Antropóloga – O que é que foi melhor para si desde que chegou aqui? O que é que Lisboa lhe deu, que a fez sentir – a partir daí que esta era a sua casa, a sua possibilidade de vida?

Ana Lúcia – ... ah... quando... deixa eu ver, uma situação em que me senti assim: foi quando eu comecei a procurar casa, quando comecei a procurar uma casa para sair da

casa da minha irmã e sabia também para onde ir e o que queria, onde procurar para conseguir a nova casa.

Antropóloga – Sabia escolher.

Ana Lúcia – Sabia escolher, sabia o que queria.

Antropóloga – Sabia o suficiente para saber escolher.

Ana Lúcia – Exactamente, sabia escolher.

Antropóloga – Conhecia o suficiente para saber escolher.

Ana Lúcia – Exactamente. Acho que a partir daí, sabia onde que eu queria morar, qual é a zona que me agradava, vamos dizer assim, como sei hoje – estou pensando me organizar pra comprar uma casa e quando vou à net buscar a casa eu sei o que colocar, sei a zona que quero e é muito diferente de quando vim pra Lisboa que não tinha a mínima ideia pra onde ia... Eu aluguei uma casa na internet mas não tinha noção nenhuma, não conhecia Lisboa, pra mim, foi a que calhou, foi a que calhou que eu aluguei e agora não, quando fui alugar esta casa, sabia onde procurar, o que queria, tinha conhecidos aqui, que me indicaram essa casa e agora, na hora que vou procurar uma casa, sei mais ou menos as zonas que quero, quando aparece algum endereço, a casa pode parecer interessante mas está em algum lugar que eu não gosto eu nem tou a perder tempo de a ver, vou somente naquelas que realmente sejam dentro de espaços que acho que merecem a pena de se morar.

Antropóloga – Falou de contactos que tem e das informações que lhe deram para obter esta casa. Teve facilidade em fazer amigos em Portugal?

Ana Lúcia – Eu acho que sim, porque os amigos que tenho são mais os que estão ligados à Faculdade. Então, foi a partir dali, que fui criando uma rede de amizade, vamos dizer assim. Não tive dificuldade

Antropóloga – Dessas duas coisas – conhecer pessoas que nos sedimentam num determinado local, ou conhecermos o local de modo a sentirmos que esse local faz parte de nós – qual acha mais importante para que nos sintamos bem, seguros, ou mesmo, em casa?

Ana Lúcia – A cidade... a cidade. A partir do momento que se sente à vontade na cidade, que se movimenta, que sabe onde ir, como ir, me sinto segura.

Antropóloga – Acha possível viver numa cidade onde não se sentisse “segura”, como diz?

Ana Lúcia – Não. Por exemplo, não consigo me imaginar a morar em S. Paulo, na capital. Não consigo me imaginar a morar lá, até foi uma das razões que me levaram a admitir a sair do Brasil. Eu pedi a transferência do meu caso e o meu caso foi para a Limeira, que é uma cidade grande e... depois tinha um primo meu, que morava lá e lhe perguntei a ele onde ficava aquela determinada escola, que tinha sido indicada e ele disse “Olha, aquilo é periferia, é uma zona difícil de trabalhar. Os transportes pr’ali não

são bons, vai ter que morar lá perto ou então vai ter que andar muito, etc....” e foi uma das razões que me fez dizer assim “Olha, se calhar não vale a pena.” Porque...

Antropóloga – Disse-me que estava também a divorciar-se, portanto estava em fase de mudança e decidi não ir para lá.

Ana Lúcia – Sim. Sim.

Antropóloga – De onde é, Ana Lúcia, ou, de onde sente que é? (A tradicional pergunta, que se faz habitualmente quando se trava conhecimento com alguém)

Ana Lúcia – ...De Lisboa.

Antropóloga – Sente que é de Lisboa?

Ana Lúcia – Sim.

Antropóloga – Imagine que estamos com amigos e naquela conversa normal de apresentação alguém lhe pergunta “De onde és?”. O que lhe responde?

Ana Lúcia – Sim, eu sinto que sou de Lisboa.

Antropóloga – Sente já que é de Lisboa?

Ana Lúcia – Sim, Sim. É o ponto de referência. E quando penso em Portugal, penso em Lisboa.

Antropóloga – Conhece outros sítios em Portugal, para além de Lisboa, ou tem estado só aqui.

Ana Lúcia – Conheço arredores mas em termos de passeio e isso assim, meio turísticos, também fui a Mafra, Sintra, já fui a Aveiro, enfim, sempre como turista... ia passava o dia, conhecia pontos de interesse...

Antropóloga – Gostou daquilo que viu ou não?

Ana Lúcia – Sim, sim... e geralmente fui a lugares, lugares turísticos, a lugares bonitos coisas onde tem sempre fontes de importância... gosto de me sentir, acho que ainda me sinto... realmente essa questão da segurança, isso é interessante porque, na zona onde eu moro, gosto de saber que se eu chegar aqui em casa às 11 horas, meia-noite, que eu não tou precisando nada, que há pessoas na rua, que posso sair sozinha, que não vou ser incomodada, isso é um peso importante pra eu me sentir segura,

Antropóloga – Sente que não corre perigo,

Ana Lúcia – Exactamente, não corro perigo, acho que preciso disso para me sentir bem num lugar e tenho isso pelo menos, nesse lugar.

Antropóloga – Das expressões “pertencer a um lugar” ou “um lugar pertencer-nos” qual acha que exprime melhor a relação que podemos ter com um lugar?

Ana Lúcia – Não sei, acho que os lugares é que nos pertencem. A partir do momento que você se apropria desse lugar, a partir do momento que conhece ele e sabe se movimentar nele ele te pertence.

Antropóloga – Acha que há uma espécie de realização quando nos conseguimos movimentar nele, o conhecemos e nos sentimos autônomos nele, acha que existe uma espécie de realização, que o lugar nos pode proporcionar?

Ana Lúcia – Sim, sim, sinto isso...

Antropóloga – É isso que fala quando diz “A gente apropria-se de um lugar”?

Ana Lúcia – Sim, é mesmo assim que me sinto, quando digo isso é nesse sentido, quando você tem maneira de dominar aquele lugar de o ter sob controle, vamos dizer assim...

Antropóloga – Pensa ir ao Brasil, brevemente?

Ana Lúcia – Não, não tenho intenção de ir.

Antropóloga – Não vai brevemente, mas pensa qualquer dia...

Ana Lúcia – Não, não. Nem brevemente nem tenho planos de ir.

Antropóloga – E os seus pais, como é que os vai ver? Vêm eles cá?

Ana Lúcia – Sim, eles vêm aqui, tanto que no final do ano a minha mãe vem pra cá, ela vem passar o Natal comigo e eu estou contente porque vou recebê-la e eu penso a minha irmã agora vai morar para o Canadá e quero, já lhe falei nisso “Assim que você se acomodar lá, tudo, eu quero me organizar pra conseguir te visitar, mas não quero me organizar pra conseguir te visitar, mas não quero me organizar e juntar dinheiro e tal, para ir ao Brasil, enfim, se eu fosse ao Brasil, ia enquanto turista, ia pra conhecer lugares que eu não conheço, porque também eu conheço muito pouco, conheço os lugares que estão ali à volta... Se eu fosse ao Brasil fazer uma viagem, não ia aos pontos que já conheço, antes pelo contrário, ia lá como turista para conhecer lugares bonitos, não é? diferentes, voltaria pra conhecer lugares que gostaria de conhecer, não ia pra minha terra...

Antropóloga – Isso é porque sente que a sua terra, agora é aqui?

Ana Lúcia – Sim, de certa maneira e também porque talvez não tenha saudades daquele espaço e não era um espaço que eu quisesse voltar, por exemplo, eu não consigo me imaginar agora a voltar a morar na minha cidade, a cidade de que eu saí é simplesmente a cidade onde os meus pais moram, mesmo quando a minha mãe fala da minha casa lá, parece-me distante, parece-me distante como se aquela casa já não...

Antropóloga – Já não lhe pertencesse?

Ana Lúcia – Exactamente. Aquilo é simplesmente como se fosse uma poupança, aquilo está simplesmente guardado esperando o momento de ser...

Antropóloga – Gostava mais da sua casa no Brasil do que desta aqui?

Ana Lúcia – Não... Gosto mais da casa que vou ter.

Antropóloga – Sim, é uma boa resposta.

Ana Lúcia – Porque essa casa em que moro hoje, também não a sinto como minha.

Antropóloga – Qual é a sua profissão?

Ana Lúcia – Professora.

Antropóloga – Era a sua profissão no Brasil. Sente que a língua lhe possibilitou isso? Melhor, Sente que a língua é fundamental para a reconstituição de uma nova morada, uma nova vida, ou para a reconstituição da nossa nova casa?

Ana Lúcia – Sim, é importante, é importante. Em relação a isso, eu acho que existe um problema sério de comunicação, pensando a língua em termos de... O português não é um elemento facilitador, nesse sentido, porque ...

Antropóloga - Mas acha que seria mais fácil se fosse o inglês, o francês, ou outra língua qualquer?

Ana Lúcia – Não, eu acho que aqui em Portugal existe um preconceito e uma ... existe um preconceito muito grande em relação ao português do Brasil. Por exemplo quando vou arrendar uma casa, muitas vezes recebo um não, simplesmente, por ser brasileira e quando digo que quero conhecer um espaço, por exemplo, oiço “Ah! Mas essa casa não está para alugar!”, mas eu também não quero alugar, eu quero a casa pra comprar... Então existem ideias pré-concebidas – que o brasileiro aqui é simplesmente um trabalhador braçal, que é mal-educado que é isso, que é aquilo, que não tem curso, enfim, existe uma série de preconceitos com o imigrante brasileiro e eu sinto isso

Antropóloga – Sente que precisa romper com isso.

Ana Lúcia – Tem que romper. Por exemplo, sinto isso com as empregadas de loja, quando elas vêem que sou brasileira, sinto um certo ressentimento da parte delas, principalmente as portuguesas de origem, que têm muita relutância em atender uma brasileira.

Antropóloga – Sente isso?

Ana Lúcia – Já senti várias vezes.

Antropóloga – Apesar de tudo há alguma mais valia que a Ana Lúcia sinta na sua vida que lhe dê mais segurança, maior realização, maior satisfação consigo própria? Acha que Portugal lhe deu isso, ou melhor, espaço para isso, ou não lhe deu nada? Pergunto-lhe ainda se, no caso de sentir que Portugal contribuiu para isso, preferia ter alcançado tudo isso no seu país?

Ana Lúcia – Não, sinto-me melhor aqui. Essencialmente por causa de ser... por causa das atitudes de ser uma estrangeira, tive que... que pensar, que me organizar pra conseguir, pra fazer as coisas do jeito que eu queria e pra não aceitar as coisas como barreiras, como obstáculos, enfim... tive que pensar, me organizar e ver como ia fazer para ter aquilo que eu queria num espaço que não era o meu. Enquanto que no Brasil, não. No Brasil tinha as coisas como certas e como garantidas, enquanto que aqui, não. Tive que me organizar para conseguir as coisas

Antropóloga – Sente-se bem, hoje, revê-se nas coisas que construiu, sente que são suas, que foram conseguidas por si?

Ana Lúcia – Sim sinto que foram vitórias minhas.

Antropóloga – A maneira de ser das pessoas aqui, foi para si um obstáculo, foi alguma coisa que estranhou muito a ponto de acrescentar dificuldade nas coisas que teve que conquistar, ou pelo contrário, não sentiu grandes diferenças e isso permitiu uma adaptação propícia aos seus objectivos?

Ana Lúcia – Não senti grandes diferenças, não senti... lá está, cada pessoa tem um jeito próprio de se movimentar, mas nunca tive nenhum problema, nunca senti assim, dificuldades em aceitar as pessoas como eram e também tive, acho que, um pouco de sorte em conhecer gente que... gente educada, gente interessante, que me acolheram bem, portugueses que não são preconceituosas que não vêem os estrangeiros como inimigos potenciais. Eu acho que isso também fez com que eu me sentisse bem, me sentisse acolhida, me sentisse bem acolhida. Nunca tive uma ofensa, assim, a nível pessoal. Acho que se alguma vez senti alguma ofensa por um nível geral, a mim, directamente, nunca ninguém me ofendeu, nunca senti-me agredida directamente enquanto pessoa, vamos dizer assim. Acho que aquilo que senti foi uma ofensa em geral, como aquela situação de ir ver uma casa, por exemplo e a pessoa dizer assim “Ai não, não alugo a brasileiros.” ou dizer “Essa casa já está ocupada.”, ou uma coisa assim, mas nada de pessoal, nunca tive nenhuma ofensa pessoal.

Antropóloga – Entre os amigos que tem hoje, contam-se mais amigos brasileiros ou portugueses?

Ana Lúcia – Portugueses.

Antropóloga – No seu processo de sedimentação aqui, recorreu a algumas amizades brasileiras que a ajudaram, ou não conhecia e não recorreu a ninguém?

Ana Lúcia – Não nunca recorri, mesmo porque quando cheguei cá não conhecia ninguém, nem brasileiros nem portugueses e depois sempre tive um contacto maior com os portugueses e não com os brasileiros. Talvez exactamente por causa dessa situação de que... depois os brasileiros que conheço são tudo gente que... que não tem a... que não pertenceria, que no Brasil eles não estariam no meu espaço de amizade...então os laços que eu construí aqui são pessoas que são ligadas a Faculdade, enfim, são pessoas que têm mais a ver comigo, que converso e discuto e não com os brasileiros que conheço aqui, que tem muito poucos brasileiros que conheço e que ...

Antropóloga – Se tiver, hoje, que ir ao Brasil, ou se tivesse que, por alguma razão, que ir morar para lá, há alguma coisa que se lembre de imediato, que teria de enfrentar e que já não lhe apetece, ou não tem paciência?

Ana Lúcia – Sim... se dissesse... Vamos lá ver, se dissesse assim “Você vai morar pró Brasil.”, eu... o Brasil da casa dos meus pais, por exemplo, pra terra dos meus pais, eu acho que sim, que seria muito difícil eu me adaptar lá, principalmente por causa de ser o ambiente de cidade muito pequena. Toda a gente me conhece, toda a gente sabe que eu sou filha da fulana de tal...

Antropóloga – Isso incomoda, essa facilidade de as pessoas se meterem na sua vida...

Ana Lúcia – Sim, é o jeito de as pessoas se acharem que se sentem no direito de dizer “Ah! Não faças isso, ou não faças aquilo...” ou “Devia de fazer aquilo ou outro...” e darem palpites, coisas que não tenho... coisas de gente que se mete nos assuntos das outras pessoas, eu acho que isso ainda me incomodaria mais hoje – sempre me incomodou mas, hoje, eu acho que não teria paciência pra isso.

Antropóloga – Ana Lúcia sentir-se em casa em Lisboa, quer dizer exactamente o quê? Que se sente bem, segura, que se sente no seu espaço onde conhece e a conhecem?

Ana Lúcia – Sim, é isso.

Antropóloga – É importante o facto de ter aqui os seus filhos e de eles estarem bem adaptados?

Ana Lúcia – Sim, é importante. Eu acho que se eles não tivessem felizes e não se sentissem bem, eu também tentaria mudar as coisas. Eu me sinto muito responsável por eles, principalmente pelo Alexandre que ainda é novo eu acho que se ele dissesse “Ah, mas eu não gosto disso, não tou bem e tal...”, eu também pensaria em mudar a situação, eu acho que eu não conseguiria estar, onde eles não estivessem bem. Acho que isso também foi muito determinante para a minha decisão em ficar.

Antropóloga – Qual são as suas habilitações?

Ana Lúcia –Tenho uma licenciatura em História e agora terminei o Mestrado em Migrações.

Antropóloga – Muito obrigada. Não tenho mais nada a perguntar.

Março de 2009

ANEXO 9

**Entrevista realizada a André no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Como se chama?

André - André. André Gomes ou André Vera Cruz.

Antropóloga - André, diga-me a sua idade, por favor.

André Eu tenho 45 anos.

Antropóloga - Qual é o seu grau de instrução, i.e. estudou até quando?

André - Tenho o 4º ano de medicina, mas pronto, por uma questão de necessidade, de obrigação, praticamente, de ter deixado o país e de procurar uma outra vida, não é?

Antropóloga - Estudou onde, André?

André – Em França.

Antropóloga - Em França? Já me vai contar essa história. Qual é a sua nacionalidade?

André – Sou são-tomense.

Antropóloga - quando é que veio para Portugal?

André – Vim para Portugal em 1999. Depois da Guerra que surgiu em Angola, vim directamente para Portugal.

Antropóloga - Mas, estava em Angola?

André - Passei por Angola e fiquei em Angola durante 10 anos, quase 15 anos fiquei em Angola.

Antropóloga - Mas o André, nasceu em S. Tomé, onde viveu e cresceu. Porque é que saiu e que idade tinha quando o fez?

André – Quando saí, saí de S. Tomé, quando tinha os meus 17, 18 anos. Ganhei uma bolsa pra França, estive a estudar em França, mas depois, regresssei ao país, mas quase uma questão política, abandonei o país. Havia o sistema de socialismo e essas coisas todas, e eu como não estava habituado a um sistema desses, abandonei o país, á procura de melhor vida, não é?! E deixar a política e fui pr'Angola.

Antropóloga - Mas disse-me que esteve em França. Quanto tempo esteve a viver em França?

André - Estive em França 4 anos – um ano de línguas, mais três anos de estudo. Estive lá a viver, praticamente como estudante, né? De passagem, praticamente. Eu não fui pra ficar, eu fui pra fazer os estudos e pra regressar ao país, mas dada a situação que o país se encontrava, eu saí de novo. Á procura de uma outra vida.

Antropóloga - Esteve em Paris quatro anos. O primeiro ano estudou Francês e os outros anos estudou o quê?

André - Medicina. Estudei três anos medicina. Praticamente já tenho o nível de paramédico, né? Mas pronto, fiz esses cursos todos, mas não utilizei praticamente, porque em Angola tive outra versão, em termos de trabalho, tive na construção civil, dei aulas, no Liceu e essas coisas todas, e, também, pronto, fui militar em determinadas circunstâncias...

Antropóloga - O André deu aulas de quê?

André - Dei aulas de Biologia, dei aulas de francês e de português também.

Antropóloga - Em Angola...

André - Em Angola.

Antropóloga - Em que cidade, em que zona esteve de Angola?

André - Em várias partes de Angola. Em Luanda, estive em Cabinda, estive em Benguela, estive em Lobito, estive em Quanza Sul, Quanza Norte...em Benguela, bem agora não de momento não me lembro, tive em várias partes de Angola. A minha missão é uma missão que exigia mesmo que a gente deslocasse, para essa várias partes do país.

Antropóloga – Qual era a sua missão?

André – A minha missão era comandar as tropas, né?

Antropóloga – Agora está a falar-me na sua experiência como militar, não é?
(O André acenou em consentimento). Quanto tempo viveu em Angola?

André – Praticamente quase 16 anos

Antropóloga – de que ano até que ano?

André – Quando tinha 17 anos, eu saí... Bom eu saí aí em 77/78, mais ou menos, e mesmo em S. Tomé, por uma questão de experiência militar já tínhamos a tendência de, quem não comportasse bem, seria posto de parte, em termos de prestígio, né? E eu praticamente, como não gostava desse sistema, até estive na cadeia lá em S. Tomé, durante 1 mês, praticamente, tinha que ir para Angola, por uma questão de não gostar do sistema político de S. Tomé, não me agradou...

Antropóloga Disse que saiu de Angola em que ano?

André - Em 77.

Antropóloga - E daí foi para S. Tomé outra vez?

André - Não, em 77 saí de S. Tomé e regresssei ao fim de 4 anos

Antropóloga - Regressou e depois não gostou do sistema político e foi para Angola, não foi?

André – Depois em Angola, fiz a vida toda, praticamente...

Antropóloga – E esteve em Angola, de 81 até...

André – Até 1999, fim de 99, 2000.

Antropóloga – Esteve ainda muito tempo em Angola, cerca de 19 anos...E em Angola desempenhou muitas funções, não foi?

O que é que sente que é, afinal, depois de todas as funções que desempenhou? Foi militar, foi médico, ou paramédico, deu aulas, o que é afinal?

André – Bom, neste momento, por uma questão de interesse pessoal, não consegui classificar uma profissão propriamente. Pronto fiz várias coisas, eu acho até que talvez era a única maneira de poder usufruir de alguma comunitariedade mais facilmente, não é? Tinha também negócios, e essas coisas todas, pronto, em Angola faz-se tudo, não é? É uma questão de procurar a melhor solução pra vida, não é? Na vida é preciso procurar algo de mais fácil, não é? Na vida tem vários tombos e a gente quando está nessa situação tem tendência a procurar algo, que possa valer alguma comunitariedade que é a única via, de conseguir se adaptar ao sistema de sociedade que a gente se encontra né? Não obstante da língua, né? Depende do país em que a gente se encontra, porque a língua também é importante. Normalmente como a gente fala português... todo o indivíduo que imigra, tem tendência a procurar um país que fale a mesma língua, né para ser mais fácil se adaptar, pronto em termos de sociabilidade, de contacto pessoal, e pronto, de adquirir facilmente experiência, né?

Antropóloga O André saiu de Angola em 1999 e veio directamente para aqui ou ainda foi para S.Tomé?

André Não. Eu vim directamente p'raqui, até por uma questão de exigência familiar. Sempre estive separado da família, nunca estive ao lado da família e por uma questão de obrigação, de exigência familiar por parte da minha esposa, não é, fui obrigado a vir para Portugal.

Antropóloga - Mas então já tinha a sua família cá em Portugal...

André - Já estavam todos cá. Eles, todos os filhos nasceram todos cá. Ela também já estava cá, por uma questão de protecção.

Antropóloga - Então diga-me como é que foi, e quando é foi o seu primeiro contacto com Portugal?

André - foi em 79.

Antropóloga - Em 79, foi já há muito tempo...

André - Sim, eu vim, já praticamente de férias. Pronto, arranjei uma saída e vim pra Portugal.

Antropóloga - Mas em 79 estava o André em Angola

André - Estava em Angola, mas no momento das férias dei um salto a Portugal.

Antropóloga -E nessa altura em Angola era o quê? Era militar, era professor, era o quê?

André - Eu praticamente, dizia militar, porque pronto, naquele tempo, não se podia definir quem a pessoa era. Eu estava lá a fazer um trabalho em termos militares, mas praticamente mais civil, não é...

Antropóloga - Então não era militar ao serviço do Estado...

André - Não, mas estávamos ligados ao Estado, como normalmente dávamos aulas, mas estávamos contratados pra isso. O país estava agitado e havia duas frentes. Havia uma frente que era a Unita e fazia face ao MPLA e eu como estava do lado do MPLA, tinha essa missão, dava aulas e fazia tudo para integrar, mas clandestinamente, não é... ninguém sabia quem eu era.

Antropóloga - Bom, o André em Angola, teve mesmo na clandestinidade, tinha um nome de organização, um pseudónimo e

André - Foi uma obrigação, fui obrigado quase a fazer esse tipo de trabalho, não é?

Antropóloga - foi obrigado como? Foi lhe pedido, pelo MPLA?

André - Eles pediram-me que fizesse esse tipo de trabalho...

Antropóloga - Mas quando lhe pediram já o André estava em Angola...

André - Sim, já estava em Angola

Antropóloga - Então quando foi para Angola, qual era a sua intenção? O que pensava ir fazer?

André - Quando eu fui para Angola, eu pensei ir dar aulas, né, ou então arranjar um contrato, que naquela altura eles davam um contrato...

Antropóloga - E foi dar aulas para o Estado, ou por conta do Estado...

André - Eu fui dar aulas pro Estado, mas quando dava aulas, nós tínhamos essa missão, que era uma missão paralela, que nós desempenhávamos diariamente, mas que era uma missão paralela, que estava ligada ao Estado, mas essa missão tinha uma determinada importância para eles, não é?!

Antropóloga - Então essa actividade paralela, era militar...

André - Era.

Antropóloga - Como é que era, recebia treinos militares... E era treinado para defender o país? (o André confirmava com a cabeça). Era treinado para fazer parte das fileiras do exército do Estado, ou do MPLA?

André - MPLA. Sim, desse partido. Era a única forma que eu tinha para (?) e pra dar protecção pra minha família, não é? Era a maneira mais fácil...

Antropóloga - Mas a sua família estava lá ou estava cá (Portugal)?

André – A mulher estava cá, essa família estava cá mas a mulher ia, né, de vez em quando e de vez em quando ela ia ter comigo, mas pronto, por uma questão de poder arranjar condições para eles aqui em Portugal tinha que arranjar um trabalho que me desse dinheiro e naquela altura, a única forma de usufruir de alguma notoriedade, era trabalhar para o MPLA e dar o meu contributo. Mesmo que de facto, fosse uma coisa indesejada, mas era importante para mim, porque eu necessitava, havia uma necessidade vital...

Antropóloga – porque ganhava dinheiro?...

André – Porque ganhava dinheiro. Era a única via que eu encontrei para poder solucionar os problemas da vida...

Antropóloga – E os seus filhos? Tinha filhos?

André – O primeiro filho nasceu em 1983. Nasceu em 1886. Casei-me em 83 e o primeiro filho nasceu em 1986.

Antropóloga – Nasceu cá...

André – Mas antes disso, tinha outro casamento, que logo que cheguei a Angola – e isto pra mim também é uma questão da imigração, a gente tem essa tendência, né, a gente encosta no sexo oposto e eu tive dois filhos com uma senhora antes de me casar.

Antropóloga – com uma senhora em Angola, uma senhora que conheceu em Angola e viveu com essa família não é?

André – Nessa altura eu tinha duas convivências, né?

Antropóloga – Ah! Tinha uma família em Angola e outra cá, ao mesmo tempo...

André – Nessa altura eu era polígamo, naquele tempo eu tinha de fazer assim, porque era ela que me dava, em termos de contactos, em contactos de Língua, e disfarce também...

Pronto, ela tinha a sua importância naquela altura.

Pronto e eu também não fiz isso, porque tinha, não só também porque eu tinha necessidade como as pessoas têm, pronto, um homem, tanto como uma mulher têm as suas idades e precisam de uma companheira e de um companheiro, para as coisas correrem melhor...

Antropóloga – E ela também era do MPLA?

André – Claro, e até em termos de conselho e em termos de tudo, a bem dizer, seja não só em Angola ou em outro país, a mulher é muito importante...

Antropóloga – Para fazer a vida...

André – Claro e nesta fase a mulher é muito importante, porque a mulher não só instrui directamente, como também é uma pessoa também que tem o seu impacto mesmo em termos de viabilidade da vida, né, A mulher tem a sua importância...

Antropóloga – Continua a ver essa família?

André – Eu tenho contacto, né, mas pronto, fui obrigado a deixar a senhora porque...

Antropóloga – Custou muito?

André – Gostei, gostei, e nunca posso deixar de não gostar, mas pronto, tinha que romper essa relação por uma questão de respeito à minha mulher que eu também tenho cá... Não quer dizer que eu não posso respeitá-la, à outra mulher, que ela tem os mesmos direitos...mas pronto eu tinha que acabar uma relação, para uma relação ser viável e se respeitar eu tinha de acabar com a outra. Não podia ter as duas ao mesmo tempo... isso cria muita confusão e as pessoas não conseguem viver assim. Eu acho que há pessoas que conseguem, mas eu não consigo.

Antropóloga – Qual é a nacionalidade da sua companheira de hoje?

André – Ela é S. Tomense.

Antropóloga – E como é que a conheceu? Conhece-a de lá, ou conheceu-a aqui.

André – Já a conhecia em S. Tomé. Éramos colegas da Escola – do Liceu.

Antropóloga – Mas ela quando imigrou para aqui, não foi por causa de si, não?!

André – Não ela até, quando saí de S. Tomé, ela foi à minha procura mesmo em Angola. E de lá surgiu o primeiro filho. Até o casamento já foi já com o bebé já leito não é? Pronto,

não havia outra hipótese não é? Ela chegou lá e entregou-se mesmo a mim e disse «Olha, antes que eu vou-te perder, eu ouvi lá que tu tinhas aqui, não sei quê, não sei quê». E eu fui obrigada a tirá-la de lá, não só por uma questão de protegê-la, mas também, trazê-la para um sítio, pronto, com mais segurança, né? Por uma questão de saúde porque ela também fez quatro cesarianas, portanto, eu estava a ver que a saúde católica em termos de hospitais e essas coisas todas né, e eu arranjei um sítio que era mais seguro e acho que Portugal foi pra mim, muito importante naquela altura

Antropóloga – O Adérito tem quantos filhos?

André –Tenho quatro nascidos cá e dois nascidos fora. São seis filhos. São mais dois que eu também nem dei conta, também nem registei sequer, mas são meus filhos, tenho essa consciência. Mas pronto e eles também hoje chamam pai, chamam pai e querem falar com o pai... mas pronto, não deu tempo para registar mais crianças naquela altura. Havia muita confusão naquela altura e não consegui.

Antropóloga – Adérito, os seus filhos que vivem cá são então, os que cá nasceram. Que idade têm?

André –O primeiro tem 20, o outro tem 19...tem 18, e depois mais dois, um tem 12 outro tem 10.

Antropóloga – A sua mulher está cá também, como já me disse. Ela está a trabalhar?

André – de momento não. Ela está desempregada. Está no fundo de desemprego.

Antropóloga – Como é que foi viver em Portugal, ou melhor, chegar a Portugal e começar a vida aqui.? Lembra-se como foi? Foi em 99...

André – Lembro-me muito bem. Foi em 99... E quando cheguei cá, encontrei muita dificuldade...

Antropóloga – Entre 77 e 99, que foi quando estive em Angola, teve contactos com Portugal, como é que se encontrava com a sua mulher, vinha cá o André, ou ia lá ela, ter consigo a Angola?

André – Nós intercalávamos as coisas... bom, por uma questão até do miúdo, porque ela não tinha ninguém pra ficar com o miúdo, só em caso que, de facto, com tempo, planeava-se tudo em conjunto, né?! e ela dava lá um salto, pra matar saudades, né?

Antropóloga – E ia com os filhos ou ia sem os filhos?

André – Ia sempre com o rapaz, e pronto tinha que ser com o filho. Ela também, aliás, é uma mãe galinha, eu não deixo, mas ela é assim até hoje, mesmo com 20 anos o filho é assim, é o mimo, pronto que a mãe dá, que é próprio...E eu não acho isso mal, que o homem sente-se orgulhoso, de ver uma mãe que cuida bem dos filhos e acata os filhos e pronto, não só em termos educacional mas também noutros termos...

Antropóloga – Claro... Os africanos tratam bem dos filhos, habitualmente, não é? Gostam dos filhos. Há uma grande ligação e acompanhamento dos filhos, por parte das mães. Elas andam sempre com eles ao colo, às costas...

André – Isso depende da raça, há mais afeição entre os europeus. E eu, que conheço alguns países da Europa, sobretudo os portugueses têm muita afeição pelos filhos. Quando nasce o primeiro filho, parece que foi um Deus que nasceu. Pronto e eu vejo isso não só por parte da mãe como do pai também. É uma afeição fora de série que as pessoas dificilmente encontram. Em África as pessoas têm filhos sem planos, não é, e isso já é mau. Depois não querem mais saber de nada, né? Não há aquela educação que se vê aqui, quando um filho nasce, vamos preparar tudo para que os filhos sejam bem-vindos, não é.

Antropóloga - Bom sim, mas às vezes também não há condições...

André – As condições existem sempre. Ninguém pode dizer que não tem condições, Quando não há condições é quando a gente altera as coisas e as coisas depois descontrolam: Não há planos... Quando um casal, por exemplo, por mais que ganhassem dinheiro, se não há aquele entendimento, se não há aquele plano, nunca chegam a lado nenhum... as coisas ficam sempre descontroladas. Depois o dinheiro acaba mais

facilmente... eu quero fazer uma coisa, tu queres fazer outra, não dá... mas desde que haja entendimento, uma coordenação mútua entre o casal, funciona. E funciona bem.

Pronto, tem acontecido comigo, pelo motivo seguinte: primeiro fiz muitos filhos. A vida era outra. A vida agora complicou-se e vai complicando cada vez mais. As coisas estão outra vez a tornar-se mais difíceis, e isso vê-se me mesmo, não só aqui como noutros países, está a ser muito rápido a todos os níveis...

Antropóloga – Como é que o Adérito sempre viajou? Como é que veio parar a Portugal? Quero dizer, em que meio de transporte?

André – Sempre de avião, eu nunca viajei de barco, né, sempre de avião e aliás, sempre viajei de Tap. Eu nunca procurei outra agência. Não sei porquê, pronto, é meu costume e meu hábito, eu não viajo em nenhum avião sem ser Tap. Por uma questão de segurança... É a melhor agência do mundo, eu posso dizer mesmo...em tudo, desde as cadeiras, pilotos e tudo, a gente viaja com segurança, sente-se mesmo seguro, como se estivesse em nossa casa. Eu não vejo nas outras agências, já estive na Bélgica, estive em França, esses todos, mas eu nunca vi...

Antropóloga – Acha a Tap mais segura...

André – Mais segura e mais confortável.

Antropóloga – Adérito, como é que foi chegar a Portugal? Sentiu dificuldades no emprego, na forma como os portugueses o receberam... fale-me um bocadinho disso.

André – Isso pra mim é um bocado complexo, porque eu quando imigrei pr'aqui definitivamente, primeiro por uma questão de idade, depois era a documentação que na altura eu nunca me preocupava...

Antropóloga – E teve problemas com a documentação?

André – Tive porque primeiro era muita entrada, muita saída e depois a pessoa não era fixa, mas dizia que era casada, né? Ela tem que estar ao pé da família, né, ou então... Eu também fui um bocadinho desinteressado, né, mas quando eu vi que de facto, que a documentação era única que pra trabalhar e viajar em qualquer país do mundo é preciso ter mesmo uma identidade, então comecei a me deparar com essas dificuldades, mas depois, o que me valeu era ser casado e é essa importância que existe no casamento...

Antropóloga – Era casado com uma pessoa que já vivia aqui e que se tinha legalizado aqui

André – Que se tinha legalizado e os miúdos também, pronto como nasceram aqui, reforçou mais. Ademais, logo se vê agora nesse momento, há uma lei que estipulou que pronto tem-se a nacionalidade por uma questão de pronto, quando os progenitores estão aqui há mais de cinco anos ou há mais de dez anos, e os filhos ...

Antropóloga – nasceram cá...

André – têm a origem portuguesa, claro, podem pedir a nacionalidade portuguesa.

Antropóloga – Os seus filhos têm a nacionalidade portuguesa?

André – Estão a tratar disso né? Mas primeiro, bom, tá quase a sair, mas como saíu essa lei, não sei se isso está promulgado ou não, é mais fácil, né?

Antropóloga – Então têm a nacionalidade Angolana ou são-tomense? E estão à espera de obter a nacionalidade portuguesa.

André – Não, eles são portugueses e neste momento, eu dei a nacionalidade de S. Tomé para ser mais fácil.

Antropóloga – Ok, já percebi. Não sabia como os tinha registado se como são-tomenses, ou como angolanos, mas já percebi registou-os como são-tomenses, que é a sua nacionalidade...

André – exacto.

Antropóloga – E agora estão à espera da nacionalidade portuguesa.

André – sim, agora estão à espera...

Antropóloga – é difícil, tratar disso, em Portugal? Arranjar a documentação, é fácil? Como foi o contacto com o SEF, ou o ACIME; não sei se alguma vez contactou com essas instituições...

André – Eu acho que nesse momento há mais facilidade em termos de documentação. Naquela altura, havia mais dificuldade, por uma questão de... éramos poucos aqui em Portugal...

Antropóloga – Se calhar até os próprios acordos e protocolos entra os Estado português e os outros Estados, e até com as associações de imigrantes...

André – Exacto, há mais associações de apoio, que é muito importante e que tem havido agora...

Antropóloga – O Adérito sente que há essas instituições?

André – Eu acho que os imigrantes não têm nada que dizer mal de Portugal em esses termos, porque Portugal, tem nesse momento vários acordos com vários países e tem apoiado bastante... Só que as coisas não pode ser para toda a gente, né? Depende do comportamento de cada um... Quando a gente imigra, a gente temos que saber ter educação tem que ter respeito, tem que saber respeitar a lei do outro país, porque de facto, se ele não respeita a lei do outro país, a pessoa torna-se inútil e a partir de então se a pessoa não tem documentação, não consegue trabalhar

Antropóloga – O Adérito quando chegou, esteve a trabalhar sem documentação, quer dizer, chegou a trabalhar ilegal?

André –Trabalhei na clandestinidade, sim Senhor. Trabalhei dois anos.

Antropóloga – Como é que foi? Foi duro? Sentiu que houve gente que se aproveitou dessa situação?

André – Acho que sim, ademais na construção civil, aproveitou nessa fase, claro que não tinha outra escolha, não é? Estive a trabalhar na clandestinidade porque precisava mesmo.

Antropóloga – E o que é que fez o Adérito?

André – Fiz vários trabalhos

Antropóloga – E pagavam-lhe, não teve problemas com isso?

André – Por acaso nunca tive problemas com isso...

Antropóloga – Que problemas é que teve, então?

André - Simplesmente é a questão de não passarem um declaração, para obter vistos...

Antropóloga – Isso estava na mão dele...

André – Isso estava na posse dele, praticamente, isso era mesmo...importante, se ela passasse uma declaração a dizer que... ou um termo, ou um contrato...

Antropóloga – Então como é que consegui fazer, como é que consegui depois arranjar os documentos necessários para obter o visto?

André – Foi aqui, através da mulher e dos filhos, quando começaram na escola e ademais eu também tenho a agradecer a Portugal, em termos de acolhimento educacional em relação a meus filhos, porque neste momento, eles estão no colégio, eles estudaram no colégio, um já está na faculdade, mas praticamente foi com a ajuda de Portugal...

Antropóloga – Arranjaram bolsas...

André – quando eu comecei a trabalhar, mesmo a trabalhar e o dinheiro era suficiente eu fiz vários pedidos, os filhos entraram no cebi – um bom colégio, tenho que agradecer ao Prof. Castanho¹ que tem sido tem sido uma pessoa impecável, me tem apoiado muito e apoia, e que tem dado essas facilidades.

Antropóloga – Que filhos tem no Cebi? Quais são as idades deles?

André – tem aquele de 12 e aquele de dez, aquela de doze e aquele de 10...

Antropóloga – E o filho que anda na universidade, em que escola é que anda?

¹ O Prof. Castanho é o director do Cebi.

André – Ele está em Lx. Na Faculdade, de Gestão...eu não sei, não me lembro bem o nome agora.

Antropóloga – Não faz mal diz-me depois se se lembrar.

André – Ele não está a estudar este ano, por motivo de doença.

Antropóloga – Não, então?

André – Ele foi a uma festa e estava a ensaiar junto com uns amigos e aparece-lhe no copo uns comprimidos, não sei o que é que é, esgarro, chegou em casa e nesse momento ele está mal com ele. Nestes três meses está...está a recuperar, graças a Deus.

Antropóloga – Mas foi hospitalizado?

André – Foi hospitalizado, três vezes. Aquilo era mesmo ... É preciso aguentar e coragem que é a nunca forma que as pessoas têm para ultrapassar os problemas. Eu não desisti. Ele é muito novo e são miúdos inteligentes e pronto já é da família, né?

Antropóloga – Diga-me uma coisa Adérito, tem um quarto filho, portanto, tem dois no cebi, tem este na Faculdade, e tem...

André – Tem uma menina que está no 12º ano, que acaba este ano...

Antropóloga – Então também está a quase a entrar na Universidade.

André – Sim vai acabar este ano, mas pronto ela também trouxe a ideia, agora diz que quer ir para a Marinha.

Antropóloga – Ir para?...

André – Marinha. Diz que não quer aturar não sei quê, mas pronto, eu também não quero escolher nada, eu não quero escolher nada para ninguém... Eu acho que cada um escolhe aquilo que quer.

Antropóloga – Claro!...

André – Eu faço aquilo que gosto, e eu acho que as pessoas devem ser assim. Deve dar-se a liberdade para as pessoas escolherem aquilo que gostam. Não é exigir que as pessoas façam aquilo que eu quero, embora eu também sei que hoje em dia o curso prático tem mais valor do que o teórico. O curso teórico está mais difícil, o mercado de trabalho está mais fechado. Os cursos prático são melhores...

Antropóloga – Mas ela tem que encontrar aquilo que ela gosta, não é?

André – Sim ela diz que vai para a Marinha, por que diz que gosta muito de viajar e isso...

Antropóloga – Adérito, na sua vida fora do trabalho, tem contacto com outras pessoas imigrantes, em relações de vizinhança, ou de amizade, costuma encontrar-se e conversar com pessoas de outras nacionalidades, ou restringe-se apenas a contactos com a sua família e com são-tomenses? É diferente hoje, do que quando chegou a Portugal?

André – Foi mais com portugueses. Eu sou mais amigo de portugueses que de afric... Não é por uma questão de ser racista, ou de não gostar das pessoas da minha raça. Eu acho que os portugueses têm um dom, o português é mais amável, como eu costumo dizer...e dá possibilidades da pessoa singrar. Aquela pessoa que quer mesmo singrar, lá está, que quer mesmo trabalhar. Eles misturam as pessoas. Se for uma pessoa preguiçosa, que mostra desinteresse, é assim... a pessoa dá uma mão, mas espera receber, não é pelo dinheiro nem nada, é por uma questão de bondade. Eu acho que existe em Portugal isso. Portanto, as pessoas da minha raça, de S. Tomé, são

Antropóloga – Da sua raça, quer dizer da sua nacionalidade ...

André – Sim, são pessoas mais fechadas, não são muito sociais umas com as outras, não gostamos de (?), somos muito egoístas e o egoísmo é a pior coisa que pode existir numa relação humana.

Antropóloga - O Adérito, conhece muitos são-tomenses, aqui em Portugal?

André – Conheço mais ou menos, alguns. Alguns familiares...

Antropóloga – Onde vive?

André – Forte da Casa.

Antropóloga – E à sua volta, vivem mais são-tomenses, portugueses, angolanos, ucranianos, como é ?

André – Aí há uma variedade de raça, mas pouco procuro as pessoas. Eu não gosto muito... ir para casa, ou então com os meus filhos, ou então, ir a algum lado definido, sair para algum sítio, determinado. Eu gosto pouco de estar num sítio com confusões, ademais, estas coisas hoje em dia, é preciso ter cuidado, hein? Não tem necessidade de andar por aí e a encontrar pessoas que estão sempre à procura das coisas que não faz parte da vida...

Antropóloga – Isso quer dizer que não conhece pessoas com outras nacionalidades, sejam da Europa ou de outros países africanos...

André – Durante o trabalho que eu fiz aqui em Portugal, na questão da construção civil, eu conheci brasileiros, ucranianos, togoleses, camaroneses, zairenses, ganês...

Antropóloga – E foi fácil o relacionamento com essas pessoas tão diferentes...

André – Eu acho que as coisas são fáceis quando as pessoas são bondosas, né? As pessoas quando querem aprender um com o outro, eu acho que têm que ter maneira e forma de entrar que só vai buscar proveito, né, porque é uma outra tradição, é uma outra língua, outro costume, são várias coisas que eu pelo menos procuro nas outras pessoas. Eu quando faço uma amizade não vou só à procura de, pronto, um copo de vinho ou de um prato de comida ou, não eu vou à procura da pessoa pra conversar com a pessoa para tirar um dividendo, que é muito importante, que é as pessoas só hoje e amanhã as pessoas não encontram mais. É mais uma questão de oportunidade, ainda mais quando é estrangeiro né?

Antropóloga – O Adérito neste momento recorre a alguma das organizações de apoio à imigração?

André – Eu estou cá em Portugal porque de facto tenho encontrado mais exigência, Portugal está a crescer...Tenho condições. Os meus filhos estão cá...

Antropóloga - O que é que os seus filhos acham de Portugal? Eles gostam de Portugal, sentem-se bem aqui?

André – Eles sentem-se bem aqui, gostam daqui...

Antropóloga – Eles têm contactos com São Tomé?

André – Dois deles já estiveram em São Tomé, pelo menos os dois mais velhos

Antropóloga – Os seus pais , moram em São Tomé?

André – Não, eu sou orfão de pai e de mãe. Não tenho pai nem tenho mãe. A minha mãe faleceu no ano passado aqui em Portugal. Num tipo de diálise. Pronto, chegou aqui a Portugal com um problema de rins, mas não se conseguiu. Eu passei das mais dificuldades e sofrimento que se pode sofrer, eu perdi um braço direito, praticamente. Quando se perde uma mãe perde-se mesmo uma coisa de muito valor!

Antropóloga – Pois, imagino, ela dava-lhe ajuda a ficar com os filhos?

André – Ajuda e não só ajuda. Só aquele falar ...aquela maneira, só de vê-la, por exemplo, praticamente ficava satisfeito...

Antropóloga – Era bom...

André – Era muito bom. Eu até, sinceramente, se a vida fosse por duas vezes, eu até era a primeira e bastava outra vez na vida. Quando se perde uma mãe, perde-se ... a mãe é muito importante. Eu não digo que o pai não seja importante. Pai também é um complemento, mas mãe é muito mais importante do que o pai. Eu digo isto por uma questão de experiência. Mesmo que existe, os filhos nunca vão para pai. Mesmo em termos de discussões, desentendimentos, algo que seja, eles podem fingir apenas, mas eles vão sempre para o lado da mãe.

Antropóloga – Acabam por se apoiar na mãe.

André – E acho que é mesmo assim...

Antropóloga – Bom mas há estes anos todos em Portugal, o que é que sente que mudou?

André – Não só em termos de urbanização, mas as pessoas tornaram mais , mais...

Antropóloga – mais abertas?

André - Mais abertas, mais sensíveis

Antropóloga – Nunca teve problemas com portugueses, com gente que fosse má, mal-educada, mal-formada, que prejudicasse, ou hostilizasse as pessoas que não são portuguesas...?

André – Não, nunca tive problemas com portugueses, tenho um auto-domínio. As pessoas têm que ter um auto-domínio Também a confusão nunca traz coisas boas.

ANEXO 10

**Entrevista realizada a João no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga: João, quando chegou a Portugal?

João: Cheguei a Portugal em Agosto de 2004.

Antropóloga – Veio para Portugal, porquê? Foi uma vinda programada?

João – Pronto, eu vim a passeio, a descobrir a Portugal, mas gostei e fiquei pra trabalhar.

Antropóloga - Não tinha pensado antes, ficar para trabalhar?

JOÃO Não. Mesmo em passeio

Antropóloga - O João é oriundo de que zona do Brasil?

JOÃO Nasci em S. Paulo, mas actualmente vivo em Minas.

Antropóloga - Vive em Minas...A sua família é toda de lá?

JOÃO Toda de Minas.

Antropóloga - Como é que foi, chegar a Portugal?

JOÃO Foi maravilhoso.

Antropóloga - Gostou?

JOÃO Adorei.

Antropóloga - Veio primeiro para que sítio, a que localidade é que veio parar?

JOÃO Em Vila Franca de Xira.

Antropóloga - Foi logo em Vila Franca?

JOÃO Sim, sim.

Antropóloga - Porquê? Conhecia alguém?

JOÃO É, uns primos já estavam cá e me trouxeram pra cá pra passear

Antropóloga - Ah, bom. E depois, gostou? Eles trabalhavam cá?

JOÃO Sim, sim, eu gostei e pronto, comecei a trabalhar e tou até hoje...

Antropóloga - O João veio sozinho, ou veio com alguém?

JOÃO Sozinho.

Antropóloga - Sozinho... que idade é que tinha?

JOÃO Tinha 20 anos.

Antropóloga - Portanto agora tem 21.

JOÃO 21.

Antropóloga - O que eu gostava de saber é como é que foi a sua chegada aqui?

Fale-me um pouco de como foi, se alguma vez se sentiu sozinho, se foi bom, se foi mau, as coisas foram difíceis, sentiu hostilidade, por parte das pessoas? O que é que achou?

JOÃO Pronto, eu dizer que fiquei sozinho não, porque eu tinha muitos amigos, minha namorada também estava cá...pronto, eu fui recebido muito bem pelos portugueses, adoro estar aqui, gosto muito, pensei que ia ser difícil no começo, mas não foi difícil...foi muito bom; pensei que ia ser difícil pra mim procurar emprego, achar emprego, conviver, não foi difícil, foi muito fácil, tanto pela língua, como...pronto, foi muito bom.

Antropóloga - Não teve dificuldades com a língua?

JOÃO Não, não. Não tive nenhuma dificuldade, foi muito bom.

Antropóloga - E foi logo percebido, as pessoas não tinham dificuldade em percebê-lo?

JOÃO Não, não teve dificuldade, eu também não tinha dificuldade...

Antropóloga - Como é que o João veio até cá? Qual foi o transporte que usou? Ou os transportes?

JOÃO Para chegar do Brasil para cá?

Antropóloga - Sim.

JOÃO Do Brasil pra cá, eu usei, pronto, eu usei autocarro, que no Brasil, falamos onibus e avião. E depois de Portugal até Vila Franca, foi de carro.

Antropóloga - De Minas, foi de autocarro para o aeroporto de S. Paulo, foi assim... JOÃO Sim...

Antropóloga - Então, conte lá, diga como foi.

JOÃO Foi assim: De Minas Gerais, eu saí de Minas Gerais para Vitória, em carro próprio, que era do meu pai, e de Vitória eu fui para o Brasil, pra S.Paulo, de avião. E de S. Paulo pra Portugal, avião, também.

Antropóloga - nt E depois quando chegou cá, já tinha gente à sua espera...

JOÃO Sim, já tinha gente à espera, era um primo nosso, que já estava no aeroporto de Lisboa, pra vir pra cá pra Vila Franca...

Antropóloga - E teve logo onde ficar e essas coisas todas...

JOÃO Sim, já tínhamos apartamento, e já tudo, tudo prontinho, era só chegar e já habituar e também...até hoje.

Antropóloga - O que é que o João fazia no Brasil, antes de vir para cá?

JOÃO No Brasil, eu não fazia nada, só mesmo estudava. Nunca tinha trabalhado. Trabalhei só... pronto um meio período em um café, que no Brasil chamamos um Bar, ou restaurante... e quando cheguei cá, pra mim não foi tão difícil. Não foi tão difícil mas também não foi tão fácil...(risos)

Antropóloga - Em que é que começou a trabalhar cá, João?

JOÃO (Baixinho) Posso falar que foi na Arte Franca, não é?

Antropóloga - Sim, claro...

JOÃO Bem, comecei a trabalhar numa firma de publicidade, fazendo umas prendas...depois fui para a obra

Antropóloga - Umas prendas?!

JOÃO É... uns embrulhos que eu fiz numa empresa de publicidade, pra Peugeot e para a Pifertubos...Depois fui para a obra, que eu fiz limpeza de nuns apartamentos que estavam terminados pra fazer limpeza para entregar... Pronto depois eu recebi um convite para vir trabalhar para a Horta da D. Aurora, que é um restaurante, e fiquei aqui um ano e três meses.

Antropóloga - Quando o João chegou e no aeroporto e passou concerteza por aqueles oficiais, ou funcionários que pedem a documentação obrigatória para a entrada das pessoas no país, como o SEF, por exemplo, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, teve alguma dificuldade?

JOÃO - Não. Não tive dificuldade nenhuma. Tanto que eu vim pra passear, e então, dificuldade a gente não teve, não é? Foi tudo belezinha, passei tudo ok, foi tudo jóia. Não tive dificuldade nenhuma.

Antropóloga - Não teve nunca problema nenhum...

Depois disso nunca foi abordado, nada, por questões de uma qualquer fiscalização, pelo SEF...

JOÃO Nunca teve nada.

Antropóloga - Conseguiu sempre não ter problemas com isso.

JOÃO Até hoje não. Tem um ano e cinco meses que eu estou em Portugal e até hoje, nada. Nunca tive dificuldade, ninguém que me parasse e me perguntasse se eu sou brasileiro, se eu estou legal, se eu estou ilegal, nem, pronto, não tive dificuldade nenhuma.

Antropóloga - E não tem tido necessidade de contornar essa situação (não estar legal), isso nunca lhe apareceu...

JOÃO - Nunca me apareceu dificuldade nenhuma.

Antropóloga – Sente de algum modo que a situação em que está neste momento condiciona a sua vida normal?, sente que isso é difícil... Que podia abrir-lhe outras perspectivas até profissionalmente, se fosse mais fácil obter a legalização?

JOÃO É...difícil eu acho, porque a gente anda com medo, não é?!

Antropóloga - Sim...

JOÃO Agente anda com medo, a gente vai p'ros lugares com medo, a gente vai trabalhar com medo, por estar ilegal, mas pronto...

Antropóloga - Pode até ser-se enganado, por gente com menos escrúpulos...

JOÃO É verdade, sim isso é verdade. Se tivesse uma oportunidade de pegar a legalização, de conseguir o visto, era uma boa, pr'a gente...

Antropóloga - Mas a legalização, hoje não pode ser conseguida aqui, tem que ir ao Brasil, para conseguir o visto...

JOÃO - Aqui, por enquanto não há hipótese, não é? A gente espera alguma lei que abra, mas por enquanto não há hipótese, não sabemos de nada. Agora, aqui, estão indo p'ro Brasil, quem está ilegal aqui em Portugal estão indo p'ro Brasil, com contrato, p'ra tentar obter no Brasil.

Antropóloga - Com contrato de trabalho...

JOÃO - Sim com contrato de trabalho, alguns Brasileiros que foram, conseguiram. Assim, pronto é mais difícil, mas consegue-se.

Antropóloga - Esteve noutros países, antes de vir para Portugal, ou é o primeiro país para onde emigra?

JOÃO - Não, nunca tive em outro país, só mesmo em Portugal.

Antropóloga - Portanto, nunca emigrou para outro país, nunca trabalhou em país nenhum, sem ser Portugal?

JOÃO – Não, só em Portugal, mesmo.

Antropóloga - Há pouco disse-me que estudava. O que é que estudava, quando estava no Brasil?

JOÃO Pronto, eu só estudei mesmo até ao terceiro ano, não fiz bem um curso, fiz alguns cursos de informática, de telemarketing, mas outro tipo de estudo, não fiz nada.

Antropóloga – O terceiro ano, é a Escola Secundária?

JOÃO – Sim...

Antropóloga – E o que é que, quando estava no Brasil e quando estudava, o que é que achava que queria fazer?

JOÃO – Nunca pensei nisso. Nunca pensei nisso ainda...

Antropóloga – Pensou alguma vez seguir algum desses cursos, informática, por exemplo...

JOÃO – Não. Vontade, mesmo, eu tenho de seguir como estilista.

Antropóloga - Ah, bom...

JOÃO – Gosto muito de moda e essa coisa toda.

Antropóloga – E vai fazer alguma coisa, já pensou o que vai fazer para conseguir?

JOÃO - Bom, eu estou pretendendo seguir um curso de estilismo aqui em Portugal, sobre estilismo... sobre moda... o mundo fashion, não é?

Antropóloga – O sítio para onde vai trabalhar agora, tem alguma coisa a ver com isso?

JOÃO Sim, também...

Antropóloga - A razão porque escolheu Portugal, já disse, foi por acaso, não é?

JOÃO – Sim foi por acaso, eu vim mesmo foi passear, mas gostei muito do lugar e então vamos tentando, não é? Fazer alguma coisa p'ra melhorar e fazer alguma coisa p'ra que melhore a situação no Brasil.

Antropóloga - É mais fácil viver em Portugal, assim, ou no Brasil, como estava antes?

JOÃO Não, em Portugal é muito melhor. A saudade é de mais, mas é muito melhor.

Antropóloga - E porquê? São as condições de vida, é o ordenado, é o quê?

JOÃO Tudo, condições de vida, os ordenados, pronto é tudo... No Brasil a gente não tem muitas oportunidades como temos em Portugal...

Antropóloga - O sítio onde o João vivia é interior, ou é uma cidade pequena?

JOÃO Eu vou dizer que é quase igual a Vila Franca. Então acho que foi por isso que eu gostei muito, porque é muito parecido com Vila Franca de Xira. Pronto não é tão grande como Vila Franca de Xira, mas é muito parecido.

Antropóloga - É parecido como? Em termos de população, ou de dimensão do local?

JOÃO Não, é pelo rio, pelos montes, pela terra...

Antropóloga - Também tem rio e tem montes?

JOÃO Sim tem muito rio, tem muito monte muita terra... alguns lugares que a gente vai por aí, é muito parecido com Minas Gerais...

Antropóloga - Mas e como é com as empresas, tem mais hipótese de emprego?

JOÃO - Não, por isso mesmo eu vim pra Portugal.

Antropóloga - Portugal tem mais hipóteses de emprego?

JOÃO - Sim Senhora, muito mais hipóteses...

Antropóloga - Que família é que deixou lá?

JOÃO - Deixei pai, deixei mãe, deixei mãe-irmã.

Antropóloga - Tem saudades deles?

JOÃO - Muitas saudades, principalmente do meu pai, que eu sou muito mais apegado a ele do que a minha mãe. Pronto, são pais separados, vivi com meu pai aí uns sete anos que eles se separaram e eu fiquei com meu pai.

Antropóloga - E sente saudades dele...

JOÃO - Muitas saudades.

Antropóloga - E pensa ir ao Brasil todos os anos?

JOÃO - Ainda não tive oportunidade de ir, mas pretendo, se Deus quiser, ir no final do ano.

Antropóloga - O João, pensa ou tem em vista, poder emigrar, ou ir daqui para outro país ou outro sítio, uma vez que esta sua experiência correu bem?

JOÃO - Não, não tenho vontade, ir é de Portugal para o Brasil.

Antropóloga - Pensa ir para o Brasil em breve, logo que possa, ou gostava de fazer carreira aqui e ficar? Ou não tem planos, vai ver como correm as coisas por aqui?

JOÃO - Vai depender das condições, que eu tiver em Portugal... Se tudo der certo, eu pretendo ficar em Portugal, sim. Se eu conseguir me legalizar, eu pretendo ficar aqui em Portugal, arruma um emprego bom, que eu que seja efectivo, eu preciso, pretendo comprar um apartamento aqui em Portugal, se tudo der certo.

A - O João sentiu alguma espécie de dificuldade quando chegou, ou ainda sente ao nível da relação com as pessoas, ou para conseguir habitação, ou sente que mudou alguma coisa nesse âmbito desde que chegou até agora? Fale –me um pouco disso...

JOÃO - Não, dificuldade nenhuma. Pronto nesse sentido não tenho o que dizer. Fui muito acolhido, acolhido muito bem...

Antropóloga - A habitação que tem neste momento, é alugada?

JOÃO - Em Vila Franca de Xira, é no bom retiro.

Antropóloga - Mas não teve dificuldade em arranjar, Vila Franca é um sítio que tem muitas ofertas de habitação, não tem, que experiência é que tem disso?

JOÃO - Bom eu escolhi Vila Franca, porque em Vila Franca a gente tem tudo mais fácil, é transportes, é mercado perto, temos o Centro Comercial, e pronto, não tive dificuldade nenhuma em achar em deslocar, não tenho essa dificuldade.

Antropóloga - O João fala habitualmente com compatriotas seus, com outros brasileiros, tem laços fortes com brasileiros que estão em Vila Franca ou não?

JOÃO - Tenho muitos amigos, muitos primos, pronto, familiares aqui, eu tenho bastantes...

Antropóloga - Aqui, quantos familiares é que tem?

JOÃO - Olha, contar, eu não sei dizer quantos, mas...eu tenho um bocadinho (risos).

Antropóloga - ai é?!

JOÃO - Tenho muitos primos, tenho alguns tios, não só aqui em Vila Franca, como em Azambuja, como em Alhandra, como em Alverca, como em Castanheira...

Antropóloga - Porque é que vieram para esta zona, quem é que começou a escolher esta zona?

JOÃO - Olha, quem começou a escolher, é o que eu não sei dizer, quem veio primeiro, quem veio depois, eu não sei dizer, mais eu ... bom, eu não sei dizer.

Antropóloga - Era pequeno, quando a sua família começou a vir para cá, não sabe porque razão escolheram este sítio?

JOÃO - Eu acho que sim, eu acho que tinha pr' aí uns 12 anos, 13 anos, quando o pessoal começou a deslocar. E pronto há muitas, muitas, muitas

Antropóloga - Há uma década, portanto...

JOÃO - É, é verdade.

Antropóloga - Comparando o momento da sua chegada a Portugal e a sua vida actual, encontra alguma diferença no país, ao nível das instituições oficiais, com que lida habitualmente, ou não lida nada com isso?

JOÃO - Não, não cheguei a lidar

A - Nunca tentou, sequer, obter informações, ou procurar qualquer tipo de apoio...

JOÃO - Não, não. No momento não procuro saber, porque, pronto, sei que não tem, não tem hipótese nenhuma.

A - Nem a Junta de Freguesia, ou Câmara Municipal, nunca teve de se deslocar a essas instituições, no fundo, as instituições públicas portuguesas?

JOÃO - Não, por enquanto não.

Antropóloga - Portanto, não tem esse conhecimento de Portugal, não tem essa experiência de sentir se as coisas são bem resolvidas, nem como é Portugal a esse nível... A nível dos serviços que utiliza, como telefones, água, electricidade... acha que funcionam bem, é fácil para si ser utilizador?

JOÃO - Sim eu acho que sim..

Antropóloga - Não tem razão de queixa de nada que lhe pareça tê-lo prejudicado...

JOÃO - Não, não tem.

Antropóloga - Relativamente ao Brasil, lembra-se ou sente alguma diferença de qualidade, i.e., acha que as coisas aqui funcionam melhor ou pior, o que lhe parece?

JOÃO - Humm, eu acho que é a mesma coisa, não tem melhor nem pior, é tudo bom!

Antropóloga - O João tem aqui um grupo de pessoas, com quem se costuma encontrar regularmente, ou grupos...

JOÃO - Sim...

Antropóloga - São também brasileiros, são familiares seus, portugueses, ou são também imigrantes de outras nacionalidades? Acha fácil essa comunicação?

JOÃO - sim, sim é fácil...

Antropóloga - Quais são os grupos de imigrantes com quem se dá mais, ou que prefere, pelas suas características, de sociabilidade, ou outras...

JOÃO - Ah, são os brasileiros (risos), bem, eu não me queixo dos portugueses, que tenho muitos amigos portugueses, mas pronto, com os brasileiros, somos mais...pronto entendemo-nos melhor.

Antropóloga - Com outros imigrantes de outras nacionalidades, sei lá, com imigrantes de Leste, com africanos, outros grupos ou nacionalidades...

JOÃO - Sim, eu me dou muito bem com alguns ucranianos, com angolanos, com cabo-verdianos, não tem o que queixar, espanhóis...

Antropóloga - São pessoas também daqui?

JOÃO - Sim, também daqui.

Antropóloga - Acha que essas pessoas têm boa opinião dos portugueses, pela forma como se conseguiram fixar, ou instalar, ou mesmo como foram recebidos em Portugal.

JOÃO - Isso é que eu não sei dizer.

Antropóloga - Não falam nunca nisso?

JOÃO - Não, não, isso é que eu não sei dizer.

Antropóloga - Disse-me que veio do Brasil, passar aqui um tempo com os seus familiares. Houve mais alguma razão que influenciou a sua decisão de vir? Que o fizesse sair do Brasil, que motivasse esta viagem, como condições de vida ou algum tipo de dificuldade?

JOÃO - Bem o que me fez sair do Brasil, foi mais a dificuldade de arrumar emprego. Pronto eu tentei...Foi como os meus primos dizem, aqui tem uma vida melhor, uma vida mais estável, é fácil arranjar emprego...E já no Brasil a gente não tem essa facilidade. Aqui a gente sem experiência, consegue arrumar emprego, no Brasil é tudo com experiência, pedem não sei quantos anos numa carteira. Pronto, Portugal, pra mim, foi muito mais fácil. Eu nunca tinha trabalhado, eu trabalhei um tempo só em café, então...pra mim foi muito mais fácil (que no Brasil – subentende-se). Cheguei, trabalhei, com dois dias aqui, já estava trabalhando, e não fiquei parado até hoje.

Antropóloga - Disse-me que encontrou uma casa, como fez? É arrendada, essa casa?

JOÃO - Sim, pagamos uma renda.

Antropóloga - Pagamos quem? Vive com outras pessoas na casa?

JOÃO - Vivo com mais três colegas. Somos cinco na casa.

Antropóloga - Vive com alguém ou está sozinho?

JOÃO - De momento, me juntei com a minha namorada, então somos casados, não é?!

Antropóloga - A casa é normal, é nova é confortável, quantas assoalhadas tem, João?

JOÃO - Não a casa não é tão nova assim, mas é uma casa confortável, tem duas assoalhadas, é uma casa muito boa, espaçosa, ensolarada...

Antropóloga - Teve muita dificuldade em arranjar, ou recorreu ao conhecimento de outros colegas brasileiros, para arranjar onde ficar?

JOÃO - Não, não tive dificuldade. Quando eu cheguei, essa minha namorada já estava numa casa. É de um senhor policial, muito bacana, muito bacana, mesmo.

Antropóloga - Ai é polícia?

JOÃO - É polícia e nem caução cobrou da gente...

Antropóloga - Ah, muito bem!...

JOÃO - A gente mora com ele, já desde quando cheguei, já tem um ano e cinco meses que a gente está com ele na mesma casa...

Antropóloga - Mas ele também mora lá?

JOÃO - Não, ele arrendou a casa pra gente mas não mora lá

Entrevista de 28 de Fevereiro de 2006

Maria José Leite

ANEXO 11

**Entrevista realizada a Nicole no âmbito da apresentação da
Dissertação de Mestrado em Migrações, Minorias Étnicas e
Transnacionalismo**

Reterritorialização

**Home e Fronteiras – recursos em prol de uma estratégia de
inserção no país de acolhimento**

De: Maria José Peraboa Leite

Julho 2010

Orientadora: Professora Doutora Susana Pereira Bastos

Antropóloga – Nicole, diz-me a tua idade, por favor

Nicole – 34 anos.

Antropóloga – A tua nacionalidade...

Nicole – francesa.

Antropóloga – E o momento em que chegaste aqui a Portugal?

Nicole – Eu cheguei a Portugal em Setembro, finais do mês de Setembro de 1995, fui a Braga. Portanto, cheguei ao Porto, apanhei um Táxi e fui até Braga

Antropóloga – Como é que tu te deslocaste de França para aqui? De avião, imagino...

Nicole – Sim. Eu na realidade vinha do Reino Unido, onde eu tinha passado os últimos tempos, regressei a França, Paris – a casa, o espaço só de quinze dias, para desfazer as malas da Escócia e fazer as malas para Portugal. Portanto, estive em trânsito em Paris, quinze dias, e cheguei ao Porto de avião.

Antropóloga – O que te fez vir para Portugal? Foi planeado, foi uma vinda pensada?

Nicole – Foi uma vinda muito pensada, porque como eu disse, eu estava no Reino Unido, estava na Escócia, mais especificamente, onde estava a acabar os meus estudos, aliás, já tinha acabado a licenciatura e estava a fazer uma pós-graduação. E no decorrer dos meus estudos, de Interpretação de Conferência, neste caso, resolvi fazer um curso da Comissão Europeia, de Interpretação de Conferência, que naquela altura, agora já não, estava na Universidade do Minho. Portanto, foi completamente propositado.

Antropóloga – Por isso foste parar ao Porto, e foste parar a Braga.

Nicole – Se não, não tinha ido – não tinha razão nenhuma de ir a Braga, nenhuma.

Antropóloga – Tinhas planeado, depois disso, ficar cá?

Nicole – Depois disso, não tinha planeado nada. O facto é que, quando acabou o meu curso, não estava com vontade de regressar ao Reino Unido, não estava com vontade de regressar a França e resolvi ficar em Portugal um tempo, um tempo não definido – tanto podia ser uns meses como uns anos – realmente não fazia ideia, o certo é que na área em que eu tava, eu tinha mais contactos profissionais aqui, do que em qualquer outro sítio. E então resolvi ficar um tempo. Um tempo que já tem dez anos.

Antropóloga – E pode-se saber porque é que tinhas mais contactos profissionais aqui?

Nicole – Porque a minha formação, foi feita por pessoas como eu, Intérpretes de Conferência, estrangeiros e portugueses, que leccionaram o ano todo, académico, no curso onde eu estava, era um curso da Comissão em que todos os formadores eram Intérpretes de Conferência e trabalhavam para a Comissão. E portanto, a mim, convinha-me no meio de profissionais liberais, convinha-me esses contactos, até porque... tirei a melhor nota do curso todo, estas pessoas viram o meu trabalho, formaram-me, tinham confiança nas minhas capacidades, e portanto isto era muito importante para arrancar nesta profissão.

Antropóloga – E estavam cá...

Nicole – E estavam cá. Quer dizer, estavam cá e em Bruxelas. Mas quer dizer, estavam cá e era uma ajuda, para começar, do que estar a passar directamente para outro país, onde apesar das minhas qualificações eu não tinha contacto nenhum e é muito difícil nestas circunstâncias conseguir um lugarzinho no mercado.

Antropóloga – Portanto por questões profissionais e de formação, acabaste por ficar aqui. O que te fez depois ficar, mesmo?

Nicole – Eu fui ficando. E em nenhuma altura e até hoje, passados dez anos, posso dizer que tomei uma decisão de ficar eu nunca tomei a decisão de ficar, eu fui ficando. No início foi pela razão que eu já expliquei, coincidiu também, pouco tempo depois com a Expo (98), foi uma altura de muito trabalho pra mim, o que era uma boa razão pra ficar cá, muito pouco tempo depois disso, foi a presidência, da União Europeia, de Portugal, foi mais uma razão para ficar cá e assim, os anos foram passando. Eu tive muito trabalho, numa altura em que o resto, da Europa, pelo menos o meu país, estava a atravessar uma fase difícil e eu

tinha todas as razões para ficar cá, porque eu aqui, conseguia um ordenado, para falar claramente.

Antropóloga – Vieste sozinha?

Nicole – Vim sozinha. Vim sozinha com as minhas malas.

Antropóloga – Tinhas que idade, Nicole?

Nicole – Eu cheguei a Portugal tinha 23 ou 24, mas como eu disse eu vinha do Reino Unido. Eu fui para o Reino Unido, tinha 20 anos, exactamente, quando eu fui para lá.

Antropóloga – Portanto já tinhas uma experiência de viver em outro país...

Nicole – Portugal não é o primeiro país estrangeiro onde eu chego com as minhas malas. E sempre, em ambos os casos, foi no âmbito universitário primeiro, antes de passar a ser outra coisa.

Antropóloga – Sempre para formação, portanto...

Nicole – Sempre.

Antropóloga – Como é que foi chegar a Portugal?

Nicole – Bom, eu não considero que cheguei a Portugal. Eu cheguei ao Minho, eu cheguei a Braga. Foi traumatizante. Porque, eu não conhecia o Norte de Portugal, eu conhecia Lisboa, algumas partes do Alentejo e o Sul. Nunca tinha ido a Norte de Coimbra e desconhecia por completo Braga. Primeiro, foi muito difícil alojar-me.

Antropóloga – Porquê?

Nicole – Eu vinha do Reino Unido, onde qualquer cidade universitária, tem milhentos apartamentos mobiladíssimos – quando eu digo mobilado é mesmo mobilado, quer dizer, a pessoa chega com a pasta de dentes e a mala – quer dizer está lá tudo, porque a cidade está preparada e os proprietários também estão preparados e eu pensava que ia encontrar a mesma coisa noutras cidades, nomeadamente em Braga. Não foi o caso. Os apartamentos mobilados não eram mobilados, havia apenas uma cama e nada mais, no apartamento todo, isso várias vezes, em várias ocasiões verifiquei isso. Depois era possível só alugar apartamentos em casa de pessoas. Portanto, submeter-se às regras da casa...

Antropóloga – Quartos, arrendar quartos...

Nicole – Quartos. E, obedecer às regras da casa e aos ritmos dos proprietários. Durante uma semana não fiz mais nada senão visitar apartamentos e quartos. E ouvi de tudo, absolutamente de tudo: “A menina pode usar mini-saia que eu não me importo”, “A menina tem direito a um duche por semana”, “Eu não me importo que aqueça aqui o seu leitinho de manhã”, “Visitas masculinas, completamente proibidas”, enfim, ouvi uma série de coisas que estavam completamente desfasadas relativamente à minha vivência. Eu já tinha partilhado a minha vida com uma pessoa, já tinha tido casa própria, minha, quer dizer casa própria não de ter comprado, mas de alugar, já tinha tido a minha vida independente, fora da minha casa e longe dos meus “papás”, assumida por mim. E portanto não admiti. Não admiti, que me dissessem quem é que eu podia receber, como e quando. E obviamente que todos estes esquemas e estas propostas foram imediatamente rejeitadas. Desesperaram-me realmente. Passei uma semana a viver num hotel, desesperada porque não via solução, até que finalmente, consegui um apartamento com professores, em que esse sim, era completamente mobilado, mobilado a sério, como eu digo, não era ao meu gosto mas pouco interessa, era mobilado. Era muito mais caro, mas muito mais caro do que tudo o resto mas obviamente, foi aí que me instalei. Esse foi o primeiro choque, porque obviamente, a pessoa vai vivendo isso, mas tem que dar tempo ao tempo. O que é que significa, a menina pode usar mini-saia que eu não me importo? Atrás disso, há toda uma vivência, uma maneira de pensar uma maneira de se relacionar e uma pessoa choca-se com isso e tem que perceber o que está por trás. A proibição de receber visitas em casa, quer dizer... e eu já tinha vivido com o meu namorado dois anos, como é que, quer dizer... eu já era maior, nem tinha que pedir autorização a ninguém. Dei-me rapidamente conta que Braga era, hoje em dia não sei, não me pronuncio, era uma cidade de aparências, era uma

cidade que tinha todos os sinais exteriores de modernidade, as mulheres e as jovens raparigas iam sempre bem arranjadas, sempre com coisas de moda, grandes carros e...enfim, mas depois, falava-se com as pessoas, e o contraste era brutal. A maneira de pensar era completamente arcaica, pra mim. As crenças...os valores. Mais do que as crenças, os valores da vida, os valores sociais, os valores humanos, estavam completamente desfasados, muitas vezes opostos aos meus. Portanto, não me integrei, não me integrei de todo!

Antropóloga – Esse choque na vivência da cidade, com esses valores vivenciais, existenciais, tem uma rotura maior com o sítio de onde tu vieste, ou onde tu nasceste e crescente, Paris, creio?

Nicole – As duas coisas porque entre o Reino Unido e Paris não havia diferença, em termos de vivência e de valores. Há coisas com as quais eu concordo e outras com as quais eu não concordo. Eu reconheço os modos de funcionar e os pensamentos e a progressão e a evolução do pensamento e dos comportamentos. Quando eu digo o pensamento é também os comportamentos. E eu quando cheguei a Portugal, não reconheci nada. Nem os valores com os quais não me identificava, as regras sociais não correspondiam aos meus valores. Para mim era indiferente ser tratada por doutora, ou ser tratada pelo meu nome. Eu não percebia, que eu pudesse ter um tratamento diferente, apresentando-me de uma maneira ou apresentando-me de outra... E passados quinze anos, continua a chocar com a minha maneira de pensar e de ser. Num meio pequenino e atrofiado, como eu costumo dizer, como era Braga, era muito pior ainda, as coisas eram amplificadas.

Antropóloga – As pessoas com quem te relacionaste, nesse espaço que acabaste por partilhar, eram de que nacionalidade?

Nicole – Maioritariamente eram estrangeiros porque participavam no mesmo curso que eu e que vinham de vários cantos da Europa, como eu. Eu vinha de França, passando pelo Reino Unido, outro colega que era inglês, duas alemãs, uma colega que vinha da Roménia, e dois portugueses, ou três?! Três portuguesas – eram raparigas. Portanto, o primeiro contacto foi com essas pessoas. Pouco a pouco, tive contacto, com outros estudantes, portugueses, hoje em dia posso dizer que a pessoa que me é mais, mais cara, é uma portuguesa que eu conheci na Universidade do Minho, é realmente uma amiga do coração, mas foi uma excepção. Valeu a pena ir ao Porto, ir a Braga para conhecer essa pessoa, mas foi uma excepção. Os meus relacionamentos rapidamente paravam, mas eu levei tempo a compreender. Eu vinha com aquilo que eu era, eu vinha sem... ainda, sem o conhecimento daquilo que eu chamo “la gris social”, ou seja o filtro, eu ainda não conhecia as regras do filtro. Todos temos filtros, em qualquer sociedade há filtros sociais. Vamos crescendo com eles e tornam-se conhecidos de forma quase inata.

Antropóloga – Os filtros são o quê?

Nicole – Vemos entrar uma pessoa, no nosso país e só com o olhar sabemos tirar algumas conclusões. Às vezes erróneas, mas podemos tirar algumas conclusões ou, situar a pessoa. Mas isso só sabemos fazer na nossa terra. Quando estamos num país estrangeiro, deixamos de saber fazer isso, porque o filtro é diferente. Temos de aprender as regras desse filtro. E eu desconhecia essas regras. Eu falava português, já, e portanto as pessoas esperavam de mim que eu funcionasse, reagisse e pensasse como elas, e os problemas surgiam e surgiram muitíssimas vezes, quando essas expectativas não eram satisfeitas. Era sempre uma surpresa para os outros e uma surpresa pra mim.

Antropóloga – Nicole disseste que “chegaste ao Minho, não a Portugal”, onde já tinhas estado várias vezes. Que ligações tinhas até então com Portugal?

Nicole – Uh, muitas. Porque eu vinha cá quase todos os verões, passar férias, numa casa que os meus pais alugavam no verão. Outras ligações é porque a minha avó vive cá, portanto, ligações com Portugal, tinha. Não era um país desconhecido.

Antropóloga – Além da tua avó, tens outros parentes portugueses?

Nicole – Portanto, a minha avó, e a irmã da minha avó e... a minha bisavó. Eles não são de cá, eles são todos de Angola. Eu faço aqui esta distinção propositadamente. Porque nasceram lá. Nasceram lá, viveram lá, cresceram lá, etc. E a minha avó veio cá já tinha trinta e... tinha quase 40 anos. E ela nunca se adaptou, e eu faço aqui essa distinção. Tenho sim, uma ligação com Portugal através da família da minha mãe, através da família do meu pai, nada, zero!

Antropóloga – A tua mãe nasceu cá em Portugal, ou...não? também em Angola?

Nicole – A minha mãe nasceu em Angola e viveu em Portugal quatro anos. Nasceu, cresceu em Angola, viveu quatro anos em Portugal e foi estudar para Paris. E depois ficou lá, e começou a trabalhar e depois casou.

Antropóloga – Que partilha, ou melhor o facto de partilhares uma casa com pessoas que trabalhavam em Portugal mas não eram portuguesas, trouxe algum conforto, ou pelo menos a partilha de algum universo de, ou de valores ou de até de sentimentos e/ou emoções que tu também sentiste ou que tu também viveste quando chegaste a Braga?

Nicole – Sem dúvida, porque qualquer estrangeiro, e isso é uma regra, qualquer estrangeiro que vai viver para outro país, cria imediatamente laços com outros estrangeiros. Muitas vezes, pessoas com quem nunca teria desenvolvido nenhum tipo de amizade, se tivesse ficado no seu país. Mas as circunstâncias, obrigam a pessoas a abrir-se a novos contactos e a novas possibilidades. E obviamente que, perante um cenário completamente estranho, é importante a pessoa poder partilhar essas experiências, as suas interrogações e as suas surpresas com outros e as únicas pessoas que realmente a podem compreender são outros estrangeiros porque o português, neste caso, mas podia ser o francês, o inglês, ou outra nacionalidade, neste caso o português, a quem se conta essas coisas, vai ouvir com interesse, se for uma pessoa inteligente, e começar a pensar e a reconhecer traços, ou então vai desperceber completamente o propósito do documentário.

Antropóloga – Essa estranheza é tanto pior, quanto mais sozinho se está, ou quanto maior for a diferença sentida entre o panorama que se encontra e o sítio de onde se chega?

Nicole – A solidão tem vários níveis e tem vários graus de intensidade. A maior solidão é não falar a língua. É uma coisa que eu não conheci nunca, por causa da minha profissão. E portanto, eu em Portugal, mesmo com o nível de português que eu tenho hoje, continuo a estar confrontada muitas vezes com dificuldades, quando tenho que tratar de assuntos administrativos, as finanças, enfim, quando tenho que lidar o aparelho estatal. Entre outras coisas, a língua continua a ser um aspecto importante. Mas nunca foi um problema grave para mim. Mas eu acredito que possa ser para uma pessoa que chegue e não fala duas palavras de português.

Antropóloga - As pessoas com quem tu estavas estavam nessa situação?

Nicole – Não, porque isto é um curso específico e todos falávamos português. Não é um curso de línguas. É um curso profissionalizante, todos falávamos português.

Antropóloga – As relações que tu estabeleceste com pessoas de outras nacionalidades, ou línguas, eram relações que estabelecias, tipo laço pessoal, nunca tipo relações de comunidade, i.e. entre um grupo de uma nacionalidade que estabelece contactos, trocas ou relações com outro grupo de nacionalidade diferente...

Nicole – Não, não foram nunca, até porque no meu curso, eu era a única francesa. Foram laços de companheirismo e...

Antropóloga – individuais...

Nicole – Sim, pessoais ou individuais, e depois de amizade com alguns. Mas voltando à questão da solidão. Como eu dizia, o primeiro grau, i.e. o grau mais evidente de solidão, é a língua, mas depois há vários graus. A pessoa sente-se sempre só num país estrangeiro. Pode passar muitos anos. Pode-se trabalhar, pode-se ter filhos, daquele país, pode estar integrada, pode estar...pode ter a sua vida feita, naquele país. Há momentos, em que se vai sentir só

por não estar na sua terra. E eu aí, acho que qualquer estrangeiro tem a mesma vivência. Acho que não é específico nem a este país nem a mim.

Antropóloga – Como é isso de faltar a terra? São os laços sociais, é a família, é o sítio, é a memória do espaço?

Nicole – É uma coisa um bocado estranha de se explicar. Eu em Lisboa estou completamente integrada, tenho as minhas referências, sei onde vou, sei porque é que estou aqui, enfim...tenho o meu dia-a-dia organizado, as minhas actividades, estou completamente integrada e no entanto, eu não sou daqui. E Eu sei disso, eu sei disso, porque a realidade das pessoas e a realidade do país, recordam-me isso constantemente. Não por maldade, recordam-me porque o país é como é e eu sou como sou. E é sempre uma questão de adaptação. Ao fim e ao cabo é sempre tudo uma questão de adaptação. E neste caso, eu é que me tenho de adaptar ao país. Nalguns casos com alguma boa vontade e noutros não, porque todos os países têm os seus defeitos.

Antropóloga – Nicole, alguma vez precisaste de recorrer a alguma entidade oficial, ou não, que regulamentasse simplesmente vocacionada para apoio ou tratamento dos assuntos relacionados com a imigração? Ao longo de todo este tempo em que tu estás em Portugal?

Nicole – Não, fora o SEF, para ter a minha autorização de permanência em Portugal, não. Não tive recurso a nenhum outro serviço

Antropóloga – Como foi o contacto com o SEF?

Nicole – hoje em dia, o SEF é maravilhoso, mas há dez anos atrás, o SEF era terceiromundista. Eu a primeira vez que fui ao SEF, era ali na Av. António Augusto Aguiar, onde ainda é, mas era no Rés-do-Chão, era um hall, onde estavam 300 pessoas à espera, em filas indiferenciadas, era um caos, era um caos. Absoluto e havia praí umas setas senhas possíveis, com cores diferentes, ninguém pra nos informar, era...era, uma selva. E então eu cheguei ali e fiquei assustadíssima e sobretudo percebi que não ia ser atendida nas próximas quatro, cinco ou seis horas. E então resolvi ir pra casa e voltar logo de manhazinha para ser a primeira ali. E foi o que eu fiz, no dia seguinte, cheguei ali eram 05.30, 06.00h da manhã. Mesmo, mesmo a primeira. Era a primeira pessoa. Tinha o meu pequeno almoço preparado, vim com um livro e lá estive à espera na porta e não fui a única pessoa a pensar a mesma coisa, porque passado um bocado, já éramos quinze, vinte, trinta, enfim, já a fila se tinha constituído. Quando se abriram as portas, eu dirigi-me directamente para o balcão onde eu devia ir, que eu sabia – já me tinha informado de véspera – qual era o balcão onde eu devia ir. A senhora disse-me: “ A sua senha?» e eu disse: “Ó minha Senhora, eu estou aqui desde as 05.30h da manhã, cheguei a primeira, não tirei senha, porque sei que é aqui”. A Senhora, recusou-se a atender-me, porque eu não tinha tirado a senha e eu tive que voltar pra trás, tirar a senha e estive duas ou três horas à espera, porque entretanto, tinha chegado «este mundo e o outro». Este foi o meu primeiro contacto com o SEF. Muito agradável e enfim... Hoje em dia, o SEF é maravilhoso, para os cidadãos europeus, temos um balcão só para nós, somos atendidos rapidamente, a sala de espera, hoje em dia tem cadeiras para todos e tem um sistema de senha electrónica, podemos estar calmamente, sem stress sentados com um livro, à espera que chegue o nosso número. Há dez anos atrás, não.

Antropóloga – Recorres ainda com frequência ao SEF, ou já não precisas?

Nicole – Preciso. Regularmente, não diria, enfim sim, quando acaba a minha autorização de residência, tenho que a renovar, ou quando mudo de morada, teoricamente, também tenho que informar o Estado que mudei de morada

Antropóloga – que documentos é que tu precisas, como cidadã europeia, para estar legal em Portugal?

Nicole – Eu hoje em dia, não sei o que é que eles pedem. Há dez anos atrás, tive que apresentar o meu passaporte e apresentar uma justificação de rendimentos cá, os meus recibos. Aliás, eu hoje em dia não sei como é que é, mas há dez anos era completamente

absurdo, porque eu já estava inscrita nas finanças. Já tinha recibos verdes mas não tinha o visto de permanência, quer dizer, é absurdo. E para tê-lo, tinha de mostrar os meus recibos verdes. Hoje em dia é uma renovação automática, quase. Para os cidadãos europeus, atenção, hein!...

Antropóloga – Mas precisas mesmo assim, de ir ao SEF e de renovar essa autorização?

Nicole – Quer dizer, é obrigatório. A maior parte dos estrangeiros cidadãos europeus não fazem isso. Eu tenho amigos, que não tem, estão cá há não sei quantos anos e não tem visto permanente. Mas, por exemplo, pra se conseguir o dístico da Emel para o estacionamento, enfim, pra uma série de coisas, às vezes é preciso.

Antropóloga – Não sei se te apercebeste da relação quantitativa existente entre os vários grupos de imigrantes e se essa relação sofreu alguma alteração desde há dez anos até agora. Pergunto-te se sentiste, por exemplo, nas tuas idas ao SEF se havia algo nessa relação que era visível e se sentiste alguma alteração ao longo destes anos.

Nicole – Bom, a minha percepção é que na altura, há dez anos atrás, eram sobretudo pessoas africanas, 95%, realmente. Hoje em dia, quando vou ao SEF, vejo muitos ucranianos ou... enfim, dos países de Leste. Sim, notei uma grande diferença e brasileiros.

Antropóloga – As pessoas com quem estavas no início e que foram as tuas primeiras relações aqui em Portugal sentiram, essa experiência de recurso ao SEF, por exemplo, ou a outras instituições para o tratamento de documentação, papeladas e outras burocracias a que as pessoas estão obrigadas, também como uma experiência tortuosa?

Nicole – Claro que sim!

Antropóloga – Das coisas que tu sentiste, nessa fase de adaptação, nesse período de distúrbio e de adaptação a Portugal, e que já disseste terem a ver com valores e formas de estar, com formas de viver, eventualmente com ritmos de vida, com hábitos de consumo, lembras-te de como isso te afectou, no início?

Nicole – hábitos de consumo, eram diferentes, mas os hábitos de consumo para mim nunca foram um problema, como eu acho que todas as culturas têm as suas riquezas... Sou gulosa e gosto de cozinhar, tenho curiosidade. Portanto, os hábitos de consumo, nesse aspecto – consumo gastronómico, digo. Sempre tive curiosidade. O que eu não arranjava eram produtos aos quais eu estava habituada, por exemplo: em 2006 arranja-se beringela e courgette em qualquer num supermercado, eu juro-vos que há dez anos atrás, eu não encontrava. Eu tinha que ir ao mercado de Alvalade, havia uma senhora africana que tinha um pequeno negócio ali, e portanto era o único sítio onde eu arranjava beringela e courgette. Portanto as coisas também foram mudando, eu tive que me adaptar, necessariamente aos produtos que estavam no mercado e isso é uma mudança, porque matar a saudade passa muito pela gastronomia e porque é uma maneira também de aconchego. E porque eu não sei cozinhar bacalhau e não sei cozinhar coisas portuguesas, porque eu aprendi, não cresci nisto, enfim não sei, pronto, portanto tive que me adaptar...

Antropóloga – mas hoje já sabes algumas...

Nicole – Poucas, coisas portuguesas, sei cozinhar muito poucas, sei algumas, mas poucas. Mas também agora já há produtos de todo o lado, e já se arranja coisas aqui. Já me oriento. He... hábitos de consumo, sim, reparei que havia muito pouco consumo cultural, ou que estava extremamente limitado a uma faixa da população restrita, muito restrita. Não havia publicidade cultural. Eu vinha de uma cidade – eu sou de Paris – onde é impossível apanhar o Metro sem ver... sei lá, 30 40 painéis anunciando um cinema, um filme, uma peça de teatro, uma exposição, ou uma coisa qualquer, além da publicidade comercial e eu cá lembro-me que eu pensava, bom, esta tarde vou então passar pelo S Luis, pelo S. Jorge, pelo S. Carlos – era todos os Sãos – e depois vou arranjar maneira de ir ali, não sei quê, para ter acesso aos catálogos, à programação dos espectáculos. E isso é uma diferença, porque para ter acesso à cultura, eu chamava isso, ir à pesca. É preciso ir à pesca, a cultura não vem ter com as pessoas. Portanto hábitos de consumo tem uma grande diferença nesse aspecto,

aliás, tudo o que tem a ver com cultura – livros... há dez anos atrás no metro de Lisboa, quando tirava o livro do meu saco, como fazia em Paris pra ler, muita gente ficava a olhar pra mim. Hoje em dia, não. Nem no Metro aqui em Lisboa nem no comboio dos subúrbios se estranha uma pessoa ler, pelo contrário, muita gente faz isso. Houve uma grandíssima mudança no espaço de dez anos em Portugal.

Antropóloga – Esses hábitos de consumo que uma cidade ou o meio urbano habitualmente oferece ajuda a aliviar a solidão na fase de chegada e de adaptação, ou então, aquela solidão de que me falavas à pouco?

Nicole – Não. Isso é uma experiência muito individual. A solidão tem variadíssimas maneiras, depende do que a pessoa também já é. Obviamente que às vezes ir ver um filme, desanuvia, mas quer dizer, não é através de uma peça de teatro ou de uma exposição que a pessoa mata a solidão.

Mas, desculpa, eu queria voltar aos hábitos de consumo. Sim, eu reparei, mas há dez anos era mais flagrante ainda, o consumismo desenfreado dos portugueses e a importância das aparências. Isso em Braga e em Lisboa, pois aí eu vi a mesma coisa. Eu em Braga, até chegar a Braga, pelo menos, nunca tinha visto, tantos carros grandes na universidade. Eu estudei em França, estudei no Reino Unido, em duas universidades diferentes e nunca tinha visto carros assim. Nunca tinha visto aquela quantidade de Telemóveis, era o início dos telemóveis como em Braga. E quando cheguei a Lisboa, o reparo foi o mesmo. O cuidado que as pessoas davam ao facto de se ser proprietário de um carro, era uma coisa que eu não entendia, porque, pronto, na minha terra não era assim, quer dizer as pessoas têm um carro, mas não ligam nenhuma ao carro, estão-se a cagar, desculpem a expressão mas é mesmo assim! O carro é para andar de um lado para o outro, acabou-se! Tem que ser prático, tem que ser funcional, mas não andamos ali, aos beijinhos com o carro e aqui, era fundamental a importância, aqui do status social, não em si, mas os sinais aparentes do status social, ter as botas como deve ser o telemóvel como deve ser, o carro como deve ser e já somos alguém. Isso continua a ser verdade e há dez anos era mais verdade ainda.

Antropóloga – Mas tu viste para Lisboa quanto tempo depois de chegar a Braga?

Nicole – Eu estive em Braga de Setembro até Junho, e cheguei a Lisboa em Junho.

Antropóloga – Então chegaste a Lisboa no ano seguinte, em 96.

Nicole – Em Junho de 96.

Antropóloga – Foi muito diferente, o embate da chegada a Lisboa, da chegada anterior?

Sentiste alguma diferença, nas pessoas, na cidade, nas ofertas da cidade?

Nicole – Sim, foi diferente. Não se pode negar que Lisboa... temos uma cidade de tamanho médio, que não deixa de ser uma grande cidade à escala do país. Pra já, eu conhecia Lisboa. Conhecia geograficamente, nunca tinha cá vivido, mas conhecia Lisboa e portanto orientava-me. Quanto aos modos de consumo, era tudo igual, isso não mudou, notava-se era menos. Porque a cidade era maior porque há mais diversidade...mas esses valores continuam, hoje em dia, continuam a ser os valores de muita gente, ainda muitas pessoas pensam que são alguém e já chegaram ao nível que queriam alcançar só porque conseguiram ter o carro de uma marca qualquer, isso continua a ser verdade.

Antropóloga – De qualquer modo, queria que pensasses se, hoje sentes que o teu espaço social, emocional, afectivo aqui, está ou não perto daquilo que tu poderias considerar o teu espaço social, emocional, afectivo, noutra cidade que pudesses considerar tua – neste país ou noutro, porque não, até, Paris?

Nicole – É claro que ao fim de, ao longo, mais propriamente, de dez anos a pessoa vai recriando a sua família afectiva e portanto vai desenvolvendo laços, desenvolvendo amizades, e portanto, sim, obviamente que eu aqui recriei o meu mundo afectivo, mas continuo a ter amigos em França, e continuo a ter amigas, com quem tenho conversas que eu não posso ter aqui. Não é porque aqui não haja ninguém com quem as ter, mas é porque as pessoas desenvolvem-se, mas o país evolui também. E os ritmos de evolução são

diferentes, o que faz com que determinados temas sociais estejam na actualidade num sítio do mundo e não estejam noutros. Vou dar um exemplo muito simples, para ilustrar o que eu estou a dizer. Na época em que foi lançada a série “Alli Mcbeal” era uma série que corria em França na qual eu me reconhecia e na qual todas as minhas amigas em França, se reconheciam. E cá não. Porque cá ainda não correspondia a uma realidade social, pura e simplesmente! Nas estatísticas, nas sondagens que eu lia das mulheres entre 25 e 35 anos, que eu lia em francês, feitas em França, eu reconhecia-me. Eu reconhecia que fazia parte daqueles números daquelas estatísticas. Aqueles artigos, aquelas sondagens, falavam de mim, e eu cá não me reconhecia nos temas abordados. Raramente., rarissimamente. Não porque não haja ninguém que se assemelhe a isso, mas porque o próprio país tem o seu ritmo. É por isso, eu acho, que há filmes que funcionam num sítio dado e outros que não. É porque não há eco – as pessoas não se reconhecem nessa realidade.

Antropóloga – Quando é que tu sentiste que começaste a readquirir uma normalidade social psíquica e até emotiva neste país? Foi uma questão de tempo, ou houve passos, i.e., acontecimentos que contribuíram para isso?

Nicole – Não há uma data específica, foi muito progressivo...

Antropóloga – Mas achas que há acontecimentos que deram passos significativos nesse sentimento de integração?

Nicole – Não, não. Os passos significativos são, a pessoa conseguir organizar o seu dia-a-dia, encontrar o sítio onde faz ginástica, o sítio onde vai fazer aquilo ou aqueloutro, onde faz as suas actividades, isso cria uma estrutura. A estrutura depois ajuda a pessoa a se desenvolver nessa estrutura. Depois os conhecimentos as ligações, é tudo muito demoroso. Encontram-se milhares de pessoas ao longo duma vida, e desenvolvem-se pouquíssimas relações com elas. O ser humano é extremamente selectivo, e há pessoas como eu, que são ainda mais.

Antropóloga – Sei que recebes os teus pais aqui de vez em quando. Apesar de efémeros, estes actos de reunificação familiar, são difíceis ou fáceis de conseguir em Portugal?

Nicole – Não, é fácil, é fácil! Se eu quisesse que a minha família viesse cá viver e se ela quisesse cá vir, acho que era perfeitamente possível, não haveria qualquer dificuldade.

Antropóloga – Mesmo no aspecto prático das estadias da tua mãe e do teu pai, aqui, não haveria qualquer problema?

Nicole – Traziam os problemas inerentes ao facto de uma pessoa ser estrangeiro noutro país, foi o que eu expliquei até agora, mas em termos administrativos e outros, não! Até é bastante fácil. Não há dificuldade maior.

Antropóloga – Não há nenhuma experiência nessa reunião familiar, que tu tenhas sentido, dolorosa, que tenha sido insuportável. Nada disso.

Nicole – não, não. Nada disso.

Antropóloga – Tens contactos mais recentes com pessoas, de outras nacionalidades?

Nicole – Não, não tenho.

Antropóloga – Só tens relações com europeus?

Nicole – Hm, bom, sim quando veio cá a minha mãe cuidou dela uma senhora Moldava, um senhor que fez trabalhos em casa era russo, ucraniano, mais bem dizendo, mas relações pessoais...não tenho. Isso não tenho.

Antropóloga – Sentes que Portugal está multicultural agora, mais do que há dez anos?

Nicole – Inevitavelmente.

Antropóloga – Isso nota-se, sente-se nas relações, no dia-a-dia, no nosso quotidiano, sente-se?

Nicole – Sente-se imenso. Mas ainda há muito por fazer. Há sempre muito por fazer. A multiculturalidade ... como é que eu hei-de dizer? É um bem e um mal. Quando um país inteiro é construído com base na multiculturalidade, ela tem algumas hipóteses de ser vivida de forma pacífica – e mesmo nos Estados Unidos, nós sabemos que tem havido muitas

dificuldades – mas quando não é o caso, e na Europa não é o caso, a multiculturalidade nunca deixa de ser problemática. É preciso ser-se muito seguro em relação às suas raízes e àquilo que se é, para se ser receptivo à diferença do outro e curioso relativamente à diferença do outro. O que eu reparei durante todos estes anos, é a pouca curiosidade que o português tem relativamente ao estrangeiro. Não tem curiosidade nenhuma. É tolerado. O estrangeiro aqui, nunca é assimilado nem nunca é integrado. É tolerado. Enquanto não der problemas, tudo bem, mas não se integra nunca. E eu estou a falar aqui do imigrante como eu, classe média, branca, europeia. Não quero imaginar o que é ser de outra origem social e racial. Deve ser muito mais difícil, ainda. Porque por muito que a pessoa fale português, pague cá os seus impostos, viva cá, seja cá casada e tenha cá filhos, nunca se vai integrar. Os portugueses não integram, toleram.

Antropóloga – Achas que isso se deve a algum tipo de recusa ou preconceito? Ou trata-se do facto de a diferença poder causar às pessoas que com ela se confrontam, algum tipo de incomodidade?

Nicole – acho que Portugal é um país muito pequenino, em que as famílias se desenvolvem em clãs. É um país de clãs. É o clã pequeno da família reduzida e depois é o clã da família alargada, que se estende aos amigos de infância. E há alguns amigos feitos depois, mas introduzidos, apresentados por vias conhecidas. Isto tudo cria clãs circulares, mas clãs. E é perfeitamente impossível, um estrangeiro ser integrado nesse movimento.

Ele vai ser convidado de vez em quando ele vai participar nalgumas coisas de vez em quando, mas ele não tem essa vivência desde pequenino. Os portugueses mamaram nisso. Vivem assim, não têm necessidade nenhuma de se abrirem ao outro. Já têm uma rede de contactos extensa, porque o amigo ou o primo do amigo, já faz parte do clã. E tudo em Portugal funciona por relações e quanto maior o clã, maior possibilidade se tem. O estrangeiro chega, não tem relações, não tem clã e portanto saltita e vai conhecendo as pessoas não pelo clã, ao qual pertencem, mas pelas qualidades que as pessoas têm, portanto saltita de um, pra outro pra outro, sem nunca criar o mesmo esquema, não pode, não nasceu cá.

Antropóloga – Obrigada Nicole.

